

JOGO, MULHERES E MORTE

A. A. FAIR

CAPÍTULO I

O Dr. Crabtree deseja falar consigo, antes do senhor ir ver a doente. Quer fazer o favor de me acompanhar? - disse-me a enfermeira.

Caminhava à minha frente. De todo o seu ar, da maneira ritmada como soavam os saltos dos sapatos ao bater no chão, do restolhar do seu uniforme, emanava-se confiança própria dos bons profissionais. Voltou à direita, abriu uma porta e deixou-me passar.

O Sr. Lan, anunciou a enfermeira.

Entrei e a enfermeira fechou a porta atrás de mim.

O Dr. Crabtree era um indivíduo de nariz esguio, encimado por uns olhos penetrantes. Ao encarar-me, tive a impressão de estar a olhar para uma linha recta e comprida, com um ponto de cada lado.

O Sr. Donald Lam?

Exactamente.

Uns dedos compridos e frios envolveram-me a mão.

Faça o favor de se sentar.

Sentei-me e disse-lhe:

O meu avião parte dentro de quarenta e sete minutos.

Vou tentar ser breve. Vem buscar a sr.a Cool?

Sim.

Que sabe acerca do seu estado?

Pouco. Teve gripe e uma pneumonia. O médico, em Los Angeles, sugeriu este sanatório para um longo repouso.

Disse-lhe por quê?

- Não.

O senhor é sócio da doente?

Sou empregado.

Ela dirige uma agência de detectives?

É verdade.

E deixou o senhor a dirigi-la na sua ausência?

Exactamente.

A doente tem-lhe elevado apreço, uma estima que é praticamente afeição.

As folhas de salários não o demonstram.

Sorriu-se.

Bem, desejo que o senhor saiba exactamente qual o seu estado. Não pretendo alarmá-la desnecessariamente, de modo que nada lhe direi. Mas *se se tornasse necessário*, desejava que o médico dela, em Los Angeles, lho dissesse.

O que é que há acerca do seu estado?

O senhor sabia, evidentemente, quanto é que ela pesava?

Exactamente, não. Disse-me uma vez que tudo quanto comia se transformava em gordura. Afirmou que era capaz de fazer uma dieta de água pura e mesmo assim aumentar de peso.

O médico aceitou as minhas palavras na acepção literal do termo.

Oh, dificilmente, disse ele. Aquilo que a Sra. Cool pretendia sem dúvida dizer era que as suas enzimas digestivas são bastante eficientes e que...

Consegue extrair a última gota de alimento de tudo o que come.

Bem, mais ou menos isso.

Estudou-me por uns momentos.

Fiz-lhe uma dieta bastante rigorosa.

Não vai segui-la com certeza.

É ao senhor que compete fazer com que a siga.

Não posso, tenho o tempo todo tomado.

Ela deixou-se arrastar para um estado deplorável, no que diz respeito ao peso.

Não se importe, retorqui. Procurou ser magra até ao momento em que verificou que o marido a atraía, depois deixou-o para as suas amigas e passou a comer tudo o que lhe apetecia. De qualquer modo, foi isso que me disse uma vez. Depois o marido morreu e ela continuou a comer...

Bem, agora já atingiu um peso muito razoável, e *é necessário que mantenha esse peso*. No fim de contas, como sabe, o coração dela não vai suportar para sempre o esforço de a manter de pé a ela e ao enorme peso de carnes que tem.

Existe não só o esforço extra devido ao peso a mais, como, além disso, cada quilo de gordura exige metros de capilares para o manterem abastecido de sangue.

Já falou com a Sra. Cool acerca disso?

- Já

Que respondeu?

Pude descortinar indignação nos seus olhos.

Disse-me que podia ir para o diabo. Tal e qual, meu caro senhor.

Isso não me surpreende.

O médico carregou num botão. A enfermeira apareceu à porta, sem demora.

O Sr. Lam vem buscar a Sr. Cool. Já estará pronta para partir?

Está sim, Sr. doutor.

Muito bem.

A conta está paga? Perguntei-lhe, tirando ao mesmo tempo da algibeira a carta que enviara para o meu escritório.

O médico evitou o meu olhar.

Já está paga. A Sra. Cool protestou, e nós acertámos as... as... contas.

Segui a enfermeira por um comprido corredor e, depois, subimos um lance de escadas. Parou defronte de uma porta.

Abri-a e Bertha Cool, gritou:

Saia daqui para fora! Já paguei a minha conta e não quero ver mais termómetros à minha frente... oh, é o Donald!

Que alegria para os meus olhos! Entre, meu caro! Bem, não se ponha aí a olhar para mim dessa maneira. Entre! Agarre na minha mala, e vamos embora deste inferno o mais depressa possível. Mas... o que é que se passa?

Quase não a reconhecia! Disse-lhe.

Eu quase não me conheço a mim mesma. Emagreci enquanto estive doente, e o médico diz que não poderei voltar a ter o mesmo peso. Que vá para o diabo! Sabe quanto é que eu peso, Donald? Oitenta quilos. Veja lá! Não tenho uma única peça de roupa que me sirva.

Está com bom aspecto.

Qual quê! Isso deve ser conversa fiada do médico.

Disse-lhe para me envaidecer, não foi, Donald? O aldrabão naturalmente disse-lhe que o meu coração já não podia aguentar o esforço.

Quem lhe deu essa ideia?

Seria uma péssima detective se não fosse capaz de adivinhar o que pensa um tipo daqueles. Perguntar quando é que o avião chegava, quando eu estava à sua espera e dizer à enfermeira que queria vê-lo logo que você chegasse. Palermices!

O que é que tem feito lá pela agência, meu querido?

Temos ganhado algum dinheiro? A sua Bertha tem estado a fazer grandes despesas, e agora temos que ter cautela com todos os tostões que gastamos. E sabe o que fez o cobrador dos impostos? Valha-me Deus, Donald, está certo que sejamos patriotas; mas, eu não queria pagar o maldito programa de rearmamento, sozinha. Eu... Agarrei na mala e disse-lhe:

O avião parte às dez horas. Tenho um táxi à espera

lá fora e...

Um táxi! À espera, lá fora!

Sim.

Mas, por que não o disse logo? Tem estado para aqui a palrar enquanto o taxímetro está a marcar. Será isso uma maneira de me auxiliar a diminuir as despesas? Você é um bom rapazinho, Donald; mas, naturalmente, julga que o dinheiro cresce nas árvores, pela maneira como o atira pela janela fora...

A enfermeira segurou a mão de Bertha Cool, quando esta saía à porta.

Adeus, Sra. Cool, muitas felicidades.

Adeus, disse Bertha, sem olhar para trás.

Seguia pelo corredor fora em passo rápido.

O motorista não tem o taxímetro a contar enquanto espera por nós, avisei-a.

Oh, retorquiu Bertha e, ao mesmo tempo, abrandou o passo.

Descemos as escadas, saímos para a rua, e o motorista do táxi pegou na mala de Bertha.

Para o aeroporto? Perguntou o motorista.

Sim, respondi.

Bertha acomodou-se nos estofos do carro.

O que há a respeito do Caso Gilman, Donald?

Está encerrado.

Encerrado? Mas, como é que posso ganhar dinheiro se você encerra o único caso decente...

Encontrámo-la. O homem pagou-nos um bónus.

- Oh!

Agora temos outro caso.

- Qual?

Não sei. Um tal Whitewell escreveu para o escritório a pedir que um representante nosso se encontrasse, hoje à noite, com ele, em Las Vegas.

Enviou dinheiro?

Não.

Que lhe disse?

Telegrafei-lhe a dizer que iria encontrar-me com ele.

Não pediu um adiantamento?

Não. De qualquer maneira temos que passar por lá.

Posso parar em Las Vegas sem pagar mais nada pelo bilhete.

Eu sei; mas, mesmo assim podia ter arrancado algum dinheiro para despesas a esse tal Whiteside e...

Whitewell.

Está bem, não interessa o nome. O que é que ele quer?

Não disse.

Tirei a carteira do bolso.

Aqui está a carta que me escreveu. Repare no papel do sobrescrito. Podiam utilizá-lo em vez de chapas metálicas para a construção de aviões.

Bertha pegou na carta.

O melhor é eu ficar também em Las Vegas.

Não, senhora. Tem que descansar ainda mais uma ou duas semanas.

Palermices! Eu própria falarei com o cliente.

Não dissemos mais nada.

Chegámos ao aeroporto quinze minutos antes da partida do avião. Sentámo-nos e esperámos. Passados momentos, o avião aterrou pelo lado leste, atravessou o campo e, na plataforma, começou a ser reabastecido.

Um alto-falante avisou os passageiros para embarcarem.

Abriu-se uma porta da gare.

Os mecânicos e empregados, que tinham estado a reabastecer o avião e a fazer uma inspecção rápida dos motores, afastaram-se. A hospedeira abriu a porta do avião e um empregado uniformizado encostou uma escada. Entrámos no avião. Já lá se encontravam meia dúzia de passageiros em trânsito. Bertha sentou-se e suspirou longamente: Estou esfomeada, Donald. Vá ao bar do aeroporto e compre-me uma tablete de chocolate.

Não há tempo.

Não seja parvo. Ainda temos dois minutos.

Parece-me que o seu relógio está atrasado.

Recostou-se com um suspiro. O homem, que estava sentado junto da janela, ao lado dela, lançou-lhe um olhar de esguelha.

Está bem instalada? Perguntei-lhe.

Está tudo bem, com excepção dos meus joelhos que estão a tremer de fraqueza. Estou completamente vazia.

Os malditos médicos secaram-me em absoluto.

O homem, que se encontrava a meu lado, mostrou-me o seu relógio e apontou o mostrador. Faltavam ainda três minutos e meio para a partida.

Tenho a certeza, disse o homem, de que o meu relógio está absolutamente certo.

Bertha esticou-se no seu lugar para procurar ver o relógio do passageiro. Entretanto, eu dizia-lhe:

É verdade. Já sabia que o relógio desta senhora estava ligeiramente atrasado. Como vê o meu está *certíssimo*. Tive o cuidado, hoje de manhã, de o acertar no aeroporto.

Tirei o meu relógio e mostrei-lho. Marcava a mesma hora.

O homem ainda disse qualquer coisa, depois mudou de opinião e pôs-se a olhar para fora do avião.

Entretanto, os motores do aparelho começavam a trabalhar.

Um passageiro atrasado apareceu a correr. Subiu as escadas e sentou-se num lugar vazio com todo o aspecto de uma pessoa que conseguira fazer uma coisa quase impossível.

Ao ver que o avião não partia imediatamente, ficou surpreendido.

Bertha Cool olhou para o seu relógio de pulso e depois voltou-se para mim. Dois minutos e quinze segundos depois o avião começou a rolar pela gare em direcção à pista.

Depois de termos descolado e do barulho dos motores ter diminuído, transformando-se num sussurro monótono e grave, que convidava a dormir, Bertha começou a dormir.

O homem, que estava sentado a meu lado, virou-se de maneira que os seus lábios ficaram quase encostados ao meu ouvido:

O senhor não me compreendeu mal, acerca das horas, pois não?

Não.

Riu-se.

Vai desculpar-me; mas, compreende, interessei-me por psicologia.

É um assunto interessante.

O senhor esteve no sanatório de Springs?

Ela é que esteve.

Ouvi aquilo que a senhora disse acerca dos médicos e dos joelhos a tremerem. Parece-me bastante duro.

É verdade.

Estudou-me por alguns momentos, depois encostou-se para trás, e voltou a olhar pela janela. Passada mais meia hora voltou-se novamente para mim.

Ela está a emagrecer?

Acenei afirmativamente.

Voltou para a sua janela por um pedaço, e recostei-me.

Pouco depois, ouvi-o voltar-se e senti que estava a olhar para mim. Abri os olhos. Estava a observar-me concentradamente.

Desviou o olhar à pressa.

Fiz-lhe sinal para se aproximar e disse-lhe, em voz baixa:

O médico entende que ela deve emagrecer. Teve gripe e uma pneumonia. Perdeu cerca de cinquenta quilos de peso.

O médico quer que mantenha o peso actual. Mas, nunca negou nada à sua voracidade. Adora comer. Agora, quer fazer o favor de me deixar em paz para ver se durmo?

Pareceu surpreendido inicialmente, depois percebeu a ideia e riu-se.

Está certo, disse.

Dormitei durante alguns minutos, depois despertei quando descíamos para aterrar. O homem que se encontrava ao meu lado inclinou-se na minha direcção e bateu-me num joelho.

Os motores tinham agora sido reduzidos, e, por isso, baixou a voz, perguntando-me apressadamente:

Há quanto tempo é que tinha tanto peso.

Não sei.

Vai ter bastante trabalho para evitar que volte a engordar.

Não vou. Isso seria a morte.

O senhor é parente?

- Não!

Pareceu desapontado por momentos, e depois disse:

Talvez eu o possa auxiliar e ao mesmo tempo tentarei fazer uma experiência psicológica interessante. Aposto em como faz já bastante tempo que nenhum homem reparou nela como mulher. Nesta paragem, vou tentar aproximar-me e depois verá o que acontece.

Não faça isso por minha conta.

Gostaria de fazê-lo. Deve ser interessante.

Isso é lá consigo.

O avião aterrou, deslizou pela pista alcatroada, rolou passando em frente dos hangares indo parar próximo de um grande edifício de administração e gare de passageiros.

A hospedeira de bordo informou:

Dez minutos de paragem.

Os motores calaram-se e a maior parte dos passageiros saiu.

Como é que se sente? perguntei a Bertha.

Fraca como uma franga.

Isso é de esperar, depois da sua doença.

Estou morta de fome.

Vai sair?

Penso que sim. Queria comprar algumas tabletes de chocolate.

Bertha saiu, encaminhou-se para o edifício, viu a tabacaria, atravessou o átrio, e comprou duas tabletes de chocolate.

O homem, que estivera sentado junto de mim aproximou-se dela e disse-lhe qualquer coisa. Bertha olhou para ele com olhos duros, como se fossem diamantes. Este mirou-a dos pés à cabeça com ar aprovador, começou a afastar-se e, depois, voltou atrás e disse alguma coisa que fez Bertha sorrir.

Comprei um jornal e li os cabeçalhos. Alguns minutos depois, o homem que tinha estado a falar com Bertha, aproximou-se de mim e disse em voz baixa:

Quer fazer uma aposta?

- Não.

Riu-se.

Era um pássaro na mão. Apostava consigo, o que quisesse, em como ela não come a segunda tablete de chocolate.

Fechei o jornal.

Bertha pagou um níquel pela tablete, não pagou?

Pagou.

Então, come-a com certeza.

CAPÍTULO II

O avião começou a descer sobre o deserto, passou baixo sobre uma superfície branca coberta de ervas. A sombra lançada pela grande aeronave parecia recortada a tinta preta enquanto deslizava rapidamente sobre o terreno.

Depois, as rodas tocaram no chão. O avião firmou-se em terra e começou a rolar para o local onde o pessoal da companhia se encontrava à espera.

Chegamos, disse eu a Bertha.

O homem que se encontrava sentado junto de mim falou, com alguma surpresa:

Vocês saem aqui?

É verdade.

Também eu.

Bertha sorriu-se para ele.

Tem piada. Talvez nos voltemos a ver.

Ficam por muito tempo? Perguntou o homem, quando nos sentámos no automóvel que nos deveria levar à cidade.

Não sei.

Negócios?

Sim.

Bertha Cool encontrava-se sentada no lugar da frente, junto do motorista. O homem chegou-se a mim e disse em voz baixa:

Presumo que não são de Las Vegas?

- Não.

O automóvel percorreu alguns quilómetros, depois o nosso companheiro de viagem quebrou o silêncio:

O Hotel Sal Sagev é muito bom. É difícil de fixar o nome do hotel, enquanto não se repara que é Las Vegas escrito ao contrário. Esta é, na verdade, uma grande cidade.

Reno é que consegue toda a propaganda, mas Las Vegas é tão divertida como Reno. Algumas vezes penso que ainda o é mais. É mais distinta, tem mais personalidade.

Já conheço as duas.

Bem, então já sabe como isto é.

Bertha Cool voltou-se para trás.

Não há dúvida que este ar do deserto faz uma pessoa sentir-se melhor.

O homem, que se encontrava junto de mim, respondeu-lhe com uma pequena cortesia:

Não há dúvida de que faz com que pareça melhor.

Você é a saúde personificada.

Isto é tudo camuflagem, disse Bertha.

Esse brilho nos seus olhos não é camuflagem, e se tem pintura está simplesmente a tornar mais formosa as cores da flor. As pessoas que têm uma pele tão fina e tão atraente, como a sua, não necessitam de pinturas.

Há muito tempo que Bertha não ouvia semelhante galanteio. Fiquei à espera que reagisse.

Ao contrário, tentou um sorriso. Este transformou-se num sorriso tolo e Bertha voltou-se para a frente. No Hotel Sal Sagev, Bertha Cool inscreveu o seu Nome no registo. O nosso companheiro de viagem disse então:

Tem piada. Devo encontrar-me com o representante de um homem que tem o nome de Cool.

Bertha olhou para ele.

O senhor chama-se Whitewater? perguntou subitamente.

Whitewell, emendei.

O homem mostrou a sua surpresa.

Mas... mas... depois voltou-se para mim. O senhor chama-se Lam?

Acenei a cabeça afirmativamente.

Não me diga que B. Cool é uma mulher.

Bertha respondeu-lhe:

Dirijo a agência sob o nome de B. Cool porque isso me evita muitas explicações.

Whitewell disse:

Então, o melhor é irmos para cima a fim de conversarmos.

Para o seu quarto, sr.a Cool ?

Pode ser, disse ela, dentro de dez minutos.

O quarto de Whitewell era no andar inferior ao nosso.

Depois daquele ter saído do elevador, Bertha falou comigo:

Simpático, não é?

Hum. Hum.

É fino, tem um ar distinto.

Hum, hum. Afinal, não comeu essa tablete de chocolate?

Agora, não. Dói-me a cabeça. Vou guardá-la para depois. Vá para o seu quarto, mas não se esqueça de voltar dentro de dez minutos. Não pretendo fazer esperar o Sr. Whitewell.

Lá estarei.

Lavei-me e cheguei à porta do quarto de Bertha passados exactamente nove minutos e meio. Whitewell vinha pelo corredor justamente quando bati à porta.

Bertha deixou-nos entrar. Cheirava a loção e a sabonete.

Faça favor de entrar, sr. Whitewell. Entre e ponha-se à sua vontade. Donald, sente-se ali naquela cadeira.

Sentámo-nos. Whitewell olhou-me com um ar crítico e disse:

Ele não é exactamente do tipo que eu esperava.

Bertha arranjou um sorriso e disse em voz brincalhona:

E eu também o surpreendi, não é verdade? Bastante. É-me difícil imaginar uma mulher distinta e fina numa tal profissão. Não a acha um pouco sórdida?

Oh, de modo nenhum, disse Bertha, com uma voz que pretendia ser delicada. Na verdade, é bastante interessante.

Evidentemente, Donald ocupa-se do lado sórdido.

O que é que o senhor pretendia de nós?

Desejo descobrir uma jovem.

Donald é bastante bom nesse campo. Acabou recentemente um caso desses.

Bem, este é um pouco diferente.

Bertha perguntou cautelosamente:

O senhor é o pai da jovem ?

Não. Sou o pai de um jovem que está bastante interessado nela; na verdade, demasiado interessado.

Esperámos que continuasse. Cruzou as pernas, cortou a ponta a um charuto, e perguntou:

Dá-me licença que fume?

Faça favor. Gosto de ver um homem fumar charuto.

É um hábito muito masculino.

Whitewell acendeu o charuto, lançou cuidadosamente o fósforo no cinzeiro, e continuou:

Tenho um filho único. Chama-se Philip. Dirijo uma agência de publicidade. Philip vai começar a trabalhar comigo. Vou transformar a agência numa sociedade. Tenciono dar a Philip sociedade, como seu presente de casamento.

Um gesto simpático!

Bem vê, o meu filho não estava muito interessado em meter-se num escritório. Possivelmente, tenho sido demasiado indulgente. Mas, quando se apaixonou, tudo mudou. Estava completamente louco por aquela jovem. Esta trabalhava como secretária de um dos directores de uma fábrica de aviões e é uma pessoa que gosta de trabalhar. Induziu Philip com as suas ideias, e este decidiu, subitamente, que queria despir o casaco e começar a trabalhar. Foi uma transformação verdadeiramente milagrosa.

Deve ter ficado satisfeitíssimo.

De certo modo, mas...

Não quer que seu filho se case com ela?

Inicialmente, não queria que se casasse com ninguém antes de ter assentado numa carreira. Philip tem vinte e oito anos, e nada fez até hoje a não ser jogar e viajar. Nunca consegui interessá-lo em qualquer trabalho.

Estou a perceber. O que é que aconteceu à jovem?

Dois dias antes do casamento, no dia dez, para ser exacto, desapareceu.

Deixou algum bilhete ou qualquer outra coisa?

Nada. Desapareceu completamente, e desde então nada mais se soube dela.

Se o senhor pretendia que seu filho não se casasse, porque não deixou ficar as coisas como estão? Perguntou Bertha. Ela devia ter alguma razão para partir. É provavelmente alguma coisa

que a tornaria... bem, menos desejável ainda, como nora.

Whitewell fez um pequeno gesto com a mão.

Pensei em tudo isso.

Qual é a resposta ?

Philip. Como lhe disse ela transformou-o por completo.

Francamente, opunha-me ao casamento. Mas, as circunstâncias que rodeiam o seu desaparecimento são tais que *necessito* absolutamente de a encontrar... por causa de Philip, quanto mais não seja. Philip não dorme; não come. Anda meio tonto, está a emagrecer e tem um aspecto diabólico.

Bertha disse então:

Muito bem, Donald encontrá-la-á.

Whitewell voltou-se para mim.

Diga-me tudo o que sabe, disse-lhe.

Como já disse, Corla era secretária de um dos directores da "Randolf Aircraft Company". Vivia com outra rapariga num apartamento. No dia do seu desaparecimento, parecia estar distraída e de mau humor. A rapariga com quem vivia tentou saber o que se passava. Corla disse não haver nada de especial.

Cerca das oito e dez, da manhã do dia 10, saiu para ir trabalhar. Esteve no emprego. O patrão disse que ela tinha o mesmo aspecto de sempre, aparte estar muito silenciosa.

Já tinha comunicado que ia abandonar o emprego logo que encontrassem alguém para substituí-la. Philip e Corla tinham decidido adiar a lua de mel para mais tarde. Corla era uma boa secretária, e o patrão tinha por várias vezes tentado conseguir com que continuasse ao serviço. Menciono este facto porque pretendo que você compreenda bem a maneira como era conscienciosa no trabalho. Mesmo que tivesse acontecido alguma coisa que a levasse a abandonar Philip, não teria abandonado o patrão, em dificuldade.»

Continue, disse Bertha.

Até cerca das dez horas estive a estenografar cartas, e depois começou a passá-las à máquina. Entre as cartas que anotara encontrava-se uma comunicação bastante importante e confidencial, relacionada com um novo modelo de avião.

Também tomara nota de alguns memorandos internos que eram bastante importantes e confidenciais.

O director saiu do seu gabinete depois de ter ditado o correio a fim de realizar uma breve conferência com outro director. Esta conferência durou cerca de vinte minutos.

Quando regressou, notou que Corla não estava sentada à secretária. Na máquina, encontrava-se uma folha de papel.

Corla começara a escrever a primeira carta; mas, apenas dactilografara algumas palavras. Deixara de escrever a meio de uma frase.

O patrão pensou que Corla tivesse ido à casa de banho.

Entrou no seu gabinete, sentou-se à secretária e começou a trabalhar. Cerca de quinze minutos mais tarde, lembrou-se de outra carta que tinha para ditar, e chamou Corla, tocando à campainha. Como esta não aparecesse, saiu novamente e cá fora encontrou as coisas tal como estavam quando entrara.

Dez ou quinze minutos depois, chamou uma das outras secretárias e mandou-a à casa de banho para ver se Corla estava doente. Corla não estava lá. A partir desse momento não voltaram a ter sinal dela. A sua mala encontrava-se em cima da secretária. Dentro, havia cerca de cinquenta dólares, todo o dinheiro que possuía. Não tinha conta no Banco.

O baton, o pó de arroz, a rouge, as chaves, enfim tudo, estavam dentro da mala.

A polícia foi avisada? perguntei.

Foi. Mas, não fizeram nada.

Quaisquer indícios?

Apenas um.

- Qual?

Segundo a sua companheira de quarto, Corla sentia-se radiante e feliz até cerca de vinte e quatro horas antes do seu desaparecimento. Por consequência, tentei descobrir alguma coisa acerca do que acontecera nessas últimas vinte e quatro horas. A única coisa que consegui descobrir de

anormal fora que na manhã anterior ao seu desaparecimento Corla recebera uma carta. Essa carta era de alguém com o nome de Franley e fora enviada de Las Vegas.

Como soube isso?

A senhoria distribuiu o correio pelos vários apartamentos.

O nome de solteira desta, era Franley, com um “n”.

Diz ela que não tem por hábito reparar na correspondência recebida pelos seus hóspedes, a não ser com o objectivo de saber a quem se destina cada uma das ‘cartas.

Não, é evidente que não, disse Bertha, sarcasticamente.

Nunca pensaria em semelhante coisa.

Whitewell sorriu-se por momentos, e depois continuou:

Diz a senhoria que o nome, Franley, no canto superior esquerdo se parecia tanto com o seu nome de solteira que, por momentos, chegou a pensar que a carta tivesse sido escrita por alguém da sua família. Depois notou que o nome tinha um «m» em vez de um “n”.

E reparou que vinha de Las Vegas?

Sim.

Que morada, em Las Vegas?

Não se recorda.

Recorda-se ao menos do primeiro nome, se seria de homem ou de mulher?

Não, apenas se recorda que era de Franley, Las Vegas.

Esta é, evidentemente, uma pista bastante vaga; mas, é a única. Nada existe nos factos que rodeiam o seu desaparecimento que nos possa auxiliar.

E o seu livro de apontamentos? Perguntei. O livro com apontamentos estenografados, importantes e confidenciais...

Encontrava-se em cima da secretária. Se esse faltasse, poderia ter conseguido fazer com que o F. B. I. entrasse em acção; mas, não existe nada, absolutamente nada, indicando que o trabalho tivesse alguma coisa a ver com o de saparecimento. Aparentemente, trata-se de uma questão puramente particular.

E o senhor pensa que existe uma pessoa com o nome de Franley em Las Vegas que sabe algo acerca do desaparecimento? Perguntou Bertha.

Whitewell respondeu:

Julgo que sim, Sra. Cool. Existe uma Helen Franley que vive em Las Vegas. Isto é, encontra-se aqui há algumas semanas.

E o senhor já falou com ela? Perguntei.

O que o leva a pensar que eu a tivesse visto? indagou, cautelosamente.

Respondi-lhe:

Uma vez tendo-a localizado, o senhor dificilmente iria pagar a uma agência de detectives,

a menos que não tivesse já tentado conseguir a informação e tivesse fracassado.

Não respondeu imediatamente. Tirou o charuto da boca, estudou-o durante alguns segundos, mudou de posição na cadeira e disse: Para ser franco, fiz isso mesmo. Acontece que tenho alguns amigos em Las Vegas, os Dearbornes. Conhece-os?

Não conheço ninguém em Las Vegas, respondi.

A Sra. Dearborne é minha amiga íntima. Sua filha, Eloise, é muito atraente; durante bastante tempo tive esperanças de que Philip compreenderia até que ponto era atraente.

Ele não compreendeu?

Bem, são amigos. Eu esperava que essa amizade se transformasse em algo mais profundo. Julgo que assim teria acontecido se não fosse ter aparecido Miss Burke.

Há mais alguém na família Dearborne?

Ogden Dearborne, um rapaz, empregado na central eléctrica da Barragem do Boulder. É aviador civil. Possui um avião à sociedade com alguns amigos.

Não há mais ninguém?

Não, apenas os três.

E você conseguiu com que um deles fosse procurar Helen Franley?

É verdade. Ogden fez investigações. Falei com ele pelo telefone, pedi-lhe para tentar encontrar

uma pessoa com o nome de Franley. Se fosse capaz de descobrir uma pessoa com esse nome, que tentasse saber o que é que essa pessoa tinha em comum com Corla. Ogden descobriu que havia na cidade uma tal Helen Franley.

Conseguiu falar com ela? Perguntou Bertha.

Sim, falou com Helen Franley, e foi tudo o que conseguiu.

O que é que aconteceu? Voltou a perguntar Bertha.

Miss Franley disse-lhe que não tinha escrito carta nenhuma, que não fazia ideia de quem fosse Corla ou onde se encontrava, e que não desejava ser interrogada sobre o assunto, que nunca ouvira sequer falar no nome de Corla Burke.

Estava a falar verdade? Perguntou mais uma vez Bertha.

Whitewell respondeu:

Não sei. A Ogden pareceu-lhe que sim. Existe algo de bastante evasivo e misterioso acerca dessa jovem. Foi essa a razão por que procurei um detective profissional para este trabalho.

E a polícia oficial? Perguntou Bertha. O senhor disse que eles não estavam interessados?

Encolheu os ombros.

Apenas mais uma pessoa desaparecida, pelo menos no que lhes diz respeito. A polícia segue agora a sua conduta usual para tentá-la localizar e é tudo. Insistem em que uma determinada percentagem de jovens que desaparecem daquele

modo ou estão para serem mães, ou fugiram com algum homem.

A polícia parece pensar que Corla, se estivesse, na verdade, apaixonada por outro homem, que tivesse decidido casar com Philip, porque este lhe parecia um bom partido, e que depois mudara de opinião.

Seria de facto um bom partido? perguntou Bertha.

Algumas mães tem-no considerado como tal, respondeu Whitewell, secamente.

E o senhor pretende que Donald consiga arrancar alguma coisa dessa tal Franley?

Pretendo que descubra o que aconteceu a Corla, por que razão desapareceu e onde se encontra agora.

Exactamente o que é que deseja que se descubra? Perguntou Bertha.

Desejo verificar se o seu desaparecimento foi voluntário.

Tenho esperanças em que a razão que se encontra por detrás da sua atitude, faça não só com que o meu filho sossegue, mas que o faça também compreender as vantagens de aumentar a sua amizade com Eloise Dearborne. Depois do que aconteceu, sinto que Corla não seria exactamente a espécie de mulher que gostaria de ter como nora... demasiada notoriedade... nesta questão do desaparecimento... Bem! Não há dúvida de que é

uma jovem decente; mas, os Whitewells não gostam de coisas destas.

Donald voltará Helen Franley do avesso. As raparigas têm um fraco por Donald, um fraco bastante grande.

Whitewell olhou para Bertha satisfeito.

Estou, de facto, bastante contente, afirmou, por a sua organização ser exactamente aquilo que eu pretendo, embora dificilmente esperasse encontrar uma mulher a dirigir uma agência de detectives, e muito menos uma mulher atraente.

Interrompi-o:

Tem alguma fotografia de Corla Burke?

Acenou que sim.

Quero essa fotografia e uma descrição da jovem, e também uma apresentação para Ogden Dearborne. Pode telefonar-lhe e diga-lhe que vou ter com ele. Peça-lhe para me dizer tudo o que eu pretender saber.

Whitewell pensou por uns momentos, e em seguida disse:

Muito bem, julgo que é o melhor caminho.

E já agora a morada de Helen Franley, se a tiver.

Vou escrevê-la.

Tem a fotografia à mão?

Tirou duas fotografias da carteira, e entregou-mas. Uma delas era uma pequena fotografia de meio corpo de uma jovem de cabelos claros, um

nariz ligeiramente arrebitado e olhos pensativos. A outra fotografia era um instantâneo.

Estava bastante escura. A máquina encontrava-se ligeiramente desfocada, mas mesmo assim mostrava uma rapariga em fato de banho, na praia. A máquina apanhara-a justamente quando ia lançar uma bola. Estava a rir-se, e na sua boca podiam ver-se duas fileiras de dentes impecáveis. Os olhos encontravam-se demasiado escuros e desfocados para se tirar uma expressão, mas existia alguma coisa na pose da figura que a máquina fotográfica apanhara, um certo entusiasmo, uma certa alegria de viver. Uma tal rapariga nunca poderia ficar inactiva, nunca assentaria. Era verdadeiramente volátil.

Cometia erros à medida que ia percorrendo a vida, mas manter-se-ia sempre em movimento.

Coloquei as fotografias na minha algibeira.

Não se esqueça de telefonar aos Dearbornes e de lhes dizer que vou encontrar-me com Ogden.

Poderia levá-lo lá e...

Não. Prefiro ir sozinho.

Muito bem.

Donald, disse Bertha, despache isso depressa.

Tenho todos os motivos para me felicitar. Afirmou.

Whitewell olhava insistentemente para Bertha ao dizer aquelas palavras.

Bertha baixou os olhos. Nunca vira na sua cara uma tal expressão, durante todo o tempo em

que tenho trabalhado a seu lado. Tinha um ar tímido.

Quanto é que isto tudo me vai custar?
Perguntou Whitewell.

A cara de Bertha mudou como se alguém lhe tivesse arrancado uma máscara.

Vinte e cinco dólares por dia e despesas pagas.

Não será um pouco elevado?

Para os serviços que prestamos, não é, com certeza.

Julguei que um detective particular...

O senhor não está a contratar um detective, mas sim uma agência. Donald estará na linha de fogo. Eu estarei no escritório, mas tanto ou mais embrenhada do que ele no trabalho.

Por esse preço, disse Whitewell, parece-me que deveria garantir o resultado.

Os olhos de Bertha brilharam. -

Que diabo julga o senhor que sou? Perguntou.

Tem de haver um limite, afirmou Whitewell.

Bertha retorquiu:

Limitaremos as despesas.

E despesas para prazeres?

Não as haverá. E pedimos duzentos dólares adiantados.

Whitewell começou a preencher um cheque.

Se forem capazes de a encontrar ou de conseguirem provas de que Corla partiu de sua

própria vontade, no prazo de uma semana, dar-vos-ei um prémio de quinhentos dólares.

E mais, se a encontrarem, dar-lhes-ei mil dólares.

Bertha olhou para mim.

Ouviu bem, Donald?

Acenei afirmativamente.

Ótimo, pode sair e comece a trabalhar já. É verdade que estive fechada num sanatório durante seis meses; mas, a verdade é que não necessito de auxilio para assinar um recibo.

CAPÍTULO III

O clarão vermelho do Sol começava a lançar sombras sobre o deserto. O ar, muito puro, revelava-se simultaneamente bastante seco. Estávamos no princípio da Primavera, mas nenhum homem trazia casaco vestido, à excepção de qualquer turista ocasional.

Las Vegas mantém a tradição das cidades do ocidente americano tendo uma rua principal, com todo o comércio de importância. Alguns armazenistas e comerciantes a retalho, que a população costuma procurar, limitam-se às ruas transversais. Dois bairros bastante diferentes estendem-se em cada ponta desta rua principal: um deles é uma série de acampamentos de turistas com algumas das mais belas rolotas do país, chegando mesmo a ter ar condicionado.

No outro extremo da rua, formando como que o braço de um grande Z, encontra-se uma série de casas onde as mulheres, sentadas às portas, conversam.

Toda a rua principal está verdadeiramente salpicada de casinos, casas de jogo, restaurantes, hotéis, bares e “cabarets”.

Praticamente, é permitida toda a espécie de jogos. O ruído das roletas e o barulho peculiar das rodas da sorte podem-se ouvir distintamente nos passeios, ao caminhar pela rua.

Depois de ter assimilado um pouco a atmosfera, encontrei um táxi e dei ao motorista a morada que Whitewell me indicara.

A casa em si era relativamente pequena, mas de certa distinção. Quem quer que tenha sido que a desenhou tentara fugir ao estilo convencional que caracterizava as outras casas daquela rua.

Paguei o táxi, subi três degraus de cimento e toquei à campainha.

O jovem gigante, que veio à porta, tinha cabelo louro; mas, a pele da cara parecia ressequida pelo Sol. Fitou-me.

Os seus olhos eram cinzentos-claros.

É o sr. Lam, de Los Angeles, não é verdade?

Perante o meu aceno, apertou-me a mão. Tinha uns dedos fortes e lisos.

Faça favor de entrar. Arthur Whitewell telefonou-me.

Entrei na casa. Chegou até mim o cheiro de comida.

Hoje estou de folga, explicou ele. Jantamos às cinco.

Entre, faça favor. Sente-se naquela cadeira junto da janela.

É bastante confortável.

Era, na verdade, confortável. Era mesmo a única cadeira verdadeiramente confortável que existia na sala. A casa estava mobilada no mesmo estilo. Pequenas economias permitiam luxo numa ou duas coisas, que contavam verdadeiramente.

Não existia propriamente um selo de pobreza, mas tinha provas indiscutíveis de pessoas que desejavam coisas melhores, e que fariam todos os sacrifícios para possuírem um ou dois objectos que fossem, na verdade, símbolos daquilo que desejavam.

Ogden Dearborne era seco como um pinheiro e deslocava-se com facilidade, com graça. Via-se imediatamente que trabalhava ao ar livre, no deserto, e era suficientemente jovem para ter um orgulho infantil na sua pele bronzeada.

Abriu-se uma porta. Entrou uma senhora. Levantei-me.

Ogden apresentou-me:

Minha mãe, o Sr. Lam, de Los Angeles; a pessoa acerca de quem Whitewell telefonou.

A senhora avançou para mim, sorrindo graciosamente.

Era uma mulher que ainda procurava viver a vida.

Tivera certos cuidados com o corpo e com a cara. Teria, possivelmente, quarenta e tal anos, ou pouco mais que cinquenta, mas passava muito bem por trinta e tal. Conhecia certamente o sacrifício do Autodomínio. Não comia tudo o que pretendia e tentava manter as suas formas espartilhando-se em elásticos. Mantivera as formas por uma grande autodisciplina, passando fome.

Tinha cabelos castanhos e uns olhos que brilhavam como mármore preto polido; nariz longo

e direito e narinas tão finas, que quase pareciam transparentes.

Como passou, meu caro senhor. Teremos muito prazer em ser úteis a um amigo de Arthur Whitewell. Por que não se instala em nossa casa, enquanto estiver em Las Vegas?

Era um convite simbólico. Se tivesse dito que sim, alguém teria que ir dormir para o divã. Ninguém esperava que eu aceitasse. Solenemente, respondi:

Muito obrigado. Provavelmente; apenas estarei na cidade algumas horas, e bastante ocupado. Mas, de qualquer modo, agradeço o convite.

A jovem entrou, então. Parecia que tinha estado à espera, junto da porta, para marcar a sua entrada, tal como a mãe, cada uma delas, tendo o cuidado de não estragar a impressão provocada pelos outros.

A Sra. Dearborne fez as apresentações.

Eloise Dearborne era muito parecida com a mãe. Tinha o mesmo nariz, comprido e recto. As narinas não eram talvez tão finas. O cabelo era de um tom trigueiro escuro.

Os olhos eram azuis e tinham a mesma secura e dureza, o mesmo objectivo de vida, a mesma impressão de autodisciplina.

Aquelas mulheres eram perfeitas caçadoras e tinham justamente aquele toque felino próprio de toda a mulher caçadora. Um gato, esticando-se

junto ao calor de uma lareira, tem o mesmo aspecto ornamental e macio que as peles lançadas em volta do colo de uma mulher. Os pés deslocam-se silenciosamente, suavemente. Mas, as garras estão lá, e porque estão recolhidas são perigosamente mortais.

Um cão não esconde as garras, e estas apenas servem para raspar a terra. Um gato encolhe as unhas e, por isso, possui subtileza e eficiência para obter o sustento da vida pela morte.

Faça favor de se sentar, disse a Sra. Dearborne quando pronunciei a fórmula convencional de apresentação.

Sentámo-nos todos.

Era fácil de ver que, fosse o que fosse, que ia discutir-se, teria de o ser em conjunto, não que desconfiassem da capacidade de Ogden comunicarmos o que sabia; mas, eram pessoas que não confiavam em ninguém. Pretendiam informações em primeira mão. Tudo fora planeado antecipadamente.

Será uma questão de minutos. Desejo saber notícias de Helen Franley.

Praticamente, nada sei, disse Ogden.

Ainda bem. Nesse caso não poderá esquecer nenhum pormenor.

Sorriu-se.

Bem, fui...

Julgo, Ogden, que o sr. Lam gostaria que tu comesçasses pelo princípio.

Sim, pelo telefonema de Arthur Whitewell, disse Eloise.

Ogden nem se deu ao trabalho de formular a sua aceitação.

Adoptou simplesmente a sugestão como facto consumado, algo que. Nem era preciso confirmar.

Recebi um telefonema de Arthur Whitewell. Falava de Los Angeles. Conhecemos a família há já algum tempo.

Eloise conheceu Philip em Los Angeles, há cerca de um ano.

Desde então, este veio a nossa casa várias vezes. Também a tem recebido em Los Angeles. Arthur, como sabe, é o pai de Philip. Ele...

Ogden lançou um olhar de relance para a mãe, e, não tendo conseguido um sinal de aprovação, mudou o rumo à conversa.

Aparece aqui frequentes vezes passando muitas noites na nossa companhia.

Que disse ele pelo telefone? perguntei.

Disse que alguém com o nome de Franley enviara uma carta a Corla Burke. Desejava que eu procurasse essa pessoa e lhe inquireisse o que sabia acerca dessa carta. Afirmou que a carta parecia ter perturbado Miss Burke.

Não tinha quaisquer indícios sobre que me basear. Levei quase meio dia a encontrar a pessoa. Esta vive num apartamento e encontra-se aqui apenas há duas ou três semanas.

Helen Franley disse nada saber sobre o assunto, que não conhecia qualquer Corla Burke, que não enviara qualquer carta e, por consequência, em nada me poderia auxiliar.

E depois?

Mais nada.

Miss Franley pareceu-lhe receosa ou evasiva?

Não, disse-me, apenas francamente, que nada sabia sobre o assunto. Pareceu-me até aborrecida.

O senhor conhece Corla? Perguntei.

Os seus olhos desviaram-se, desta vez não para a mãe, mas para Eloise.

Foi-me apresentada por Philip.

Sabia, evidentemente, que Philip e Corla tencionavam casar-se?

Ogden não respondeu. Foi Eloise quem me disse:

Sim, sabíamos.

Whitewell deu-me a morada do apartamento de Miss Franley. Julgo que a conseguiu por vosso intermédio?

É verdade.

Sabe se ainda vive na mesma casa?

Julgo que sim, pelo menos segundo o que penso. Não a voltei a ver, mas deu-me a impressão de estar disposta a demorar-se.

Quando é que Arthur... O Sr. Whitewell chegou a Las Vegas? Perguntou a Sra. Dearborne. Veio comigo no avião desta tarde.

- Ah!

Eloise perguntou:

Sabe se Philip também tenciona vir?

Nada sei.

A Sra. Dearborne afirmou, então
confiadamente:

Arthur virá cá a casa depois do jantar.

A palavra “jantar” foi subtilmente acentuada.
E a sua impressão acerca de Helen Franley,
perguntei a Ogden.

Respondeu-me:

Típica, soltou uma pequena gargalhada.

Típica, em que sentido?

De um tipo que encontrará aqui na cidade.

Que espécie de tipo?

Hesitou como quem procura as palavras.

Eloise disse prontamente:

Picante.

Quando estava a falar com ela chegou um
homem.

Julgo... Bem, não me pareceu que fosse seu
marido, mas...

Está a viver com ela, interpôs Eloise. É isso
que tu pretendias dizer ao Sr. Lam, não é verdade,
Ogden?

Sim, balbuciou o filho.

No fim de contas, Ogden, o sr. Lam tem de
conhecer todos os factos, não é verdade?

Já os conhece agora, disse Ogden,
embaraçado.

Olhei para o relógio:

Bem, agradeço-lhes muito. Vou ver se consigo arrancar-lhe alguma coisa.

Levantei-me.

Os três levantaram-se também. Não tinha tempo nem tão-pouco desejos de me embrenhar nas fórmulas delicadas de despedida.

Bem, muito obrigado pelo vosso auxílio. Vou falar com ela.

E encaminhei-me para a porta da rua.

Ogden acompanhou-me.

O senhor não sabe quanto tempo é que Arthur Whitewell tenciona ficar na cidade?

- Não.

E não o ouviu dizer se Philip também vinha?

- Não.

Se eu puder ser útil, diga. Boa noite!

Muito obrigado. Boa noite!

Eram quatro e meia da tarde quando subi as escadas do apartamento de Helen Franley e toquei à campainha.

Toquei várias vezes, e, em seguida, bati na porta do lado.

Uma mulher deitou a cabeça de fora tão rapidamente que fiquei com a certeza de que estava atrás da porta a ouvir o que se passava. Com certeza, ouvia a campainha da porta de Helen Franley em sua casa.

Desculpe, disse-lhe. Procuo Helen Franley.

Vive nesse apartamento ao lado.

Já sei, mas parece que não está em casa.

Não. Não está, com certeza.

A mulher tinha aproximadamente quarenta anos. Os seus olhos brilhantes e negros nunca estavam parados. Vagueavam até ao vestíbulo, pousavam-se em mim, depois na porta e a seguir novamente em mim.

Sabe onde poderei encontrá-la?

O senhor conhece-a, se a vir?

Não. Ando a fazer uma investigação sobre o seu imposto de rendimento de 1939.

Imaginem uma coisa dessas...Voltou-se um pouco para dentro e por cima do ombro disse: Ouviste? Aquela mulher paga imposto de rendimento!

Uma voz de homem, do interior da casa, respondeu:

Hum, hum.

A mulher humedeceu os lábios e respirou fundo.

Bem, Deus sabe que eu não sou daquelas pessoas que gostam de bisbilhotar a vida alheia. Viver e deixar viver é o meu lema. Pessoalmente, não me importo com o que ela faz desde que o faça em sossego. Ainda no outro dia estava a dizer a meu marido. Só Deus sabe o que é que está para acontecer ao mundo quando uma rapariga como esta Franley consegue transformar a noite em dia, e o dia em noite, ter homens amigos que a vêm visitar a casa, e andar pela rua até altas horas da madrugada. Só Deus sabe o que faz! Com certeza,

não trabalha, pois nunca se levanta antes das onze horas ou meio-dia. E, na minha opinião, não deve ter havido uma única noite na sua vida em que se tenha deitado antes das duas horas da madrugada. Evidentemente, o senhor compreende, não pretendo dizer-lhe nada contra a rapariga, e Deus sabe bem que ela tem um ar bastante decente. Muito calada, etc. Mas...

Onde poderei encontrá-la?

Bem, sinceramente, eu não queria dizer nada. Pessoalmente, não tenho dinheiro para jogar naquelas máquinas automáticas. Dizem que estão preparadas de maneira que é a mesma coisa que deitar dinheiro à rua. Contudo, há três dias, quando passava defronte do local, olhei por acaso e vi aquela rapariga de pé, defronte das máquinas automáticas, no “Cactus Patch”, metendo moedas umas atrás das outras e manobrando o manípulo o mais rapidamente que podia.

Não tem emprego, e não sei se alguma vez o terá tido. Mas, para uma rapariga fazer uma vida daquelas, e uma rapariga com um ar tão decente, tão simpático, e vem o senhor agora dizer-me que ela até paga imposto de rendimento!

Quanto é que ela pagava?

A última pergunta foi-me disparada tão subitamente que as palavras atropelaram-se umas às outras.

Ouvi passos atrás da mulher. Um homem entroncado, camisa aberta no pescoço, uma

camisola desabotoada por debaixo da camisa, empurrou os óculos para a testa, e olhou para mim, com um ar de coruja.

O que é que ele quer? perguntou à mulher.

Pretende saber onde poderá encontrar aquela rapariga, a Franley.

Por que é que não lhe dizes?

Estou a dizer-lhe.

Afastou-a para um lado:

Procure no «Cactus Patch».

Onde é isso?

Na rua principal, um casino, com uma grande fileira de jogos automáticos. O senhor não pode enganar-se. Anda daí mulher, trata da tua vida e deixa que a rapariga trate da dela.

Puxou a mulher para um lado e fechou a porta.

Não tive qualquer dificuldade em encontrar o “Cactus Patch”. A casa mantinha a ficção de ter o bar e o casino em dois estabelecimentos diferentes; mas, ambos abriam para a rua por meio de amplas portas, e existia uma separação envidraçada entre os dois. O casino tinha uma grande roda da sorte mesmo na parte da frente, a seguir algumas roletas, uma mesa para dados e outras para «poker». No lado direito da sala, uma dupla fileira de jogos automáticos, lado a lado; tendo ao todo cerca de cem máquinas.

Aqui e além viam-se alguns clientes. Era demasiado cedo ainda para a grande enchente dos

turistas; mas, a multidão era constituída pela miscelânea que apenas pode ter uma cidade de Nevada.

Lá estavam os jogadores profissionais, os angariadores de apostas, parasitas da sociedade e algumas raparigas da classe mais elevada da zona demarcada da cidade. Alguns homens, no bar, pareciam mineiros. Três rapazes, que se encontravam junto da roda da fortuna deviam ser engenheiros da BarragemBoulder. Também se viam alguns turistas a vaguear sem destino pelo casino. Alguns desses turistas eram do ocidente e estavam mais ou menos familiarizados com Nevada. Outros viam aquilo pela primeira vez, e a sua reacção ao jogo público, àquelacamaradagem da multidão à mesa do jogo, era de perfeito espanto.

Troquei um dólar em moedas de vinte e cinco cêntimos, dirigi-me às máquinas automáticas e comecei a jogar. Tive a impressão de que sempre que a engrenagem parava, aparecia um «limão» a olhar para mim.

Uma mulher estava a jogar noutra máquina, um pouco mais abaixo. Tinha cerca de trinta anos de idade e estava maquilhada como se fora um pôr-do-sol no deserto. Não me pareceu que fosse Helen Franley. Estava praticamente esgotada a minha reserva de moedas quando duas laranjas fizeram lançar moedas na concha de pagamentos. Nessa altura, entrou uma rapariga.

Falei com a máquina, numa voz suficientemente alta para ser perfeitamente audível para a rapariga: Não comeces agora com generosidades.

A jovem voltou-se, mirou-me dos pés à cabeça, passou junto de mim sem dizer palavra e lançou uma moeda de dez cêntimos na máquina. Consegui três laranjas, e as moedas começaram a cair na concha, tilintando.

Poderia ser Helen Franley; mas, ficou a olhar para a máquina com uma tal expressão de “o que é que faço agora?”, que concluí imediatamente não se tratar de mulher experiente no jogo. Meteu outra moeda na máquina.

Um rapaz elegante, com uns olhos rápidos e inquietos, e uma cabeça que parecia ter sido modelada num pescoço musculoso, parou defronte da máquina de vinte e cinco cêntimos.

Observei as suas mãos quando metia a moeda na máquina e puxou a alavanca. Nem um só gesto perdido.

Tudo fora feito com graça e harmonia, como se os seus braços fossem «pistons» bem lubrificados.

A jovem, que se encontrava na máquina de dez cêntimos, exclamou nessa altura:

Oh, devo ter escangalhado qualquer coisa.

Os seus olhos dirigiam-se para mim; mas, o outro homem estava mais próximo. Chegou primeiro junto dela.

O que aconteceu?

A rapariga respondeu:

Meti uma moeda de dez cêntimos na máquina. Naturalmente, partiu-se qualquer coisa. Começaram a sair moedas de toda a maneira, e espalharam-se pelo chão.

O homem riu-se, e aproximou-se. Notei-lhe em especial uns ombros largos e musculados, costas direitas e uma cintura estreita.

Não escangalhou a máquina, esteja descansada. Mas se continua a ter essa sorte, talvez o consiga. Acaba de lhe sair um “pote”.

O homem olhou para mim e piscou-me o olho.

Muito gostava que me ensinasse como é que isso se faz disse.

A jovem riu-se com “timidez.

O homem, que estava junto dela, ajoelhou-se, apanhou uma porção de moedas, retirou mais uma mão cheia da saída da máquina, e, depois, disse à rapariga: Bem, agora vamos ver se ainda estão lá dentro mais algumas moedas.

Os seus dedos exploraram a concha.

Não. Já cá estão todas.

Vi uma moeda a brilhar no chão. Apanhei-a e entreguei-a à rapariga e disse-lhe:

Não se esqueça desta. Pode ser que dê sorte. >

Agradeceu-me com um sorriso e retorquiu:

Muito bem, vamos a ver se, de facto, dá sorte.

Senti que alguém estava a observar-me, virei-me e vi um empregado, com um pequeno avental verde, cheio de bolsos para trocos, a olhar-me com ar suspeito.

A jovem meteu a moeda na máquina, e puxou a alavanca.

A mulher de aspecto vistoso passava nesse momento junto de nós. Tossiu ao ver que o empregado nos estava a observar.

Devia tratar-se de um sinal.

O empregado caminhou na nossa direcção enquanto os discos da máquina rodavam com o seu ruído peculiar.

Começaram a chover moedas para a concha de pagamento da máquina e para as mãos da rapariga.

O empregado estava ocupado com uma máquina, mesmo atrás de nós.

O outro homem disse nessa altura:

É assim mesmo.

Ria-se com à vontade.

Continue assim, está em maré de sorte. Simplesmente, não sabe aproveitá-la. Vamos a ver o que eu consigo fazer na máquina de vinte e cinco cêntimos, enquanto você continua aí nessa.

Meteu uma moeda de vinte e cinco cêntimos na máquina, puxou a alavanca, e disse para mim:

E você como é que vai?

Respondi-lhe:

Tenho esta máquina já de tal modo cheia que daqui a nada tem de começar a lançar moedas cá para fora. Está tão cheia que está quase a estoirar.

Meti uma moeda e puxei a alavanca.

Os três discos começaram a rodar. Com um estalido, o disco da esquerda parou. Meio segundo depois parou também o do meio.

Vi que marcavam duas barras.

O terceiro parou então.

De dentro da máquina veio um estalido metálico, e abriram-se as comportas. Começaram a chover moedas para dentro da concha, e fazendo grande barulho ao cair no chão e nas minhas mãos.

Apanhei-as com as duas mãos; mas, as moedas continuavam a cair. Meti moedas nas algibeiras do casaco, limpei a concha, e comecei à procura das moedas no chão. O empregado aproximou-se de mim.

Talvez o possa ajudar.

Curvou-se. Subitamente, as suas mãos agarraram-me pelos pulsos.

O que é isso? perguntei, e tentei libertar-me.

Vamos embora. O gerente quer falar consigo.

O que é que você está para aí a dizer?

Quer vir a bem, ou quer vir a mal?

Tentei libertar-me; mas, não consegui.

Vou apanhar essas moedas que estão no chão. São minhas.

Um momento, disse o empregado.

Os seus dedos apalparam a manga do meu casaco, e o meu antebraço.

Consegui ficar com um braço livre e tentei dar-lhe um soco. Desviou-se, aproximou-se de mim e agarrou nas bandas do meu casaco, puxando-as para baixo de modo que o casaco me ficou pelo meio dos braços, impedindo-me de mexê-los.

De momento, nada podia fazer. O peso das moedas nas algibeiras do casaco fez com que estas se transformassem em pêndulos que me batiam de encontro às pernas enquanto caminhava.

Atrás de mim podia ouvir os sons vindos de uma máquina, e um pequeno estalido, enquanto voltavam a cair mais moedas de dez cêntimos na concha metálica. Um momento depois, ouviu-se um novo estalido, e desta vez começaram a sair moedas de vinte e cinco cêntimos.

O empregado agarrou-me pelo casaco e, empurrando-me por detrás, atirou-me de encontro a outra máquina.

E agora tu, disse ele para o outro homem. Vamos a ver as mangas do teu casaco.

As minhas? Disse o homem.

As tuas.

O que é que este tipo tem? Terá enlouquecido? Disse eu.

O homem, que se encontrava junto da máquina de vinte e cinco cêntimos começou a gingar ligeiramente transferindo todo o seu peso de um pé para o outro, alternadamente.

Nessa altura, a jovem fez menção de se ir embora dizendo:

Vou-me embora.

O empregado agarrou-a.

Um momento, minha filha.

Ela conseguiu escapar. Começavam a juntar-se pessoas em volta.

Vocês são três gatunos e vão ter o castigo que merecem.

A polícia tem um encontro marcado com vocês, disse o empregado.

Comigo não, disse-lhe eu.

Ele moveu o ombro direito. Alguma coisa me bateu no lado direito do queixo. O murro fez-me estremecer dos pés à cabeça.

Experimenta essa, espertalhão, disse ele.

Os meus olhos viam os objectos desfocados; mesmo assim, atirei-me de encontro a ele com os braços no ar. Acertei-lhe com a mão esquerda na cara. A direita acertou-lhe na testa, e em seguida fui sacudido por um autêntico coice. Caí de costas contra as máquinas e senti-me como se um edifício de dez andares se tivesse desmoronado em cima de mim.

Com uns olhos que teimavam em mostrar-me imagens duplas e desfocadas, procurei o que acontecera. Vi o empregado atirar uma direita rápida, e os ombros do outro homem desviarem-se do golpe. Ouvi um som cavo como se um carnicheiro tivesse cortado uma perna de um cabrito em cima

do balcão de madeira. A cabeça do empregado levantou autenticamente voo. Os seus pés ergueram-se do sobrado. Por momentos, parecia que o empregado ia subir como um foguete, e procurei ver se ele saía pelo teto.

Fez estremecer toda a fileira de máquinas ao bater de encontro a estas.

Ouvi o apito de um polícia, e em seguida um homenzarrão agarrou-me por um braço. Andou comigo às voltas e eu tentei libertar-me.

No meu estado de semi-inconsciência, chegou até mim a voz de um homem:

Este é um deles. Há já duas semanas que lhe andávamos com os olhos em cima. Praticamente, limparam a casa.

Deve ser uma quadrilha.

Vamos embora, disse o polícia. Uma mão enorme agarrou-me pelo casaco e puxou-me. Procurei falar, mas não conseguia fazer com que as palavras saíssem direitas. A jovem que tinha estado a jogar e o homem que tinha dado o murro no empregado tinham já desaparecido. O empregado encontrava-se ainda no chão. As suas pálpebras mexiam e podiam ver-se as meninas dos olhos.

Muitas caras à nossa volta, num círculo de atónita curiosidade.

A mão do polícia puxava com dureza pelo meu casaco.

Respirei fundo e consegui começar a falar, mas as palavras pareciam-me estranhas, como se

estivesse a ouvir outra pessoa a falar, a dizer algumas das coisas que eu pretendia dizer.

Sou de Los Angeles. Encontro-me em Las Vegas ainda não há uma hora. Cheguei no avião de Salt Lake. Nunca vi esta casa. Joguei um dólar de moedas naquela máquina e consegui o “pote” com a última moeda.

Fez-se silêncio. Gradualmente, as minhas ideias começavam a aclarar. O homem, que me estava a agarrar, olhou para um recém-chegado como se este fosse ou pudesse ser o gerente da casa. Este afirmou:

Isso é aldrabice. Estes gatunos têm sempre um álibi preparado.

Mas, a sua voz não tinha aquele tom de segurança que deveria ter.

O empregado que estava estendido no chão começou a mexer-se, encostou-se a um cotovelo, e olhou na nossa direcção com olhos vidrados.

O gerente curvou-se junto dele.

Ouve lá, Louie, é preciso termos a certeza. Já estás bom?

O empregado balbuciou qualquer coisa.

Olha bem, Louie, temos de ter a certeza. Este é um deles? É este o tal tipo?

O gerente apontou para mim.

O empregado ainda «grog» respondeu:

É ele mesmo. É o chefe da quadrilha. Trabalham no sistema do arame. Já os tinha visto.

Este é o chefe. Os outros vieram primeiro e prepararam a coisa.

Vamos embora, disse o polícia para mim. Vamos dar uma volta.

Nesta altura, já tinha as ideias todas nos seus lugares.

Isto vai custar dinheiro a alguém.

Muito bem, que custe dinheiro. Vamos dar um passeio de automóvel. Quero mostrar-te a nossa cidade. Tendo vindo no avião da tarde, como disseste, ainda não tiveste, com certeza, possibilidade de ver a cidade.

A manápula do polícia agarrou-me novamente pelo casaco e começou a empurrar-me em direcção à saída.

O gerente disse nessa altura:

Um momento, Bill, e depois para mim: Como é que se chama?

Lam. Donald Lam. Trabalho em Los Angeles.

Que espécie de trabalho?

Aí está uma coisa que não estou interessado em dizer.

Riram-se todos.

Dirigi-me ao polícia:

Na carteira que está na algibeira interior do lado direito encontrará um cartão, mas não o leia em voz alta.

O polícia tirou a carteira do meu bolso, abriu-a, e ficou a olhar para o meu bilhete de identidade de detective particular.

A sua expressão tornou-se logo séria. Mostrou a carteira ao gerente. Vi que a expressão do gerente mudava imediatamente.

O senhor diz que veio no avião de Salt Lake?
É verdade.

As caras curiosas desapareceram da nossa frente e aproximaram-se por detrás de nós como se fossem gotas de orvalho.

O gerente agarrou num telefone, marcou um número e falou pelo bocal:

Chegou algum indivíduo com o nome de Donald Lam no avião de Salt Lake de hoje? ... Chegou? ... Um homem de vinte e tantos anos, feições regulares, cabelo solto, com cerca de sessenta e quatro quilos e um metro e sessenta e quatro de altura... Oh, diabo!... Bem, obrigado.

Desligou o telefone e disse para o polícia:
Trá-lo para cima, Bill.

Abriu uma porta. Subimos umas escadas e entramos num escritório com uma temperatura mais fresca, que tinha amplas janelas sobre a rua principal da cidade, cuja actividade estava a aumentar constantemente. Sentámo-nos os três. O gerente agarrou num telefone e disse:

O Louie que venha já cá acima.

Desligou o telefone, e quase imediatamente ouvi passos na escada, depois a porta abriu-se, e o empregado, ainda com um ar aparvalhado, entrou no escritório.

Olha bem para este senhor, disse o gerente.

O empregado olhou para mim.

É o tal tipo que eles chamaram para fazer a limpeza.

Isto quer dizer que é o cérebro da quadrilha. Estava a fazer batota na máquina.

Como é que sabes?

Podia ver-se pela maneira como se encostava de encontro à máquina.

Viste algum arame?

Bem, não. Mas, estava com os outros dois e a falar com a rapariga.

Onde é que estão os outros dois?

O empregado piscou os olhos e começou a virar a cabeça.

Depois, parou rapidamente como se alguma coisa o tivesse magoado ao tentar virar o pescoço.

Fugiram.

O gerente, impaciente:

Que diabo? Eu contratei-o por você ter dito que era capaz de tratar destes assuntos. Você disse conhecer todos os truques e todas as quadrilhas.

O empregado estava, nessa altura, a tentar aclarar as ideias.

O outro tipo é «boxeur». A princípio, não o conheci.

Depois quando me deu aquele murro, reconheci o estilo.

Chama-se Sid Jannix. Em tempos, chegou a disputar o campeonato, mas foi ludibriado. É um bom “boxeur”, mesmo muito bom.

Olhou para o polícia, depois para mim e acrescentou:

Este é o cérebro, mas para mim é novo no negócio.

Não há dúvida de que esta é uma boa altura de dizê-lo retorquiui o gerente. Porque é que não agarrou os arames ou as taças, de modo a ter alguma prova?

O empregado manteve-se em silêncio.

Era isso que você tentava fazer quando me agarrou nos pulsos e me apalpou os braços? perguntei-lhe.

A cara do gerente estava cada vez mais sombria. O empregado não disse nada.

Passados uns momentos, o gerente disse desgostoso:

Oh, Louie, põe-te a mexer.

O empregado saiu sem ter dito palavra.

O gerente voltou-se para mim.

Bem, isto está mau.

Para si.

Para um de nós, confessou. Já estou tão enterrado, que agora não desisto. O melhor é falar-me de si.

O que quer saber a meu respeito?

Quem é, o que faz em Las Vegas e como é que eu hei-de ter a certeza de que isto tudo não é truque.

O que é que não é truque?

O jogo todo. Você não conseguirá livrar-se de mim sem contar ao tribunal a história da sua vida, de modo que o melhor que tem a fazer é contá-la já.

Sou detective particular. Encontro-me aqui em serviço.

Sou empregado da Agência de Detectives B. Cool. Bertha Cool e um cliente encontram-se neste momento no Hotel Sal Sagev. Se quiser pode telefonar-lhe. Bertha Cool esteve vários meses num sanatório. Saiu hoje, pela primeira vez.

Eu tenho estado a dirigir o escritório em Los Angeles. Encontro-me em Las Vegas para tentar descobrir certa pessoa.

Essa pessoa não estava em casa quando a procurei. Resolvi matar o tempo vindo jogar nas máquinas automáticas.

Os outros tentaram interromper-me. Eu continuei:

Gastei um dólar sem ter visto uma única moeda.

O último níquel deu-me duas laranjas. Com as moedas que ganhei consegui um «pote». Nunca tinha visto o outro casal, e nada sei acerca dessa história de quadrilhas das máquinas.

Estou a dizer-lhes tudo isto porque não pretendo que levem o caso para tribunal e digam que eu não cooperei, não vos dando a conhecer todas as informações. Agora é a vossa vez.

O gerente olhou para mim durante uns momentos, em seguida agarrou novamente no telefone, e respondeu:

Vou ver se se trata de “bluff”.

À vontade.

Pediu ligação para o Hotel Sal Sagev.

Os senhores têm aí uma hóspede com o nome de Bertha Cool? Perguntou. Exactamente, de Los Angeles. Liguem-me para ela.

Segurou no telefone por um momento e, subitamente, disse para o polícia:

O melhor é tornar isto oficial, para o caso...

Hum, hum, respondeu-lhe o polícia.

Os seus dedos grossos agarraram no telefone. Olhando-se-lhe para a cara, poderia adivinhar-se quando é que Bertha atenderia do outro lado.

Aqui fala o tenente William Kleinsmidt, da Polícia de Las Vegas. A senhora tem a trabalhar para si um homem cujo primeiro nome é Donald? ... Muito bem... Qual é o último nome? ... E se mo descrevesse?

Segurando o telefone olhou para mim como para verificar a descrição. Em determinado momento sorriu-se, e tive a certeza que a descrição de Bertha teria aquele picante inconfundível que caracterizava todas as suas afirmações.

E a senhora dirige uma agência de detectives em Los Angeles? Bem, muito obrigado, Sra. Cool... Não, não fez nada. Estava apenas a verificar umas coisas, é tudo... Bem, um momento. Não desligue.

Tapou o bocal do telefone, olhou para o gerente e declarou:

Está tudo certo. Pretende falar com ele.

O gerente suspirou fundo.

Dá-lhe o telefone.

O agente passou-me o telefone. O bocal estava quente e túmido no ponto em que a sua mão lhe tinha tocado.

- Alô.

Bertha do outro lado:

Que diabo fez você?

Nada.

Vá para o diabo!

Consegui saber umas **coisas**.

Falou com ela?

- Não.

Bem, assim não vamos conseguir nenhum bônus.

Bem sei. Mas ela não estava em casa.

E que diabo é que tem estado a fazer?

Fui ver as outras pessoas. Depois, fui a casa dela. Tinha saído. Em seguida, passei por um casino e, enquanto esperava, comecei a jogar numa máquina de moedas.

O quê? berrou Bertha, do outro lado.

Joguei numa máquina automática.

E posso perguntar, para quê?

Porque a pessoa que eu procuro costuma andar em volta dessas máquinas nesta casa.

Ouçá-me com atenção, Donald Lam, gritou Bertha.

Não é preciso que vá jogar para encontrar uma mulher.

Consigo passar-se sempre... Subitamente a sua voz mudou de tom. Quanto é que jogou?

Dezanove níqueis sem ganhar um sequer. Nem...

Bertha interrompeu-me.

Ora, ainda bem. Agora não tente meter isso na conta das despesas. Sempre que for jogar, é por sua conta. Não estou interessada nessas coisas. Você é...

E depois interrompi, ganhei três níqueis com a última moeda.

E naturalmente gastou imediatamente esses três níqueis disse Bertha, sarcasticamente.

E o último níquel deu-me um “pote” acrescentei.

Fez-se silêncio. Depois, veio até a mim a voz aveludada de Bertha.

Quanto é que ganhou, meu caro?

Não sei, porque nessa altura entrou a polícia em ação.

Dizem eles que eu estava a fazer aldrabice na máquina.

Ouçá-me bem, Donald. Já era tempo de pensar um pouco. Se não consegue ter cabeça suficiente para não se deixar prender, está despedido. Não vê que temos de trabalhar rapidamente?

Está bem, respondi-lhe, e desliguei.

O gerente olhou para o tenente.

Que descrição fez ela, Bill?

Diz ela que é uma espécie de pequeno embrulho de dinamite, com os nervos de um pugilista e um murro que não seria capaz de espantar uma mosca, mas que está sempre a tentar fazê-lo.

O gerente suspirou fundo, um suspiro que parecia ter vindo de dentro das botas.

Muito bem, Lam, quanto?

Por quê?

Por tudo. Para ficarmos liquidados.

Não estou bem a ver quanto é que isto custará.

Você está doido. Naturalmente trabalha aí por dez dólares por dia. Cinquenta dólares já paga tudo. Você...

Ouviu o que Bertha disse ao tenente, não ouviu?

Bem, cem dólares, em contas redondas.

Levantei-me e alisei as roupas. Os níqueis que se encontravam nos bolsos do casaco arrepanhavam a fazenda.

Como é que se chama? perguntei.

Harvey Breckenridge. É preciso que compreenda, Lam, que nisto tudo, nada há de pessoal. Quando se tem uma casa como esta, temos de lidar com...

Estendi-lhe a minha mão direita.

Muito bem, Sr. Breckenridge, não vamos ficar zangados.

No fim de contas, é apenas tudo uma questão de negócio.

Farei com que o meu advogado entre em contacto com o seu.

Ouçã aqui, Lam, sejamos razoáveis. Existem pantomineiros que dão a volta ao país roubando nas máquinas automáticas.

Custam-nos milhares de dólares, todos os anos.

Estamos sempre a preparar-lhes armadilhas, mas eles são bastante difíceis de agarrar. Louie, aquele meu empregado, apareceu-me há cerca de uma semana a pedir-me trabalho.

Foi campeão de box na marinha, e por consequência fazia-me um certo jeito com os seus punhos. Perdeu simplesmente a cabeça. Suponho que o *rapaz* gosta de distribuir umas estaladas, de vez em quando. Bem, porque é que não havemos de ser razoáveis e...

Eu é que tenho sido razoável, respondi-lhe. O senhor é que não o tem sido. Fui ridicularizado, fui humilhado.

E não foi só isso, mas ainda por cima falaram com o meu patrão e obrigaram-me a explicar-lhe as circunstâncias.

É possível que...

Bem, que diabo, leva quinhentos dólares em dinheiro, assina um recibo e fica tudo liquidado.

Bem, no fim de contas é tudo uma questão de negócio e dirigi-me para a saída.

O gerente do casino nada disse.

Junto da porta, virei-me.

Compreenda-me bem. Breckenridge, não estou a tentar aproveitar-me da situação. Se não estivesse a trabalhar num caso que é bastante importante, não me teria feito tanta diferença. Mas, o senhor perguntou-me o meu nome na frente de toda aquela gente.

Isso em nada o prejudicou.

A rapariga que estava a jogar na máquina de dez cêntimos era a pessoa que eu andava a seguir. Agora vai-me ser bastante difícil conseguir alguma coisa dela.

Oh, diabo, disse o gerente, com mais pesar na voz do que as lamentações que eu ouvi quando os republicanos perderam as eleições. O melhor é voltar para trás e sentar-se.

Sentei-me novamente. O tenente olhava para mim fixamente.

Dirigi-me a Breckenridge:

A polícia também está envolvida nisto.

O que é que você quer dizer com isso? Perguntou o tenente.

Estou a falar de si.

O diabo é que está. Não lhe pago nem um cêntimo.

De qualquer modo você está envolvido.

Eu seguia simplesmente as instruções, disse o tenente.

Quais?

As do gerente, e apontou para Breckenridge.

Quanto, Lam? Perguntou o gerente.

Dez mil dólares ou nada. Preferia que fosse nada.

Olharam ambos para mim.

É possível que tenha de ficar em Las Vegas durante algum tempo. É também possível que precise de alguma cooperação. Vocês tornaram-me as coisas difíceis quando estava justamente a começar. Pretendo que compreendam este ponto. Mais tarde poderão compensar-me. É isto tudo o que desejo.

Breckenridge tinha uma expressão de jogador de “poker”.

Está a brincar com a gente?

Não. Estou a ser sincero.

Breckenridge puxou a cadeira para trás e estendeu a mão por cima da secretária:

Aperte esses ossos, Lam. Você é, na verdade, um tipo fixe.

Apertamos as mãos. Quando Breckenridge me largou a mão, tinha a grande manácula do tenente na minha frente.

Apertei-a também. Estava quente e húmida, e sentia-se nela uma força *capaz*, de esmigalhar ossos.

O que é que pretende, em resumo? Perguntou Breckenridge.

Em primeiro lugar, quero falar com Louie. Pretendo indagar tudo o que sabe acerca da rapariga que estava a jogar nas máquinas de moedas.

Breckenridge respondeu:

Pessoalmente, penso que Louie é uma autêntica nulidade. Apareceu aqui, vindo de S. Francisco, tendo-me contado a maneira como tinha trabalhado em várias estâncias balneares, e que sabia tudo acerca das quadrilhas que operavam nas máquinas automáticas. Evidentemente, sabia como utilizar os punhos, quando estava na marinha. Esse é, na verdade, o seu defeito. Os murros devem ter-lhe deslocado os miolos.

Apalpei a minha cara.

Não há dúvida que tem um bom murro, confessei.

Riram-se ambos.

O gerente agarrou no telefone interno.

Louie que venha cá acima.

O tenente falou então:

Encontramos muitas vezes detectives como o senhor que não querem cooperar. Não costumamos perder muito tempo com eles. Você é diferente. Se quiser alguma coisa, é só dizer.

Louie voltou a entrar.

Louie, este senhor pertence à casa. Dá-lhe tudo o que quiser. Tudo o que tomar é por nossa conta. Para ti, é o dono do estabelecimento.

Pude descortinar surpresa nos olhos de Louie.

Levantei-me.

Obrigado. Agora vou ter uma conversa com Louie.

O empregado olhou para o gerente.

O senhor quer dizer tudo? Perguntou ele.

Tudo respondeu Breckenridge.

Vamos embora, disse-lhe eu. Quero ver por dentro uma máquina de jogar, e aprender como é que funcionam.

Louie começou a sentir-se mais à vontade.

Vou-lhe mostrar tudo. Não existe ninguém nestas paragens que saiba mais acerca destas máquinas do que eu.

Conheço as quadrilhas todas, e não há um só ladrão que seja capaz de me escapar. Além disso, como sei empregar as mãos, não necessito de ter muito trabalho. Quando os vejo a fazer aldrabice com uma máquina, ponho-os a dormir antes de saberem o que lhes aconteceu e...

O gerente tossiu, de modo sarcástico e significativo.

Louie calou-se imediatamente.

Vamos embora, e puxei-o em direcção à porta. Olhei por cima do ombro. Breckenridge piscou-me o olho solenemente, e com o dedo junto da cabeça fez pequenos círculos.

Tem alguma máquina que eu possa ver por dentro? Perguntei a Louie. Quero desmanchá-la. São cinco e um quarto. Só disponho de meia hora.

Tenho sim. Lá em baixo na cave, respondeu-me Louie.

Muito bem, vamos lá então à cave.

Descemos as escadas, atravessamos o casino até junto de uma porta nas traseiras e descemos novas escadas até à cave. Louie acendeu as luzes.

O que é que o senhor quer ver em primeiro lugar? Perguntou-me.

Como é que os ladrões tiram as moedas da máquina?

Há muitas maneiras. Fazem um buraco, aqui neste sítio, e depois enfiam pelo buraco um bocado de arame.

Assim a máquina não fecha, depois de cada jogada, e podem, portanto, continuar a puxar a alavanca até esvaziarem completamente a máquina. Ou então fazem um buraco mais abaixo, metem um arame, e puxam a alavanca que abre o «pote». Ou trazem uma pequena tigela e metem-na pela abertura de pagamento.

Começam a jogar até conseguirem o primeiro pagamento, e depois metem os dedos. Em seguida, empurram a tigela mais para cima. Isso impede que a abertura feche, e assim conseguem tirar todas as moedas que se encontram no tubo, para dentro da tigela.

Que tubo é esse? Perguntei.

Pelos vistos, não sabe nada a respeito destas máquinas, não é verdade?

Não sei nada.

Olhou para mim, e deve-se ter sentido como que envergonhado.

Pelos vistos, enganei-me. Não está zangado com o soco que lhe dei, pois não?

A minha cara é que está um pouco zangada, mas eu nem por isso.

Você é um tipo fixe, não há dúvida. Olhe, vou mostrar-lhe uma máquina que está aqui.

Louie apontou para uma banca de trabalho. Em cima desta encontrava-se uma máquina automática. Em poucos momentos, tirou-lhe a parte de trás, desapertou alguns parafusos e tirou para fora o mecanismo.

Ora, aqui está.

Como é que funciona? perguntei-lhe.

Muito simples. Mete-se a moeda. A moeda faz com que esta pequena alavanca venha para trás. Em seguida, o cliente puxa o manipulo. Isso faz com que os discos comecem a rodar. Aqui neste sítio está um mecanismo de relojoaria, que anda também à roda, e quando chega ao primeiro ressalto, pára o primeiro disco. Em seguida, pouco depois, pára o segundo disco, e depois o terceiro. Bem, uma máquina destas dá sempre cinco estalidos. Os primeiros três são os discos. O quarto estalido é o fecho de segurança da máquina, e o quinto é o fecho de segurança dos pagamentos. Se não se ouvirem esses cinco estalidos, a máquina está avariada, compreende?

Olhei para os três discos, tendo pintados os diversos desenhos, uns por cima dos outros.

Estes desenhos não querem dizer nada, disse Louie.

Começa tudo naqueles ressaltos que estão ali atrás. Como vê, esta alavanca esbarra no primeiro ressalto do primeiro disco, depois o segundo, e depois o terceiro. São os ressaltos que contam e os ressaltos estão da parte de trás.

E este tubo?

Este tubo está sempre cheio de moedas. Depois de estar cheio, as moedas que sobram vão para o “pote” e depois para o reservatório das moedas, no fundo da máquina. Como vê, a máquina tem dois «potes». Depois do primeiro ter feito o pagamento, o segundo fica em posição de pagamento e as moedas começam novamente a entrar para o primeiro.

Então, desde que os discos tenham começado a andar à roda, o mecanismo de relojoaria na parte de trás determina o momento em que estes vão parar?

Exactamente. É tudo uma questão de determinação do momento. É o que se passa com tudo: no golfe, no “base-ball”, no ténis, no boxe... em tudo.

Continuei a estudar o mecanismo.

Louie prosseguiu:

O momento exato? Foi assim que eu venci o campeonato de boxe na Marinha.

Começou a dançar no meio da casa, esquivando a cabeça para baixo e para cima, com o ombro esquerdo levantado a encobrir a cara e começou a desferir socos contra um adversário imaginário, esquivando-se e andando à volta, dançando ligeiramente nas pontas dos pés, as solas dos sapatos fazendo um ruído peculiar ao arrastarem-se sobre o chão de cimento.

Deixei-o andar, porque pretendia estudar a máquina à minha vontade.

Ora, veja, chamou-me.

Olhei.

Ele avança para mim com uma dupla esquerda, assim, está a ver? E Louie lançou a sua esquerda. Está a ver? Perguntou ansiosamente, parando e olhando para mim por cima do ombro, com o braço esquerdo ainda estendido.

Estou a ver, estou, mas voltemos...

Ora bem, à terceira vez eu já estou à espera. Defendo-me com a luva. E o que é que acontece? O tipo tinha pensado que eu ia fazer isso mesmo. A sua direita aparece como um verdadeiro pilão. Consigo esquivar e...

Acabe lá com isso!

Mas, Louie começou novamente a dançar, em volta da cave, os seus pés levantando uma contínua nuvem de poeira.

Não era possível interrompê-lo. Estava no ringue e eu não conseguiria tirá-lo de lá. Desisti e esperei pelo fim do combate.

Louie terminou mesmo na minha frente.

Ora venha até aqui. Vou mostrar-lhe. Esteja descansado que não "lhe acontece nada. Ponha-se em posição. Exactamente.

Agora dê-me um soco com a direita. No queixo.

Vá! Não tenha medo. Com toda a força.

Tenho a impressão de que não era capaz, disse-lhe eu.

Não diga isso, replicou Louie modestamente. É fácil.

Aquele murro que você levou lá em cima parece que não lhe fez mal nenhum.

O brilho de animação que se notava nos seus olhos desapareceu, deixando-o como se fora apenas um saco.

Bem, tratava-se de Sid Jannix. Vi-o uma vez combater.

É bom... Bastante bom. Mas não é exageradamente bom.

Poderia tê-lo apanhado se soubesse quem era, mais cedo.

Mas, bem sabe como estas coisas são. Neste negócio, uma pessoa por vezes torna-se descuidada. De tal modo que nunca pode falhar um murro. Por isso procuro pôr-me em posição para acertar exactamente onde pretendo. Ora contra Sid Jannix não se podem fazer tais preparativos. É impossível preparar um murro contra um tipo que está nas pontas dos pés. Sid Jannix nada mais fez do que

colocar o punho à frente da minha cara. Agora vou mostrar-lhe uma coisa. Você não faz os movimentos bem. Dá os murros só com os braços.

Ora isso não é assim. Tem que levar o corpo atrás dos braços.

Ora, veja como é.

Eu queria era ver esta máquina.

Está bem, está bem. Eu não estava a querer maçá-lo.

Pretendia apenas ensinar-lhe qualquer coisa, nada mais.

Obrigado, respondi.

Que mais pretende saber acerca das máquinas?

Quais são as probabilidades de se ganhar. Bastante boas. Evidentemente, se o senhor meter cem dólares em moedas, umas atrás das outras, provavelmente apenas conseguiria receber quarenta dólares. Os outros sessenta representam o lucro da casa. Mas, ao arriscar esses cem dólares, era possível que metesse cinco dólares na máquina sem conseguir recuperar mais que cinquenta centimos. Mas também era possível que jogasse esses cinquenta centimos, e conseguisse retirar quatro dólares... Está a ver? A coisa funciona desta maneira. Não se joga nas máquinas de moedas do mesmo modo que se joga na Bolsa, lançando nesta uma grande porção de dinheiro. O cliente chega junto da máquina e tenta a sorte com algumas moedas. Num restaurante, se têm algum troco em

níquel, metem dez ou quinze cêntimos nas máquinas. É possível também que se entusiasmem e tirem todas as moedas dos bolsos e as metam na máquina. Conseguem alguns pagamentos, e voltam a meter na máquina as moedas que ganharam. É essa a razão por que nos restaurantes as máquinas de moedas oferecem muito menos probabilidades de ganhar. Os donos dos restaurantes não têm necessidade de deixar o cliente ganhar. Aqui, julgamos ser boa propaganda as moedas a tilintarem na concha de pagamentos, de vez em quando; mas não podemos dizer que estamos dispostos a ser generosos.

Como é que se diminuem as probabilidades de ganhar?

Louie apontou para uma volumosa peça metálica aparafusada a um dos dentes da roda dentada.

Está a ver aquele rolete no primeiro disco?

Acenei com a cabeça.

Bem, aquilo é um rolete. Está encaixado de maneira a corresponder com uma das laranjas. Como vê existem três laranjas no primeiro disco, quatro no segundo e seis no terceiro.

O cliente sente-se bem disposto ao ver isso. Como vê a máquina pára justamente nessa ordem. Um, dois, três.

Suponhamos agora que a pessoa que está a jogar consegue uma laranja no primeiro disco, e uma laranja no segundo disco. Tem tempo para

pensar um pouco antes do terceiro disco parar, e se é uma laranja, o cliente julga que a conseguiu simplesmente porque estava a pensar nela. É essa a razão por que existem tantas laranjas no terceiro disco. Seis laranjas num total de vinte posições. Está a compreender? Existem vinte figuras em cada disco. Bem, com seis laranjas no terceiro disco, existe aproximadamente uma probabilidade em cada três de que o disco parará numa laranja, depois de conseguidas as primeiras duas laranjas. O difícil está na primeira parte.

Conseguir as duas primeiras laranjas.

Nesta altura é que o rolete entra em jogo. Já lhe aconteceu alguma vez jogar numa máquina e subitamente ver como que, uma das figuras de pagamento, a hesitar defronte da abertura, e depois passar à frente, e a máquina fechar a segurança com um grande estalido na figura seguinte?

Pois bem, quando isso acontece, quer dizer que foi “enrolado”.

Veja, por exemplo, esta máquina. Existem três laranjas no primeiro disco. Isto quer dizer que existe aproximadamente uma probabilidade em sete do cliente conseguir a primeira laranja. Muito bem, agora colocamos o rolete neste dente correspondente à laranja, e isso quer dizer que ficam só duas laranjas. Está a ver? Duas laranjas em vinte figuras. Por consequência a probabilidade é apenas de um para dez. Possivelmente o senhor pensa que não há diferença entre uma

probabilidade em sete para uma em dez; mas quando uma máquina está permanentemente a trabalhar não há dúvida nenhuma que o resultado vai encontrar-se na caixa das moedas.

Voltei a olhar atentamente para a máquina.

Como é que fazem batota?

Trazem sempre uma pequena broca e com esta fazem um buraco, aqui neste sítio. Vê? Agora está a ver aqueles parafusos? Pois bem, os gatunos tapam o buraco que fizeram com uma cabeça de parafuso falsa. Assim se um empregado olhar para a máquina não nota nada de extraordinário.

Normalmente nenhum empregado se dá ao trabalho de contar as cabeças de parafusos que existem numa máquina. Portanto, uma a mais, ninguém nota.

E depois? Perguntei.

Depois de terem a máquina já com o furo, e este disfarçado, voltam noutro dia. Normalmente a quadrilha compõe-se de três ou quatro. Faz sempre parte da quadrilha uma rapariga bonita. Fingem que já têm uns copos a mais, e que estão a divertir-se imenso. Interessam-se todos pelo jogo e juntam-se em volta da máquina. Então tiram o parafuso falso e enfiam pelo buraco um bocado de arame rijo, com uma pequena volta na ponta, e andam com o arame de roda. Ora muito bem. Se o buraco for feito no sítio exato, quando andam com o arame à roda este empurra aquela pequena alavanca para trás, e,

assim, podem continuar a jogar sem meterem nenhuma moeda.

Você falou numa tigela.

Oh, isso é outra coisa. A tigela é metida pela abertura dos pagamentos, até junto do mecanismo de pagamento.

Quando aquelas pequenas alavancas libertam umas quantas moedas, os gatunos metem a pequena tigela pela abertura e esta impede as alavancas de voltarem a fechar. Então começam a sair moedas até o tubo estar completamente vazio.

Vocês também têm as máquinas viciadas? perguntei.

Com certeza. Especialmente as que se encontram mais próximo da porta. Compreende porquê? Presumimos que o cliente que apenas mete algumas moedas, quatro ou cinco moedas, é uma pessoa de passagem e que se vai embora depois de perder essas moedas. Joga por jogar. Talvez um turista que pretende dizer que já esteve no Ocidente, aquela terra de selvagens onde o jogo é permitido às claras. Está a compreender?

Mas por que não deixam esses ganharem de vez em quando? Julgo que não seria uma isca muito má.

Nada disso, respondeu Louie.

A percentagem é contra a casa. Esses clientes apenas têm quatro ou cinco moedas, na algibeira para perderem.

Não vão com certeza trocar notas de cinquenta centimos ou de um dólar em moedas de níquel. Vão jogar apenas com os trocos que têm. Muito bem, então deixamos que ganhem algumas cerejas e por vezes três laranjas. Mas os prêmios grandes estão todos viciados. Não há qualquer espécie de vantagem em deixar um tipo ganhar cinco dólares num “pote” se o limite que o mesmo cliente permite à casa ganhar é vinte centimos. Está a ver?

Acenei com a cabeça.

Bem, nas máquinas da parte de trás não viciamos tanto. Os indivíduos que vão até lá atrás são os viciosos.

Têm uma paixão pelas máquinas de moedas, tal como acontece com o vício de beber ou qualquer outro. Julgam sempre que a outra máquina que está a seguir é melhor. Pois são na verdade melhores. Têm mais probabilidades de ganhar naquelas máquinas. Isso faz com que voltem sempre.

Está a compreender? Suponha, por exemplo, que um cliente começa por um lado da fila das máquinas. Pois bem, temos quatro ou cinco máquinas de níquel, depois uma máquina de dez centimos, a seguir outra vez uma máquina de níquel, depois uma máquina de vinte centimos, depois uma máquina de dois níqueis, e outra máquina de vinte centimos.

Pois bem. Na altura em que chega ao fim da fileira, já nos deu bom lucro. Porque essas primeiras

máquinas estão de tal modo viciadas que não poderá ganhar prémios grandes.

Por consequência que é que nos interessa se lhe dermos uma oportunidade decente na última máquina? Talvez o cliente consiga tirar um «pote» e depois resolva meter as moedas na algibeira, indo-se embora. Mas nós não nos preocupamos.

O cliente é sem dúvida um viciado. E no dia seguinte cá estará caído. E no próximo dia, e no seguinte. Foi essa a razão pela qual julguei que o senhor fizesse parte da quadrilha quando conseguiu tirar o “pote” naquela máquina de níquel, próximo da entrada. As figuras que dão o «pote» são as barras.

Normalmente existem duas barras no primeiro disco. Isso dá uma probabilidade de um para dez. Em seguida o segundo disco tem uma barra e o terceiro disco tem também uma barra. Está a ver? Uma probabilidade em cada vinte em cada um dos dois discos. Agora veja bem. Naquela máquina de níquel tínhamos metido um rolete numa das barras do primeiro disco. Por consequência, veja quais as probabilidades que o senhor tinha de conseguir um «pote». Pensei imediatamente que você estava a fazer gatinice.

E a rapariga? Perguntei.

A rapariga era a isca.

Como é que soube?

Como é que uma pessoa sabe qualquer coisa?

Há quanto tempo é que ela vinha cá?

Há cerca de dez ou quinze dias. Desde então tem jogado nas máquinas de moedas. A princípio jogava lícitamente.

Foi nessa ocasião que me apanhou. Na verdade, fez de mim parvo. Jogava nas máquinas e depois dela sair eu ia ver como aquelas *se* encontravam, e não havia nada de extraordinário. Bem, enganou-me na verdade. Depois de eu estar certo de que ela era uma pessoa decente, começou a abrir os buraquinhos nas máquinas. Há já vários dias que vinha roubando dinheiro, e em seguida apareceu com o seu rapaz para a grande limpeza de hoje. Estavam na disposição de secar completamente as máquinas. E se não fosse o senhor ter conseguido aquele «pote» na máquina que estava viciada, não teria dado por isso.

De onde é que você veio?

Inicialmente, de Nova Orleans. Mas, cheguei a Las Vegas vindo de S. Francisco. Observei as máquinas e verifiquei que cerca de metade destas tinham buracos disfarçados.

Fui ter com Harvey Breckenridge e disse-lhe que estava a ser parvo, que os gatunos lhe estavam a entrar em casa. Depois de ter falado com ele e de lhe ter mostrado as máquinas encarregou-me de tomar conta da casa. Disse-lhe que conhecia todas as quadrilhas que estavam a trabalhar nesta especialidade. E na verdade, conhecia. Contudo desconhecia que Sid Jannix se tinha dedicado a esta profissão, e a rapariga também é nova para mim.

Mas todos os outros, são meus conhecidos. De resto, com certeza percebe por que razão aqui, em Las Vegas, as coisas não são tão más como na Califórnia.

Por que é?

Porque nos outros Estados o jogo é ilegal. Em Las Vegas é legal.

O que é que tem que ver uma coisa com a outra?

Tenha juízo. Suponha que o jogo das máquinas de moedas é ilegal e você apanha um tipo a fazer batota. Muito bem, dá-lhe um pontapé e põe-no na rua, mas não o manda prender, porque ele não está a roubar nada, e a razão por que não está a roubar é por não existirem máquinas, e a razão por que não existem máquinas é por a lei dizer que elas não podem existir. Está a ver?

Estou a ver, estou.

Quer saber mais alguma coisa?

Sabe o nome da rapariga?

Não.

Como é que ela se porta? Anda a fazer a vida?

O senhor quer dizer com homens?

Pois claro.

Pensou por um pedaço, coçou e respondeu:

Ora aí está uma coisa complicada. Como pode compreender Las Vegas é muito diferente de qualquer outro lugar. As raparigas vêm para aqui a fim de se divorciarem.

Têm de esperar para fixar residência. Não é muito tempo, quando se está a pensar em anos, mas quando se está aqui, torna-se por vezes bastante maçador. As jovens sentem-se sós e, se lhes aparece um homem atraente a fazer-lhes a corte, não se fazem muito rogadas. Não têm mais nada que fazer, e caem na rede. Na sua cidade olhariam para o homem friamente, mas aqui, pretendem alguma coisa que quebre a monotonia, e como estão a conseguir um divórcio pensam lá para si que... bem, entre duas bebidas, um pouco de batota não faz mal. Está a ver?

Estou, estou.

Assim, quando o senhor me pergunta se uma mulher está na vida, não posso dizer-lhe muita coisa, a menos que esteja bastante embrenhada, porque em Las Vegas estão todas mais ou menos. Está a ver?

Será capaz de se lembrar de alguém que tenha estado aqui com a rapariga?

Não, não me lembro. Mas, um momento. É verdade, também me lembro de uma rapariga que estive ontem com ela; aqui na casa. Um bom pedaço de mulher.

Acha que poderá dar-me uma descrição?

Era ruiva. Não me lembro da cor dos olhos, mas quando andava era toda morangos e creme, mexia-se com tanta facilidade como a geleia num prato.

Gorda? Perguntei.

Não. Ora aí está. Não era gorda. Era esguia, mas não era empertigada. Muitas mulheres fazem dieta e passam fome até um ponto tal em que as articulações ficam como que paralisadas, e ao andarem parecem pedaços de pau. Esta rapariga caminhava como se fosse feita de articulações duplas. Na verdade, notei-a muito especialmente.

Notou alguma coisa de extraordinário?

- Não.

Que idade tinha?

Talvez vinte anos.

Quantas vezes é que já estivera cá na casa?

Esteve aqui algumas vezes na companhia daquela rapariga. É verdade, ora espere. Lembro-me também de uma coisa especial que ela tinha. Nariz de coelho.

Que quer isso dizer?

O senhor sabe a maneira como o coelho mexe o nariz?

Bem, a garota tinha narinas finas, e quando se excitava um pouco, as narinas mexiam. Agora me lembro que reparei nisso. Era bastante bonita. Caramba, se ela não seria capaz de me levar.

Estendi-lhe a mão.

Obrigado, Louie.

Não por isso. E espero que não esteja zangado por causa do soco que lhe dei?

Abanei a cabeça.

Sinceramente, você é um tipo fixe. Mas acredite, não estou a procurar ensiná-lo. Estou só a

dizer-lhe. O seu pescoço não aguenta mesmo nada. Quando se está a combater, é preciso manter os músculos do pescoço de tal modo retesados que se um murro conseguir atravessar a sua guarda e tiver que o receber na cara, poderá aguentá-lo. Está a ver?

Não, e não tenho tempo para pensar nisso agora.

Mas qualquer dia hei-de cá voltar e você mostra-me como é.

A sua expressão iluminou-se.

Sinceramente? Ótimo, isso seria na verdade ótimo.

Tenho necessidade de me treinar um pouco, e gostaria de ensiná-lo. Começamos primeiro pelo velho um, dois...

Curvou-se novamente como um pugilista, e os seus pés começaram a dançar no chão.

OK disse apressadamente, voltarei um dia.

Dirigi-me para a porta da saída. O meu relógio marcava cinco minutos para as seis.

CAPÍTULO IV

Subi novamente as escadas do apartamento de Helen Franley. Tinha a cara inchada. Com as pontas dos dedos sentia um alto no lado direito do queixo, e um outro um pouco abaixo da maçã do rosto, do lado esquerdo da cara. Julgo que os altos não se notavam muito, mas doíam-me bastante.

Toquei à campainha e esperei.

Ninguém me respondeu.

Toquei novamente.

Subitamente, abriu-se a porta do apartamento do lado.

A mulher que tinha falado comigo da outra vez apareceu à porta.

Ah, é o senhor. Julgo que ela está em casa. Até julguei que você estivesse a tocar aqui à porta. O que é que se passa?

Não lhe responde?

Dê-lhe tempo. É possível que não tenha ouvido a campainha.

Qual coisa! Em minha casa oiço a campainha como se fosse a da minha porta. Até julguei que estivesse a tocar à minha campainha. Talvez...

A voz do homem ouviu-se impaciente no interior da casa:

Vê lá se saís daí da porta e deixas de bisbilhotar a vida dos outros.

Não é costume meu bisbilhotar a vida dos outros.

Não, nem por isso.

Julguei que este senhor tivesse tocado à nossa campainha e...

Sai da porta.

A porta fechou-se.

Tornei a tocar à campainha de Helen Franley.

A porta abriu-se cautelosamente, apenas alguns centímetros.

Reparei que estava colocada a corrente de segurança, que impedia a porta de abrir-se mais. Vi uns olhos frios a perscrutar-me e ouvi a sua exclamação de surpresa. Era a rapariga que estivera a jogar às moedas.

Como é que me encontrou?

Posso entrar?

Não... certamente que não... o que é que quer?

Nada tenho a ver com o que se passou no “Cactus Patch”... E é bastante importante.

Hesitou um momento, depois tirou a corrente da porta.

Estudou-me curiosamente, quando entrei.

Não ligue importância à minha cara. Vai ficar como nova.

Deram-lhe com bastante força?

Julgo que sim. Tive a sensação de que o prédio me caía em cima.

Riu-se.

Entre para aqui e sente-se.

Segui-a até a uma pequena sala. Indicou-me uma cadeira.

Sentei-me.

Não estava sentada aqui? perguntei-lhe.

Não. Estava sentada nesta cadeira.

A cadeira em que me sentei ainda estava quente.

Dá-me licença que fume?

Com certeza. Eu estava a fumar quando o senhor entrou.

Agarrou num cigarro que estava a arder num cinzeiro, próximo da sua cadeira.

Vou pôr as cartas na mesa.

Gosto de pessoas assim, respondeu-me ela.

Sou detective particular.

Empalideceu e ficou como que paralisada numa espécie de atenção cortês.

Que mal há nisso? Perguntei-lhe.

N-nada.

Não gosta de detectives particulares?

Depende do... do que procurarem.

Procuro informações acerca de uma pessoa amiga.

R-receio que não possa ajudá-lo. Eu...

Ouvi uma porta ranger. Helen Franley deitou um olhar rápido por cima de mim, depois mudou a direcção dos olhos e manteve-se silenciosa, esperando alguma coisa.

Falei sem voltar à cabeça:

Já agora o melhor que tem a fazer é juntar-se a nós, Sid.

Ouvi passos rápidos atrás de mim, e senti que estava alguém próximo da minha cadeira.

O melhor é pôr todas as cartas na mesa, disse uma voz de homem.

Todas as que lhe dizem respeito estão já na mesa.

Voltei-me e olhei então para ele. Era o mesmo homem que tinha estado a jogar nas máquinas de moedas, e notei naquele momento que tinha vestígios de uma verruga na orelha direita. Estava irrequieto... e perigoso.

Sente-se, disse-lhe eu, e junte-se a nós. Não tenho nada a esconder.

Respondeu-me:

Você apareceu no “Cactus Patch” numa altura bastante estranha. Pode ser que tenha sido pura coincidência e talvez...

Não fale tão alto. A inquilina do lado é bastante curiosa.

E eu que o diga, disse Miss Franley.

Sid Jannix sentou-se.

Nós não vamos dizer nada durante cerca de cinco minutos.

Durante esses cinco minutos, você vai fartar-se de falar.

Então, vai haver cerca de quatro minutos de silêncio respondi-lhe. Chamo-me Donald Lam. Trabalho para a Agência de Detectives B. Cool. Tento encontrar Corla Burke. Tenho razões para

pensar que Miss Franley sabe onde Corla se encontra.

Fez uma careta.

Para que quer encontrá-la?

Por causa de um cliente.

Não estará você a armar-se em esperto?

Não. Mas também não sou tão parvo que ande para aí a dizer os nomes de todos os clientes a quem quer que me pergunte.

Muito bem, Miss Franley não faz ideia onde se encontra Corla Burke, porque não conhece nenhuma Corla Burke.

Então por que é que Miss Franley lhe escreveu uma carta?

Não escreveu carta nenhuma.

Conheço pessoas que dizem que Miss Franley o fez... pessoas que estão em posição de o saber.

Devem ser malucos. Helen não escreveu carta nenhuma.

Miss Franley falou nessa altura:

Eu nem sequer sei quem é Corla Burke. É você a segunda pessoa que me fala nela.

Sid olhou rapidamente e de relance.

Quem foi a primeira?

Um engenheiro da barragem.

Os seus olhos brilharam.

Por que razão não me disseste?

Por que é que o havia de fazer? Nem sequer sabia do que ele estava a falar. Deram-lhe um número errado, com certeza.

Helen voltou-se para mim:

E presumo que foi ele que lhe deu a indicação e é essa a razão por que você está aqui.

Qual era o nome desse homem? perguntei-lhe.

Aquele que veio cá da primeira vez?

Sim.

La para responder, depois olhou para Sid Jannix e hesitou claramente.

Continua disse ele.

Não sei o nome do homem. Não mo disse.

Estás a mentir.

Helen exasperou-se.

Porque razão é que te havia de mentir, meu palerma?

Ora vejam lá, naturalmente queres saber o nome de todos os vendedores que vêm aqui à porta procurar vender um aspirador?

Sid voltou-se para mim.

Como é que teve essa ideia de que Helen teria escrito a carta?

Algumas pessoas pensam que o tenha feito.

Quem são essas pessoas?

Pessoas que comunicaram com a Agência. A Agência mandou-me cá.

Quem eram as pessoas?

Isso terá de perguntar à Agência.

Sid voltou-se para Helen Franley.

Mas tu não escreveste nenhuma carta?

Evidentemente que não.

Voltou-se para mim.

Que nome é que você me chamou... que nome foi?

Não estou a compreender.

Quando entrou, você disse qualquer coisa...

Oh, chamei-lhe Sid.

Onde é que foi buscar esse nome?

Não é esse o seu nome ?

- Não.

Desculpe o meu erro. Então, qual é?

Harry Beegam.

Desculpe.

Quem é que lhe disse que eu me chamava Sid?

Pensei que fosse esse o seu nome.

Olhou para mim desconfiado e disse lentamente:

Pois tenha atenção. O meu nome é Harry Beegam.

Os amigos tratam-me por Pug. Não gosto que me tratem por outros nomes.

Muito bem, pela minha parte, esteja descansado.

Voltou-se para Helen Franley. Nos seus olhos brilhavam luzes, pequenas luzes indo e vindo, como se fossem o reflexo do céu num lago *de* uma montanha quando o vento levanta pequenas ondas.

Se eu soubesse que tu estavas a atraindo-me disse ele, faria...

Tira da cabeça de uma vez para sempre essa ideia de que és capaz de me assustar e de que sou tua escrava.

Eu vivo a minha vida. Entre nós só existe uma sociedade, nada mais.

Ah, sim?

Foi isso mesmo que disse.

Pug voltou-se para mim.

Pretendo saber mais alguma coisa acerca desse seu cliente.

Pode perguntar isso a Bertha Cool. Está hospedada no Hotel Sal Sagev.

O tal cliente encontra-se cá na cidade?

Também terá que perguntar isso a Bertha Cool.

Parece-me que vou estar bastante interessado nesse seu cliente.

Se fosse a si não estava, pelo menos depois daquilo que Kleinsmidt me disse acerca da sua pessoa, disse-lhe eu.

Quem é Kleinsmidt?

O polícia, aquele homenzarrão que me agarrou quando as coisas deram para o torto.

Como é que aconteceu isso, de você se meter no sarilho?

Eu não me meti. Entrei no casino e ganhei um “pote”.

Você não foi tão parvo que tivesse ido fazer batota numa máquina de moedas de níquel quando

as de dez cêntimos e de vinte cêntimos estavam todas preparadas, não é verdade?

Tinha só moedas de níquel por isso as joguei, respondi-lhe.

Vi que estava a observar-me com uma expressão intrigada.

Você tirou algum parafuso falso e deixou-o fora?

Não sei nada acerca de parafusos. Só sei que meti a moeda na máquina e que não ganhei nada até que apareceram umas quantas laranjas. Na vez seguinte, apanhei um “pote”.

E depois?

Depois apareceu o empregado, e começamos a discutir.

Continue.

Depois apareceu o gerente, e o polícia. O polícia era o tenente William Kleinsmidt. Levaram-me para o escritório e viraram-me do avesso.

Encontraram alguma coisa?

Uma porção de moedas de níquel e...

Você sabe o que eu quero dizer. Arame, broca, tigelas, ou qualquer outra coisa?

A rapariga interrompeu:

Pug, parece-me que ele está fora disso.

Não estejas tão certa, respondeu Pug, sem tirar os olhos de mim. O que é que eles encontraram?

Encontraram que eu tinha chegado a Las Vegas algumas horas antes, de avião. Verificaram

que há seis meses que não vinha a Las Vegas, que sou um detective particular, que sou empregado de Bertha Cool e que Bertha Cool se encontrava no hotel esperando pelo meu relatório.

Pug olhou para mim cuidadosamente.

Não seria melhor que dissesse a verdade?

Respondi-lhe:

Kleinsmidt ficou convencido de que eu estava a contar a verdade.

Deve ser parvo.

E Breckenridge, o gerente, ficou convencido de que eu estava a dizer a verdade.

Você quer dizer que entrou por ali dentro e não sabia que as máquinas estavam preparadas?

A mulher que vive aqui ao lado disse-me que podia encontrar Helen Franley junto das máquinas de moedas no Cactus Patch.

Trocaram olhares. Pug deu um assobio.

Como é que ela sabia? perguntou a rapariga.

Disse que a tinha visto ali várias vezes, ao passar na rua.

Gostaria que ela, para quebrar a monotonia, se ocupasse da sua vida, disse Helen, com um ar feroz. Também lhe disse que Pug estava aqui, neste momento, não disse?

Acenei com a cabeça e respondi:

Não era preciso dizer-me. Já sabia que ele estava no roupeiro.

Não há dúvida que sabia, disse Pug, ironicamente.

A cadeira estava quente. Helen estava a fumar um cigarro. O seu cigarro encontrava-se no cinzeiro, próximo da outra cadeira, e costuma deixar baton no papel dos cigarros.

O cigarro que estava neste cinzeiro não tinha baton.

Oh diabo, ele é mesmo detective, disse Pug.

Afinal, dizem-me ou não o que pretendo acerca de Corla Burke?

Não sabemos nada, sinceramente, disse a rapariga.

Não sabem nada acerca dela?

Não, sinceramente. A não ser aquilo que li nos jornais.

Você leu aquilo que os jornais disseram?

- Li.

Nos jornais de Las Vegas ?

Helen olhou para Pug, depois deixou que o seu olhar se desviasse para outro lado.

Pug disse nessa altura:

O melhor é esquecer tudo. Pode ter a certeza que não vai fazer-lhe um interrogatório.

Posso ao menos fazer umas perguntas, não posso?

Não.

Julgo que os jornais de Las Vegas nada publicaram.

Os jornais de Los Angeles publicaram alguma coisa, mas não deram grande relevo. O homem com quem Corla ia casar não era uma pessoa tão

conhecida que pudesse fazer com que o assunto se tornasse de interesse geral. Foi apenas mais um caso de pessoas desaparecidas.

Muito bem, Helen diz apenas que não sabe nada desse caso.

À exceção daquilo que leu nos jornais, salientei.

Pug franziu a testa.

Ouça, amigo, você já foi longe demais, compreende?

Não. Não estou a compreender nada, respondi.

Está bem, talvez aconteça alguma coisa que lhe faça avivar a memória.

Para eu trabalhar, alguém está a pagar.

O que é que isso tem que ver com o caso ?

Quer dizer que as pessoas que contrataram a minha agência para encontrar Corla Burke estão dispostas a gastar dinheiro.

Muito bem. Que gastem dinheiro.

E, disse eu, se um tribunal de Los Angeles tivesse a ideia de que existia alguma coisa por detrás do desaparecimento, sem dúvida chamaria testemunhas.

Ótimo. Que chamem testemunhas.

A testemunha que prestar declarações perante o tribunal terá de fazê-lo sob juramento. E as mentiras que disser serão perjúrio, e você sabe bem o que isso quer dizer. Ora, acontece que estou aqui como amigo. Pode dizer-me tudo aquilo que sabe, e

eu tentarei encontrar Corla Burke. Poderia deixá-lo a você de fora, se conseguisse algum resultado.

Se você for prestar declarações num tribunal de Los Angeles, a situação pode ser diferente.

Esqueça isso. Eu não quero aparecer perante nenhum tribunal.

Acendi um cigarro.

Helen Franley interveio:

Bem, vou dizer-lhe. Eu...

Está calada, disse-lhe Pug.

Cala-te tu. Sei muito bem o que estou a fazer. Deixa-me contar-lhe.

Estás a falar demais.

Não, não estou. Nem estou a falar o suficiente. Oiça-me bem, Sr. Lam, eu sou como qualquer outra mulher. Sou curiosa. Pois bem, depois deste Sr. Dearbor... aquele engenheiro que começou a fazer-me perguntas, resolvi-me a descobrir do que é que ele estava a falar, de modo que escrevi a uma pessoa amiga em Los Angeles para conseguir recortes de jornais.

Muito bem, agora está tudo a correr melhor. E o que diziam os jornais?

Essa pessoa enviou-me os recortes dos jornais pelo correio.

Mas o que é que você conseguiu saber?

Nada que você não saiba. Soube apenas aquilo que vinha nos jornais.

Eu não li ainda os jornais respondi-lhe. Comecei a trabalhar no caso há apenas umas horas. Tem consigo os recortes dos jornais?

Estão na gaveta da secretária.

E se me deixasse vê-los?

Não pense nisso disse Pug.

Lá começa tu! Não há razão para que o sr. Lam não veja os recortes dos jornais.

Pôs-se de pé, escapou-se à mão de Pug que procurava agarrá-la, e, com andar gracioso, desapareceu pela porta do quarto, regressando passados poucos momentos com uns recortes de jornais na mão. Dei-lhes uma vista de olhos.

Tinham sido cortados de um jornal e estavam presos uns aos outros com um “clip”. Os recortes eram bastante irregulares como se a pessoa que recortara o tivesse feito apressadamente.

Pode emprestarmos por algumas horas? Perguntei.

De manhã, volto a dar-lhos.

Não, disse Pug.

Voltei a entregar os papéis à rapariga.

Não vejo por que razão os não poderá levar, Pug disse ela.

Escuta-me, filha, nós não vamos auxiliar a lei. Se essa rapariga fugiu, alguma razão tinha para o fazer. Preocupemo-nos com a nossa vida e escusamos de ter sarilhos.

Pug voltou-se para mim.

Não estou exactamente a ver o que é que quer.

O que é que está a pensar?

No caso da máquina das moedas. Há qualquer coisa de estranho em tudo isso. Você também não trabalha no ramo?

Abanei a cabeça.

Nem mesmo nas horas de folga?

Ouçá, quando se trata de máquinas de moedas, sou autenticamente uma nulidade. Há uma máquina de moedas no Golden Motto, o restaurante onde vou comer, em Los Angeles. A máquina não devia estar lá, mas como se encontra numa das salas de jantar particulares, somente os clientes usuais sabem da sua existência. Bertha Cool fica maluca pela maneira como eu atiro dinheiro fora naquela máquina.

Todas as vezes que vou comer, procuro moedas de níquel nas algibeiras. Normalmente, apenas perco quinze ou vinte cêntimos. Julgo que nunca ganhei nada naquela máquina, a não ser alguns pequenos pagamentos.

Pug afirmou:

É isso mesmo que você está a pedir. As máquinas que estão nos restaurantes estão todas viciadas. Põem roletes nos discos de modo que consigam-se duas cerejas e um sino é quase tão difícil como conseguir um «pote» ou a medalha de ouro.

Outras pessoas conseguem ganhar nela, duas ou três vezes por semana. A dona do restaurante

costuma contar-me como alguns caixeiros viajantes têm muita sorte na máquina.

Ela diz que eles ganham?

Já conseguiram um «pote» três ou quatro vezes.

Mas você nunca viu?

Não. É a mulher do restaurante que me conta. De vez em quando vem dizer-me que eles ganharam.

Pug olhou para mim com um ar condescendente.

Isso é brincadeira de crianças. Provavelmente, a dona da casa diz aos caixeiros viajantes que há um detective particular que consegue despejar sempre a máquina jogando só entre vinte e cinco centimos e meio dólar, saindo sempre cheio de dinheiro.

Helen Franley interrompeu.

Não há dúvida que você é de força.

- Porquê?

Pela maneira como enfrenta Pug. A maior parte das pessoas tem medo dele. Não há dúvida de que te entra em casa, não é verdade Pug?

- O quê?

Este homem que não te liga nenhuma.

Estás doida.

Não estava com segunda intenção, Pug.

Sim, é melhor que não o pretendas.

Helen olhou novamente para mim.

Você deve conhecer meio mundo. Sabe o que eu quero dizer, conhece muitos tipos diferentes.

Nem por isso.

O que é que vai fazer com Corla quando a encontrar?

Vou falar com ela.

Então vai dizer ao homem que estava para casar com ela?

Sorri e respondi:

Direi à minha patroa. Ela dirá ao nosso cliente. O nosso cliente utilizará a informação da maneira que lhe der na gana. Não me importa absolutamente nada o que fará.

O cliente paga a Bertha Cool, e Bertha Cool paga-me a mim.

E é tudo.

Pug entrou na conversa:

Pois é como eu te digo, minha filha. Toda a gente neste mundo anda na vida. É preciso agarrar nas coisas onde as encontramos.

Helen sorriu-se para mim.

Pug pensa que me anda a roer a consciência.

Por causa do trabalho com as máquinas de moedas?

Hum, hum.

Esquece isso, filha, disse-lhe Pug.

Helen respondeu-lhe:

As máquinas são todas desonestas. As máquinas roubam o cliente. Porque razão não havemos de roubar as máquinas?

Não é a mesma coisa que roubar, afirmou Pug.

Trata-se simplesmente de ir buscar um pouco do capital empatado pelo público... e nós somos o público, não é verdade?

Pelo que diz respeito às máquinas automáticas, não há dúvida de que somos. Os donos utilizam artimanhas mecânicas para impedirem que as máquinas façam pagamentos, e nós utilizamos artimanhas mecânicas para as fazer pagar.. Ficamos quites.

Penso que o polícia, o tenente Kleinsmidt, lhes anda a preparar uma armadilha. Ele...

Oh, claro está. Temos de desaparecer. Sempre me disseram que nunca devia tentar trabalhar em Nevada com toda a protecção que as casas de jogo tem neste Estado, mas tinha que tentar. Na Califórnia, é diferente. Veja, por exemplo, em Calermo Hot Springs. Ali é sempre possível encontrar-se onde jogar. Isso é justamente o pior de tudo. Bom jogo quer dizer concorrência. Recordo-me que uma vez tentei trabalhar numa casa imediatamente depois de uma outra quadrilha lá ter estado. Os donos tinham estado a verificar as máquinas, e quando viram que o roubo era muito pequeno, contrataram alguns detectives particulares para ver o que acontecia, e quem é que o fazia.

Helen Franley riu-se com um certo nervosismo.

Foi aí que arranjei este meu complexo de inferioridade com os detectives particulares. Quase

nos apanharam. De nada lhes teria servido, disse Pug.

Poderiam ter-nos arranjado um grande sarilho.

Podiam ter falado, admitiu Pug, mas era tudo.

Pois bem, não gosto nada disto, Pug. Era muito melhor que arranjasses outra coisa.

Oh filha, isto é bom, mesmo muito bom de dizer.

Casualmente, intervim.

Vou ter que regressar a Los Angeles.

Você está a portar-se de um modo muito estranho, nisto tudo. Não estará você a tentar pescar-nos? Perguntou Pug.

Abanei com a cabeça.

Pug franziu a testa e olhou para mim com uma expressão de suspeita. Repentinamente, virou-se para Helen.

Vai arranjar as tuas coisas.

O que é que queres dizer?

A expressão de Pug tornou-se hostil.

Há a possibilidade deste tipo estar a tentar empatar-nos enquanto a polícia nos procura. Onde é que tens as moedas?

No meu... tu bem sabes.

Oh, então vai à rua e troca-as. Se a polícia cá vier, não quero ter uma porção de moedas por aí espalhadas.

E você, camarada, o melhor é ir-se embora. Como disse, tem muito que fazer.

Gostaria de fazer mais algumas perguntas.

Pug levantou-se, aproximou-se de mim e pôs-me a mão no ombro.

Eu sei que você gostava, mas nós temos que fazer.

Estamos muito atarefados. Sabe como as coisas são.

Vê lá, Pug, não o aleijes...

Esquece isso, filha. Junta as moedas e troca-as em notas.

Este tipo vai-se embora imediatamente, e tu tens que fazer.

Os olhos de Helen estudaram Pug por uns momentos, depois dirigiram-se para mim. Sorriu-se, aproximou-se, e estendeu-me a mão.

Você é um tipo às direitas. Gosto de homens da sua força. Não há dúvida que você tem garra.

Vai-te embora. Entra lá no quarto e junta as moedas cortou Pug.

Cá vou.

Pug levou-me em direcção à porta.

Adeus, disse eu a Helene obrigado. Onde é que poderei encontrá-la, se quiser entrar em contacto consigo?

Foi Pug que respondeu à pergunta, e a sua expressão era bastante fria.

Isso, meu caro, era o que eu estava para lhe dizer depois de sair, mas assim como assim posso dizer-lho já.

Não pode.

Não pode, o quê?

Não pode vê-la.

Porquê?

Por duas razões. A primeira é porque você não saberá onde ela está, e a segunda é porque eu não quero. Está a ver?

Helen interveio:

Pug, não te ponhas assim.

Vamos embora, disse Pug e agarrou-me por um cotovelo.

Empurrou-me com gentileza, mas com insistência.

Por cima do ombro, disse para ela:

Vai lá para o quarto e despacha-te.

Pug abriu a porta.

Adeus, meu caro. Tive prazer em conhecê-lo, mas não torne a aparecer. Adeus.

A porta fechou-se.

Olhei para a porta da casa do lado e vi uma pequena frecha de luz por baixo da porta.

Nas pontas dos pés desci as escadas.

Segui ao longo do passeio e meti-me no vão de uma escada, a observar a rua, e esperei. As luzes já estavam acesas.

Passado um bocado, vi Helen Franley caminhando pelo passeio, com um pequeno embrulho que chamaria a atenção em qualquer parte.

Segui atrás da rapariga.

Esta entrou num dos casinos, e começou a jogar na roda da sorte, o tempo suficiente para se tornar familiar para os outros jogadores. Depois foi até à caixa, abriu a mala, tirou uma porção de moedas de níquel e outras moedas, e trocou-as em notas. Saiu, atravessou a rua, entrou noutra casino e repetiu a operação.

Quando saiu da segunda vez, estava à espera dela.

- Olá.

Nos seus olhos, notei uma ligeira expressão de medo.

O que é que você está a fazer aqui ?

Estou aqui.

Pois bem, não devem vê-lo a falar comigo.

Porque não? Tenho uma porção de perguntas que gostava de lhe fazer em particular.

Não, não, por favor, você não pode.

Porque não?

Olhou à sua volta compreensivamente.

Não compreende? Pug é muito ciumento. Tive um trabalhão dos diabos depois de você sair. Ele pensa que eu... pensa que eu fui demasiado gentil para consigo, que estava a tentar protegê-lo. Caminhei a seu lado.

Não faz mal. Caminhamos pela rua abaixo e...

Não, não, por aqui não. Olhe, vá por ali e vire à direita naquela esquina. Entre naquela rua mais escura. Meu Deus, era melhor que não se expusesse dessa maneira.

Você escreveu uma carta a Corla Burke. Por que é que o fez e o que é que dizia?

Mas, eu nunca lhe escrevi.

Tem a certeza?

Tenho.

Não lhe enviou uma carta uns dias antes de desaparecer?

- Não.

Corla era louca. Na minha opinião penso que não era daquele tipo de fazer as coisas só por impulso. Quer ver a fotografia dela?

Oh, sim. Tem alguma consigo?

Levei-a até junto de uma porta que estava iluminada e tirei as fotografias da algibeira. Estavam um pouco machucadas por causa da cena que tivera com o empregado do "Cactus Patch".

Está a ver? Tem o aspecto de ter reflexos rápidos, mas no fundo é uma pensadora.

Como é que sabe isso?

Pela expressão da cara.

Como eu gostava de saber essas coisas, disse Helen.

Você sabe. Inconscientemente toda a gente procura adivinhar o carácter de uma pessoa assim que a conhece.

Talvez conheça alguém com narinas finas e...

Pois é, mas metade das vezes engano-me. Oh, se soubesse as vezes que tenho sido enganada, só porque me abri completamente. Olho para as pessoas, e das duas uma: ou gosto delas ou não

gosto. Se gosto delas, entrego-me completamente. Ora diga-me... você chama-se Donald, não é?

É verdade.

OK. Agora oiça, Donald, temos que acabar com isto.

Pug torna-se perigoso quando está com os ciúmes, e esta noite tenho a certeza de que está nessa fase. Pela maneira como se portou quando saí, é quase certo que começa a sentir-se inquieto e procurou seguir-me. Esse é o defeito de Pug.

Não consegue ter calma. Quando se enerva, fica completamente fora de si.

Onde é que posso entrar em contacto consigo, Helen?

Não pode.

Não haverá uma maneira de a ver, alguma pessoa amiga para quem possa escrever...

Helen abanava com a cabeça.

Dei-lhe um dos meus cartões de visita.

Olhe, a minha morada é esta. Pense no assunto e veja se consegue arranjar alguma maneira de me manter em contacto consigo. Algum sítio onde possa ir ter consigo no caso de ser importante ouvir as suas declarações.

Não quero fazer quaisquer declarações.

Pode confiar em mim. Se tratar lealmente comigo, pode ter a certeza que serei leal para consigo.

Helen meteu o meu cartão na mala.

Vou pensar nisso, Donald. Talvez lhe envie um cartão, a dizer-lhe onde é que poderá encontrar-me.

Faz isso, não faz?

Talvez... Donald, posso dizer-lhe uma coisa... e você não se zanga?

Porquê ?

Lá em cima não lhe estava a dizer toda a verdade.

Pensei isso mesmo.

Ouçá, vamos para um sítio onde possamos falar, pois Pug é capaz de aparecer, não tarda nada.

Na sala do hotel ou...

Não, não, um sítio aqui perto. Olhe, venha para aqui...

Agora escute, Donald. Gostava de saber exactamente por que é que pensou que eu estava a mentir.

Pensei. Além disso tenho provas de que enviou uma carta a Corla Burke.

Eu não menti. Simplesmente não lhe disse toda a verdade.

Vou ser franca consigo. Quis sê-lo, lá em cima, mas não pude por causa de Pug. Não sabia o que havia de fazer.

Finalmente decidi que se você tivesse a coragem de esperar por mim quando saísse, lhe diria... talvez.

- O que é?

Corla escreveu-me.

Ora bem. Quando?

Um dia antes de ter desaparecido, suponho.

E você tinha-lhe escrito?

Não, não tinha. Acredite sinceramente. Nunca a vi na minha vida. Nada sabia acerca dela.

Continue.

Bem, praticamente é só isto. A carta foi-me entregue.

Era dirigida a Helen Franley, Posta Restante, Las Vegas.

Por acaso os correios repararam na carta, sabiam que eu tinha uma casa e mudaram a morada de modo que me foi entregue.

Estava acesa uma luz num armazém, numa transversal.

Iluminava o suficiente para se poderem ver as coisas, mais ou menos claramente. Fi-la parar defronte da montra.

Deixe vê-la.

Se Pug alguma vez soubesse...

Mas o que é que ele tem que ver com isto?

Na verdade, irritou-se, nada. Disse-lhe no princípio que éramos apenas sócios. Mas ele tem uns ciúmes loucos.

Evidentemente, quer sempre mais... e depois odeia a polícia.

Diz ele que é evidente que havia uma outra Helen Franley em Las Vegas, possivelmente de passagem, e que eu recebi uma carta que era dirigida à outra. Confesso que não sei.

Não sou capaz de perceber as coisas, mas Pug diz que não devo correr riscos.

A carta.

Você promete que não...

Depressa. Você não tem a noite toda. E eu também não.

Deixe vê-la.

Helen abriu a mala, tirou um sobrescrito e entregou-mo.

Meti-o na algibeira.

Não, não, não faça isso. Preciso da carta. Pug pergunta-me por ela logo que entrar. Quer queimá-la.

Quero levar a carta para um sítio onde possa lê-la e estudá-la à procura de uma pista.

Donald, você não pode fazer isso. Dê-lhe só uma vista de olhos. Eu posso dizer-lhe o que é que a carta diz. Eu... oh, meu Deus!

Olhei, seguindo a direção dos seus olhos espantados.

Pug encontrava-se à esquina da rua principal, olhando para baixo e para cima.

Helen agarrou-me no braço.

Depressa. Para aqui...

Pug voltou-se, olhou para a transversal, viu-nos, deu um passo duvidoso em frente como se procurasse ver-nos melhor, e depois dirigiu-se rapidamente para nós.

Que havemos de fazer? perguntou ela.

Fuja você. Eu fico. Corra até àquela esquina, que eu tentarei demorá-lo...

Não, Donald, não faça isso. Pug é muito perigoso.

É meio-doido. E...

Agarrei-lhe no braço e dirigimo-nos ao encontro de Pug.

Não podia ver-lhe distintamente a cara. A rua estava mal iluminada e a sua expressão não se podia adivinhar. Um automóvel dobrou nesse momento a esquina atrás de nós.

Os faróis iluminaram a cara de Pug com um clarão vivo e duro.

A sua expressão era de intenso ódio.

Helen Franley viu aquela expressão e tentou virar-se, levando-me atrás.

Pug não disse uma palavra. Tinha os olhos fixos em mim.

Estendeu o braço direito, agarrou a rapariga pelo pescoço e deu-lhe um empurrão atirando-a de encontro à parede.

Procurei acertar-lhe um soco no queixo.

Ou fosse por a rua estar mal iluminada e ele não ver o meu movimento, ou porque o seu ódio era tão intenso que nem via o que eu fazia, ou simplesmente porque desdenhou das minhas possibilidades, não procurou defender a cara com as mãos ou esquivar-se. O meu murro acertou-lhe no queixo. Inconscientemente, lembrei-me do que

Louie me tinha dito, para empregar o balanço do corpo ao dar um murro. O choque do meu punho com o seu queixo foi tão violento que até pensei que tivesse partido o braço.

Mas, a cabeça dele nem sequer se mexeu. Foi como se tivesse dado um murro numa parede de cimento.

Traidor, malandro...praguejou Pug, ao mesmo tempo que um murro me assentava no queixo.

Fora dado com a esquerda. A violência fez com que me desequilibrasse. Sabia, no entanto, que a direita vinha a seguir. Por isso tentei desviar-me, o que fez com que tropeçasse. O tropeçar salvou-me, porém, a cara, pois que a sua mão direita apanhou-me pelo ombro, atirando-me ao chão, para a sarjeta.

O automóvel aproximou-se de nós. Os faróis cegavam-nos.

Cheguei a julgar que o carro ia atropelar-me. Levantei-me e vi que Pug vinha na minha direcção, sem pressa, mas com uma expressão de ódio malévolo e incisivo. O automóvel já tinha parado. Ouvi uma porta bater e passos atrás de mim. Ouviu-se uma voz:

Não faça isso.

Pug não ligou importância à voz. Os seus olhos estavam somente fixados em mim.

Pareceu-me ver uma aberta na guarda de Pug e atirei-me contra ele.

Um grande corpanzil entrepôs-se entre mim e Pug. Ouvi o som peculiar de um punho fechado ao

bater contra outro corpo e depois vi um homenzarrão e Pug, agarrados um ao outro, começarem a andar às voltas. O ombro do homenzarrão chocou comigo atirando-me para um lado. Antes de eu conseguir voltar, Pug tinha-se desenvencilhado. Vi os seus ombros balouçarem ligeiramente e depois o outro homem voltou a meter-se ao meio, entre mim e Pug.

Novamente um som cavo, mas mais profundo, e o homenzarrão veio de roldão para trás e ao cair levou-me debaixo.

Ouvi berros. Uma mulher gritava. Também ouvi passos, correndo na nossa direcção.

Alguém se inclinou sobre nós. Fazia todos os esforços para me libertar daquele peso. Os faróis do automóvel mostraram-me a cara de Pug, com uma expressão feroz, inclinado sobre mim. Empurrou o corpo inerte do homem para um lado, como se não pesasse nada. Abaixou-se. A sua mão direita agarrou-me pela camisa junto ao pescoço. Começou a içar-me.

Alguém estava atrás do meu adversário. Vi um “casse-tête” fazendo uma curva no ar e ouvi o som que fez ao bater na cabeça de Pug. À mão que me agarrava pela camisa largou-me. Caí para trás de encontro ao guarda-lama do carro.

Quando consegui endireitar-me, havia uma enorme actividade entre as pessoas que me rodeavam. Ouvi grunhidos e outra pancada, depois o som de passos a correr, desta vez afastando-se.

O homenzarrão que caíra por cima de mim procurava pôr-se de joelhos. A sua mão direita foi até à algibeira de trás, das calças, e vi aço azul a brilhar, reflectido pelos faróis do automóvel. Consegui ver o perfil do homem quando levantou a pistola e virou a cabeça. Era o tenente Kleinsmidt.

Um homem saiu de junto do aglomerado de pessoas.

Está tudo bem, Bill? perguntou.

Kleinsmidt respondeu com voz pastosa:

Onde é que ele está?

Fugiu. Acertei-lhe em cheio com o «casse-tête», mas isso não o fez parar.

Kleinsmidt conseguiu pôr-se de pé.

Eu estava em cima do guarda-lama do carro. Tive que segurar-me a este para conseguir levantar-me. Kleinsmidt agarrou-me, virou-me bruscamente, e depois exclamou:

- Oh!

Desculpe, tenente, e acrescentei inspirado: Tentei agarrá-lo para si.

Não há dúvida que você tem coragem, afirmou, e ao mesmo tempo esfregou o queixo.

Para que é que tu querias apanhá-lo, Bill? Perguntou o homem que tinha o “casse-tête”.

É uma quadrilha que opera nas máquinas de moedas respondeu Kleinsmidt, e depois acrescentou como se tivesse tido um segundo pensamento: Resistência à autoridade.

Bem, conseguimos com certeza apanhá-lo.

Kleinsmidt virou-se para mim:

Sabe onde é que ele vive?

Sacudi a sujidade e a poeira que me cobriam.

- Não.

Que caminho é que ele tomou? perguntou Kleinsmidt.

Meia dúzia de pessoas ofereceram-se imediatamente dando informações. Kleinsmidt olhou por uns momentos para a parte detrás do automóvel, como se hesitasse, depois foi-se embora a pé, acompanhado pelo outro homem. O pequeno ajuntamento de pessoas foi atrás deles para assistir ao resto.

Coxeando, afastei-me nas trevas. Sete horas, e Bertha estava com certeza à minha espera.

CAPÍTULO V

Segui para o Hotel Apache, dirigi-me à sala de estar, encontrei um lugar, tirei da algibeira a carta que Helen Franley me tinha dado, e examinei-a cuidadosamente.

Estava escrita num papel de boa qualidade, mas a folha era de um tamanho pouco normal. A aresta superior tinha pequenas irregularidades, tão pequenas que eram quase imperceptíveis a menos que se examinasse cuidadosamente. O papel tinha um ligeiro perfume. Não me era possível saber que espécie de perfume. No tipo de letra havia uma certa sugestão de angularidade reprimida.

A carta dizia.

“Querida Helen Franley:

Agradeço-lhe a sua carta, mas de nada serve. Agora não poderei ir para a frente com o casamento. Não seria leal para ele. Aquilo que você sugere é impossível. Vou-me embora. Adeus.”

Corla Burke

Estudei o sobrescrito em que fora expedida a carta. Era um sobrescrito de via aérea, estampado. A morada da posta restante, na parte da frente, fora escrita pela mesma mão que escrevera a carta. Alguém na estação dos correios tinha riscado esta

indicação e escrito a morada do apartamento de Helen.

Voltei a meter a carta no sobrescrito, coloquei-o na minha algibeira, e depois mudei de opinião. Voltei a tirar a carta do sobrescrito, coloquei-a na algibeira interior do casaco, pus o sobrescrito na algibeira exterior, e regressei a pé ao Hotel Sal Sagev.

Bertha recebeu-me com estranheza.

Donald, que diabo tem andado a fazer?

A trabalhar.

Andou outra vez à pancada. Está que é uma miséria.

Tome lá esta escova. Não, diga-me primeiro, o que descobriu?

Pistas.

Bem, agora não se ponha com reticências. O que é que aconteceu?

Soube que esta rapariga era uma viciada nas máquinas de moedas. Assim, teria que esperar até às três ou quatro horas da manhã para que chegasse a casa, ou teria de ir à sua procura junto das máquinas de moedas.

Está bem, mas não era preciso jogar nas máquinas de moedas só porque estava à espera.

Qualquer pessoa se torna notada, se anda ali pelo meio e não joga.

Que interessa isso, que se torne notado. Quem é que se preocupa? No fim de contas, meu caro, nós estamos a trabalhar para ganhar dinheiro, e não

para nos importarmos com o que Las Vegas possa pensar. Não julgue que vai meter na conta de despesas o dinheiro que gastou a jogar.

Esteja descansada.

Afinal que é que lhe aconteceu?

Houve pancada.

Isso não era preciso dizer. Andou novamente com a cara pelas mãos dos outros.

Tenho assim um aspecto tão mau?

Terrível.

Dirigi-me para o espelho. Afastei uma mesa de modo a ser-me possível ver o corpo inteiro. Na mesa, encontrava-se ainda na sua embalagem original a segunda tablete de chocolate de Bertha. O meu fato estava bastante sujo. A cara tinha um aspecto estranho.

Por que é que andou à pancada? perguntou Bertha.

Da primeira vez foi por causa de alguém ter pensado que eu estava a fazer batota nas máquinas de moedas.

E andou à pancada por isso?

Não. Fui preso.

Até aí já tinha compreendido. O que é que aconteceu depois ?

Vi outra vez a rapariga. Onde é que está Whitewell?

Deve estar a chegar. Recebeu um telegrama. O filho vem a caminho de Las Vegas. Está à espera que este chegue.

De onde é que ele vem?

De Los Angeles.

Como é que vem?

De automóvel. Houve uma questão comercial qualquer urgente e Philip vem acompanhado pelo braço direito de seu pai, um homem que trabalha com ele há muitos anos.

Acaso Philip sabe o que é que o pai está a fazer aqui?

Julgo que não, mas também penso que o pai vai pô-lo ao corrente.

Quer dizer que vai contar ao filho que nos contratou e aquilo que estamos aqui a fazer?

Julgo que sim. Donald, Whitewell é um homem extremamente simpático, não é?

Hum, hum.

E bastante observador. Tem muito bom gosto.

Hum, hum.

Sabe que é viúvo, e não me surpreenderia se se sentisse um pouco só. Não que esteja a pensar em casar-se. Aprecia bastante a sua independência, mas sente a falta de qualquer coisa. No fundo, é uma criança. Todos os homens o são.

Gostam de se sentirem amparados, especialmente quando as coisas correm mal.

Hum, hum.

Donald Lam, está a ouvir o que eu digo ?

Claro, estou a ouvir.

Bem, então veja lá se contribui com alguma coisa para a conversa além desses grunhidos.

Não quer que concorde consigo?

Quando um homem é tão simpático como Whitewell, devia com certeza ter alguma coisa para acrescentar àquilo que digo.

Impossível. Ninguém seria capaz.

Os lábios de Bertha comprimiram-se, formando uma linha.

Por vezes, meu diabo, chego a odiar o chão que pisa!

Não come a tablete de chocolate?

Coma-a você.

Não quero. Que tem de especial a tablete?

Não sei. A outra caiu-me mal. Já juntou?

Não. Tenho tido muito que fazer.

Bem, Whitewell sugeriu que comêssemos todos juntos...

Isto é, se você voltasse. Disse, e a sua boca descomprimiu-se dando a sugestão de um sorriso tolo, que queria que o filho me conhecesse. Parecia estar especialmente ansioso por fazê-lo.

Encantador.

Alguém bateu à porta.

Vá abrir.

Abri a porta. Whitewell encontrava-se no corredor.

Um pouco atrás de si um rapaz que se via imediatamente ser seu filho. A mesma testa alta, um nariz comprido e direito, uma boca bem talhada. Os olhos do pai eram incisivos, com uma expressão ligeiramente irónica. Os olhos do filho tinham a

mesma cor, mas não tinham a mesma incisão nem a mesma expressão. Davam a impressão de que o rapaz se arrastava pela vida sem tirar grande prazer. Atrás do rapaz encontrava-se um homem com cerca de quarenta anos de idade, calvo, atarracado, com um ar de pessoa de capacidade e com a constituição física de um urso pardo.

Whitewell apresentou-nos.

Philip, o sr. Donald Lam. Sr. Lam, o meu filho Philip Whitewell.

O jovem alto inclinou ligeiramente a cabeça, estendeu a mão, apertou a minha delicadamente, mas sem grande entusiasmo.

Prazer em conhecê-lo.

Querem fazer o favor de entrar? perguntei.

O pai transformou a ocasião numa grande cerimónia.

Sr.a Cool, permita-me que lhe apresente o meu filho, Philip. Philip, esta é a senhora de quem eu te falei.

Philip olhou para Bertha com curiosidade, por momentos, antes de se inclinar, e afirmou: Sra. Cool, tenho muito prazer em conhecê-la. O meu pai tem falado muito em si.

O homem atarracado, que parecia ter ficado esquecido, sorriu e estendeu-me a mão.

Endicott.

Lam, retorqui.

Apertámos as mãos. Whitewell virou-se.

Oh! Desculpe-me depois falando para Bertha: Permita-me que lhe apresente Paul Endicott. Trabalha comigo há muitos anos. É o verdadeiro cérebro da minha firma.

Eu retiro apenas os lucros e pago o imposto de rendimento.

Paul faz o trabalho.

Endicott sorriu-se, o sorriso bem humorado de um homem que é suficientemente rico e poderoso para não se aborrecer com qualquer coisa.

Bertha irradiava felicidade. Levantou-se mesmo da sua cadeira para ser uma dona de casa perfeita, telefonou para o restaurante do hotel, e mandou servir alguns “cocktails”.

Whitewell virou-se para mim.

Sugeri à sr.a Cool que poderíamos jantar todos juntos, ao saber que o meu filho vinha a Las Vegas. O senhor já deu a volta à cidade?

- Já Descobriu alguma coisa?

Sim, de facto.

Conseguiu saber de Miss Franley?

Sim.

Falou por acaso com ela?

Falei.

Estudou-me por uns momentos como se tivesse dito alguma coisa que não esperava ouvir. Depois afirmou, com uma pequena gargalhada: Já pus Philip ao corrente de tudo. Philip sabe que a Sra. Cool dirige uma agência de detectives e que eu a contratei para saber o que acontecera a Corla

Burke. Sabe que o senhor trabalha para ela, de modo que se por acaso descobriu alguma coisa de valor como pista, pode dizê-lo à vontade.

Tirei o sobrescrito da algibeira, mostrei-o ao jovem Whitewell e perguntei-lhe: Esta letra é dela?

Agarrou o sobrescrito ansiosamente, olhou para este com uma expressão velada dos olhos.

É a letra dela, sim, disse, por fim.

O pai agarrou no sobrescrito.

A senhora tem razão. Lam, de facto, trabalha depressa.

Eu bem lhe disse.

Whitewell meteu os dedos dentro do sobrescrito. Manifestou espanto ao ver que não estava lá dentro carta alguma.

Não devia estar aqui uma carta? Perguntou.

Julgo que sim.

Mas isso teria sido uma pista.

Concordei acenando com a cabeça.

Onde é que está a carta?

Miss Franley não a tem.

Não a tem!

- Não.

Que é que lhe fez?

Encolhi os ombros.

E ela não se lembrava do que é que a carta dizia?

Não sei.

Bertha Cool interveio.

Por que é que não sabe? Não falou com ela?

Falei, mas o rapaz dela não gostou da minha técnica.

Resolveu fazer de mim saco de treino de boxe.

Não há dúvida que tem o aspecto disso mesmo.

Farei com que o prendam, afirmou Whitewell.

Não é preciso. Quando tentava dar-me os últimos retoques, apareceu um polícia.

O que é que aconteceu ao polícia?

Está em tão mau estado como eu.

Bertha Cool e Whitewell trocaram olhares.

Bem, disse Whitewell, você agora pode ir ter com Miss Franley e saber o que há acerca da carta.

O melhor é deixar arrefecer as coisas um pouco.

Bertha franziu a testa, como se houvesse alguma coisa que a intrigava. Depois:

Donald, vá ao seu quarto e vista uma camisa lavada.

Veja se consegue tirar a poeira do fato. Não trouxe outro fato?

Não.

Bem, então arranje-se o melhor que puder.

Endicott falou nessa altura:

Parece que temos tempo de expedir alguns telegramas, Arthur. Philip, o melhor é vires também. Desculpa-nos, não é verdade, sr.a Cool?

Consegui tirar a maior parte da sujidade que cobria o meu fato, mas a gravata estava completamente rasgada, e o colarinho da camisa

amachucado e sujo. Vesti uma camisa lavada, pus outra gravata, coloquei toalhas quentes na cara para sair um pouco do inchaço, penteei-me e regressei ao quarto de Bertha.

Depois da porta se fechar, Bertha virou-se para mim.

Foi a primeira vez que o vi fazer tal coisa, Donald.

- O quê?

Declarar-se vencido. Não estou a censurá-lo, meu caro, mas não consigo compreender a razão por que não procurou descobrir a carta.

Tirei a carta da algibeira e entreguei-lha.

O que é isso?

A carta de Corla.

Onde é que a arranjou?

Deu-ma Helen Franley.

Então mentiu a Whitewell?

Não. Não lhe disse que não tinha a carta. Disse sim que a rapariga não a tinha. E ela não a tinha. Tinha-ma dado.

Os olhos de Bertha pestanejaram.

Que ideia é essa?

Leia a carta.

Bertha leu a carta, e depois olhou para mim.

Não compreendo. Por que razão havemos de esconder isto ao nosso cliente?

Tem consigo a carta que Whitewell escreveu? perguntei.

A que me deu?

Sim.

Porquê?

Deixe vê-la.

Bertha disse impaciente.

Deixemo-nos dessas coisas. Falemos antes da questão desta Burke.

Julgo que podemos descobrir algo mais examinando a carta de Whitewell.

Que pretende dizer?

Olhe para a carta. Está escrita num papel de boa qualidade. Repare nas dimensões da folha. Repare na maneira como está dobrada. Está a compreender? Aquela folha de papel pertence a um papel comercial timbrado. Alguém cortou a parte de cima da folha, com o timbre, utilizando uma faca bem afiada.

Bertha piscou os olhos. Passados uns momentos, retorquiu:

Parece que começo a compreender, mas já agora continue.

Whitewell não gostou da ideia do filho se casar com Corla Burke. Chamou Corla ao escritório. Fez-lhe alguma proposta que esta aceitou. Corla desapareceu, mas pretendeu não ficar mal vista. Tinha, portanto, que desaparecer dando a aparência de que poderia ter sido forçada a isso, ou que fugia de alguma coisa de que tinha receio.

E então para que escreveu a carta? Perguntou Bertha.

A carta, respondi, justifica a coisa. É a liquidação, na parte que nos toca. Corla Burke não conhecia qualquer Helen Franley. Helen Franley não conhecia qualquer Corla Burke. Mas Arthur Whitewell tinha amigos aqui, em Las Vegas. Esses amigos estavam em posição de procurarem e encontrarem uma rapariga que pudesse servir de capa. Whitewell escreveu esta carta como medida preventiva e de segurança.

Aí está uma coisa que eu não compreendo.

Lembre-se, de que ele é pai de Philip. No fim de tudo, procura defender os interesses do filho. Foi essa a razão por que interveio.

Naturalmente.

Um homem da sua posição não gostaria de ver seu filho sofrer indefinidamente. Se se tratasse apenas do golpe da mulher que amava o abandonar, Philip esquecer-se-ia.

O pai sabia isso. Mas se Philip imaginasse que a rapariga tinha sido raptada ou estava em perigo e que ele a tinha abandonado, nunca esqueceria. Seria um choque nervoso tão prolongado que alteraria completamente toda a sua carreira. Evidentemente, é isso o que está a acontecer.

E depois ?

E depois o pai era suficientemente esperto para saber que seria isso mesmo que ia acontecer. Lembra-se de uma coisa? Disse que era psicólogo amador. Com certeza não teria esquecido essa possibilidade.

Agora estou a compreendê-lo. Poderia ter tirado esta carta da manga do casaco e dizer: “Vê lá tu, meu filho, o que encontrei”. Teria evidentemente que colocar a carta num sítio qualquer onde uma agência particular de detectives a pudesse encontrar.

Exactamente. Esta carta demonstra que Corla Burke” desapareceu de sua própria vontade. Pretende que nós encontremos a carta, e está disposto a pagar-nos para o fazermos. Depois mostrá-la-á a seu filho.

Bertha piscou novamente os olhos.

Muito bem, querido, se se trata de uma brincadeira, vamos jogar às escondidas com ele. Vamos andar às voltas, durante seis dias, metemos despesas, encontramos esta carta no sétimo dia de modo a podermos conseguir ainda um bónus, e ensinamo-lo a não nos julgar parvos. Era essa a sua ideia?

Bem, não era isso exactamente.

O que era então?

No fim dá o mesmo resultado. Se eu o acusar de ter escrito a carta e de se ter visto livre de Corla Burke. Nunca poderei dizer se o fez ou se o não fez...

Donald Lam, que julga que vai fazer? Whitewell é nosso cliente. Não pode acusá-lo de nada.

Não, mas se nos calarmos por uns tempos, Whitewell começará a exercer pressão aqui e ali a

fim de que a carta venha parar às nossas mãos. Quando começar a mexer-se, terá de aparecer em campo aberto, o suficiente para o apanharmos com a boca na botija.

E depois?

Ficávamos a saber mais alguma coisa acerca deste caso.

Donald disse Bertha lá está você outra vez. Agora está a pensar no coração despedaçado de Corla Burke.

Gostaria que lhe fosse dado um pouco de lealdade.

Apanhou pela frente um homem rico que evidentemente utilizou alguma forma de chantagem.

O que é que ele fez?

Não sei. Mas, na minha opinião, Corla não teria desaparecido por dinheiro. Julgo que Whitewell é daquela espécie de indivíduos que seria capaz de a transformar num farrapo, de corpo e alma. Seria capaz de torturar seja quem for, que se metesse no seu caminho.

Donald, como é que você pode dizer tais coisas?

Whitewell é um homem muito simpático.

É simpático quando o quer ser, mas é implacável quando se trata de conseguir aquilo que quer.

Não o somos todos?

Sorri-me.

Alguns de nós.

Parece-me que isso é uma piada bastante suja.

Não respondi.

Abra essa mala, meu caro, e procure na bolsa.

A carta de Whitewell encontra-se lá, disse-me Bertha.

Tirei a carta e examinei-a contra a luz. O tipo de papel era o mesmo. Coloquei as duas folhas lado a lado. A carta de Corla Burke tinha sido escrita no mesmo papel. A parte de cima, com o timbre, tinha sido dobrada e cortada com uma faca afiada.

Não há dúvida, estivemos armados em tansos! Disse Bertha.

Dobrei a carta de Corla Burke e meti-a na algibeira.

Que fazemos a seguir? Perguntou Bertha.

Gostaria de verificar as coisas em Los Angeles. Quanto tempo é que Whitewell vai ficar aqui?

Julgo que um dia ou dois.

Quer vir a Los Angeles comigo, hoje à noite?

Não. Estou muito cansada, e gosto deste clima do deserto. Achava melhor...

Há um comboio às nove e vinte. Vou marcar lugar.

CAPÍTULO VI

Os “cocktails” em nada ajudaram. Philip Whitewell mostrou-se triste e desolado. O pai esteve sempre a olhar para mim como um jogador de «poker» olha para um parceiro que apostou uma porção de fichas azuis, depois de ter anunciado um jogo bastante fraco à distribuição. Bertha tentou esvoaçar como se fosse a pomba da paz e manter as coisas a correrem pelo melhor, mas revelando indícios de estar quase a quebrar devido à fadiga.

Era um papel novo para Bertha, quase tão estranho para si como a relativamente esguia e elegante silhueta com que se apresentava. Whitewell tinha de algum modo conseguido hipnotizá-la. Subitamente Bertha estava plenamente consciente do facto de que era uma mulher. De que modo isso iria afectar o seu sentido comercial, era algo que ainda estava para ser visto. Quando a recém-descoberta faceta romântica de Bertha Cool fosse de encontro à sua cupidez comercial, ia sem dúvida haver uma grande colisão.

Pela minha parte, estava a jogar as cartas com a maior atenção, bastante disposto a falar da política e dos armamentos... mas tinha deixado de falar acerca de Corla Burke.

Jantamos. A noite estava quente. Insectos esvoaçavam na rua em torno dos candeeiros de iluminação. As portas e as janelas encontravam-se todas abertas. Os naturais da terra e os turistas

andavam em mangas de camisa. A transpiração não se notava, a não ser quando uma pessoa se encostava para trás. Então sentia-se a camisa molhada. Outras vezes, o ar seco evaporava a transpiração tão depressa quanto esta se formava. Whitewell pagou a conta. Enquanto esperava troco, Philip falou comigo:

Lam, tenho imensa confiança em si.

Obrigado.

Acha que encontrará Corla?

Seu pai é que nos está a pagar, respondi.

Mas eu não compreendo. O pai pretende que você encontre Corla. Não é verdade, pai?

Whitewell respondeu:

Sim, Philip, se isso for possível com um razoável dispêndio de tempo e de dinheiro.

Mas não estás a compreender, pai. Não pode ser uma questão de dinheiro. Há algo por detrás disto tudo, alguma coisa sinistra, terrível...

Está bem, mas não vamos agora discutir o assunto enquanto fazemos a digestão.

Mas tu prometes-me que manterás o Sr. Lam... Isto é, a Sra. Cool e o Sr. Lam a trabalharem no caso?

Isso, Philip, é uma coisa que só eu poderei decidir.

Voltou-se para mim: Lam, se for capaz de encontrar essa carta e se essa carta revelar definitivamente que Corla partira voluntariamente, penso que Philip e eu estaríamos dispostos a aceitar

tal acontecimento como estando terminado o seu trabalho.

Presumo que o senhor não tem quaisquer pretensões sobre essa carta?

Penso que a carta falaria por si.

Mas, pai, isto não pode ficar assim. Temos de encontrar Corla. Temos de encontrá-la!

A criada voltou com o troco. Whitewell deu-lhe uma gorjeta exactamente de dez por cento e meteu o resto do dinheiro na algibeira.

Você não comeu nem sequer o que era habitual. Perdeu o apetite? Perguntei a Bertha.

É verdade. Não senti vontade de comer. Bem não quero dizer que não tenha apetite; mas já perdi aquela sofreguidão que tinha quando era... mais forte.

Whitewell perguntou ao filho:

Já viste alguma vez aqueles casinos onde se joga, Philip?

Não, respondeu este.

Whitewell olhou significativamente para Bertha.

Quer vir connosco jogar um pouco ou prefere voltar ao hotel e ter uma conferência com o seu auxiliar?

Bertha já compreendeu o sentido.

Nós vamos para o hotel, respondeu.

Deviam ser aproximadamente oito horas. Subimos até ao quarto de Bertha. Esta puxou a porta que fechou a chave.

Donald, o melhor é dar-me essa carta.

Olhei para o relógio.

Não acha que seria melhor completar as minhas investigações?

Acerca de quê?

Acerca da carta.

Donald, que diabo pretende você? O que é que quer ir fazer a Los Angeles?

Tenho várias razões. Se quer ficar aqui por causa do clima, alguém deve estar em Los Angeles para dirigir o negócio.

Os olhos de Bertha fuzilavam.

Diabos o comam, Donald. Não é preciso fazer esse segredo todo comigo. Porque é que quer sair daqui?

Foi apenas uma sugestão.

Bertha suspirou.

Está bem, vá apanhar o seu maldito comboio.

Quando é que a vejo?

Não sei. Gosto de estar aqui.

- O clima?

Evidentemente, o clima. Porque razão havia eu de ficar por aqui?

Não sei.

Também julgo que não. Bom, vá-se embora e apanhe o comboio.

Não diga aos Whitewells para onde é que fui, enquanto o comboio não partir.

O que é que eu lhes digo?

Diga-lhes que fui fazer outra investigação. Vou deixar um bilhete no porteiro, a dizer-lhe que decidi tomar o comboio para Los Angeles, e que você deve esperar aqui por mim.

Deixarei instruções para que o bilhete lhe seja entregue às nove e trinta, ou então pode telefonar para o porteiro e perguntar se deixei algum recado.

Whitewell não deve gostar disto.

É verdade, concordei. É possível que não goste.

Bertha olhou para mim como se tentasse ler os meus pensamentos, depois virou-se com um gesto de irritação.

Abri a porta, dirigi-me rapidamente ao meu quarto e meti a roupa numa mala. A minha experiência com Bertha ensinara-me que era da maior conveniência viajar apenas com uma pequena mala. Tinha ainda meia hora para o comboio. Passei o tempo estudando a carta e analisando as conversas que tinha tido.

CAPÍTULO VII

O comboio chegou a Las Vegas à tabela. Embarquei e ainda tive de esperar um quarto de hora. Na carruagem-cama tinha-me sido destinado um dos beliches inferiores. As carruagens tinham ar condicionado. Na estação ainda fazia bastante calor, e depois do calor tórrido do deserto a temperatura amena dentro das carruagens quase provocava arrepios de frio. Como não tinha mais nada para fazer, despi-me enquanto o comboio ainda estava na estação de Las Vegas, meti-me no beliche, verifiquei que um cobertor não sabia nada mal e adormeci. Nem sequer cheguei a dar pela partida do comboio.

Sonhei que havia um grande tremor de terra. As linhas do comboio estavam torcidas e retorcidas, que mais pareciam uma serpente a tentar fugir de um ferro em brasa.

O comboio foi apanhado no redemoinho. As carruagens saltavam umas por cima das outras...

Uma voz repetia sempre, num sussurro “número nove inferior, número nove inferior...” e compreendi então que o tremor de terra era provocado por umas mãos que puxavam pelo cobertor.

Esfreguei os olhos.

O que é que há?

Este senhor quer falar-lhe imediatamente.

Que diabo! respondi, lutando ainda contra a sensação de irreabilidade e com uma irritação crescente.

Acenda a luz disse uma outra voz.

Sentei-me no beliche e abri as cortinas.

O tenente Kleinsmidt estava de pé no corredor, tendo a seu lado o criado de casaco branco e olhos meios esbugalhados.

O comboio seguia naquele momento com lentidão, mas a aumentar a velocidade. Lá longe podia ouvir-se o silvo do trabalhar da locomotiva, o qual ressoava pelos tejadilhos das carruagens. O corredor era rodeado de um lado e do outro de cortinas verdes que balouçavam com o movimento do comboio. Aqui e além, apareceram cabeças de passageiros curiosos que queriam saber o que se passava.

Olhei para Kleinsmidt.

Que ideia é esta? perguntei.

Você tem que voltar para trás, Donald Lam.

Para trás? Para onde?

Para Las Vegas.

Quando?

Agora mesmo.

É melhor arranjar outra solução. Às oito e trinta, em ponto, chego a Los Angeles.

O polícia olhou para o relógio.

Embarquei em Yermo às duas e meia. Às três e dez fazemos uma pequena paragem em Barstow.

Entretanto, você veste-se para termos tempo de desembarcar.

Não há dúvida que vocês estão a dar-me uma enorme cooperação em troca das facilidades que vos dei.

O tenente ainda pensou em dizer qualquer coisa, depois mudou de opinião e respondeu:

Comece a vestir-se, Lam. Estou aqui em missão oficial, e se lhe digo para se vestir também o estou a fazer na minha capacidade oficial.

Como é que você conseguiu chegar até aqui? Perguntei aceitando a situação, e ao mesmo tempo comecei a tirar o pijama.

Kleinsmidt estava com um cotovelo apoiado ao beliche de cima, de modo que a olhar para mim o fazia de cima para baixo.

De avião. Um automóvel vem neste momento atrás do comboio.

Uma voz de homem, irritado, perguntou do beliche de cima:

Porque é que não mandam montar um telefone do comboio para terra?

Perdão, disse o tenente.

O criado aproximou-se.

Desculpem-me. Mas se não se importam...

Está bem, disse-lhe eu. Nós ficamos calados.

Vesti-me em silêncio. Kleinsmidt agarrou na mala quando acabei de lhe meter as minhas coisas dentro.

Seguiu à minha frente até junto do toilette.

Que é que você quer de dentro da mala, Lam? perguntou.

A escova dos dentes, e escova do cabelo...

Olhou para o relógio.

Muito bem. Agora vou servir de seu criado de quarto.

Penteei-me, lavei os dentes e a cara e procurei a camisa.

Kleinsmidt deu-ma. Tinha estado com a camisa na mão, a olhar para ela.

Voltei a guardar a escova do cabelo, a escova e a pasta dos dentes, dentro da mala. Kleinsmidt fechou-a e pegou nela.

Eu levo-a, disse ao tenente.

Não faz mal. Levo-a eu.

O criado bateu à porta.

Dentro de minutos chegamos a Barstow. Só fazemos uma paragem de alguns segundos. Seria melhor que estivessem já à porta, prontos a desembarcar.

Kleinsmidt acenou com a cabeça.

O criado indicou uma porta na parte de trás da carruagem.

Acendi um cigarro.

Afinal o que é que há? perguntei a Kleinsmidt.

Desculpe, Lam, mas neste momento não vou dizer nada.

Não há dúvida. Pela maneira como você está a proceder, uma pessoa é levada a pensar que está a trabalhar num. Caso de assassínio.

Logo depois de ter feito esta afirmação estava capaz de ter cortado a língua. A expressão que apareceu na sua cara disse-me tudo o que havia a dizer.

Como é que soube que houve um assassinio, Lam?

Mas, houve?

Foi isso que você disse.

Não seja parvo. Eu disse que você estava a atravessar por uma agonia tal como se tivesse havido um assassinio.

Não foi isso exactamente que disse.

O diabo se não foi.

Você sabe bem que não foi.

Está bem. Estava apenas a utilizar uma maneira de falar. Mas isso não quer dizer que não me conte as coisas.

Falaremos acerca de outras coisas até chegarmos a Las Vegas.

O comboio abrandou a marcha. Atravessámos o vestíbulo.

O criado encontrava-se à porta da carruagem, com a mão no trinco. Quando o comboio parou, abriu a porta, desceu para o exterior e ficou à espera. Continuava a ver os seus olhos meio esbugalhados.

O ar puro do deserto penetrou-me nas narinas. Mesmo dentro da carruagem com ar condicionado conseguia aspirar às emanações das pessoas que dormiam. No deserto, o ar puro, frio e

seco dissolvia essas impurezas dos pulmões tão rapidamente que produzia o efeito de uma punhalada.

Quis dar uma gorjeta ao criado. Este estendeu a mão para receber, depois subitamente arrependeu-se.

Não, obrigado. Está bem assim. Não quero dar-lhe azar... queria dizer... bom dia.

Voltei a colocar a moeda na algibeira.

Olhei para frente, ao longo do comboio. Soprava um vento ligeiro. Fumo e vapor da locomotiva eram lançados para trás e dissolviam-se em fragmentos. Kleinsmidt caminhava à minha frente, levando a mala, parecendo saber muitíssimo bem para onde se dirigia. Fora da estação, olhei para o céu. As estrelas brilhavam com firmeza, muito próximas de mim, sem tremerem e com uma luz muito brilhante.

O clima do deserto, nas suas alterações bruscas e bastante típicas, tinha passado do calor para um frio intenso e seco.

Tem sobretudo? perguntou Kleinsmidt.

- Não.

Bem, o carro tem aquecimento.

Seguimos até junto de um automóvel estacionado. Um homem saiu deste e abriu a porta de trás.

Kleinsmidt fez-me entrar em primeiro lugar, depois meteu a mala e sentou-se a meu lado.

Vamos embora, disse ele para o motorista. Pusemo-nos em movimento, saindo dos terrenos da estação de caminho de ferro numa grande curva, até à estrada, e atravessámos uma ponte. O interior do carro estava aquecido, mas eu sentia a proximidade das estrelas; os amplos espaços do deserto, estendendo-se para cada lado, para trás e para a frente, dava às coisas uma impressão de insignificância fria.

Voltei-me para Kleinsmidt.

Está um tempo óptimo.

É verdade.

Mas que ideia é esta? Você está a acusar-me de algum crime ?

Você volta simplesmente para trás e nada mais.

Se não sou acusado de nada, não tem qualquer autoridade para me tirar assim de um comboio e fazer-me voltar para trás.

É possível que assim seja. Contudo, o chefe disse para trazê-lo, e é essa a razão por que vamos agora para Las Vegas.

De quem é este automóvel?

Aluguei-o ao quilómetro. Lá mais adiante está um avião à espera.

Bem, de qualquer modo estou satisfeito por sermos amigos. Se não o fôssemos, você poderia ter ficado aborrecido e nada me diria.

O tenente riu-se com a piada. O motorista virou-se para trás, depois voltou-se rapidamente para a frente para fixar os olhos na estrada.

Resolvi encostar-me para trás e fechei-me em silêncio.

Kleinsmidt mordeu a ponta de um charuto e começou a fumar. Não se ouvia um som além do ruído provocado pelo vento frio do deserto ao assobiar em volta do carro, e o ruído do motor.

Cerca de meia hora depois o carro abrandou.

À nossa frente um quadrado de luzes de várias cores assinalava um aeroplano. O motorista quase parou o automóvel, procurou um desvio com um farol móvel, encontrou o caminho e aproximou-se do campo de aterragem. Quase imediatamente, ouvi o ruído do motor de um avião que começou a trabalhar.

Kleinsmidt disse para o motorista:

Dê-me um recibo de modo que possa meter a corrida na conta das despesas.

O motorista recebeu o dinheiro que lhe deu Kleinsmidt e passou-lhe um recibo à pressa. O tenente abriu a porta, agarrou na minha mala e saímos para o frio da noite. O motorista do automóvel fez marcha atrás e seguiu em direcção à estrada. O motor do avião estava a trabalhar com regularidade.

Debaixo dos meus pés ouvia o estalar da areia.

Pelo canto da boca Kleinsmidt falou comigo.

Se soubessem que eu disse alguma coisa estava perdido.

Você deve chegar ao gabinete do chefe sem saber absolutamente nada.

Porquê? Perguntei.

Kleinsmidt mediu a distância que ia até ao avião e abrandou um pouco o passo de modo a poder chegar lá sem ser demasiado cedo.

A que horas é que saiu de junto de Bertha Cool, no Hotel Sal Sagev? perguntou-me.

Porquê? Não sei. Sim, afinal, sei. Foi pouco depois das oito horas.

Para onde é que se dirigiu?

Para o meu quarto.

Fazer o quê?

A mala.

Não foi à recepção comunicar que saía?

Não. Encarreguei Bertha de fazê-lo. De qualquer modo teria que pagar mais um dia pelo quarto e Bertha era quem pagava as contas. Sabia que eu ia para Los Angeles.

Disse alguma coisa a alguém no hotel, antes de sair?

Não. Agarrei simplesmente na mala e vi-me embora.

Deixei no porteiro um bilhete para Bertha.

Esta mala é toda a bagagem que você tem?

É. Mas porquê?

Em voz baixa informou-me:

Alguém foi morto. O chefe pensa que você tem algo a ver com isso. Não sei o que o faz pensar assim, mas parece-me que houve uma pessoa que lhe deu indicações. Por isso não perca a cabeça. Depois de chegarmos ao avião não diga nada. Obrigado, tenente.

Está bem. Mas não se esqueça de pensar nisto que eu lhe disse, e veja se consegue arranjar um álibi.

Para que horas?

Desde as nove menos dez até à hora em que o comboio partiu.

Não posso. Cheguei à estação cerca das nove horas.

O comboio partiu cinco minutos depois das nove e eu embarquei nele.

O criado não se lembrava de si.

Nem podia. Estava a falar com alguém. Como a minha mala não era pesada, levei-a eu próprio ao entrar na carruagem.

Como estava cansado, despi-me imediatamente e...

Deixe lá isso, disse o tenente ao aparecer o piloto junto do avião.

Está tudo pronto? perguntou Kleinsmidt.

Está, podem embarcar.

Entrámos na cabina de um avião mono-motor. O piloto olhou para mim com curiosidade.

Já voou alguma vez?

- Já.

Então sabe como apertar o cinto e o resto?
Sei.

O piloto desceu uma cortina atrás do seu assento, acelerou o motor, e começámos a rolar na pista. Passados alguns minutos, as rodas deram uma série de esticões curtos e em seguida estávamos no ar. À nossa frente o farol circular do aeródromo cortava a escuridão da noite. Kleinsmidt tocou-me no joelho, levou um dedo aos lábios em sinal de silêncio, colocou a minha mala entre uma perna e o lado da cabina, fora do meu alcance. Fechou os olhos e quase imediatamente começou a respirar pesadamente.

Julgo que não estivesse a dormir. Aparentemente, deveria ser uma espécie de armadilha para ver se eu tentava tirar alguma coisa da mala. Notei que mantinha a sola do sapato encostada ao canto da mala. Teria sentido imediatamente qualquer coisa, se eu por acaso tocasse na mala.

Comecei a recordar tudo o que se passara e lembrei-me da maneira como agarrara na mala logo que entrou no comboio e nunca mais a largara desde que dela se apossara.

Depois lembrei-me da maneira como tinha examinado a minha camisa no lavabo. Evidentemente, havia alguém que tinha dado ao chefe da polícia indicações bastante pormenorizadas.

CAPÍTULO VIII

O chefe da polícia, Laster, olhou para mim, por cima da secretária.

Sente-se.

Puxei de uma cadeira e sentei-me. Kleinsmidt sentou-se no outro extremo da sala, e cruzou as pernas.

A luz do dia começava a aparecer lá fora. Havia luz suficiente para tornar a iluminação eléctrica das ruas apagada e pálida, mas não a suficiente para dispensar a iluminação artificial. Você chama-se Donald Lam e afirma ser um detective particular? Perguntou Laster.

É verdade.

Trabalha para a Agência de Detectives B. Cool?

Trabalho.

Bem, você chegou ontem à tarde a Las Vegas de avião, não é verdade?

É.

Imediatamente, começou a provocar uma série de sarilhos.

Não.

Franziu o sobrolho.

Não? Perguntou sarcasticamente.

Não. Começaram-me a provocar uma série de sarilhos.

O chefe da polícia olhou para mim, como se eu estivesse a brincar.

Bem, você envolveu o tenente Kleinsmidt numa cena de pancada, teve uma discussão com o empregado encarregado das máquinas de jogos do “Cactus Patch”, depois andou à pancada na rua com um homem chamado Deegan, não é verdade?

Respondi-lhe:

O empregado do “Cactus Patch” deu-me um soco.

Depois chamou a polícia. O tenente Kleinsmidt apareceu.

Quanto à outra cena, um homem atacou-me, sem provocação, assim como a Kleinsmidt. O tenente começou na verdade a levar a melhor e o homem fugiu... bastante à pressa.

Pelo canto dos olhos olhei para Kleinsmidt. Sorria-se.

Gostou daquela versão da cena.

Laster tentou outro caminho.

Ontem você foi à casa de Helen Franley, não é verdade?

- É.

Como é que conseguiu a morada?

Deu-me um cliente da agência.

Ia a dizer qualquer coisa, mas decidiu não o fazer, consultou alguns apontamentos que tinha sobre a secretária, olhou subitamente para mim e perguntou:

Harry Beegan era o amante dela, não é verdade?

Confesso que não sei.

Mas portava-se como se o fosse?

Receio que não esteja em posição de o julgar.

Você estava a bordo do comboio para Los Angeles, que parte de Las Vegas às nove e vinte?

Estava.

Apanhou o comboio no último momento, não é verdade?

Não.

A que horas é que entrou para o comboio?

Logo que o comboio chegou à estação.

Quer dizer que estava à espera na estação e que subiu para o comboio logo que este parou?

Foi isso que disse.

Bem, agora pense cuidadosamente, porque a sua resposta pode ser bastante importante.

Importante para quem ? perguntei.

Para si, entre outras pessoas.

Não consigo ver qualquer razão para pensar cuidadosamente a que horas entrei no comboio.

Vai manter essa afirmação?

- Vou.

Você não apanhou o comboio no momento em que este ia partir?

Não.

Não entrou no comboio depois deste ter estado no cais durante algum tempo?

Não.

Você embarcou para o comboio logo que este parou?

Bem, esperei que os outros passageiros descessem, isso talvez tenha levado um minuto ou dois.

Mas você estava ali, de pé, junto do comboio, à espera que os outros passageiros desembarcassem...

Exatamente. Mas o que quer isto dizer? Pretendo saber mais alguma coisa acerca do comboio, primeiramente. Você estava na estação às nove e cinco?

Estava na estação às nove horas, em ponto.

Em que ponto da estação?

Estava de pé, a apanhar o fresco.

Oh, disse o chefe como se me tivesse apanhado nalguma confissão esmagadora, você não estava dentro da estação?

Mas acaso terei dito que estava?

Franziu o sobrolho.

Estava à espera no lado de fora?

Exatamente.

Quanto tempo estive à espera até o comboio aparecer?

Não sei. Cinco minutos, talvez dez.

Viu alguém que o conhecesse, ao pé do comboio?

- Não.

O chefe olhou para Kleinsmidt.

Mande entrar os Clutmers, Bill.

Kleinsmidt abriu uma porta que dava para um corredor.

Entretanto, dirigi-me ao chefe:

Bem, como já respondi às suas perguntas, talvez agora me queira dizer o que é que se passa. Momentos depois, abriu-se a porta, e a mulher da casa ao lado do apartamento de Helen Franley entrou no gabinete; um pouco atrás, o marido. Tinham ambos o aspecto de terem passado mal a noite. Os olhos estavam vermelhos.

Os músculos da cara retesados.

O chefe voltou-se para mim:

Conhece o sr. e a sr.a Clutmer?

De vista.

Quando é que os viu pela última vez?

Não me lembro.

Viu-os depois das oito e meia, ontem à noite?

- Não.

O chefe da polícia voltou-se para Clutmer:

Este homem afirma que estava na estação à espera que chegasse o comboio das nove e cinco. O que é que pensa acerca disto?

Foi a Sra. Clutmer que respondeu à pergunta.

Isso é absolutamente impossível. Já lhe disse que não poderia ter estado na estação. A única maneira pela qual poderia ter apanhado o comboio era com este já em movimento, porque nós não saímos da plataforma até ao momento em que o comboio se preparava para partir.

Tem a certeza que não podia ter estado lá?

A certeza absoluta. Tínhamos estado a falar nele e com certeza que dava pela sua presença se lá tivesse estado.

A que horas é que chegaram à estação?

Deviam faltar cinco ou dez minutos para as nove.

Tivemos que esperar cerca de dez minutos pelo comboio, e este chegou à tabela.

Laster voltou-se para mim.

Ora aqui tem.

Importa-se que fume? Respondi-lhe.

Franziu a testa. Kleinsmidt sorriu-se.

Laster dirigiu-se novamente à sra. Clutmer:

Este homem diz que estava fora da estação, na plataforma, à espera do comboio. Bem, e vocês em que ponto estavam?

Por algum tempo estivemos dentro da estação, e depois fomos lá para fora e esperámos de pé na plataforma. Mas observámos as pessoas que desembarcaram, e as que embarcaram.

Não quero dizer que seja bisbilhoteira, mas gosto simplesmente de saber o que é que se passa. Gosto de utilizar o meu poder de observação, nada mais.

Laster voltou-se para mim.

Então? Perguntou.

Acendi um fósforo, com este acendi a ponta do cigarro, e aspirei fundo.

A Sra. Clutmer começou voluntariamente a dar informações.

Helen Franley tem, sem dúvida, certa simpatia por este jovem. Na verdade, ela e o amigo tiveram a noite passada uma discussão por causa dele.

Como é que sabe que era por causa dele? Perguntou o chefe.

Podia-se ouvir perfeitamente na minha casa aquilo que diziam. Estavam a falar muito alto. Quase que gritavam um para o outro. O amigo dela acusou-a de ter uma queda por este, e ela respondeu que se quisesse que o faria, que Beegan não tinha assinado nenhum contrato consigo. Depois Beegan disse-lhe que lhe mostraria se tinha ou não contrato com ela, e acrescentou que tinha dado uma porção de informações que não devia dar. Depois empregou uma expressão esquisita... isto é, chamou-lhe um nome qualquer.

Foi Clutmer que tapou aquela falha nas informações.

Chamou-lhe pombinha, disse secamente, e reduziu-se novamente ao silêncio.

Está a ouvir, Lam? perguntou o chefe.

Estou.

Muito bem, e o que é que tem a dizer?

- Nada.

Não vai desmentir?

Desmentir, o quê?

Que discutiram por sua causa.

Sei lá se discutiram.

E ainda afirma que estava na estação?

Já lhe disse onde é que estava.

Mas estes senhores dizem que não havia possibilidade de você ter subido para o comboio logo que este entrou na estação.

Ouvi isso perfeitamente.

Então, e depois?

Têm direito a ter a sua opinião... e nada mais. Eu estava no comboio.

A sr.a Clutmer interveio:

Tenho a certeza absoluta!

Foi a vez de Kleinsmidt falar.

Ora, um momento, sr.a Clutmer. A senhora e o seu marido foram à estação falar a umas pessoas que vinham no comboio, não é verdade?

Sim.

Pessoas amigas, suponho?

Sim.

E aguardavam com Ansiedade o momento de lhes falar?

Naturalmente. O que é que julga que tínhamos ido lá fazer?

E estavam excitados?

Nem por isso.

Sabiam a que horas chegava o comboio?

Sabíamos.

A que horas é que saíram de vossa casa?

Deviam faltar vinte minutos para as nove.

E foram a pé para a estação?

Fomos.

Sendo assim, chegaram à estação um quarto de hora antes da chegada do comboio?

Exactamente. É isso mesmo que tenho estado a dizer.

Nós estávamos lá. Se lá tivesse estado alguém, tínhamo-lo visto com certeza.

Por que razão é que foram tão cedo para a estação?

Bem, queríamos ter a certeza de que estaríamos à chegada do comboio.

Sabiam que este fazia uma paragem de quinze minutos?

Estavam bastante excitados por terem a oportunidade de se encontrarem com velhos amigos?

Bem, esperávamos o momento com ansiedade.

E logo que o comboio entrou na estação, começaram à procura dos vossos amigos?

Bem, começamos a olhar para as pessoas, não há dúvida.

Onde é que estavam os vossos amigos?

De pé, no vestíbulo.

E vocês tiveram então uma conversa animada na plataforma?

Evidentemente.

Os vossos amigos não podiam ficar uns tempos em Las Vegas?

Não. iam para Los Angeles em viagem de negócios, iam outras pessoas com eles.

E vocês estiveram a falar até ao momento em que o condutor gritou: «partida»?

Sim.

Depois os vossos amigos voltaram a subir para o comboio?

Claro.

Bem, esperaram que o comboio partisse, ou vieram-se logo embora?

Viemo-nos logo embora, mas o comboio partiu imediatamente.

Ouvimo-lo pôr-se em andamento quando atravessávamos a sala de espera. E já agora também posso acrescentar.

Esperámos até ao momento em que o criado da carruagem fechou a porta.

A porta da carruagem em que viajavam os seus amigos?

Bem, claro que foi essa.

Kleinsmidt olhou para o chefe, mas não disse nada.

O chefe olhou para mim, franziu a testa e depois voltou-se para a sr.a Clutmer. Depois olhou para o marido desta.

Como é que se chama... o seu primeiro nome?

Robert.

Você estava com a sua mulher?

Estava.

Concorda com tudo o que ela diz?

Bem... bem... eu... eu... eu... de certo modo concordo.

Em que ponto é que não concorda?

Oh, eu concordo com ela, na verdade.

Acha que há qualquer possibilidade de este homem ter estado na estação e que não o tenham visto?

Bem, existe uma pequena possibilidade... só uma pequena possibilidade.

Seria por acaso pedir muito, se me dissessem o que é que se passa? Perguntei.

Foi a Sra. Clutmer quem respondeu:

O quê, não sabe? Eles...

Não é preciso mais nada, Sra. Clutmer. Eu trato do Resto, interrompeu o chefe.

A mulher olhou para mim.

Bem, não era preciso interromper-me. Eu ia só dizer-lhe...

Sou eu quem lhe digo.

Mas, pode ler a notícia nos jornais. Suponho que não se tem feito grande segredo. Eu...

O chefe fez um gesto para Kleinsmidt. Este levantou-se e disse para o casal.

Está muito bem. Já não é preciso mais nada.

Deixa-os ir para casa disse o chefe.

Vocês podem voltar para casa disse-lhes Kleinsmidt.

Ora ainda bem, e já não é sem tempo! Essa ideia de levantarem uma pessoa da cama à meia-noite e obrigarem-nos...

Leva-os lá para fora, disse o chefe exaltado.

Kleinsmidt fê-los sair, quase ao empurrão, e fechou a porta atrás de si.

O chefe voltou-se para mim.

As coisas não têm lá grande aspecto, para si.

Parece que morreu alguém. Quem foi?

O tenente Kleinsmidt abriu a porta, entrou novamente e fechou a porta.

O chefe Laster olhou para algumas notas que tinha assentes num livro com capa de couro e que estava aberto em cima da secretária. Em seguida tirou uma caneta da algibeira e rabiscou alguns apontamentos.

Levantou os olhos do livro, tapou a caneta, meteu-a na algibeira.

Harry Beegan foi morto a tiro a noite passada, entre as oito e quarenta e cinco e as nove e vinte e cinco.

Lamento muito.

Olharam ambos para mim. Nada mais disse e não lhes dei qualquer expressão facial que pudessem interpretar.

A rapariga com quem ele vivia parece ter-se escapulido prosseguiu o chefe.

Viviam os dois?

Bem, estava sempre lá em casa.

Há uma certa diferença nisso, repliquei.

Alguns minutos antes de ter sido morto... digamos dentro das duas horas que antecederam a sua morte... você falou com a rapariga. Beegan meteu-se a meio. Vocês tiveram uma discussão.

Em seguida você foi-se embora. Beegan acusou a rapariga de ter um fraco por si. Tinha ciúmes.

Acusou-a de que ia sair para se encontrar consigo. Mas ela jurou que não ia fazer nada disso. Saiu e encontrou-se consigo.

Beegan seguiu-a. Beegan e você andaram à pancada por causa da rapariga. Julgo que era justo imaginar que você tinha combinado com a rapariga fugirem os dois a Beegan, encontrando-se em Los Angeles. A rapariga desapareceu para ir ter ao encontro marcado.

Não estou a compreender bem o seu raciocínio.

Você estava a trabalhar num caso. A sua patroa estava na cidade. Estava projectada uma estadia sua, na cidade, por dois ou três dias.

Quem disse isso.

É fácil de presumir. A sua patroa ainda cá está.

O caso em que estou a trabalhar relaciona-se com o desaparecimento de alguém em Los Angeles. É aí que a pista começa, e é sem dúvida o melhor sítio para ir à procura de indícios.

O chefe da polícia ignorou a minha argumentação.

Subitamente, a noite passada, você anunciou que ia a Los Angeles no primeiro comboio que aparecesse. Saiu do Hotel Sal Sagev, que é mesmo ao pé da estação, muito tempo antes da hora do

comboio. Você tinha todos os motivos, e incentivos, e todas as oportunidades para matar Harry Beegan, e sabe tão bem como eu que as coisas são assim mesmo.

Beegan foi morto a tiro na casa da rapariga? Perguntei.

Foi.

Como é que lhe é possível fixar tão rigorosamente a hora do assassinio e mesmo assim ter um período de tempo indefinido no meio?

Os Clutmers estavam na casa ao lado até ao momento em que saíram para ir à estação. Quando o comboio partiu voltaram directamente para casa. Não tinham ouvido absolutamente nada... não vinham quaisquer sons do apartamento do lado. Ouviam com facilidade vozes em tom elevado na casa de Helen Franley. Sem dúvida nenhuma teriam ouvido um tiro. Isso fixa a hora do assassinio, exactamente dentro desses limites.

A não ser que os Clutmers estejam a mentir.

Porque *razão* haviam de mentir?

Suponha que não gostavam de Beegan, e que tinham estado a aguardar uma oportunidade para lhe tratarem da saúde? Quando é que foi descoberto o cadáver?

Pouco antes da meia noite.

Muito bem, suponha que regressaram a casa, encontraram Beegan à porta da casa da rapariga, ou na escada?

Travam discussão. Ou então entram no apartamento, atrás dele, e dão-lhe um tiro à queima roupa. Se os incluir na lista dos suspeitos, o assassinio poderia ter ocorrido em qualquer outro momento, antes do cadáver ter sido descoberto.

Isso soa a tolice.

Talvez lhe pareça tolice a si. A mim parece-me tolice o senhor pensar que fui eu que o matei.

Você queria a rapariga.

Não a queria mais a ela do que a uma centena de outras raparigas atraentes.

O suficiente para correr o risco de apanhar uma sova?

Eu estava a trabalhar.

Sei isso, respondeu o chefe da polícia, e com as pontas dos dedos afagou o queixo, você tem uma grande devoção pelos seus deveres.

Quando estou a trabalhar num caso, procuro saber a verdade... tal como você.

Bem, a propósito dessa afirmação, os Clutmers nada têm a ver com o caso. O que quer, por consequência, dizer que se mantém a hora do assassinio. Ora, pense um bocado, Lam. Seja franco. Se ia, na verdade, encontrar-se com a rapariga, nós acabaremos por descobrir. E se isso é tudo o que têm a ver com o caso, esqueceremos o que se passou.

Mas, você sabe muitíssimo bem que era essa a razão por que queria ir a Los Angeles. Não é verdade?

Não estou a compreendê-lo.

Você combinou com a rapariga encontrarem-se em Los Angeles.

Nada disso.

O facto de desmentir, em nada me influencia.

Está muito bem. Só é pena que me tenha arrancado do comboio.

Que pretende dizer?

Sou apenas um detective particular. Não tenho a pretensão de lhe dizer como deve dirigir as suas coisas, mas se me tivesse deixado ir até Los Angeles e depois me tivesse mandado seguir e eu me encontrasse, de facto, com a rapariga, então já tinha alguma coisa sobre que se basear. Tal como as coisas estão agora, não tem a menor probabilidade de provar que ia encontrar-me com ela.

É uma dedução lógica.

Você não está bom da cabeça!

Laster replicou:

Existe outra coisa, aliás uma circunstância, bastante suspeita. Quando Kleinsmidt lhe perguntou se sabia onde é que vivia Beegan, você não lho disse.

É verdade. Não lho disse.

Mas já tinha estado no apartamento.

Beegan não vivia lá.

Mas a rapariga vivia.

Não foi isso o que o tenente me perguntou. "

Não estará você a ser exageradamente técnico?

O tenente perguntou-me se sabia onde é que Beegan vivia.

Bem, você sabia o que ele queria dizer.

E por saber onde vivia a rapariga e não o ter dito a Kleinsmidt, o senhor pensou que eu estava a encobrir qualquer coisa?

Claro.

Não vi qualquer razão para envolver a rapariga.

O chefe da polícia finalizou a nossa conversa.

Por agora nada mais.

Posso ir-me embora?

- Pode.

Quero ir para o Hotel Sal Sagev.

Pois bem, vá.

Não vejo que haja qualquer razão para ir a pé. Não se esqueça que fui arrancado de um comboio que seguia para Los Angeles. Já tinha o transporte e a cama pagos. O que é que pensa fazer sobre este assunto?

Laster pensou durante um momento, depois respondeu:

Nada.

Quero voltar para Los Angeles.

Que ideia! Você não pode sair da cidade enquanto não terminarem as investigações.

E quando será isso?

Não sei.

Vou apresentar-me a Bertha Cool. Se a patroa me disser para ir a Los Angeles, vou mesmo.

Não autorizarei tal coisa.

Se estiver fechado à chave, não vou. Se não estiver fechado, vou mesmo. Bem, e se o tenente me levasse ao Hotel Sal Sagev?

Laster replicou:

Não seja parvo. São apenas alguns quarteirões de distância. Não há dúvida de que é um cliente dos caros.

Kleinsmidt disse-me isso mesmo, mas...

Você não está bom. Estou a dar-lhe todas as facilidades.

Podia fazer com que me mandasse pôr em Los Angeles.

É possível que ainda o faça, depois de falar com Bertha Cool.

Neste momento, tudo o que tenho a dizer é que pretendo ir ao Hotel Sal Sagev.

Kleinsmidt levantou-se, e interveio.

Venha daí, Lam.

Cá fora estava estacionado um automóvel da polícia, Kleinsmidt sorria-se quando eu entrei no carro.

E então? perguntei-lhe.

Eu disse ao chefe para o deixar chegar a Los Angeles, fazer com que a polícia de Los Angeles o seguisse, verificar se você se encontrava com a rapariga, e, no caso afirmativo, prendê-los a ambos; no caso contrário, que o deixasse em paz. Não me deu ouvidos. Disse que tinha a certeza que fora você quem matara Beegan, que, segundo as

indicações, você era um fedelho que diria tudo quanto sabia se o arrancássemos do comboio, o trouxéssemos até cá, e não falássemos consigo durante o caminho.

Bocejei.

O automóvel de Kleinsmidt seguia vagarosamente pelas ruas, e deixou-me à porta do hotel.

Então, e você, meu caro? perguntei-lhe.

O que é que quer dizer ?

O que é que estava a fazer a noite passada entre as oito e quarenta e cinco e as nove e vinte e cinco?

Andava à procura de Beegan.

Não o encontrou, pois não?

Vá para o diabo, respondeu Kleinsmidt, e sorriu.

CAPÍTULO IX

Bertha Cool dormitava. Estava completamente vestida, e a porta não estava fechada à chave. Depois de a ter aberto, fiquei parado por uns momentos à entrada, observando a maneira como Bertha se encontrava estendida num cadeirão, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, a respiração fazendo-se ouvir ritmadamente.

Olá, Bertha. Esteve deitada e levantou-se, ou estava à espera...

Abriu os olhos, e endireitou-se.

Não houve período de transição do sono para o despertar.

Num segundo estava a ressonar gentilmente, os lábios entreabrindo-se ligeiramente com cada respiração. Agora, estava completamente acordada, fixando em mim os seus olhos duros e brilhantes.

Meu Deus, Donald, esta deve ser a cidade mais maldita de todas. Foram-no buscar ao comboio?

Como vê.

A polícia disse-me que o ia fazer. Eu respondi-lhes que os processaria, se o fizessem. O que é que lhes disse?

- Nada.

Não lhes deu qualquer satisfação?

Que eu saiba, não.

O tenente é uma pessoa correcta. O chefe da polícia é difícil de tragar. Entre. Sente-se. Dê-me aquele maço de cigarros que está ali e acenda um fósforo. E se mandássemos vir café ?

Dei-lhe os cigarros, acendi um fósforo, fui até junto do telefone, pedi o bar e disse-lhes para mandarem café, leite e açúcar.

Bebe o café simples, não é verdade? perguntou Bertha.

- É.

Bem, então não mande vir o leite nem o açúcar.

Olhei para ela, surpreendido.

Agora tenho a impressão que o leite e o açúcar tiram o sabor ao café.

Liguei novamente para o empregado do bar.

Olhe, afinal não mande o leite nem o açúcar. Mande bastante café e depressa.

Voltei-me para Bertha.

Bem, então o que é que temos?

Não sei. Cerca das duas e meia, a polícia apareceu de surpresa. Tinham encontrado o cadáver cerca da meia-noite, segundo penso. Houve grande borborinho. A polícia queria saber tudo

acerca do nosso caso, quem era o nosso cliente, e onde é que poderiam encontrá-lo.

Disse-lhes?

Na verdade, nada disse.

E foi muito difícil?

Nem por isso. Disse-lhes que se tratava de segredo profissional.

É possível que tivesse tido dificuldades se entretanto a polícia não tivesse descoberto que você tinha ido para Los Angeles. Parece que isso era tudo o que necessitavam para prosseguir. Afirmaram que iam apanhar o comboio, utilizando um avião, e que o fariam voltar para trás.

Até que horas é que a obrigaram a estar a pé?

A maior parte da noite.

E por acaso não terão chegado até Whitewell?

Passado um pedaço.

Como?

Começaram a farejar tudo.

Quando é que Whitewell voltou aqui ao seu quarto? Perguntei-lhe. A noite passada depois de eu ter partido?

Pois, meu caro, aí é que está. Whitewell não voltou.

Quer dizer que não o viu mais?

Não vi.

Quando é que o viu, depois disso?

Cerca das quatro horas da madrugada?

- Onde?

Apareceu aqui, depois de a polícia ter ido interrogá-lo.

Desculpou-se bastante por nos ter envolvido nisto tudo.

Whitewell é um homem muito simpático, Donald. O que é que ele queria?

Que quer dizer?

Quando veio cá, às quatro horas da manhã.

Bem, queria apenas saber como é que eu tinha suportado o interrogatório e queria pedir desculpa por me ter envolvido num caso que me colocava em tal posição.

E depois de ter feito isso tudo, o que é que queria?

Porquê? Nada!

Não mencionou qualquer coisa, mais ou menos casualmente?

Oh, queria saber o que tínhamos dito, e eu respondi-lhe que não tinha necessidade de se preocupar, pois você não daria quaisquer informações. Disse-me que esperava, em especial, que você nada dissesse acerca do caso em que estava a trabalhar ou acerca de quaisquer cartas.

Respondi-lhe que se podia ir deitar absolutamente descansado sobre esse assunto.

E Philip? Estava também com o pai?

Não. Essa foi a *razão* pela qual o pai não veio cá.

Tinha tido com Philip uma divergência qualquer.

Sobre o quê?

Não sei bem, querido, mas julgo que foi por sua causa.

Porquê?

Philip parece estar muito entusiasmado consigo. Queria que o pai lhe desse pulso livre para fazer aquilo que quisesse, para encontrar Corla. O pai respondeu-lhe que isso ia sair muito caro, que logo que descobrisse provas demonstrando que Corla partira de sua livre vontade dispensaria os nossos serviços. Depois Philip sugeriu que Corla poderia ter desaparecido por alguém estar a fazer chantagem sobre ela, ou outra coisa parecida, e o pai respondeu que se fosse esse o caso, Corla não era com certeza a espécie de rapariga que pretenderia para a família; suponho, além disso, que os nervos de Philip estivessem arrasados. Tiveram uma discussão, e o pai veio-se embora, deixando Philip sozinho no casino.

Semicerrei os olhos e pensei naquilo tudo.

Isso deveria ter-se passado cerca das oito horas, ou alguns minutos depois?

Julgo que sim.

Não disse à polícia nada a esse respeito?

Disse à polícia que tratasse da sua vida e que eu trataria da minha, respondeu Bertha. Os ignorantões! Até queriam saber que espécie de provas poderia dar de que tinha estado sempre no hotel. Aqui estava eu, à espera que Whitewell aparecesse, e por causa da discussão com Philip não apareceu...

Para onde é que ele foi ?

Estava muito aborrecido. Sabe que ele gosta imenso daquele filho, ama-o verdadeiramente, praticamente adora o chão que ele pisa, de modo que estava terrivelmente aborrecido.

Até se esqueceu de telefonar e de me dizer que não vinha. Não...

Mas onde é que ele foi?

Não foi a parte nenhuma.

Quer dizer que voltou para o hotel, para o seu quarto?

Ah! Estou a compreender. Não. Estava muito nervoso.

Andou às voltas pela rua durante um pedaço, e depois voltou ao hotel e tentou adormecer. Whitewell, o filho e o Sr. Endicott tinham alugado um apartamento. Philip não apareceu até cerca das onze horas. A polícia verificou que Whitewell era o meu cliente e obrigou-o a levantar-se. Pobre homem!

Suponho que não deva ter dormido muito a noite passada.

Que pormenores sabe acerca do assassinio?

Quase nada. Sei que foi morto a tiro. Nada mais!

Que calibre tinha a pistola?

Não sei.

Encontraram a arma no apartamento?

Julgo que não.

E ninguém ouviu o tiro?

Não. Você conhece bem aquele prédio. É numa rua transversal, e por cima da loja só existem aqueles dois apartamentos.

A loja fecha às seis horas. Alguém andou à procura de qualquer coisa na cozinha. As portas dos armários debaixo do lava-loiças encontravam-se abertas e no chão algumas painéis. Parece-me que também foram encontrados alguns pingos de sangue próximo da porta que dá para a cozinha.

Consegui algumas informações das perguntas que a polícia fez, mas esta não parece disposta a dar informações.

Ainda bem, foi uma boa coisa, ele ter sido morto.

Estava a pedir isso mesmo.

Donald, não fale dessa maneira.

Porque não?

Utilizariam essa declaração contra si.

A polícia já tem muito contra mim, neste momento; mas, não vai dar a parte alguma.

O criado do comboio não se lembrava de si?

Parece que não.

E o seu bilhete?

Não foram revisá-lo.

E também não foram receber a marcação do “wagon-lit”?

Não. Embarquei no comboio, meti-me na cama e adormeci.

É estranho o condutor não o ter acordado para revisar o bilhete.

Isso aconteceu por causa do criado não me ter visto.

Não comunicou ao condutor que alguém tinha embarcado com um bilhete para o número nove, inferior.

Isso vem dificultar bastante as coisas, não é verdade?

Talvez.

Bertha continuou:

Bem, não há dúvida nenhuma que você é um diabo bastante esperto. Parece que consegue não ir parar à cadeia, mas temos de fazer alguma coisa para auxiliar Whitewell.

Acha que este assassinio está relacionado com o desaparecimento de Corla Burke?

Ainda não sei. Harry Beegan poderia ter sido morto por uma porção de pessoas... e entre elas o meu muito querido amigo, tenente William Kleinsmidt, da polícia de Las Vegas.

Não seja parvo, Donald. Se Kleinsmidt o tivesse morto, teria admitido que disparara a pistola... apresentando-se como um herói... “Um polícia sem medo mata um criminoso desesperado que aterrorizou a vizinhança” ou coisa neste estilo.

Não tenho a certeza disso. Estou simplesmente a sugeri-lo como possibilidade.

Não estou a ver que seja sequer possível.

Pois eu vejo.

- Porquê?

Os cidadãos não gostam de um polícia demasiado expedito com a pistola. Kleinsmidt

andava à procura de Pug, e o tenente estava bastante sentido., Pug sabia aplicar as mãos e o tenente não estava com disposição para se deixar maltratar.

Mas Kleinsmidt podia ter afirmado que o fizera em legítima defesa, sem interessar o que, na verdade, acontecera.

Hum, num.

Donald, isso não são maneiras *de* me tratar. Que é que não está certo naquilo que estou a dizer?

Respondi:

Pug estava desarmado. Encontrava-se em casa. Com certeza não há um só juiz que aceitasse essa versão. Um polícia tem a obrigação, segundo pensa toda a gente, de ser capaz de dominar um homem desarmado sem ser preciso nada mais que um sopapo.

Mas Pug era um bom pugilista.

Um polícia tem obrigação de dominar um homem desarmado.

Que é que o faz pensar que fosse Kleinsmidt o assassino?

Nada.

Julguei que pensasse que fosse ele.

Disse-lhe que era uma probabilidade.

Bem, mas o que é que o faz pensar nessa probabilidade ?

A maneira como a polícia tenta tão afincadamente culpar alguém.

Quer dizer a si?

Sim, entre outros.

Arthur Whitewell pediu-me que o avisasse logo que chegasse.

Whitewell sabia que Kleinsmidt tinha ido atrás de mim?

Não sei. Sabia que alguém ia buscá-lo.

Muito bem, avise-o pelo telefone.

Dei o telefone a Bertha. Esta tossiu duas vezes para falar.

Quer fazer o favor de ligar para o quarto do sr. Whitewell.

Bom dia, Arthur. Bertha. Oh! Não seja trocista! Donald encontra-se aqui... Sim... Isso é estupendo!

Desligou, voltou-se para mim:

Vem já cá acima.

Sentei-me, acendi um cigarro e perguntei-lhe:

Há quanto tempo é que isso começou?

O quê?

Isso de vocês se tratarem pelos nomes próprios.

Oh, não sei bem. Sem darmos por isso começámos a chamar-nos pelos nomes próprios. No fim de contas, já tivemos que passar por muitas coisas juntos... este assassinio e a investigação.

- E Philip?

Não o vi, a não ser por uns momentos quando a polícia lhe estava a fazer perguntas.

Endicott voltou para Los Angeles?

Não. Ainda cá está, mas quer ir-se embora.

E Whitewell também pensa voltar?

Por alguns dias, não. Dê-me um cigarro, querido.

Dei-lhe um cigarro, e acendi um fósforo. Alguém bateu à porta. Fui abrir. Era Whitewell, acompanhado de Endicott.

Não há dúvida, disse Whitewell, apertando-me a mão que não era bem esta a maneira como tínhamos previsto que voltássemos a encontrar-nos, não é verdade, Lam?

Sem dúvida.

Endicott seguiu o exemplo de Whitewell apertando-me a mão, mas não disse palavra.

Whitewell estava junto de Bertha, sorrindo-se.

Não sei como é que consegue tal coisa.

- O quê?

Passou praticamente uma noite em claro e mesmo assim tem o aspecto fresco de quem passou a noite na cama desde as dez horas da noite. Não posso deixar de me maravilhar com a sua vitalidade.

Bertha respondeu, tolamente:

Gostava de ser a décima parte daquilo que você pensa que sou.

Intervim no diálogo.

Suponho que contaram ambos a vossa história a Kleinsmidt.

Acenaram com a cabeça.

O tenente tem estado a verificar as vossas declarações.

Ainda hão-de vê-lo mais umas vezes. É teimoso que nem um burro. Posso acrescentar até, que pode tornar-se perigoso.

Ninguém disse palavra por alguns segundos, depois foi Endicott quem falou:

Sim, tenho a impressão de que você tem razão.

Bem, pelo sim pelo não, o melhor é passarmos em revista os factos e...

Interrompi o que ia a dizer ao ouvir o som de tacões de borracha no corredor. Em seguida, alguém bateu à porta.

Aposto em como é a *polícia*..

Ninguém quis apostar. Abri a porta. Era Kleinsmidt.

Entre, disse-lhe. Não duvido que alguém vai sugerir tomarmos café.

Boa ideia disse Whitewell. Uma excelente ideia.

Bom dia, tenente.

Kleinsmidt não esteve com pezinhos de lã.

Preciso de verificar umas certas coisas. Você, Whitewell, não me contou tudo o que aconteceu ontem à noite.

Receio não compreender o que quer dizer, respondeu Whitewell.

O senhor não estava ontem à noite, cerca das nove horas, à esquina das ruas Beech e Washington?

Whitewell hesitou.

Não sei disse passados momentos, como é que vou cooperar consigo, meu caro tenente. Você parece estar decidido a...

Deixe-se de subterfúgios, disse-lhe Kleinsmidt. – Estava ou não estava?

Whitewell olhou para o tenente.

- Não.

Tem a certeza?

Evidentemente.

Não estive lá em qualquer momento, digamos entre as oito e quarenta e cinco e às nove e quinze?

Não, não estive lá, em qualquer altura, ontem à noite.

Kleinsmidt virou-se para trás, abriu a porta, olhou lá para fora e acenou com a cabeça.

Prepare-se Whitewell, avisei-o.

Ouvimos passos miúdos no corredor, depois apareceu à porta uma rapariga.

Entre, disse Kleinsmidt. Olhe para as pessoas que se encontram nesta sala e diga-me se alguma delas é a pessoa que você viu a noite passada.

A jovem atravessou a ombreira da porta. Havia algo de desafio orgulhoso em todo o seu ar, como se soubesse que toda a gente estava contra si, tendo-se refugiado numa indiferença pretensiosa. Não dava a impressão de ter sido forçada a levantar-se a hora tão matutina. De certo modo, ao olhar-se para ela, sentia-se que não se tinha deitado e que não estava acostumada a dormir antes de nascer o dia. As faces tinham um pouco de cor a mais, e as linhas da sua boca eram duras.

Mas tinha tido cuidados consigo, cuidara do corpo, das mãos, e tivera cuidado especial nas roupas que vestia; uma mulher quase a chegar aos

trinta anos que tinha aprendido a nunca baixar a guarda, por um momento que fosse.

Sabia-se o que ia dizer, antes de ter pronunciado qualquer palavra. Os seus olhos percorreram a sala, e depois fixaram-se em Whitewell. Mas antes de ter podido dizer alguma coisa, Bertha Cool chegou-se para a frente, na sua cadeira.

Não, isso é que não pode ser, disse para Kleinsmidt.

Não e aqui, no meu quarto, que você vai arranjar armadilhas.

Se tiver de haver alguma identificação, coloque o homem ao lado de outro homem, aproximadamente da mesma idade e da mesma constituição física e...

Mas afinal quem é que manda aqui? Perguntou indignado Kleinsmidt.

É possível que seja você. Mas estou a dizer-lhe como é que terá de fazê-lo para poder ter algum valor.

Basta que tenha valor para mim. E então? Encontra-se aqui essa pessoa?

A jovem levantou um dedo e apontou para Whitewell.

Muito bem. Agora espere lá fora, disse Kleinsmidt.

Um momento, disse Whitewell. Exijo saber... Espere lá fora.

A rapariga acenou com a cabeça e saiu pela porta, ombros para trás, queixo levantado, ancas balouçando com o exagero suficiente para indicar que sabia muito bem o que estávamos a pensar e para nos dizer o que é que devíamos fazer.

A porta fechou-se. Kleinsmidt interrogou:

- Então?

Whitewell ia para dizer qualquer coisa.

Um momento, interrompi.

Olhou para mim, as sobrancelhas arqueadas numa interrogação silenciosa, à maneira de alguém suficientemente bem educado para revelar surpresa ou aborrecimento de qualquer outro modo.

O senhor já disse o que tinha a dizer, disse-lhe eu.

Não estava lá. Nada mais pode acrescentar a isso e... fiz uma pausa significativa *nada pode retirar ao que disse.*

Kleinsmidt virou-se, fixando em mim o seu olhar.

É advogado? Perguntou.

Não dei resposta.

Porque se não o é disse Kleinsmidt com ênfase
nós não gostamos de pessoas que pratiquem
advocacia sem
autorização... pelo menos neste Estado; e ao
pretender dar
conselhos a uma pessoa acusada...

Interrompeu-se bruscamente, e perguntei-lhe:

Acusada de crime?

Kleinsmidt não respondeu. Voltou-se depois para
Endicott.

O senhor chama-se Paul G. Endicott?
Perguntou.

Endicott acenou que sim.

Está associado à Whitewell?

Trabalho para ele.

De que forma?

Estou encarregado dos negócios, quando
Whitewell se ausenta.

E que faz quando Whitewell está presente?

- Faço com que as coisas corram normalmente.

Uma espécie de gerente?

- Sim, suponho que sim.

- Há quanto tempo trabalha com Whitewell?

Há dez anos.

Conhecia uma jovem chamada Corla Burke?

- Sim, vi-a.

- Falou com ela?

- Apenas por uns momentos.

- Onde?

Uma noite em que ela foi ao escritório.

Sabia que Corla e Philip iam casar-se?

Sabia.

Quando é que chegou a Las Vegas?

Ontem à tarde.

Como ?

Com Philip.

- No automóvel dele?

Sim.

Por que é que eu não ouvi falar de si até agora?

Endicott olhou para ele calmamente. Nada havia de antagonismo nesse olhar, nem de submissão. Era um olhar puramente desinteressado, em parte humorístico, talvez condescendente.

Garanto-lhe que não sei respondeu com a inflexão exactamente devida na sua voz.

Endicott era claramente um tipo de homem para dirigir realmente um negócio. Não cuidar simplesmente dos pormenores, mas de executar, e tomar decisões. Não era um homem que se pudesse atordoar. Tão pouco que pudesse ser amedrontado. Decidia o que tinha a fazer, e executava

integralmente os seus planos. Tudo isso se revelou naquele instante em que os dois homens se olharam de frente.

Kleinsmidt sentiu quem tinha pela frente. Abandonou os seus modos autoritários.

Em face das circunstâncias, Endicott, pretendo saber o que fez a noite passada.

Quando?

Bem, o que é que estava a fazer cerca das nove horas, por exemplo?

Estava no cinema.

- Onde?

No cinema «Casa Grande». >;

A que horas é que entrou no cinema??

Oh, não sei, talvez cerca de um quarto para as nove... ou talvez um pouco mais cedo. É verdade, agora que estou a pensar nisso, julgo que tenha sido pouco depois das oito e meia.

Até que horas esteve lá?

Até ver o espectáculo completo. Suponho que tenha lá estado cerca *de* duas horas.

Quando é que soube do assassinio?

Whitewell disse-me hoje de manhã.

Que lhe disse ele?

Pensou que havia a possibilidade de ficar retido em Las Vegas e, nesse caso, desejava que eu regressasse de avião a Los Angeles.

Porquê tanta pressa?

Porque é preciso manter a firma a funcionar.

Como é que eu sei que o senhor foi a noite passada para o cinema entre as oito e meia e um quarto para as nove?

Endicott respondeu:

Garanto-lhe que não sei.

Qual era o filme?

Oh, uma comédia ligeira, algo acerca de um marido divorciado que voltou quando a sua mulher estava para se casar outra vez. Criaram-se situações bastante interessantes.

Não me poderá descrever melhor a história?

- Não.

Suponho que não há qualquer possibilidade de que tenha guardado o talão do bilhete?

Endicott respondeu:

É possível.

Começou a procurar mecanicamente nas algibeiras.

De uma algibeira tirou vários talões de bilhetes, olhou para estes, escolheu um, e afirmou:

É possível que seja este.

Kleinsmidt foi até junto do telefone, e marcou um número.

O cinema não está aberto a estas horas da manhã disse-lhe Endicott.

Estou a telefonar para casa do gerente.

Momentos depois, Kleinsmidt dizia pelo telefone:

Frank, aqui fala Bill Kleinsmidt. Desculpa se te acordei, mas um copo de água quente com um pouco de sumo de limão, e um passeio, far-te-ão bem, para abater a barriga. Olha, espera um momento. Não te exaltes... Queria perguntar-te uma coisa acerca dos bilhetes do cinema. Tenho o talão de um bilhete que foi vendido a noite passada. Este tem um número. Não haverá maneira de me poderes dizer quando foi vendido esse bilhete? Oh, ah... um momento. Não desligues.

Kleinsmidt agarrou no talão, estudou-o, e falou novamente ao telefone:

Tem o número 6943... o quê? Sim, tem. Duas letras.

B Z. Oh, tens a certeza? Está bem, obrigado.

Receio, disse para Endicott que terá de rever um pouco essa questão das horas.

Endicott tirou um cigarro, bateu a ponta deste de encontro a uma unha, comprimindo o tabaco dentro do cigarro.

Desculpe, mas não poderei fazê-lo.

Esses bilhetes estão marcados, disse-lhe Kleinsmidt.

No cinema têm tido tantos aborrecimentos com bilhetes atrasados, que decidiram fazer exactamente com que soubessem quando é que foi vendido o bilhete... em que altura do espectáculo, por outras palavras. Deste modo, resolveram criar um código. A é sete horas. B é oito horas, e nove horas, D dez horas. X, Y e Z, representam períodos de quinze minutos.

Por exemplo, um bilhete que tenha um B quer dizer que foi vendido entre as oito horas e às oito e quinze. BX quer dizer que o bilhete foi vendido entre as oito e quinze e às oito e trinta. BY, quer dizer oito e trinta as oito e quarenta e cinco, e BZ quer dizer oito e quarenta e cinco às nove. Na bilheteira têm um carimbo automático, ligado ao relógio, e as letras vão mudando automaticamente.

É pena, respondeu Endicott. Mas eu ainda julgo que tenha entrado no cinema antes das oito e quarenta e cinco.

Está bem, mas mesmo que tivesse entrado antes das oito e quarenta e cinco, poderia ter-se levantado e saído.

Um sorriso lento aflorou aos lábios de Endicott.

Parece-me, meu caro, que ainda não é desta vez que tenho de concordar consigo. Na altura não compreendi a sorte que tivera, mas se quiser ter o trabalho de verificar, descobrirá que o filme principal terminou cerca das oito e cinquenta e cinco, e que logo a seguir se realizou um sorteio.

Foi chamado o número de um bilhete. Não sei porquê, li o número do meu bilhete incorrectamente e levantei-me para ir ao palco. Compreendi o erro. O público riu-se de mim.

É uma coisa que pode verificar.

Ah, sim? Perguntou o tenente.

A voz de Endicott não tinha nem mais nem menos que o tom preciso de condescendência divertida.

Como o senhor muito bem manifestou... sim... afirmou.

Aí está uma coisa que vou investigar. Terei que voltar a falar consigo, disse o tenente.

Se o quiser fazer, venha até Los Angeles.

Não parta para Los Angeles sem eu lho dizer.

Endicott riu-se. Meu caro senhor, se me quiser fazer mais quaisquer perguntas, o melhor é fazê-las já, porque dentro de duas horas vou a caminho de Los Angeles.

Está a pretender tornar-se independente? Perguntou Kleinsmidt.

Não, nada disso. Simplesmente acontece que tenho profunda aversão a deixar correr um negócio de qualquer maneira só porque você pretende reter em Las Vegas toda a gente, até ter terminado uma investigação. Compreendo de certo modo a sua posição, e não o censuro de modo algum, mas eu tenho as minhas responsabilidades.

Posso fazer com que seja intimado na qualidade de testemunha.

Endicott pensou, no caso, acenou lentamente, e respondeu: Erro meu, meu caro tenente, na verdade, pode.

E nesse caso não poderia sair de Las Vegas enquanto o assunto não estivesse esclarecido.

É verdade... e o resultado poderia ser desagradável.

Para si este é um assunto bastante importante. Para mim é meramente uma interrupção desagradável, e procuro fazer com que se torne o menos inconveniente possível.

Suponha que chegamos a um compromisso, sugeriu Kleinsmidt. Se eu nada fizer para interferir com a sua partida, o senhor virá, de sua própria vontade, se o mandar chamar?

Está bem... mas, com duas condições. Primeiro, que seja realmente necessário; segundo, que consiga preparar as coisas da firma, de modo a poder vir.

Endicott dirigiu-se para a porta.

Se nada tens a objectar, Arthur, disse, já com uma das mãos agarrando no puxador da porta, partirei daqui por volta das dez horas. Deverei chegar ao escritório pouco depois do meio-dia.

Whitewell acenou que sim.

Bem, tu querias escrever uma carta aceitando aquela opção que te foi dada por...

Sim, interrompeu Whitewell, como se estivesse ansioso por manter os seus assuntos em privado.

Endicott tirou a mão do puxador da porta, e apontou para a secretária.

Escreve uns apontamentos. Basta que menciones a opção. Estava datada do dia 16 do mês passado.

Whitewell escreveu em letra apressada um bilhete, assinou-o com uma assinatura de certo

modo floreada. Kleinsmidt observava-o, estudando todos os movimentos que fazia.

Aqui não há selos, disse subitamente Endicott. Vou lá abaixo à recepção comprar alguns. Há lá uma máquina onde se vendem...

Whitewell interrompeu-o.

Não é preciso, Paul. Trago sempre comigo sobrescritos já selados, prontos para momentos como este. Não é bem a mesma coisa que um sobrescrito novinho em folha, mas os correios não se importam.

Tirou da algibeira um sobrescrito de correio aéreo, já selado, e entregou-o a Endicott, por cima da secretária.

Preenche a morada. Sabes qual é.

Olhei rapidamente para Bertha para ver se o hábito de Whitewell de trazer consigo sobrescritos de correio aéreo, já selados, lhe tinha chamado a atenção. Aparentemente, não tinha.

Whitewell fechou o sobrescrito, entregou-o a Endicott.

Mete-o no correio, Paul.

Endicott agarrou no sobrescrito.

Não conheço bem as ligações do correio aéreo, aqui em Las Vegas, mas mesmo que a carta tenha de ir até S. Francisco e voltar para trás, deverá

chegar ao destino amanhã de manhã, o mais tardar... o que te dará tempo suficiente.

Kleinsmidt observou-o.

Repentinamente, voltou-se e riu-se para Bertha.

Desculpe, Sra. Cool, por tê-la acordado tão cedo. Faça por esquecer o incômodo. Se vocês aceitarem estas interrupções filosoficamente, vai ser tudo mais fácil, para todos nós.

Dirigiu-se rapidamente à porta, abriu-a e foi-se embora.

Olhei para Arthur Whitewell. Já não era o adulator, o pai de certo modo preocupado com o filho. Revelou-se em vez disso um homem de pensamentos rápidos e incisivos, capaz de tomar decisões imediatas.

Muito bem, Endicott, vais tomar conta da firma.

Eu ficarei aqui até estar tudo solucionado. É melhor partires já para Los Angeles.

Endicott concordou, com um aceno.

Estou disposto a oferecer até oitenta e cinco dólares por acção, para conseguirmos aquelas acções de que estivemos a falar a noite passada. Compreendes?

Compreendo.

Não dou mais que cinquenta mil por aquela Empresa Consolidated. Julgo que existem boas perspectivas de petróleo naquela proposta apresentada pela Fargo. Subirei no máximo até setenta e cinco mil, mas quero que o meu dinheiro seja o último a entrar e o primeiro a sair, com o maior bolo possível.

Compreendes ?

Queres que lhes diga...

Não. Escuta. Estão a cometer sempre o mesmo erro.

O erro que todos os novos fazem em negócios... não calcularem devidamente o capital de que vão necessitar. Coloca vinte mil dólares no contrato. Estipula a condição de que os accionistas terão de entrar com mais vinte mil. Depois cala-te e espera os acontecimentos. Quando os calos começarem a doer, pedirão quantias pequenas, dois mil a cinco mil dólares. Continuas sem dizer nada. Esperas que fiquem desesperados, depois faz-lhes a nossa proposta.

Para ter posição dominante? perguntou Endicott.

Para dominar as comuns e as primeiras preferidas, cobrindo o meu investimento. Quero

continuar a dominar depois de ter retirado todo o dinheiro que lá tiver colocado.

Endicott humedeceu os lábios.

Julgo que isso não será possível.

É possível se agires como eu disse. Eles estão a pedir trinta e cinco mil dólares. Pergunta se não terão possibilidade de arranjar vinte mil dólares entre si, se eu entrar com vinte mil dólares. Conseguirão fazê-lo... e pensarão que será o capital suficiente.

Estou a compreender, respondeu Endicott.

Não fales neste caso, foram as instruções que Whitewell lhe deu a seguir. Se algum jornalista entrar em contacto contigo, ri-te. Estou aqui em viagem de negócios. Põe em relevo, o mais casualmente possível, que cheguei a Las Vegas várias horas antes do assassínio ter sido cometido.

Por outras palavras, trata-se de uma viagem de negócios.

Os negócios que tenho aqui são suficientemente importantes para me forcarem a vir de avião e ficar cá vários dias. Philip está comigo, para me auxiliar e tomar conhecimento de vários pormenores. Compreendes?

Perfeitamente.

Bem, quanto a Philip, como sabes é um jovem com o sangue na guelra, impulsivo. Está apaixonado e preocupadíssimo com o desaparecimento da jovem com quem ia casar.

Compreendes com certeza o estado de nervos em que se encontra. Temporariamente está zangado comigo. Tivemos uma discussão. Penso que Philip não está neste momento disposto a vir até junto de mim com um ramo de oliveira na mão. Também penso que as autoridades não o devem deixar sair de Las Vegas. Se o deixarem, irá ter contigo. Confio em ti para o manteres na ordem.

Endicott acenou a cabeça.

Em nenhuma circunstâncias deverá falar com os jornalistas.

Julgo que poderei deixar isso ao seu bom senso, mas se vires que está a escorregar, chama-o à razão. Se necessitares de alguma coisa, entra em contacto comigo pelo telefone.

Até quando esperas ficar em Las Vegas?

Não sei, talvez algum tempo.

Mas certamente já estarás no escritório dentro de dois ou três dias. A investigação não deverá demorar mais...

É possível que esteja preso, disse Whitewell, secamente.

Endicott juntou os lábios e deu um pequeno assobio.

Penso que o melhor é ires-te embora, disse Whitewell.

Há uma pequena possibilidade da tua partida poder ser empatada.

Julgo que não disse Endicott. A hora que está impressa no bilhete do cinema e o sorteio afastam de mim qualquer suspeita. Mas é palermice suspeitar de todas as pessoas que não têm um álibi ou que tenham estado nas redondezas. Não há dúvida que é uma maneira estranha de fazer a coisa. Porque é que eles não procuram o motivo e depois começam a verificar as horas.

Porque Kleinsmidt é um polícia demasiado zeloso, numa comunidade isolada, respondeu Whitewell Não podemos esperar mentalidades e cérebros metropolitanos... e tu acabas por perder as ligações, se não partes imediatamente.

Endicott levantou-se, inclinou-se perante Bertha Cool, apertou-me a mão e sorriu-se para Whitewell, dizendo: Vamos a isto! e saiu. Whitewell atravessou o quarto, indo até junto da porta, e o ruído do correr da lingueta na fechadura fez-me compreender que a sua atitude para comigo tinha um objectivo definido.

Bem, Lam, então o que é que pode fazer?

Bertha respondeu:

Arthur, você pode confiar na agência, nós...

Whitewell nem sequer se voltou para ela, fez unicamente um gesto de silêncio com a palma da mão.

Se nos disser...

Esteja calada repreendeu Whitewell.

A ordem fora dada com uma tal autoridade que Bertha Cool remeteu-se mecanicamente a um silêncio surpreso e desconfortável.

Então, Lam? O que é que você quer e o que é *que* pode fazer?

Em primeiro lugar, tem de me dizer contra o que vou trabalhar. Kleinsmidt já sabe acerca de Corla. Isso quer dizer que os Clutmers estiveram à escuta.

Whitewell respondeu:

A rapariga está enganada. Nunca estive próximo da casa de Miss Franley.

No entanto, parece-me que ela não está a mentir respondi.

Também julgo que não. Mas não vê o que isso quer dizer? Entre mim e Philip existe uma grande semelhança.

A rapariga viu Philip. Não tinha *razão* especial para o observar atentamente, viu-o simplesmente passar na rua. Se Philip tivesse estado aqui, hoje de manhã, ela tê-lo-ia identificado.

Estava ansiosa por criar boa impressão junto da polícia; viu-me, e havia semelhança suficiente... temos de manobrar as coisas de modo que nunca se encontre com Philip.

A rapariga já identificou o senhor. Agora não volta atrás.

Bem, faça com que não volte atrás. Tem quaisquer sugestões a fazer?

Evidentemente. Agora o senhor tem que fazer com que ela o veja algumas vezes, falando e andando de um lado para o outro na sua frente. Depois, quando vir Philip, este parecer-lhe-á um estranho.

Excelente.

Philip tem algum álibi ?

Não sei. Essa é uma das coisas que pretendia que descobrisse.

Acha que devo informá-lo de que estou a trabalhar nesse sentido?

Não. Era sobre isso mesmo que queria falar consigo.

Não deve dar-lhe a entender que está a trabalhar em qualquer coisa que não seja o desaparecimento de Corla Burke.

Isso quer dizer mais despesas e...

Está bem, não tem importância.

Bertha Cool endireitou-se, na cadeira em que estava sentada.

A desculpe-me disse ela, mas...

Whitewell fez-lhe novo gesto com a

Mão pondo-a de parte.

Bertha retorquiu:

Vá para o diabo! Não julgue que alguém irá estipular preços nesta agência, a não ser Bertha Cool.

Whitewell voltou subitamente a ser o que era, sorrindo-lhe.

Desculpe-me, Bertha. Ninguém estava a tentar passar por cima de si. Pretendia simplesmente que Lam compreendesse o que há a fazer, porque é preciso que comece imediatamente.

Bertha retribuiu-lhe o sorriso. A sua voz era toda veludo.

Sabe, Arthur, nós temos de nos pagar melhor quando trabalhamos em casos de crime.

Quanto mais?

Bertha olhou para mim e indicou-me a porta.

Está tudo bem, querido, o melhor é começar a trabalhar sem mais demoras.

CAPÍTULO X

O frio penetrante da noite no deserto desfizera-se perante o embate dos raios do sol. A residência dos Dearborne parecia não ter vida. O sol brilhante iluminava a frente do edifício e transformava o estuque branco num clarão que feria a vista.

Sentado no carro que alugara, estacionado do outro lado da rua e a meio do quarteirão, eu esperava... absorvendo o calor transmitido pelo sol e tentando não dormir.

Tentei-o fumando cigarros, mas isso apenas abrandou a tensão nervosa, e fez com que sentisse ainda maior indolência.

Havia na atmosfera uma sonolência pesada que penetrava em tudo. Fechei os olhos para os descansar da grande luminosidade... e não fui capaz de abrir novamente as pálpebras.

Dormitei durante dez segundos ou dez minutos. Repentinamente, acordei, censurando-me a mim mesmo, desci um dos vidros do carro, tentei respirar fundo e o mais rapidamente possível, fazendo entrar uma super-abundância de oxigénio no meu sistema circulatório. Tentei pensar

em alguma coisa que me fizesse exasperar. A porta da casa abriu-se e Ogden Dearborne saiu.

Parou defronte da porta por uns momentos, esticando os braços por cima da cabeça. Deixei-me escorregar pelo assento do automóvel, de modo a ficarem apenas os olhos acima do nível da porta.

Ogden olhou para o céu, depois para um pequeno jardim defronte da casa, endireitou-se, espreguiçou-se outra vez, como um homem que não tivesse um só cuidado no mundo, apenas um engenheiro com um emprego do Estado, pagando as suas contas regularmente, as eleições já realizadas, o seu Partido no poder e os impostos que fossem para o diabo.

Depois, casualmente, voltou para dentro de casa.

Passados três segundos de ter fechado a porta, esta voltou a abrir-se e saiu Eloise Dearborne.

Esta não perdeu tempo olhando para a rua, ou para o panorama. Caminhou com passos rápidos, firmes, evidentemente tendo um destino definido.

Endireitei-me no assento do automóvel e vi-a afastar-se.

Eloise voltou a uma esquina, para o lado esquerdo, três quarteirões mais abaixo. Pus o motor

a trabalhar, mantive-me o mais escondido possível, e entrei com o automóvel na curva.

Agora era fácil segui-la. Aquela área tinha mais edifícios, e muitas lojas. A jovem entrou numa pequena mercearia, e eu estacionei o carro, parando o motor.

Esperei durante cerca de dez minutos, depois Eloise saiu, trazendo dois grandes sacos de papel. Desta vez percorreu apenas metade do quarteirão. Um letreiro numa porta dizia: “Pequenos apartamentos”.

Saí do automóvel, dirigi-me rapidamente à mercearia, comprei uma lata de leite condensado, que me custou dez cêntimos, e dirigi-me à casa dos apartamentos. Uma mulher estava a varrer o corredor. Mostrei-lhe a lata de leite com um meio sorriso, e perguntei-lhe: Onde é que poderei encontrar a rapariga que acaba de entrar com os embrulhos?

A mulher parou de varrer, olhou para mim e viu a lata do leite.

O que é que aconteceu? Ela perdeu alguma coisa?

Parece que sim.

Julgo que está no apartamento 2-A. É no primeiro andar, mesmo em frente.

Agradeci-lhe, subi até meio das escadas, esperei que o barulho da vassoura acabasse, e ouvi uma porta bater.

Depois desci as escadas a correr, entrei no automóvel, atirei a lata do leite para o assento detrás e dirigi-me à companhia dos telefones.

Inter-Urbana, chamada de estação para estação. Dê-me o número da Agência de Detectives B. Cool, em Los Angeles.

Com urgência, se faz favor.

Elsie Brand apareceu na linha, logo que a central fez a ligação em Los Angeles.

Está? Elsie? Como vai essa formosura? perguntei.

Muito mal. Como é que está a patroa?

Com certeza que não acredita. Emagreceu de tal modo que agora pesa cerca de setenta e cinco quilos.

- O quê?

Estou a falar a sério. E ainda há mais, está a tornar-se coquete.

Deves ter bebido demais. Quando é que vocês voltam?

Não sei. Agora escuta. Vai à redacção de um jornal, onde tenhas pessoas conhecidas. Na secção de Arquivo procura tudo o que houver acerca de

um homem chamado Sid Jannix, que foi pugilista. Em determinada altura foi um nome bastante conhecido. Vê se arranjas algumas fotografias ou então pede a um fotógrafo para tirar cópias das fotografias que houver. Depois envia-mas pelo correio aéreo, para o Hotel Sal Sagev.

No teu nome verdadeiro? perguntou Elsie.

Hum, hum, e Bertha também está registada com o seu nome. Estamos ambos naquele hotel. Mas temos mais. Vai à repartição de estatísticas e vê se Sidney Jannix era casado.

Vê também se se divorciou. Depois de conseguires essa informação, telegrafa-me.

O. K. Aqui em Los Angeles temos alguns clientes à espera. Um deles é um caso de chantagem, e o outro é um caso de atropelamento e fuga. O que é que lhes digo?

Diz-lhes que a Agência de Bertha Cool não poderá prestar-lhes neste momento os seus serviços, únicos no género, a menos que paguem muitíssimo bem. Vê até que ponto estão dispostos a pagar. Se vires que é bom...

A voz da telefonista interrompeu:

Três minutos.

Afastei imediatamente o auscultador do ouvido, e pousei-o no descanso, mas momentos

antes de o fazer ainda ouvi um estalido, sinal inconfundível de que Elsie Brand tinha sido mais rápida do que eu. Bertha Cool não admitiria jamais que numa chamada interurbana se gastasse mais que um período. “Levei menos de três minutos a dizer a meu marido que acabávamos tudo”, era seu costume dizer, “e nada do que se disse então foi tão importante. De modo que se vocês não são capazes de dizer tudo o que precisam em três minutos, têm de aprender”.

Saí dos telefones e entrei num restaurante, tomei uma chávena de café, presunto e ovos, e depois dirigi-me ao “Cactus Patch”. Um empregado disse-me que Louie Hazen só entraria de serviço às cinco horas da tarde, mas quando me dirigia para a saída, um outro empregado chamou-me e disse-me para esperar uns momentos. Parece que Louie se encontrava na cave, a reparar algumas máquinas.

Fiquei à espera enquanto o mandavam chamar.

Louie apareceu, olhou para mim com ar de dúvida, por uns momentos, depois reconheceu-me, e a sua expressão abriu-se num sorriso.

Olá, camarada, disse ele avançando para mim com a mão estendida.

Estendi a mão, mas a sua já não estava lá. O próprio Louie não estava lá. Com grande agilidade, empurrou a minha mão direita para um lado, e quando os meus olhos encontraram finalmente os seus, foi apenas a alguns centímetros de distância, o seu punho direito encostado com gentileza, mas com firmeza à boca do meu estômago.

Tem que estar alerta, companheiro. É preciso estar sempre prevenido.

Fixei-o nos olhos, vi o seu nariz amachucado a pequena distância, o sorriso aberto que revelava dois dentes a menos no lado esquerdo.

Não estava à espera desta, pois não?

Abanei a cabeça.

É preciso estar sempre em guarda, se alguma vez quiser ser pugilista. Acredite sinceramente, era capaz de fazer de si um bom pugilista. Podia ensinar-lhe a arte, e você seria dinamite. Você é um tipo de coragem. Tem aquela coragem que é necessária para se fazer um pugilista. Gostava imenso de treiná-lo.

Agarrei-o por um braço.

É possível que um dia me disponha a isso. Onde é que podemos falar?

Levou-me para um canto.

O que há?

Queria que me fizesse um favor.

Diga tudo o que quiser. Sabe uma coisa? Fiquei a gostar de si no momento em que lhe dei o murro. Você sabe como as coisas são. Há pessoas de quem se tem a impressão que vamos gostar, mas no momento em que se lhe aperta a mão gelamos, por dentro. No momento em que você me tocou, houve uma espécie de electricidade. Bem, ou qualquer coisa parecida. No momento em que lhe dei um murro no queixo... é verdade, como é que está o seu queixo?

Dorido.

Você é na verdade um tipo às direitas. Tem coragem.

Dê-me seis meses e faço de si um pugilista.

Louie, queria que me fizesse uma coisa.

Com certeza. Já lhe disse que o fazia. Basta dizer.

Leu os jornais da manhã?

- Não.

Então dê-lhes uma vista de olhos.

Porquê?

A noite passada foi morto um homem.

Morto?

Hum, hum. Com um tiro de revólver.

Os olhos de Louie aumentaram de tamanho.

Quer dizer assassinado?

Exactamente. Bem, tenho uma surpresa para si. Adivinhe quem era?

Louie abanou a cabeça vagamente.

O homem que esteve aqui a jogar nas máquinas das moedas, a noite passada.

Você refere-se a Sid Jannix, o boxeur que só fazia um assalto?

A polícia pensa que o seu nome é Harry Beegan.

Pois estão enganados, é na verdade Sid Jannix. Conheci-o no momento em que o vi lançar aquela esquerda, com o ombro esquerdo levantado de frente do queixo, e lançar logo de seguida a direita. Era indiscutivelmente uma característica do velho Jannix. Se me lembro, da maneira como ele os deitava para o tapete...

Ouça, Louie, queria que me fizesse uma coisa.

Oh, com certeza. Tudo o que você quiser. O que é?

Queria que fosse à morgue e identificasse o cadáver.

Não o cadáver do homem que a noite passada andou à pancada consigo, quando estava a fazer batota nas máquinas de moedas, mas sim como Sid

Jannix, um antigo companheiro do box e diga que em tempos combateu com ele...

Mas, eu nunca combati com ele.

Bem, não era um combate a sério, era um combate de treino que foi combinado no ginásio.

Oh, diabo, eu não queria ir à morgue, faz-me calafrios.

Não lhe faz mal nenhum.

Bem sei, mas também não me vai fazer bem nenhum.

Oh, bom, se você não quer ir...

Um momento, companheiro, eu não disse que não o fazia. Disse apenas que não queria fazê-lo. Não queria que fosse fazer alguma coisa que não gostasse.

Não faz mal. Se você quer que eu o faça, faço mesmo.

Quando é que quer que vá lá?

Imediatamente.

Ajeitou a gravata, vestiu o casaco, e sorriu-se para mim com aquele modo jovial e amistoso. Já vou a caminho. Olhar para um cadáver não vai com certeza criar boa disposição para o meu pequeno almoço, mas de qualquer maneira... Onde é que eu posso encontrá-lo quando voltar?

Volto cá mais tarde.

Muito bem. Até logo. Mas não se esqueça. Não estou a brincar consigo. Podia fazer de si um bom “boxeur”. É o que lhe digo, você tem fibra. Vou pensar nisso, prometi, e observei Louie caminhando ao longo da fila das máquinas de moedas, saindo pela porta da frente, a cabeça e o pescoço assentes nos ombros com aquele ar inconfundível de dureza que caracteriza um homem habituado à violência do box.

Dirigi-me ao bar. O empregado veio até junto de mim e perguntou: O que deseja?

Perguntei-lhe: Breckenridge já entrou?

Já. Parece-me quê está lá em cima. Quer falar com ele?

Exactamente.

Como se chama?

Lam.

Como é que se escreve?

- L-A-M.

O empregado do bar virou-se rapidamente para o espelho, olhou para um pedaço de papel que estava pendurado, e perguntou-me: O senhor chama-se Donald Lam?

Acenei que sim.

O patrão fez uma recomendação a seu respeito. Tudo o que quiser é seu. Que quer beber?

Neste momento, nada. Quero apenas falar com Breckenridge.

O empregado do bar fez um sinal com os olhos para um homem que passaria facilmente por um turista que andava a observar a casa, a olhar para os jogos. A indolência do homem dissolveu-se imediatamente numa energia decidida, à medida que se aproximava.

Este senhor quer falar com o patrão, disse-lhe o empregado do bar.

Uns olhos frios fixaram-se em mim, e o empregado do bar acrescentou apressadamente:

Chama-se Lam. O patrão recomendou que...

O frio dos olhos deixou de existir. Uma mão bem cuidada, com um grande anel de diamantes, foi-me estendida. O homem apertou-me a mão efusivamente.

Ainda bem que o senhor apareceu. Não quer umas fichas para tentar a sorte, ou...

Não, obrigado. Queria falar com Breckenridge.

Imediatamente, respondeu. Venha comigo.

Levou-me até junto 'da porta que dava para as escadas que levavam ao 1.º andar. Reparei que havia um pequeno diafragma disfarçado na parede. O homem que me acompanhava falou através

deste: Está aqui Donald Lam, Harvey. Levo-o comigo para cima...

A porta abriu-se silenciosamente, e subimos as escadas.

Quando nos encontrávamos quase no cimo da escada, o meu companheiro afastou-se sem mais cerimónias regressando ao casino, para recomeçar a sua fiscalização. Não sei exactamente o momento em que me deixou porque Harvey Breckenridge dirigia-se para mim de mão estendida e um sorriso na face. Dava a impressão de ser um homem que não sorria muitas vezes, e quando o fazia, os seus lábios finos, comprimiam-se secretamente como se estivessem dispostos a cooperar no sorriso apenas com a condição de que a causa fosse mantida em religioso segredo.

Entre. Faça favor de se sentar.

Entrei e sentei-me.

Que quer beber?

Nada, obrigado. Não há ninguém, cá na casa, que não tenha insistido para que eu bebesse qualquer coisa.

Ainda bem. Verifiquei a sua história, Lam. Lamento muito sinceramente o que aconteceu a noite passada.

Você foi bastante simpático. Sabe, que se quisesse podia-nos ter provocado um bom sarilho. Agradeço-lho bastante.

Compreendi que estava agradecido, respondi, acenando com a mão na direcção do casino.

Está tudo em ordem?

Sem dúvida alguma.

Alguma coisa que queira, é só pedir. Diga aos rapazes como se chama, e tudo o que houver é seu. Não pretendia abusar, mas tenho um pedido a fazer-lhe.

- O que é?

- É possível que lhe peça para me emprestar um dos seus homens.

O sorriso desapareceu da sua cara. Estava tão isenta de qualquer expressão como se acabasse de receber um jogo de elevado valor, durante uma partida de “poker”.

- Qual deles?

Louie Hazen.

Os seus olhos perderam a expressão de dureza, depois sorriu-se e, passado um momento, riu-se abertamente.

Que é que pretende fazer? perguntou. Assassina-lo?

Não. É possível que ele me possa prestar uns serviços.

Haverá algum inconveniente em emprestar-mo por uns tempos?

Meu Deus, de modo algum! Leve-o com os meus cumprimentos.

Evidentemente, pagar-lhe-ei os salários enquanto estiver...

Nada disso. Dar-lhe-ei uma licença de trinta dias e continuarei a pagar-lhe. Trinta dias será o suficiente para si?

Uma semana será o suficiente.

Leve-o por quanto tempo quiser. O pobre diabo! Não me agrada ter que despedi-lo, mas... bem, você sabe como ele é. É inofensivo e suficientemente bem intencionado, mas tem a mania dos socos. Possivelmente ainda me arranja algum sarilho grave se o mantiver aqui. Por outro lado. Também não gostaria de o largar sem mais nem menos. Na verdade, Lam, faz-me um favor se o tirar daqui por uns tempos.

Entretanto, vou tentar encontrar outro trabalho para ele.

Você não o tem há muito tempo, pois não?

Pois não. Aliás não lhe devo nada. Devia pô-lo na rua simplesmente, mas não sou *capaz* de o fazer.

Existe nele alguma coisa que inspira compaixão. É tal e qual como um cão vadio que se aproxima de nós a abanar o rabo, com um modo tão amistoso e ansioso que uma pessoa não tem coragem de lhe dar um pontapé e enviá-lo de novo para a vadiagem.

Quando é que o quer?

É possível que o queira imediatamente.

- Logo que ele vier, faça com que venha cá acima para lhe dar ordens. O que é que pretende dele, se acaso não estou a ser intrometido?

Fixei o seu olhar indagador.

Pretendia que me ensinasse boxe.

Está à sua disposição - respondeu-me Breckenridge, mas já não se sorria, e nos seus olhos notava-se uma certa concentração quando apertámos as mãos e me fui embora.

CAPÍTULO XI

A primeira vez que bati à porta do apartamento 2-A, fi-lo suavemente, mas com insistência.

Uma voz de mulher, perguntou do outro lado:
- Sim? Quem é?

A voz parecia procurar não revelar medo.

Não disse nada, esperei cerca de vinte segundos, depois bati novamente, desta vez com maior insistência. A voz feminina fez-se ouvir mais próxima da porta.

Quem é?

Agora já era possível notar-se um tom de pânico.

Voltei a não dizer nada, esperei apenas... esperei bem trinta e cinco segundos. Depois, bati novamente, desta vez ainda com mais força.

Quem... a sua voz interrompeu-se.

La levantar a mão para bater pela quarta vez quando ouvi a chave dar a volta à fechadura, e a porta abrir-se alguns centímetros. Com o ombro empurrei a porta. Helen Franley cedeu perante mim, quando entrei no quarto e a ela me dirigi. Fugira-lhe completamente a cor. Tinha a mão na garganta.

Então? Perguntei.

Fecha... fecha a porta, Donald.

Virei-me um pouco, e com a ponta do pé empurrei a porta, que se fechou.

Então? voltei a perguntar.

Senta-te, Donald. Meu Deus, não olhes para mim dessa maneira!

Sentei-me, tirei um maço de cigarros da algibeira, ofereci-lhe um, tirei outro para mim, e estendi-lhe um fósforo aceso.

Helen tocou-me na mão para guiar a chama até junto do seu cigarro. Senti-lhe o braço a tremer. As pontas dos dedos estavam geladas.

Como é que me encontraste?

Facilmente.

Não. Não podia ter sido fácil.

Esqueces-te de que sou detective.

Não me importa que fosses mesmo a polícia inteira.

Não era fácil. Já vivi o suficiente para saber como é que hei-de cuidar de mim quando estou em sarilhos.

Está bem, que diferença faz ter sido fácil ou difícil?

Encontrei-te, não é verdade?

- Porquê?

Porque queria ouvir a tua história.

Não tenho qualquer história.

É pena.

Que queres dizer?

A polícia não vai gostar disso.

Donald, tu não vais... tu não vais...

A polícia encontrar-te-á.

Não. Isso não conseguirá.

Sorri-me simplesmente, e fiz esse sorriso o mais superior que podia.

A polícia não tem nada contra mim.

A não ser que o homem assassinado vivia contigo, em tua casa, e...

Ele não estava a viver comigo!

Passava a maior parte do tempo Já em casa, não é verdade?

Sim, algum, mas não... não estava a viver comigo.

Podes prová-lo?

Evidentemente que não. Não costumo levar para a cama um notário público.

Tirei o cigarro da boca e bocejei.

Donald, o que é que tu tens? Com certeza não pensas que eu o matei?

Não o mataste?

Não sejas parvo.

Alguém o fez.

- E, já agora se mo perguntas, estava a pedir isso mesmo.

A polícia devia estar interessada nessa declaração.

Bem, a polícia de mim não ouviria nada. Naturalmente julgavas que ia dar com a língua nos dentes?

Provavelmente não.

Pois podes apostar o teu último dólar, em que não o faria.

Tens um álibi?

Para que horas?

Oh, cerca de dez minutos para as nove até cerca das nove e vinte.

Não, não tenho.

Azar.

Donald, escuta-me. Como é que me encontrei? Eu julguei que era impossível alguém encontrar-me.

Facilmente.

- Está bem, mas como?

Isso é um segredo profissional.

Suponho que gostarias que eu fosse condenada por assassínio?

Não. Acredites ou não, vim para te auxiliar.

Os seus olhos perderam um pouco daquela expressão de fugitiva.

És um cavalheiro.

Não podes continuar aqui.

Por que não?

É demasiado fácil encontrar-te.

Eu pensei que nunca me encontrariam... pelo menos em mil anos.

Encontrar-te-iam em mil minutos.

O que é que ias sugerir?

Podia fazer-te sair da cidade.

Como?

Segredo.

Está bem, qual é o preço?

Quero saber o que aconteceu.

Estás na verdade disposto a fazer-me sair da cidade, Donald?

Acredita que sim.

És na verdade um tipo estranho.

Pretendo alguma coisa.

O quê?

Informações.

Só isso?

- Sim.

Helen retorquiou:

Parece-me que nunca conheci um homem, como tu.

Dize-me uma coisa, a polícia anda à minha procura?

O que pensas?

Por que é que eles não vão procurar o verdadeiro criminoso?

Andam à procura de pistas.

Bem, e o que é que eu vou fazer? Tirar pistas das mangas do casaco, tirar algumas mais das meias, colocá-las numa bandeja de prata e dizer: "Aqui as tem, Sr. guarda."

Isso é contigo e com a polícia. Se não dizes o que sabes, podes ficar colocada numa posição bastante grave. Foste a última pessoa a ver Harry Beegan vivo.

Não fui. Acabei tudo com ele logo a seguir à cena de pancadaria.

Fugiste com ele.

Eu corri pela travessa abaixo. Alguns minutos depois Pug veio atrás de mim, agarrou-me pelo braço, e corremos os dois quase até ao fim da travessa. Naquele sítio havia um tapume bastante alto. Pug agarrou em mim e levantou-me até ao ponto em que podia elevar-me. Depois de eu ter

subido para cima do tapume, estendi-lhe a mão e ajudei-o a subir.

E depois?

Esperámos durante um pedaço enquanto os polícias passavam próximo. Podíamos ouvi-los falar, víamos as luzes das suas lâmpadas eléctricas e ouvíamos as perguntas que faziam. Atrás dos polícias vinha uma porção de pessoas, em seguida afastámo-nos calmamente.

E depois?

Depois, respondeu ela, disse-lhe que era um traidor, e que estava tudo acabado. Pug sabia que eu estava a falar verdade.

E bateu-te?

Nada disso. Pediu-me e implorou-me, prometeu quenão voltaria a interferir, disse-me que os ciúmes eram maisfortes do que a sua vontade, porque me amava muito, mas que tinha tido a sua lição e que compreendia perfeitamente que não poderia interferir na minha vida.

Mudaste de opinião?

Afastei-me.

E que é que lhe aconteceu?

Começou a seguir-me, e então voltei para trás e disse-lhe que arranjaría sarilho se me seguisse.

Ameaçaste chamar a polícia?

Não, evidentemente que não. A polícia e eu nãoandámos na mesma escola.

Ameaçaste gritar?

Não, disse-lhe aquilo mesmo. Disse-lhe que arranjaría sarilho.

E que querias dizer com isso?

Não sei o que é que queria dizer, mas estava farta.

Assassínio? Perguntei-lhe.

- Evidentemente que não. Disse aquilo apenas para que me deixasse sozinha.

- Mas não o ameaçaste de que arranjarías sarilho ?

- É verdade.

Não será isso o mesmo que dizer que o matarias?

Já te disse que não sei o que pretendia dizer. Apenas queria que se afastasse. Tê-lo-ia ameaçado de arrancar a Lua do céu e dar-lhe com ela na cabeça se me tivesse ocorrido essa ideia. Estava irritadíssima.

Achas que alguém te poderia ter ouvido?

- Não.

Tu tinhas passado por cima do tal tapume?

- Pois.

Como é que voltaste à rua?

Segui ao longo do tapume, vi as luzes de um **salão** de bilhar, entrei pelas traseiras, e saí para a rua.

Estavam homens no salão?

Estavam.

A jogar bilhar?

Dois ou três estavam.

Olharam para ti fixamente?

Se olharam!

Achas que se lembrarão de ti?

Oh, suponho que sim, respondeu-me, a sua voz revelando enfado.

- Pela maneira como me miraram, se tivesse um sinal do tamanho de uma cabeça de alfinete um pouco abaixo do joelho da minha perna esquerda, lembrar-se-iam dele durante vinte anos. Acha que isso responde à sua pergunta, Sr. detective?

Não há dúvida que sim. E os segundos andares desses edifícios? Não haveria lá nenhuma casa de apartamentos para alugar ou algum hotel?

Não sei.

Reparaste se havia alguma luz nas janelas?

Não.

Terias reparado se houvesse luz nas janelas?

Não sei. Estava furiosa. Quando estou furiosa, não reparo nas coisas.

Voltemos a Harry Beegan.

Isso é que não. Ouve, Donald, quero sair daqui.

Podes levar-me?

Posso.

O que é que eu tenho que fazer?

Exactamente aquilo que eu disser.

Durante quanto tempo?

Talvez duas ou três semanas.

A fim de poder sair?

Em parte isso. O resto é o preço que cobro por te fazer sair.

Olhou-me com uma expressão intrigada.

Acaso estarás a fazer-me uma proposta a sangue-frio?

Não é uma proposta desonesta.

Então o que é?

Uma combinação.

O que é que tu queres de mim?

Penso que podes auxiliar-me.

A fazer o quê?

A esclarecer um caso em que estou a trabalhar.

Oh, isso! Disse ela.

Sacudi a cinza do cigarro.

Está bem, disse repentinamente, quando é que partimos?

Quando é que podes ter as malas feitas?

Já tenho as malas feitas. Não trouxe nada comigo.

Não havia tempo para mais.

Nem sequer uma mala de viagem?

Apenas uma mala pequena.

Quando é que a conseguiste? Quero dizer, quando é que foste ao apartamento buscá-la?

Não gostavas de saber?

Saber-se-á mais tarde ou mais cedo.

Então nessa altura saberás.

E acerca de Eloise Dearborne?

O que sabes a respeito de Eloise Dearborne?

Onde é que ela vive?

Aqui.

Aqui! Então, o que é que ela faz?

O irmão é o engenheiro da barragem Boulder.

Helen abanou a cabeça.

Não a conheço.

Quem era, perguntei-lhe, a rapariga ruiva com um nariz de coelhinho que andou contigo no “Cactus Patch”?

Não sei a quem te referes.

Não conheces ninguém com esta descrição?

Não. É possível que tenha parado e passado uns momentos com alguém, mas não tenho qualquer pessoa amiga parecida com essa. Que idade tem?

Oh, vinte e três ou vinte e quatro anos.

Abanou a cabeça.

Bem. É possível que tenhamos de partir à pressa.

- O. K.

Bem. Quando formos em viagem, não devemos fazer nada que possa chamar a atenção. Em determinadas alturas pode acontecer que... em que tu terás de...

Helen riu-se.

Demoraste tempo a chegar até isso, não é verdade,

Donald?

Respondi-lhe:

- É.

Levantei-me e saí.

CAPÍTULO XII

Bertha Cool perguntou:

Quem é? - quando bati à porta.

Donald.

- Entre. A porta não está fechada.

Abri a porta. Bertha Cool estava de pé defronte do espelho grande, olhando por cima do ombro para a sua imagem no espelho.

Que diabo é que se passa? Perguntei.

A sua resposta foi irritada.

Estou apenas a olhar para mim. Já uma mulher não pode olhar para ver como é que está a saia, sem que você pense que há alguma coisa de anormal?

Dirigi-me para uma cadeira e sentei-me. Bertha Cool continuava a estudar-me ao espelho, de vários ângulos.

Que idade julga que tenho? Perguntou-me subitamente.

Não sei.

Bem, adivinhe.

Não quero.

Deus do céu, com certeza formou alguma opinião.

Uma pessoa tem sempre ideia da idade de alguém. Que idade pensa que eu tinha quando me viu pela primeira vez? Não, nessa altura não. Que idade julga que tenho agora?

Não tenho ideia nenhuma sobre a sua idade. Não sei sequer que idade lhe poderão dar. Vim simplesmente dizer-lhe que me vou embora.

Bertha voltou-se de repente. Os seus olhos duros e cintilantes, eram punhais dirigidos aos meus.

Vai-se embora?

- Foi isso mesmo que eu disse.

Mas você não pode abandonar-me.

Por que não?

Porque... porque, está a trabalhar num caso. Você está... mas o que é que eu faria sem si?

Arranjar-se-ia. Ainda outro dia disse que antes de me conhecer também mantinha a agência a funcionar. Que desde o momento em que me empregara andava sempre em água a esaldrar.

Mas por que razão é que quer abandonar-me? Perguntou Bertha aproximando-se e sentando-se numa cadeira de onde podia olhar-me de frente.

Vou-me embora.

Vai-se embora?

- Vou.

Para onde? Porquê?

Não sei para onde. Estou apaixonado.

Muito bem, mas por que *razão* há-de abandonar o emprego só porque está apaixonado?

Porque penso que será melhor assim.

Bertha Cool respondeu sarcasticamente:

Sabe uma coisa? Toda a gente consegue apaixonar-se e mesmo assim continuar nos seus empregos. Muitos conseguem casar-se e mesmo assim continuam a trabalhar. Não me pergunte como é que o fazem, porque eu não sei, mas já tem acontecido; e se você é um indivíduo de recursos, com certeza descobre alguma maneira. Dizem-me que muitos homens querem manter as mulheres, e para fazê-lo, têm de trabalhar.

Alguns homens até não chegam a casar-se enquanto não arranjam emprego. É uma pena, mas na verdade é isso que acontece. Afirmam que há estatísticas a provar o facto.

Bem sei. Mas eu vou-me embora.

E como é que vai sustentar essa sua carriçazinha, ou acaso ela tem fortuna própria?

Cá nos arranjaremos.

Donald Lam, ouça-me bem. Não pode sair assim sem mais nem menos e deixar-me no meio do sarilho, e o que é mais, você não está apaixonado.

Tem apenas uma pequena queda por alguma que lhe fez olhos de carneiro mal morto.

Meu Deus, se soubesse tanto acerca das mulheres como eu sei, nunca pensaria em casar com uma. Não se engane a si próprio.

As mulheres querem todas segurança, e não querem ser solteironas. As mulheres são caçadoras, Donald, caçadoras impiedosas, experimentadas e sem princípios, que falam em tons melancólicos, fazem olhos de carneiro mal morto, mas estão sempre a pensar lá por trás: «Bem, este homem não é exactamente aquilo que eu pretendo, mas escapa, e tem um coração tão bondoso e gentil que com certeza consigo manobrá-lo à minha vontade, e poderei levá-lo até uma proposta de casamento sem sequer saber que esteve sempre preso com uma argola enfiada no nariz. É demasiado cavalheiro para me rejeitar.» Elas...

Esta rapariga não é nada disso.

Oh, não! Não, evidentemente que não. Ela é diferente.

É mesmo.

Bem, por que razão é que ela não o deixa continuar no seu trabalho?

Porque não gosta da polícia. Porque não gosta de detectives.

Tenho a certeza de que não se apaixonaria por mim se eu continuasse a ser detective particular.

Mas que mal tem ser detective particular?

Algumas pessoas têm simplesmente complexos, nada mais.

Quem é ela?

Não a conhece.

Mas quem é ela?

É uma rapariga simpática, mas nunca lhe deram oportunidades...

Quem é ela?

É a rapariga em casa de quem foi encontrado o cadáver de Harry Beegan.

Bertha Cool respirou fundo, cruzou os braços, olhou para mim fixamente, depois lentamente expirou o ar e abanou a cabeça.

Por essa é que eu não esperava. Palavra que não sei o que hei-de fazer consigo.

Arranje alguém para me substituir.

Donald, está a falar a sério ?

Claro que estou.

Compreende o que está a dizer?

Naturalmente.

Quer dizer que vai abandonar o seu trabalho, simplesmente para fazer o jogo de uma mulher que faz batota nas máquinas de moedas como meio de

vida, e que ainda por cima vivia em comum com um pugilista falhado?

O melhor é deixarmos a rapariga fora da nossa discussão.

Não se engane a si próprio, ela está apaixonada é pela sua carteira. Se deixar o emprego, põe-o a andar.

Aquela rapariga, não. Bem vê, ela sabe quem assassinou Harry Beegan.

Bertha Cool respondeu:

Bem, ouça-me com atenção, querido, sabe tão bem como eu que... ela o quê?

Sabe quem assassinou Harry Beegan.

- Como?

Tinha uma sociedade com Beegan. Naturalmente, este contou-lhe tudo.

Uma sociedade! replicou Bertha.

É verdade. Eram sócios. Era tudo uma combinação comercial.

Oh, sem duvida, resmungou Bertha. Uma combinação comercial. Evidentemente, Beegan vivia em sua casa, mas tratava-se só de uma combinação comercial. A rapariga é uma pequena amimada e não pensaria nunca em casar-se com um detective particular. Oh, meu Deus, isso não. E por causa de Beegan ser seu sócio, este disse-lhe tudo.

Presumo que falaram os dois, depois dele estar morto.

Quer fazer o favor de a deixar em paz?

Estou apenas a tentar impedir-lhe que trocem de si.

Dentro de seis meses, perguntará como é que pôde ser um burro tão completo.

Julgo que não.

Pois bem, eu julgo que sim. Aliás tenho a certeza.

Já agora sempre lhe quero dizer mais alguma coisa. Se essa rapariga sabe quem assassinou Harry Beegan, o melhor que tem a fazer é dizê-lo. Na minha opinião, trata-se de uma maneira de empatar o tempo. Naturalmente foi ela que o assassinou. Aliás deve ter sido. Beegan foi encontrado morto em sua casa.

Quer fazer o favor de passar um cheque do dinheiro que tenho a receber e deixar-se de conversas?

Raios me partam se o farei, pelo menos enquanto você não recuperar o juízo. Se estivesse bêbedo não lhe dava o dinheiro, e não vou com certeza fazê-lo enquanto está doido.

E o que é que vou fazer para encontrar Corla Burke?

Pode contratar alguém para esse trabalho, alguém com mais experiência do que eu e que esteja ansioso por conseguir posição.

Bertha Cool retorquiou:

Não estou muito convencida de que o assassinio de Beegan não esteja ligado com o desaparecimento de Corla Burke.

Helen Franley é uma rapariga decente. Nada sabe acerca disso. Tudo o que sabe é quem assassinou Harry Beegan, e sabe bem como são estas raparigas. Não dão com a língua nos dentes. Essa é mais uma razão pela qual deixo o emprego. A mim dir-me-á tudo o que sabe. Se estivesse a trabalhar para si, teria de trair essa confiança, e não quero estar numa tal posição.

Donald, você está completamente doido!

Não, estou apaixonado.

Bem, o facto de estar apaixonado não quer dizer que fique com as células cerebrais paralisadas. Não tem que...

Alguém bateu levemente à porta. Bertha respondeu:

Faça favor de entrar.

A porta abriu-se, e Arthur Whitewell apareceu à entrada.

Olá, Arthur. Faça favor de entrar.

Este disse-lhe:

Pensei que quisesse dar uma pequena volta pela cidade, e ir ver os jogos de roleta. No fim de contas, não podemos deixar que os nossos assuntos monopolizem todo o tempo.

Só trabalho e nada de divertimentos, não está certo. Um vestido novo?

É verdade. Encomendei-o. E fica-me bem.

Se fica! Está estupendo.

Bertha retorquiu:

Nunca pensei que ainda viria o dia em que voltaria a vestir vestidos já feitos.

Resposta de Whitewell:

A Bertha tem uma maneira muito especial de se vestir.

Qualquer coisa que ponha no corpo fica-lhe bem. Você tem umas linhas admiráveis... de proporções exactas.

Bertha Cool respondeu maliciosamente:

Adulador!

Palavra. É mesmo assim. E se fôssemos dar uma volta, e arriscar alguns dólares na roda da sorte?

Quer saber o que me aconteceu?

Diga.

Donald quer abandonar tudo. Está a ver?

Abandonar o quê?

Deixar de trabalhar para mim.

Whitewell virou-se na minha direcção. As sobrancelhas estavam direitas.

Quando é que Donald quer sair?

Agora, respondi. Imediatamente.

O que é que aconteceu? Perguntou Whitewell, olhando de Bertha para mim.

Está apaixonado, explicou Bertha. A rapariga é uma jovem doce e inocente que...

Levantei-me e dirigi-me para a porta.

Se vai discutir os meus assuntos particulares, provavelmente sentir-se-á mais à vontade se eu não estiver aqui.

E se vai falar acerca da rapariga, não quero ouvir. É demasiado boa para a poder compreender.

Fechei a porta atrás de mim e caminhei ao longo do corredor. Tinha dado uma dúzia de passos quando ouvi a porta abrir-se, depois a voz de Bertha Cool: Deixe-o ir, Arthur. De nada serve. Uma vez que tenha tomado uma decisão, não há nada...

A porta ao fechar-se cortou o resto da frase de Bertha.

Regressei a pé ao «Cactus Patch». Louie Hazen ainda não voltara. Fui mais abaixo, ao Correio, e perguntei à empregada: O meu nome é

Donald Lam, e trabalho para a Agência de Detectives B. Cool. Espero um telegrama de Los Angeles que me deve ser enviado para o Hotel Sal Sagev. Se...

Um momento, disse a empregada. Vou ver.

Regressou passados alguns minutos.

Estava mesmo a ser recebido quando o senhor entrou.

Ainda bem, recebo-o aqui mesmo e poupo o trabalho de o enviarem ao hotel.

A empregada olhou para mim por uns momentos e depois perguntou:

Tem consigo algum dos seus cartões?

Dei-lhe um dos cartões da agência.

A empregada mirou-o, abriu uma gaveta, meteu-o dentro desta, e entregou-me o telegrama. Fora expedido por Elsie Brand e dizia:

“Envio via aérea informações Sidney Jannix. Casado Eiva Picará 4 Dezembro 1933. Não há registo de qualquer divórcio. Mais alguém tem andado à procura dos registos. Julgo seja detective representando alguma agência e interessado em Eiva Picará. Complexo dieta deve ser devido a solicitação biológica. Não a deixes cair com muita força pois pode não ressaltar.”

Coloquei o telegrama na algibeira e dirigi-me de novo ao “Cactus Patch”.

Um dos empregados veio até junto de mim e tentou fazer com que aceitasse um maço de fichas com os cumprimentos da casa. Afirmou que Breckenridge ficaria muito satisfeito se eu “me sentisse como em casa”.

Disse-lhe que agradecia, mas que estava à espera que Louie Hazen aparecesse, e que preferia sentar-me um bocado a ver o ambiente.

Depois tentou fazer com que aceitasse uma bebida, e mostrou-se desapontado por eu nada o deixar fazer para me agradar. Também, não parecia compreender a minha atitude.

Passado, um bocado, afastou-se.

Estava à espera há cerca de um quarto de hora quando chegou Louie.

Correu tudo bem? Perguntei.

Depende do que queira dizer com isso. Os tipos são doidos. Sabe o que tentaram fazer? Quiseram meter-me ao barulho.

Metê-lo ao barulho em quê?

Dizendo que fui eu que matei Sid Jannix.

Você está doido, retorqui.

Não, eles é que estão doidos.

Mas como é que as coisas chegaram a esse ponto?

Bem, tratava-se na verdade de Jannix, está a ver? Identifiquei-o, e a polícia quis saber como é que eu sabia.

Parecem pensar que só por ter visto uma vez um homem num ringue não poderia identificá-lo ao vê-lo já morto.

Por causa disso disse-lhes que na verdade não o poderia ter identificado se o visse já inteiriçado, mas que o tinha visto e tinha falado com ele na noite anterior, que o tinha visto em acção. Quando se combate para viver, aprende-se a observar pequenas peculiaridades no estilo de um pugilista, e uma vez que as tenha notado ficam na memória para toda a vida. Pois bem, os tipos quiseram saber tudo sobre a maneira como o tinha visto em acção, e logo que lhes contei, começaram a atirar-se a mim, dizendo que eu estava ressentido contra Sid Jannix, que este era bom de mais para mim, e que me tinha prejudicado no meu trabalho, e eu tinha jurado vingar-me. Chamaram Breckenridge ao telefone e fizeram-lhe perguntas acerca do assunto e perguntaram-lhe ainda se eu não teria dito que estava disposto a vingar-me.

Que disse Breckenridge?

Disse-lhes que eu talvez tivesse perdido um pouco a cabeça, mas que não me dessem grande importância, porque eu tinha a mania dos socos. Está a ver isto? Louie Hazen com a mania dos socos! É uma verdadeira anedota!

E depois?

Bem, nessa altura desceram mesmo à cidade, deram-me o tratamento completo, gritando-me aos ouvidos que eu sabia quem o tinha morto e todo o resto. Passado um bocado julgo que devo tê-los convencido, de que nada sabia sobre o assunto, e disseram-me para me vir embora. O diabo que os leve.

Estive sempre a trabalhar enquanto o assassinio era cometido.

É o que lhe digo, são doidos.

Tenho algum dinheiro junto, Louie. Breckenridge diz que lhe dá uma licença de trinta dias. E se me comesse a treinar?

Quer dizer para pugilista?

Acenei com a cabeça.

Os olhos de Louie cintilaram.

Assim é que é falar! Podemos fazer alguma coisa de si. Coragem não lhe falta. Está disposto a subir ao ringue?

Não. Queria apenas aprender alguma coisa sobre boxe.

Ótimo... mas...

Economizei algum dinheiro, Louie. Pagar-lhe-ei exatamente aquilo que está a receber aqui. Não perde nada com isso, e o emprego estará cá quando voltar.

Louie respondeu-me:

Mas eu podia treiná-lo aqui mesmo. Podíamos arranjar espaço lá em baixo, na cave, e podia treiná-lo todos os dias...

Não. Quero sair daqui e ir para um sítio onde esteja completamente livre de todos. Iremos para qualquer lado e montaremos um pequeno campo de treino... perto de Reno, talvez. Estará connosco uma rapariga.

Uma rapariga!

Hum, hum.

Piscou os olhos por um momento, e depois sorriu-se com modo apreciador.

Quando é que partimos?

Imediatamente. Vou arranjar um carro em segunda mão que nos sirva a todos. Acamparemos pelo caminho, e faremos tudo pelo melhor. Não nos custará muito dinheiro.

Bravo, disse Louie, sou um ótimo campista. É uma das coisas de que eu gosto, cozinhar no campo.

Então vá fazer as malas. Temos que partir à pressa.

Tenho a ideia de que a polícia talvez tente impedir-nos de partir se não escaparmos entretanto. Por um momento, notei uma expressão de receio nos seus olhos, depois respondeu: Não podemos partir assim com essa pressa toda. Tenho algumas luvas, mas são muito leves. Precisamos de luvas mais pesadas para treino. Além disso precisamos de um saco de treino. Vendi o meu quando saí de Los Angeles, mas podemos comprar um bom por...

Arranjaremos isso no Reno, respondi-lhe.

CAPÍTULO XIII

Tinha a certeza de que Bertha estava à minha espera no hotel. Por essa razão não voltei lá. O dinheiro que tinha economizado estava depositado para ser levantado em cheques de viagem, e assim comprei um carro velho, uma camisa de lã, umas calças e um casaco de couro, roupas para cama, um fogão a gasolina, panelas, alimentos enlatados e estava pronto a partir às três e trinta da tarde.

Tínhamos o aspecto típico de campistas quando saímos da cidade. Ninguém tentou fazer-nos parar. Passámos perto de uma porção de polícias que nos miraram dos pés à cabeça e nos deixaram seguir.

Metemos pela estrada Beatty; o automóvel fazia uma média de sessenta quilómetros por hora. Ao fim da tarde meti a uma estrada secundária que seguia pelo deserto.

A algumas centenas de metros da estrada principal parei o carro fora do caminho, num espaço sem vegetação.

Estará bem aqui? perguntei a Louie.

Está muito bem.

Helen Franley saiu do carro sem dizer palavra, e começou a tirar coisas para fora.

Trouxeste cobertores com fartura, disse ela.
Vamos precisar deles.

Os seus olhos encontraram os meus.

Duas camas ou três?

- Três.

- O. K.

Helen estendeu os cobertores na areia do deserto. Louie tirou o fogão de gasolina de dentro da caixa de cartão em que vinha empacotado, colocou-o em cima do estribo do automóvel, encheu o depósito de gasolina, e passados alguns minutos estava a começar a ferver uma cafeteira com café.

Que posso fazer? perguntei-lhe.

Nada, respondeu Louie. Deixe-se estar por aí. Você é o chefe da família. Não está bem assim? perguntou ele olhando para Helen Franley.

Está muito bem.

Como é que a trato quando chegar o momento de a chamar para comer? perguntou-lhe Louie, com o seu sorriso desdentado.

- Helen.

O. K. Eu chamo-me Louie. Não está zangada comigo por causa daquele negócio das máquinas de moedas?

Mesmo nada, respondeu Helen, e estendeu-lhe a mão.

Louie apertou-lhe a mão e sorriu mais uma vez.

Vamo-nos dar bem.

O pugilista começou a sua tarefa, agarrando panelas e cafeteiras, e depois nas latas de conservas. Nem um só gesto seu era inútil. Não parecia estar com grandes pressas, mas conseguia fazer as coisas com uma rapidez incrível.

Helen e eu tentamos uma ou duas vezes auxiliá-lo, mas Louie afastou-nos impaciente.

Não vamos ter festa. Não vamos pôr mesa nem comerem grande estilo. Não temos água suficiente para lavarmos tudo muito bem e não vamos ter muitos pratos, mas garanto-lhes que o jantar lhes vai encher o estômago.

Passado um pedaço, a brisa do deserto trouxe até nós o cheiro de feijões, feijões e alho e cebola frita.

Louie, perguntei-lhe, que prato é esse?

Isto, respondeu ele com orgulho, é um prato que eu próprio inventei. Cortam-se as cebolas em rodelas finas, deitam-se dentro de um pouco de água, e deixam-se cozer até secar a água. Depois deita-se um pouco de óleo e fritam-se.

Junta-se um pouco de alho, depois abre-se uma lata de feijões e junta-se-lhes um pouco de molho. Garanto-lhes que é bom.

Helen e eu sentámo-nos lado a lado, em cima dos cobertores, olhando para o céu enquanto um artista invisível se dava ao trabalho de pintar um pôr de sol no deserto, trabalhando rapidamente com cores vivas e um pincel pródigo.

Estávamos ainda a olhar para o pôr do sol quando Louie nos colocou nas mãos os pratos bastante quentes.

Ora aqui está, tudo completo. Come-se tudo no mesmo prato, quero dizer que têm de comer tudo e depois limpá-lo com o pão.

Começamos a comer. Os feijões sabiam melhor do que qualquer outra refeição de que tinha memória, acompanhados de um pão fresco que ensopou o molho que ficou no prato, depois de termos comido tudo.

Helen suspirou.

Parece-me que nunca comi uma coisa que me soubesse tão bem. Donald, porque é que não te lembraste mais cedo disto?

Não sei. Naturalmente porque sou estúpido, respondi.

Os últimos restos da luz do dia desapareceram. O céu encheu-se de estrelas.

Eu lavo os pratos, disse Helen.

Louie sentiu-se insultado.

Que sabe uma rapariga como você acerca de lavar os pratos? De qualquer maneira, não é próprio. Ora, repare numa coisa. Aqui no deserto não temos muita água, está a ver? Eu mostro-lhe como é que se faz.

Louie levou os pratos para pequena distância de nós, à frente do carro, acendeu os faróis, com os calcanhares abriu pequenos sulcos no chão e depois apanhou areia. Deitou a areia nos pratos e começou a esfregá-los. Quando acabou, a areia tinha ensopado tudo o que ficara nos pratos e estes estavam completamente limpos. Em seguida deitou água a ferver sobre eles, apenas algumas colheres em cada um.

A água limpou os restos de areia, e deixou os pratos a brilhar de limpos.

Ora aí está, anunciou Louie orgulhosamente. Muito mais limpos do que se tivessem aqui um alguidar cheio de água. Agora deixamos ficar os pratos em cima do estribo do carro e já ficam prontos para o pequeno almoço. A que horas é que quer partir?

Depois digo-lhe, respondi.

Pensei em puxar os meus cobertores para aqui e... disse Louie.

Assim está bem, retorquiu Helen. Fiz as três camas, lado a lado.

Louie esperou alguns minutos, e depois respondeu:

Muito bem.

Sentámo-nos nos cobertores durante algum tempo.

E se fizéssemos uma fogueira? perguntou Louie.

Pode acontecer que alguém ande à nossa procura na estrada, respondi.

É verdade. Naturalmente andam. E se tivéssemos um pouco de música?

Você trouxe um aparelho de rádio? perguntei.

Trouxe uma coisa melhor, respondeu Louie.

Tirou a gaita de beijos da algibeira, envolveu-a ternamente nos seus dedos e colocou-a na boca.

Não era bem a espécie de música de que estava à espera.

Estava preparado para a música normal das gaitas de beijo, mas Louie deu-nos de tudo. A música que saía da harmónica parecia de algum modo misturar-se com a calma tranquilidade da

noite do deserto. Integrou-se na escuridão, nas areias silenciosas e nas estrelas.

Helen chegou-se para mim e encostou-se ao meu ombro.

Passei-lhe o braço pela cintura. Sentia a sua respiração lenta e regular, o calor da sua cara e o perfume do seu cabelo.

A mão de Helen agarrou na minha. Senti os seus ombros elevarem-se ao respirar fundo, e depois suspirou.

A noite ainda estava quente. Por duas vezes, no espaço de uma hora, ouvimos motores de automóveis aproximando-se à distância. Faróis dançavam vagamente para cima e para baixo, ao longo da estrada, criando sombras estranhas.

Aparte esses dois carros, o deserto pertencia-nos inteiramente.

As melodias de Louie tinham a majestade da música de órgão. Isso devia-se, em parte, ao ambiente, ao deserto e às estrelas num céu que parecia ter sido lavado de novo e polido por uma dona de casa cósmica. Louie tocava de ouvido, mas era sem dúvida um artista, e a sua harmónica realizava coisas que se julgariam impossíveis.

Depois, passado um bocado, Louie parou de tocar, deixando simplesmente a música

transformar-se em silêncio e ficámos ali sentados, olhando para as estrelas, para os contornos pouco visíveis do automóvel, para a vegetação baixa do deserto, sentindo o silêncio eterno.

Helen segredou baixinho:

Parece que estamos mais próximos do céu.

Sentia-lhe o calor do corpo através das suas roupas e das minhas, sentia o peso da sua cabeça apoiada no meu ombro. Uma ou duas vezes os seus músculos contorceram-se involuntariamente, à medida que a tensão nervosa diminuía e o seu corpo se entregava à lassidão.

Passados momentos, uma brisa tão leve, que era quase imperceptível, começou a percorrer o deserto, mas era uma brisa fria. O calor desapareceu completamente. A brisa aumentou de intensidade. Agora sentia-se o ar correr. Helen chegou-se mais a mim. Encolheu as pernas e encostou com força os seus joelhos contra a minha perna. Por algum tempo, voltou o calor, depois a brisa apareceu novamente, e Helen endireitou-se com um arrepio. Está a arrefecer, disse Louie.

São horas de ir para a cama, anunciou Helen. O meu cobertor é o da ponta. Donald, tu dormes no meio.

Helen arrastou-se para cima do seu cobertor, e tirou o vestido. Estava demasiado escuro para se verem os pormenores, mas a luz das estrelas revelou os contornos gerais do seu corpo, enquanto o vestido escorregava pelas pernas abaixo. Observei-a sem curiosidade e sem me sentir muito consciente disso. Dava a impressão de que estava a observar, à luz das estrelas, uma linda estatueta. Helen cobriu-se com os cobertores, mexeu-se e voltou-se durante uns momentos, tirando as roupas interiores, depois sentou-se para vestir o pijama, abotoando o casaco no pescoço.

Boa noite, disse ela.

Boa noite, respondi.

Louie, ligeiramente embaraçado, ficou calado, pretendendo pensar que Helen tivesse falado apenas para mim.

Mas esta levantou-se um pouco, apoiando-se sobre o cotovelo.

Louie! chamou.

- O que é?

Boa noite.

Boa noite, respondeu ele, gaguejando um pouco.

Esperamos alguns minutos até que Helen se tivesse acomodado nos seus cobertores, depois

Louie e eu despimos a nossas roupas e enfiamo-nos nos cobertores, tendo apenas vestida a roupa interior.

Perguntei a mim mesmo que frio iria fazer. Já sentia a ponta do nariz gelada. As estrelas no céu, directamente por cima de mim. Pensei que talvez uma delas caísse, e se assim fosse podia cair em cima de mim... depois subitamente abri os olhos e no céu existia uma variedade completamente diferente de estrelas. Debaixo de mim o chão estava duro e os meus músculos doridos, mas o ar fresco e limpo, com aquela qualidade rara do frio sem poeiras, tinha-me purificado o sangue, sugando todos os venenos, e deixando-me tão aliviado como se tivesse estado a dormir um mês seguido.

Fechei novamente os olhos. Acordei um pouco antes do amanhecer, e vi um brilho azul-esverdeado no céu, prenunciador da aurora. Depois o azul-esverdeado transformou-se em laranja pálido. A cor de laranja aumentou de intensidade, tornou-se mais viva, e depois uma pequena nuvem tomou grande relevo. Ouvi o respirar ritmado de Helen, a meu lado, e ouvi o ressonar plácido de Louie, do outro lado, e pensei em levantar-me, mas depois resolvi deixar-me ficar no quente dos cobertores.

Quando acordei, o sol encontrava-se acima do horizonte, criando longas sombras no chão, devido às elevações de terreno e à vegetação. Uma série de contorções e pequenos ruídos, nos cobertores a meu lado, indicaram-me que Helen Franley estava a vestir-se. Louie estava curvado sobre o fogão, no estribo do carro, e o cheiro do café chegou até às minhas narinas.

Nunca houve nada que satisfizesse tanto a alma, tão cheio de promessas, como o cheiro a café ao ar livre, depois do ar puro e fresco ter feito o seu trabalho e uma pessoa compreender que está verdadeiramente esfomeada.

Helen Franley levantou-se, e a sua figura era esbelta e graciosa. Os raios dourados do sol matinal retocavam as suas linhas jovens de uma cor alaranjada a vermelha. Olhou para mim, reparou que eu estava a olhar para ela, e naturalmente disse:

Bom dia, Donald.

Olá, respondi.

Louie voltou-se ao ouvir-lhe a voz e logo a seguir curvou-se sobre o fogão.

Nos olhos de Helen podia ler-se gracejo.

Bom dia, Louie, chamou ela.

Bom dia, respondeu Louie por cima do ombro.

Helen acabou de se vestir.

Palavra que era capaz de me apaixonar por este modo de vida. Pergunto a mim mesma porque é que alguém não o inventou mais cedo.

Já existe há mais tempo do que nós, observei.

Helen de pé virou-se para leste, o sol iluminando-lhe a cara. Subitamente, abriu os braços em direcção ao sol, num gesto impulsivo, depois virou-se, sentou-se, e calçou os sapatos.

Louie chamou a nossa atenção:

Meia bacia de água para cada um, e é tudo o que há.

O café está pronto dentro de cinco minutos.

Lavámos a cara, as mãos e os dentes, *e* ficámos sentados em cima dos cobertores enquanto Louie nos servia ovos mexidos, café, presunto cozinhado de maneira tal que tinha um sabor como que a nozes, mas sem ser demasiado áspero. Tinha acendido uma pequena fogueira, tinha-a deixado morrer ficando em carvões acesos e algumas pequeninas pedras metidas no meio dos carvões serviam de apoio para as fatias de pão que torrara, e que besuntara de manteiga.

Todas as garfadas que levava à boca me pareciam estar cheias de uma energia deliciosamente saborosa. Sentia-me como se não

necessitasse já de lições de boxe, como se fosse capaz de enfrentar qualquer homem e deitá-lo por terra só com as mãos.

Depois do café ficámos sentados durante alguns minutos, a fumar, *e* a apreciar o calor do Sol. Acabámos de fumar os cigarros. Olhei para Louie. Olhámos ambos para Helen.

Esta acenou com a cabeça. Começámos a dobrar os cobertores, e metemo-los no carro. Nenhum de nós falou. Não tínhamos necessidade de palavras.

Meia hora depois, os pratos já lavados e arrumados, o carro pronto a partir, pusemo-nos a caminho, através do deserto, o motor cheio de ruídos de pistões e rolamentos, mas conseguindo dar-nos os seus sessenta quilómetros por hora.

O Sol elevou-se mais no céu. A sombra do automóvel diminuiu de tamanho. O calor tépido deu lugar ao verdadeiro calor.

O pneu de trás teve um furo. Louie e eu mudamos o pneu.

Não foi grande contrariedade. Não estávamos nervosos, nem tínhamos pressa. Tudo parecia deslocar-se e fazer-se no seu devido tempo... completamente diferente daqueles momentos em que tinha andado às voltas no automóvel da

Agência tentando chegar a qualquer lado com grande pressa.

Nessa altura, havia um furo e tudo saía mal. O carro saltava fora do macaco, as porcas não apertavam, o tampão nunca ficava bem colocado.

Não nos apressámos. Tínhamos à nossa frente todo o tempo de que precisássemos. Por vezes, parávamos simplesmente para apreciar o panorama.

Viajámos durante todo esse dia, voltámos a acampar no deserto, durante a noite, e chegámos ao Reno cerca do meio-dia do dia seguinte.

Muito bem, disse Louie, já cá estamos. Que ordens temos, patrão?

O carro estava coberto de poeira. Eu necessitava de fazer a barba. Louie tinha pêlos pretos a aparecerem pelo queixo e pela cara. Os três estávamos queimados pelo sol do deserto e pelo vento, mas nunca me senti em toda a minha vida com tanta calma e sossego.

Vamos para um parque de estacionamento, enquanto nos limpamos, e procuramos saber o que há a fazer.

Encontrámos um parque de estacionamento para automóveis.

A mulher alugou-nos uma cabine com dois quartos e três camas. Tomámos duche. Louie -e eu fizemos a barba, e em seguida saí para fazer um reconhecimento.

Telefonei para a companhia dos telefones e perguntei se a Sra. Jannix tinha telefone. Não tinha. Telefonei para todos os hotéis, e perguntei-lhes se tinham a Sra. Jannix como hóspede. Não tinham. Telefonei para os serviços públicos.

Estes não quiseram dar qualquer informação.

Regressei ao parque de estacionamento, trouxe os outros dois comigo e fomos à procura de casa.

Finalmente, quando estava quase a anoitecer, encontrei um lugar ideal para aquilo que pretendíamos. Um homem tinha uma pequena bomba de gasolina a cerca de doze quilómetros da cidade. Ainda começara a montar um parque de estacionamento para automóveis, mas acabara-se-lhe o dinheiro e tudo o que tinha era uma vivenda de madeira a cerca de cem metros da estrada.

Enchemos o carro de mantimentos e fizemos a mudança nessa noite. Louie tocou valsas com a sua gaita de beijos e Helen e eu dançámos por algum tempo. Na vivenda, havia um pequeno fogão a lenha, e assim mantivemos o interior confortável

com o calor que apenas é dado por um fogão de lenha numa cozinha.

Louie arrancou-me da cama ao romper da manhã. Era a altura, explicou ele, de começar a trabalhar.

Helen sorriu-se para mim, meio a dormir.

Divirtam-se.

Virou-se para o outro lado e adormeceu novamente.

Calcei os sapatos de borracha, apertei o cinto, bebi um copo de água quente com sumo de limão e segui Louie.

O Sol estava nesse momento a nascer. O ar frio penetrava-me pela roupa fina.

Louie viu-me tremer.

Dentro de minutos isso passa-lhe. É suficientemente leve para não suar muito. Vamos embora, venha daí.

Louie começou por um pequeno trote. Segui atrás dele.

Tínhamos percorrido cento e cinquenta metros e o frio deu lugar a um calor reconfortante.

A certa altura, compreendi que a inclinação era grande.

Os meus pulmões começaram a pedir ar. Louie, contudo, continuou a correr. Agora íamos pelo alcatroado da estrada.

O ruído das solas de borracha de Louie começou a tornar-se monótono.

Ainda falta muito? Perguntei.

Não fale, disse-me por cima do ombro.

Continuei a correr atrás de Louie. As minhas pernas pesavam tanto que pareciam ser feitas de chumbo. Corríamos lentamente, de modo que conseguia manter a respiração, mas já me sentia cansado, terrivelmente cansado. Parecia que tínhamos corrido durante quilómetros, quando Louie se voltou subitamente para trás, e me observou com o olhar de um treinador profissional.

Está bem, agora caminhamos um bocado.

Começámos a caminhar a passo rápido, respirando fundo o ar frio e limpo. As minhas pernas estavam cansadas, mas a modificação na acção muscular era um alívio.

Passados alguns minutos, Louie começou novamente a correr, e eu atrás dele. Cerca de quinhentos metros apareceu a vivenda. Pareceram-me horas até chegar junto dela.

Louie não estava cansado. Notava-se que respirava mais profundamente, mas mais nada.

Tente respirar também com a parte inferior dos pulmões.

Bem, agora vamos fazer mais alguns exercícios, os exercícios preliminares.

Trouxe um par de luvas de boxe endurecidas pelo suor e colocou-as nas minhas mãos.

Bem, disse ele, o golpe mais enganador e o mais difícil de acertar é o directo puro. Ora, vamos lá a ver um directo da esquerda.

Lancei uma esquerda.

Louie abanou a cabeça.

Isso não é um directo.

Porquê?

Porque o cotovelo veio também com o soco, mas da parte de fora do corpo. Mantenha o cotovelo sempre junto do corpo quando levanta o punho. Primeiro a esquerda, depois a direita.

Tentei novamente. Louie não gostou mas mostrou-se paciente.

Olhe uma coisa. Tire fora essa luva da mão direita por uns momentos. Vou mostrar-lhe como se faz.

E mostrou-me. E instruiu-me, e obrigou-me a dar socos com a esquerda até um ponto tal em que quase não podia levantar o braço.

Não é bom, nem é mau. Com o tempo melhora. Agora, vamos tentar um directo da direita. Bem, quando se dá um directo com a direita...

Uma Voz sonolenta gritou da janela.

Não seria melhor que fossem dar um passeio em vez de terem todo esse trabalho, Louie?

Olhei para a janela do quarto. Helen Franley, com os cotovelos apoiados no parapeito, um quimono caindo-lhe do colo, observava-nos com uma expressão de ironia nos olhos.

Louie respondeu, muito sério:

Existem momentos em que um homem não se pode dar ao luxo de passear, Miss Helen... Talvez tenha de lutar para a defender.

Não vale a pena, respondeu-lhe Helen. Eu gosto dos homens com olhos negros, e além disso tenho de ir lavar os dentes.

Saiu da janela. Louie voltou-se para mim com aquele seu característico sorriso desdentado.

Ali está uma rapariga digna de si. O que eu quero dizer é: que rapariga!

Acenei com a cabeça.

Louie olhava para mim com uma expressão especulativa, como se pretendesse dizer mais alguma coisa, talvez perguntando a si mesmo se se atreveria a ensinar-me algo que não fosse boxe. Mas

era-lhe difícil encontrar as palavras. Por fim, afirmou: Ouça-me bem, amigo, você sabe quem eu sou. Sou seu companheiro, está a compreender?

Acenei.

Estou a seu lado. Seja qual for o seu jogo, estou a seu lado.

Acenei novamente.

Balbuciou atrapalhadamente:

Bem, agora não se ponha a fazer loucuras por minha conta. Vamos embora, levante os braços e voltemos ao princípio. Um, dois... um, dois... um, dois...

Estava tão cansado que quase não podia mexer-me, quando terminámos. Tinha a pele coberta de suor. Louie inspeccionou-me.

Para si nada de duches frios. Isso dos duches frios está bem para os indivíduos que têm uma camada de gordura sob a pele, mesmo que não lhes faça tão bem como estes julgam.

Tome um duche quente, mas não muito quente, apenas um pouco mais quente do que a pele. Experimente a temperatura com as mãos, e depois meta-se debaixo. A princípio parecer-lhe-á um duche frio, e a primeira reacção é abrir mais a torneira da água quente, mas não o faça. Mantenha-

se debaixo do duche, ensaboe-se bem e esfregue-se muito.

Em seguida, deixe a água arrefecer um pouco mais, não o suficiente para lhe provocar um choque, mas deixe-a simplesmente arrefecer até sentir que gostaria de sair debaixo do duche, e nessa altura saia mesmo rapidamente. Esfregue-se bem com uma toalha, e depois meta-se na cama... nessa altura, entro eu em acção.

Tomei o duche. As toalhas fornecidas pelo dono da vivenda eram uns panos pequenos e finos, que já estavam encharcados ainda eu não tinha enxugado metade do corpo.

Louie estava à minha espera no quarto quando estendi o corpo húmido em cima da cama. Tinha uma garrafa na mão e, enquanto deitava o líquido da garrafa na palma da mão, pareceu-me que este cheirava a álcool, avelãs e rum. Depois Louie meteu mãos à obra. Amassou, martelou, massajou, deu palmadas, esfregou e depois voltou a repetir toda a operação.

Comecei a sentir uma lassidão deliciosa. Não era bem como se estivesse sonolento, mas podia sentir sangue novo e limpo afluindo aos músculos, sentia a pele a latejar.

Da cozinha, ouvia-se o barulho das panelas. Louie soltou uma pequena exclamação, atravessou o quarto e abriu a porta: Que é isso, o cozinheiro aqui sou eu.

A voz bem timbrada de Helen Franley respondeu-lhe: Era. Agora foi promovido a treinador. Levo já o pequeno almoço.

Louie voltou para junto da cama.

Que grande companheira! afirmou, retesando os dedos e metendo-os pelos músculos de cada lado da minha espinha.

Louie demorou meia hora a massajar-me como queria, depois vesti-me, sentindo-me ligeiramente cansado, mas não fatigado. Helen tinha a mesa posta, com limas, café, torradas, bifes e batatas fritas. Quando começámos a comer, Helen levantou-se para ir fritar as empadas.

Sentia fome mas, não era uma fome muito grande, uma fome simples, mas o que comia não parecia fazer qualquer efeito. Comi, comi e o estômago não havia meio de encher.

Louie observava com ar aprovador.

Helen Franley observou:

Você vai fazer com que ele engorde tanto que não se pode mexer.

Não aumentará mais que quilo e meio, respondeu Louie. Donald está a gastar energias, e são precisos alimentos para fornecer essa energia. Não engordará absolutamente nada, mas vai ficar mais sólido!

Os olhos de Helen procuraram os meus.

Por que razão apareceu esse desejo súbito de te tornares mestre na masculina arte do boxe? perguntou-me.

Cansei-me de ser um saco humano.

E por essa razão abandonas o emprego, contratas um treinador e inicias imediatamente o treino de estrada, massagens, esgrima de punhos e treino regular de combate.

Exatamente.

Quando te decides a fazer qualquer coisa, não vais em meios termos, não é verdade?

Não.

Nalgumas coisas, pelo menos, respondeu e afastou-se.

Bem, camarada, depois de comer não faz nada. Está a ver? Durante uma hora fica sentado a digerir os alimentos.

Leia o jornal e não procure mexer-se. Não faça nada que consuma energia.

Nunca nada me soube tão bem na vida como aquela hora de completo descanso que se seguiu. Depois anunciei que tinha que fazer. Louie queria que eu fizesse alguns exercícios respiratórios, mas eu insisti em que tinha de ir à cidade.

Helen disse que necessitava de mercearias, e deu-me uma lista. Louie ofereceu-se para ir comigo e comprar os géneros.

Helen disse que ficaria na cabine para arrumar as coisas.

Durante todo o caminho até à cidade de Reno, Louie falou de Helen.

Uma rapariga estupenda, disse ele. Cheia de coragem.

É feita da mesma massa que os campeões. Se lhe der um soco na garganta é possível que os joelhos se lhe comecem a dobrar, mas uma pessoa não é capaz de dar por isso.

Arrumei o carro num parque de estacionamento e disse a Louie que estaria de regresso dentro de meia hora.

Cá estarei, prometeu ele. Tem a lista dos géneros?

Entreguei-lhe a lista e dei-lhe vinte dólares.

Dinheiro para despesas. Quando se tiver gasto, diga-me que lhe dou mais.

Nos seus olhos podia ler-se a mesma devoção que nos olhos de um cão olhando para o dono.

Entrei num dos hotéis, arranjei uma lista dos telefones, fechei-me na cabine telefónica, e meti mãos ao trabalho.

Telefonei para as Associações de Retalhistas, casas de crédito e até para a companhia do gelo. Expliquei-lhes que pertencia ao Bureau de Crédito Preferencial de S. Francisco. Estava a ver se conseguia algumas informações acerca de uma senhora chamada Eiva Jannix. Sabia que essas firmas não tinham quaisquer pedidos de crédito, mas que pretendia que verificassem todas as suas vendas durante os próximos dias, e que se conseguissem qualquer informação aguardassem até que eu voltasse a telefonar.

É uma coisa extraordinária. Utilize-se seja que argumento for, não se consegue tirar informações a uma casa comercial a não ser que uma pessoa se apresente como sendo de uma organização de crédito, e então as firmas virarão tudo do avesso. Raramente perguntam ou pedem quaisquer credenciais.

Basta dizer-lhes que estamos a tratar de uma questão de crédito, e o mundo pertence-nos.

Fui aos Bancos, disse-lhes que andava a tentar encontrar um cheque roubado, perguntei-lhes se tinham quaisquer transacções comerciais com uma sr.a Jannix, ou sr.a Sidney Jannix, ou ainda sr.a Eiva Jannix.

A maior parte dos Bancos acreditou. Um deles não.

O gerente queria saber mais coisas acerca de mim. Não sei porquê, talvez pela maneira como o gerente falou, tive a ideia de que a sr.a Jannix talvez fosse cliente desse Banco.

Um homem pode dizer que possui a informação que se deseja sem violar quaisquer éticas, mas se acontece possuir a informação toma um ar estranho ao fornecê-la.

Regressei ao automóvel. Tinha passado uma hora e dez minutos. Não havia sinal de Louie Hazen, em nenhum dos lados da rua.

Sentei-me e esperei durante quinze minutos. O Sol subia nesse momento passando por cima dos telhados dos edifícios, e enviava os seus raios quentes até aos passeios. Sentia-me sonolento. Os músculos e os nervos estavam completamente lassos. Não queria saber de nada que se relacionasse com Bertha Cool ou com a agência de detectives. Fechei os olhos para evitar o clarão do Sol... e

acordei subitamente de um sono tão profundo que foram precisos alguns segundos para compreender onde estava e como tinha chegado até ali.

Olhei para o relógio.

Tinham-se passado mais de duas horas, desde que deixara Louie.

Escrevi um bilhete e coloquei-o no volante: “Volto dentro de dez minutos. Não saia daqui”. Voltei a fazer mais algumas chamadas telefónicas, procurando cobrir alguns furos que me tivessem escapado.

Voltei para junto do carro e o bilhete ainda se encontrava no volante. Não havia sinal de Louie. Pus o carro a trabalhar e voltei à cabine. Helen tinha andado a varrer. Tinha o cabelo tapado por um lenço, atado à cabeça, para evitar a poeira.

Olá, disse Helen depois de eu ter entrado com as compras. O que é que fizeste de Louie?

Não sei.

O que é que aconteceu?

Louie foi comprar os géneros. Disse-lhe para esperar no carro quando regressasse, e para estar lá dentro de meia hora. Mas não apareceu. Esperei mais de uma hora.

Helen tirou o lenço do cabelo, colocou a vassoura num canto, foi à casa de banho, lavou as

mãos, e quando voltou esfregava a pele com uma loção.

Esta é uma boa altura para conversarmos, disse ela.

Acerca de quê?

De muitas coisas.

Sentei-me a seu lado num pequeno sofá. Helen levantou-se passados uns momentos e sentou-se numa cadeira defronte de mim.

Quero olhar para ti, explicou. Se me vais mentir, quero sabê-lo.

Isso não me parece muito encorajador.

Gosto de ti, respondeu Helen.

Obrigado.

Gostei de ti desde o primeiro momento em que te vi.

Isso leva a qualquer lado? perguntei-lhe.

Sem dúvida.

Bem, então, continua.

A técnica ortodoxa para uma pequena jovem e decente é mostrar-se muito modesta e, se tu te interessas, guiar-te-ei muito suavemente. Pois bem, eu não faço as coisas dessa maneira. Quando gosto de alguém, entrego-me completamente.

Quando não gosto, não gosto simplesmente, e nada mais há a fazer.

Acenei com a cabeça.

Aquela primeira noite no deserto foi praticamente a noite mais feliz de toda a minha vida. A segunda noite foi quase tão boa, disse Helen.

E agora? perguntei-lhe.

Agora, não aprecio nada.

Porquê?

Pensei que gostasses de mim.

Mas, eu gosto.

Qual coisa! Respondeu com uma pequena careta.

Depois os seus olhos encararam os meus. Não será por causa daquilo que eu fazia... do negócio com as máquinas de moedas... que arrefeceste?

Mas não arrefeci. Gosto de ti.

Sim, eu sei.

Durante alguns segundos estive silenciosa, e depois continuou: Bem, o facto de ter estado com Pug e de ter trabalhado naquele negócio das máquinas, e de ter andado às voltas por minha própria conta, fez-me criar a ideia que estou de um lado do muro e os polícias do outro lado. Não existe qualquer razão especial para eu ter essa impressão, a não ser o facto de ter tido vários encontros com a polícia, especialmente durante o negócio das

máquinas de moedas. Uma ou duas vezes, Pug foi apanhado. O dono da máquina dizia que ia queixar-se à polícia e levar-nos a tribunal. Mas nós sabíamos que era “bluff”. Contudo, a polícia aparecia sempre e por sua própria conta tentava arrancar-nos tudo o que podia até nos deixar ir embora. Pois bem, comecei a olhar para os polícias como sendo... bem, só polícias.

Não disse palavra.

Helen evitou os meus olhos mais uma vez, olhando para as biqueiras dos sapatos.

Muito bem, Donald, afirmou por fim, se tu pensas que sei alguma coisa acerca do assassinio de Pug, e se pensaste que poderias enganar-me por causa de ter um fraco por ti, pretendendo que abandonavas a carreira de detective, levando-me a dizer aquilo que sei, desse modo... pois bem, Donald, disse ela olhando para mim subitamente com uma expressão firme e decidida, julgo que seria na verdade capaz de te matar, se é esse o teu jogo.

Não te censurava, respondi.

Helen continuou a estudar-me.

Ias a dizer mais alguma coisa?

Sorri e abanei a cabeça.

Helen levantou-se subitamente.

Vai para o diabo, sempre gostava de saber que influência é que tu tens sobre mim, mas só te digo isto... Ainda penso que estás a trabalhar naquele caso. Não te esqueças do que te disse.

Não esqueço. Onde é que julgas que Louie tenha ido?

Não faço a menor ideia. Deste-lhe algum dinheiro?

- Dei.

Há qualquer coisa em Louie que não está certa observou Helen.

- O quê?

Tem a mania dos socos.

Já sei isso há muito tempo.

Sim, bem sei.

Notas mais alguma coisa nele?

Não sei. Relaciona-se tudo com aquela mania. Mais tarde ou mais cedo, todos os pugilistas apanham a mania.

Julgo que Pug também sofria do mesmo mal. Impede-os de verem as coisas como tu as vês, ou como eu as vejo. Ouve, Donald, julgas que passados uns tempos, se continuares junto de mim e eu ficar louca por tua causa, digo tudo o que sei?

Não tenho pensado nisso.

Bem, então pensa agora.

Está bem, assim farei.

Se alguma vez tentares arrancar-me alguma coisa do género, mato-te. Odiar-te-ia... Não seria só ódio... mas... mas seria para mim qualquer coisa de bastante fundo, Donald. Por favor, sê leal comigo. Se é esse o teu jogo, o melhor é desistirmos já desta nossa pequena festa, e talvez eu possa esquecer. Se esperar mais alguns dias, nunca conseguirei recompor-me.

Tens algumas pessoas amigas aqui? perguntei-lhe.

Não.

Para onde é que irias e o que farias?

A expressão nos olhos de Helen endureceu.

Vê lá, não julgues que vais amedrontar-me com essa ideia. Em qualquer altura que necessite de um homem para me sustentar, basta-me tomar uma dose mais forte de pílulas para dormir. Podia sair daqui, neste momento mesmo, sem mais nada que as mãos a abanar e... bem, consigo arranjar-me, e não tenho necessidade de me vender, tão-pouco.

Que é que farias?

Não sei. Encontrava qualquer coisa. E que tal? Vou-me já embora?

Pelo que me diz respeito, não.

Pelo que vejo não estás disposto a abrir-te comigo.

Se não queres dizer-me nada daquilo que sabes acerca de Pug, espero que nunca o faças.

Helen levantou-se e colocou-se de pé à minha frente.

Está bem, vou dizer-te o que tenho a dizer em palavras que toda a gente entende. Podes ter de mim tudo o que quiseses. Podes pedir-me seja o que for, e eu fá-lo-ei. E se me perguntares acerca de Pug, e aquilo que sei da noite em que foi morto, eu... bem, provavelmente falaria, mas no momento em que me fizesses essa pergunta, ficaria a saber a razão por que fizeste tudo isto e com a mão Helen fez um gesto largo em que se incluía o parque de estacionamento. E quando verificasse que o tinhas feito só para me levares até um ponto em que não poderia responder não, a qualquer coisa que me pedisses... ficaria tão doente cá dentro, que nunca seria capaz de me sentir limpa ou decente, ou que ainda existia alguma coisa no mundo que fosse decente... Compreendes?

Compreendo.

Muito bem. Então o que fazemos a seguir?

Suponho que temos de ir à cidade e ver se encontramos Louie em qualquer dos bares.

Helen estudou-me por um segundo ou dois, depois começou a rir às gargalhadas, mas no seu riso não havia sombra de azedume.

Levantei-me e aproximei-me.

Não compreendes que não pretendo nada a que não tenha direito?

Os olhos de Helen semicerraram-se.

Continua.

Há uma coisa em que acertaste. Sou, na verdade, detective. E estou a trabalhar. Não quero dizer que esteja a trabalhar para a Agência B. Cool. Estou simplesmente a trabalhar num caso. Estou a fazer com que algumas outras pessoas consigam ser tratadas com lealdade. Estas dependem de mim, saibam-no ou não. Se eu não fizer este trabalho, julgo que mais ninguém o fará.

E assim pretendes que eu te diga o que sei acerca de...

Não quero que me digas absolutamente nada. Gosto muito de ti. Julgo que és uma das raparigas mais interessantes que encontrei até hoje. Mas nunca te pediria para saíres de Las Vegas e vires comigo se não se tratasse de uma questão de trabalho. Estou a gozar a vida plenamente. Sinto-me feliz.

Gosto de estar perto de ti. Gosto da maneira como fazes as coisas. Gosto de tudo o que te diz respeito. Mas estou a trabalhar num caso, e a razão por que me encontro aqui, contigo, é porque isso entra no conjunto das coisas necessárias para que esse trabalho seja bem sucedido.

E quando o trabalho terminar?

Estava a recluir essa pergunta. Respondi-lhe: Provavelmente, encarregam-me de outro.

E não vais perguntar-me o que sei acerca de Pug?

- Não.

Nunca?

- Não.

E não planeaste tudo isto de modo a dizer-te tudo o que sei?

- Não.

E é por causa de não queres alguma coisa sob motivos falsos que disseste...

Acenei que sim.

E acaso já te ocorreu que nunca me beijaste ?

Naturalmente.

Os olhos de Helen fitavam os meus, e havia neles um clarão brilhante como nunca lhes tinha encontrado.

Suponho que é agora a altura em que nos sai o
“pote”, Donald.

CAPÍTULO XIV

Cerca das duas da tarde encontrei Louie. Estava sentado a uma mesa, na sala das traseiras de uma daquelas tabernas ordinárias das ruas transversais. Uma garrafa meia de *whisky* encontrava-se em cima da mesa, à sua frente. Os nós dos dedos da mão que estava a agarrar no copo não tinham pele e deitavam sangue. Os seus olhos estavam vidrados e parados, com uma intensidade enorme. Louie balbuciava qualquer coisa quando cheguei junto dele.

Olhou para mim.

Oh, é você, disse, com voz pastosa.

Afastei a garrafa de *whisky* para um lado.

E se viesse para casa, Louie?

Franziu a testa.

É verdade, você tem razão. Agora tenho uma casa, não é? Eu... oh, meu Deus.

Levantou-Se, meteu a mão na algibeira das calças e tirou de lá duas notas de um dólar e algumas moedas.

Sabe o que fiz, companheiro? perguntou Louie, os seus olhos observando-me com aquela expressão fixa. Gastei todo o dinheiro que me deu... tudo o

que sobrou da mercearia, à exceção destes cobres. Falhei miseravelmente.

Sinto de vez em quando aproximar-se o vício, e quando me ataca, nada posso...

Em quem é que você bateu, Louie? Perguntei.

Olhou para a mão ensanguentada e carregou as sobrancelhas.

Ora veja lá se não tem piada. Julguei que tinha batido em alguém, e depois pensei que isso era uma espécie de ideia fixa que um homem tem quando está piela. Naturalmente foi da última vez. Espere um momento. Deixe-me pensar.

Já sei quem foi. Foi Sid Jannix. Em tempos estive quase a disputar o título. Um bom profissional... mesmo muito bom, mas eu apliquei-lhe o velho um-dois. Deixe mostrar como é. Ganhei com ele o campeonato da marinha... deve ter sido o campeonato... claro, foi em Honolulu, em...

Ora, deixe ver. Terá sido...

Vamos embora, Louie, vamos para casa.

Não está aborrecido por causa do dinheiro, pois não?

Não.

Compreende como estas coisas são?

Com certeza.

Você é o melhor amigo que um tipo pode ter. A primeira vez que lhe dei um soco, vi logo que gostava de si, tal como se tivesse apertado a mão a um tipo, dar-lhe um soco no queixo e... bem, vamos para casa.

Consegui levá-lo até ao passeio, aguentei-o pela rua abaixo e metemo-nos no automóvel. Estávamos a meio caminho quando a enormidade do seu abuso de confiança se lhe tornou visível. Queria sair imediatamente do automóvel.

Deixe-me sair, amigo. Eu não sou digno de viajar no mesmo automóvel consigo. E agora não posso encarar Miss Helen. Sabe o que é que eu fiz? Roubei o dinheiro.

Sabia que você não tinha muito, tinha somente o dinheiro que economizara, e eu roubei-o. Quero ir-me embora...

O que eu merecia era que batesse com a cabeça em qualquer lado e morresse. Não presto para nada. De qualquer modo já fui muito massacrado. Não tenho... não tenho nenhuma força de vontade.

Coloquei o meu braço por cima dos seus ombros e agarrei-lhe na mão. Louie procurava abrir o fecho da porta.

Esqueça-se disso, Louie, disse, enquanto guiava o carro com uma das mãos. Nenhum, de nós é perfeito. Eu também tenho os meus defeitos.

Quer dizer que me perdoa?

- Claro.

Não fica zangado?

- Não.

Começou a chorar, e depois embrenhou-se num arrependimento lacrimoso até que chegámos à vivenda. Helen e eu metemo-lo na cama.

Bem, disse Helen, depois de Louie estar deitado e de lhe termos colocado ao lado uma grande garrafa com água e agora?

Eu fico ao pé dele respondi-lhe. Leva o carro, vai à cidade, e vai ao cabeleireiro de que estavas a falar.

Helen olhou para mim, e hesitou uns momentos.

- Tenho que te dar um cheque. Não tenho...

Helen riu-se.

Não penses nisso. Eu tenho dinheiro.

Todo o dinheiro de que necessitas?

Claro. Quando me vim embora trouxe o dinheiro todo, o meu e o de Pug. E ouve uma coisa, Donald, se te faltar o dinheiro, posso emprestar-te. Eu sei que quem paga as despesas és tu, e sei

também que quando tudo terminar vais ficar melhor do que estavas, mas se te vires aflito, basta dizeres.

Obrigado.

Adeus, disse Helen.

Até logo.

Encaminhou-se para a porta, depois voltou para trás, encostou-se a mim, e beijou-me.

O senhorio esteve aqui enquanto foste à cidade, disse casualmente. Chamou-me Sra. Lam. Vê lá agora se lhe destróis a ilusão. Adeus.

Depois de Helen sair. sentei-me à mesa da cozinha agarrei num guia telefónico e fiz uma lista das casas a quem ia telefonar. Encontrei algumas listas velhas, estive a ler um pedaço e depois comecei a sentir os efeitos dos exercícios matinais. Adormeci, acordando de vez em quando o suficiente para me lembrar que deveria ir ver como é que Louie estava.

Mas levantar-me daquela cadeira confortável parecia ser um esforço demasiado grande, e voltava a adormecer.

Acordei finalmente o suficiente para ir ver Louie. Este ouviu a porta abrir-se. Olhou para mim com uns olhos encarniçados.

Olá, companheiro, e se me desse um pouco de água?

Está aí nessa garrafa, junto da cama.

Louie agarrou na garrafa, tirou o copo, e bebeu cerca de metade da água.

Eu sei que sou um malandro, disse ele, colocando a garrafa no chão e evitando os meus olhos. Sei isso muito bem.

Não é nada.

Palavra que gostava que não fosse tão bom.

Esqueça-se disso.

Gostava de lhe fazer qualquer pequeno favor... por exemplo matar alguém, ou qualquer outra coisa.

Sorri-me para ele.

E a cabeça como é que está? Dói-lhe?

Dói-me sempre. Penso que é essa a razão por que me entrego à bebida. Tenho dores de cabeça há tanto tempo que já me habituei a elas. Sempre quis dar ao público a satisfação do dinheiro que gastou. No ringue, levantava-me sempre e encaixava socos uns atrás dos outros, quando devia estar deitado no tapete, ouvindo os passarinhos. E agora aqui estou eu, um bêbedor e com umas dores de cabeça permanentes.

Daqui a bocado já está melhor. Porque é que não volta a dormir?

Não. Vou levantar-me e beber muita água. O que é que aconteceu ao resto da garrafa de *whisky*?

Deixei-a lá ficar.

Já a tinha pago, lamentou-se.

Está melhor lá na taberna do que ao pé de si.

Tem razão, mas não consigo deixar de pensar nela; parece-me que vou ficar a pensar na meia garrafa de *whisky*...

O melhor que tem a fazer é dar-me um pontapé e pôr-me na rua, antes que lhe arranje algum sarilho. Não valho tanta maçada.

Não pense mais nisso. Quando tiver o estômago direito, sentir-se-á melhor.

Os seus olhos encarniçados viraram-se novamente para mim.

Vou-lhe dizer uma coisa. Vou ensinar-lhe tudo o que sei, todos os pequenos truques do ringue. Vou fazer de si um pugilista.

Está bem. Mas agora oiça. Eu tenho que ir dar uma volta. Helen foi à cidade. Dentro de algumas horas estará de volta. Acha que poderá olhar pela casa?

Com certeza.

E não se vai embora?

Onde é que estão as minhas calças?

Ali, em cima da cadeira.

Vire as algibeiras do avesso, e tire de lá todo o dinheiro.

Pode ter a certeza que então não saio.

Você já me deu o troco... ou o que restava.

Louie suspirou fundo.

Muito bem, então não há azar. Pode-se ir embora.

Ajeitou as almofadas debaixo da cabeça e pediu-me um cigarro.

Logo que a água deixe de andar às voltas no estômago, fico fino.

Dei-lhe um cigarro, e saí de casa. Dirigi-me a pé pela estrada em direcção à cidade, mas cerca de quinhentos metros adiante um automóvel parou junto de mim e deu-me uma boleia.

Uma tabacaria vendia jornais de todas as principais cidades americanas. Encontrei um jornal de Las Vegas.

A polícia falava muito no desaparecimento de Helen Franley.

Tinham descoberto finalmente um apartamento onde Helen estivera escondida, desde a noite do assassinio. Tinha desaparecido, e a polícia, ao investigar as actividades de um certo

Donald Lam, um investigador particular que tinha estado a trabalhar numa outra faceta do caso, estava convencida de que a rapariga, um antigo pugilista chamado Hazen. e Lam tinham saído juntos da cidade. A polícia estava inclinada a acreditar que Helen Franley estivera implicada no assassinio ou possuía informações de grande valor, e que o detective particular, procurando cortar o caminho à polícia, lhe oferecera a possibilidade de fugir em troca das informações que ela pudesse dar. Havia fortes sintomas de que as autoridades considerariam isso como um caso grave, e que Lam poderia ver-se envolvido numa acção judicial por entravar a acção da polícia. Hazen, segundo parecia, estava também implicado. Este tinha identificado o corpo como sendo o de um antigo pugilista chamado Sidney Jannix.

Evidentemente, a polícia ainda não me ligara com a compra do automóvel em segunda mão.

Telefonei para mais algumas casas, impingilhes a minha história já conhecida, cortei o artigo do jornal de Las_Vegas, deixei o resto do jornal numa cabine telefónica, e regressei a casa.

Tive que andar a pé cerca de dois quilómetros até conseguir uma boleia.

Helen voltou cerca de uma hora depois de mim. Louie fez o jantar e lavou a loiça. Fomos os três ao cinema, e depois deitámo-nos.

Louie Hazen estava a arrancar-me da cama, quando eu ainda julgava que nem sequer tinha dormido. No ar, sentia-se o frio do amanhecer.

Vamos embora. Temos de ir para a estrada enquanto está frio. Não quero que você transpire.

Sentei-me na beira da cama, e esfreguei os olhos.

Não está bem frio, está gelado, protestei.

Quando sairmos *de casa* já não sente nada.

Colocou-me uma das mãos debaixo dos braços, e obrigou-me a pôr-me de pé. Senti as pernas todas torcidas, de doridos que estavam os músculos.

Oh, diabo, hoje de manhã não posso. Tenho que descansar.

Vamos embora, disse ele, e começou a empurrar-me.

O melhor, é esquecermos esta coisa. Afinal, eu não estou a treinar para ir combater e nós podemos...

Louie abriu a janela, arrancou a rede, lançou-a ao chão, atirou os meus sapatos de ténis, as calças e uma camisola leve pela janela, e depois, antes de eu

compreender qual era a sua intenção, agarrou-me como se eu não pesasse absolutamente nada, e pôs-me da parte de fora da janela. Depois, fechou-a e trancou-a.

A porta também estava fechada. Cá fora fazia, na verdade, frio. Agarrei nas roupas e dirigi-me para o outro lado da casa, contrário à estrada, e vesti-me a tremer, respirei fundo, e comecei a correr atrás de Louie pela estrada fora. Cada passo que dava era uma verdadeira agonia.

Louie observava-me constantemente, olhando para a expressão da minha cara e para a maneira como mexia as pernas. Parecia saber exactamente quando é que as dores me deixavam, e depois também sabia exactamente quando é que se tornava difícil a minha respiração.

Vimos a passo todo o regresso, respirando fundo. Subitamente, aprendi o truque de Louie, de respirar com o diafragma, sorvendo o ar até bastante fundo, e expirando todo o ar que cá estava dentro antes de voltar a respirar.

Louie, observando-me, acenou em sinal de aprovação.

Regressamos à cabine e calçamos as luvas de boxe. Louie deu-me instruções.

Agora vou treiná-lo na maneira de dar murros com força. Ora bem, dê um soco com a mão direita na minha luva. Com toda a força. Não, não, não. Não tome balanço.

Pareceram-me intermináveis horas o tempo que estivemos ao sol, e depois Louie meteu-me debaixo do duche, e voltou a martelar e a bater nos meus músculos, e quando eu já estava completamente vestido Helen Franley tinha na cozinha um saboroso aroma a café.

Nessa manhã, mais tarde, consegui uma pista.

Um membro de uma associação de crédito a retalho tinha entregue mercearias a uma sr.^a Sidney Jannix, num apartamento de Califórnia Street.

Dirigi-me para lá, arrumei o carro, subi as escadas, e toquei à campainha.

A mulher que abriu a porta era Corla Burke.

Posso entrar? Perguntei.

Quem é o senhor?

Um amigo de Helen Franley.

Franziu a testa. Por um momento, notei uma expressão rápida de alarme nos seus olhos.

Como é que me encontrou?

Isso respondi, é uma história muito comprida. Conto-lha aqui, ou dentro de casa?

Dentro de casa, respondeu Corla, e deixou a porta aberta para que eu pudesse entrar.

Sentei-me junto da janela. Corla Burke, sentada defronte de mim, de modo que a luz do dia marcava-lhe os traços fisionómicos, fez o meu jogo, iniciando *a* conversa.

Não podia simplesmente aproveitar-me do oferecimento de Miss Franley. Escrevi-lhe a dizer isso mesmo.

Adoptei uma atitude como se estivesse de certo modo entristecido.

Não vejo por que.

Não seria leal.

Penso que teria sido muito melhor do que fazer aquilo que você fez.

Verifiquei que sentira o toque.

Não sabia, evidentemente, o que... bem, eu não poderia saber o futuro e riu-se nervosamente.

Miss Franley pensava que podia tentar ser leal consigo e que você não tinha sido... bem, digamos que não tinha apreciado devidamente.

Lamento. Como *é* que aconteceu o senhor vir aqui?

Era o lugar lógico para a procurar.

Porque *é* que queria encontrar-me?

Pensei que talvez pudesse fazer-se alguma coisa para pôr as coisas direitas.

Não, agora não.

Ainda penso que sim.

Receio que você seja demasiado optimista. Peço-lhe o favor de agradecer a Miss Franley em meu nome e diga-lhe que não quero que ela pense que eu não estava agradecida, e julgo que... bem, julgo que não há mais nada para lhe dizer.

Olhei à minha volta, notei uma mala aberta, e peças de roupa desdobradas em cima de uma mesa e em duas cadeiras.

Numa mesa, a um canto, junto da janela, estava uma mala de senhora, luvas e um chapéu. Um envelope selado estava ao canto da mesa.

Importa-se que eu fume?

De modo nenhum. Já agora ofereça-me também...

Dei-lhe um cigarro, acendi um fósforo, e consegui deslocar-me de tal modo que estava próximo da mesa para agarrar num. cinzeiro, e nessa altura apanhei a carta.

Corla viu o que estava a acontecer e correu para junto da mesa. Mas apanhei primeiro a carta. Corla tentou tirar-ma.

Se não tem o carimbo postal de Las Vegas, não estou interessado. Se tem, vou lê-la, disse-lhe eu.

A rapariga redobrou os seus esforços, e agarrou-me num braço. Consegui afastá-la. Continuei a evitar que se aproximasse, e tirei a carta de dentro do envelope.

Fora escrita à pressa e dizia:

“Donald Lam, um detective particular, está a trabalhar no caso.

Entrou em contacto com Helen Franley. O rapaz de Helen, um homem com o nome de Beegan, foi assassinado a noite passada. Você não está em segurança no Reno. Arranje um esconderijo noutra parte qualquer”.

A carta estava assinada simplesmente com as iniciais “A. W.”.

Sejamos francos e pouparemos tempo. Eu sou Donald Lam. Arthur Whitewell contratou-me para a encontrar... e fez com que Philip soubesse de tudo, evidentemente. Agora talvez seja melhor contar-me a sua história.

Corla Burke limitou-se a olhar para mim, todo o seu espírito de luta havia desaparecido. Tinha

uma expressão de vencida e de quem caíra numa ratoeira.

Eu tenho uma teoria. Posso contar-lha se por acaso isso a auxilia a contar a sua história.

Corla não respondeu, continuou simplesmente a olhar para mim como se eu fosse somente aquilo que restara depois de um ciclone.

Penso que Arthur Whitewell não queria que o filho casasse consigo. Pensava que Philip poderia fazer um casamento mais vantajoso. Mas Philip estava muito apaixonado, e Whitewell é um pouco psicólogo. Sabia que, no fim de contas, pouco poderia fazer. Philip era inexperiente e ingênuo nalgumas coisas, mas bastante homem noutras. Seu pai nunca o compreendera inteiramente, mas verificava que existia uma brecha que nunca conseguira vencer. Sabia que qualquer tentativa para se meter entre vocês dois, teria como resultado uma zanga permanente. E depois algo aconteceu que ele pôde aproveitar. Encontrou a oportunidade de que andava à procura. Manejou as coisas de modo talque você desapareceu simplesmente da cena e deixou que Philip se restabelecesse o melhor que podia.

Mas Philip reagiu muito pior do que o pai previra, de modo que tinha que se fazer alguma

coisa. Não se tratava de uma desilusão normal. Philip é um sentimental, bastante sensível nos sentimentos e ilusões. Nunca aprendeu que as pessoas algumas vezes podem ser avaliadas pela cara. Era demasiado para ele.

Corla agora chorava, baixinho. Não tentou dizer nada.

Não seria capaz de falar.

Encaminhei-me para a janela, e olhei para um pátio das traseiras que estava bastante cheio de lixo e caixas velhas. Uma corda de roupa pendia, sem qualquer espírito, de dois paus. Pequenas poças de água reflectiam a luz do sol. Uma pá e um balde de praia, de um garoto, estavam em cima de um pequeno monte de areia. Continuei de costas voltadas a fim de que Corla pudesse chorar à sua vontade e recompor-se sem sentir que eu estava a observá-la.

Passaram-se vários minutos antes desta conseguir dominar-se e falar.

O senhor pensa que Whitewell esperava que me encontrasse? Perguntou-me.

Não sei. Sei somente que nos contratou para a encontrar.

Mas ele combinou comigo que tinha de arranjar as coisas de modo que desaparecesse para não voltar a ser encontrada.

Foi uma das coisas em que insistiu.

Exatamente.

Então, contratá-lo seria simplesmente um gesto para acalmar Philip?

Pois.

Consta-tei que Corla tentava agarrar-se a um raio de esperança.

Mas custa muito dinheiro contratar um bom detetive, não é verdade?

- É.

E o senhor deve ser bom... bastante bom?

Se ela pretendia enganar-se a si mesma, eu não me importava.

Por isso, respondi:

Nós julgamos que sabemos trabalhar.

Não me poderá dizer alguma coisa que me desse uma ideia acerca daquilo que Whitewell pensa realmente neste momento?

Não, pelo menos enquanto você não me disser o que é que aconteceu. Depois talvez consiga juntar os cordelinhos e encontrar uma resposta.

Mas você parecia saber. Sabia tudo acerca de Helen Franley.

Não, sabia apenas que ela lhe tinha escrito uma carta.

Presumi o que dizia.

Que pensa você que a carta dizia?

Pensei que fosse uma ratoeira.

Armada por Helen Franley?

Julgo que Helen Franley nunca escreveu essa carta.

Mas deve tê-lo feito.

Suponha que você me conta primeiro tudo o que sabe, e me deixa tirar as conclusões depois.

Suponho que sabe a causa que me forçou a vir Embora, disse ela.

Sid Jannix?

Acenou com a cabeça.

Conte-me primeiro o que houve consigo.

Quando era rapariga, tinha a cabeça no ar. Sempre tive em mim algo de selvagem. Gostava do boxe e dos pugilistas. Nunca me interessei por jogos de beisebol, mas gostava do rãguebi. Sidney andou na escola comigo. Pertenceu à equipa de rãguebi. Depois a escola arranjou uma classe de pugilismo, e Sidney tornou-se no melhor pugilista da escola. Transformou-se numa espécie de herói. O boxe acabou porque os pais dos alunos se opuseram, mas

Sidney era o ídolo de todos os rapazes. Na altura, não compreendi o facto.

Estávamos no nosso último ano do curso secundário.

Bem, mantive-me junto de Sidney, e a minha família não gostava. Sidney passou para o pugilismo profissional, e adoptou a atitude de que era uma espécie de mártir, e que eu... bem, quando Sidney ganhava o dinheiro suficiente para me sustentar, fugi com ele e casamos.

Corla encolheu os ombros, em gesto de cansaço, depois acrescentou:

Evidentemente foi um erro terrível.

Fez uma pequena pausa como procurando encontrar uma maneira de rodear o que tinha para dizer, depois voltou à sua descrição.

- Vivemos juntos durante cerca de três meses. Durante as primeiras duas ou três semanas estava completamente hipnotizada.

Depois, pouco a pouco, comecei a vê-lo exactamente como era. Era um touro e um covarde. Quando podia, e era capaz de dominar alguém, não tinha piedade nos castigos.

Quando não o podia fazer, tinha sempre desculpas. No pugilismo, tornou-se suficientemente

bom para quase ter chegado ao cume, e depois, quando começou a defrontar-se com bons pugilistas... mas, isso é começar a contar-lhe a história depressa demais. Na altura em que casei com ele, acabava de terminar os combates preliminares, e começava a chamar a atenção. Isso subiu-lhe terrivelmente à cabeça. Tornou-se numa criatura emotiva, intensamente ciumento. Começou a tratar-me como se eu fosse apenas um objecto que lhe pertencesse. Poderia ter suportado tudo isso se não tivessem sido as pequenas coisas... pequenos buracos por onde se escapava a podridão, e eu podia ver o que estava por debaixo.

Não é preciso entrar em todos esses pormenores observei. Diga-me apenas o que aconteceu depois de o ter abandonado.

Na escola tinha aprendido alguma coisa de comércio.

Consegui um emprego. Procurei sempre aperfeiçoar o meu trabalho como secretária, e tive a satisfação de saber que estava a ser bem sucedida. Consegui ir subindo de posição.

Não houve divórcio?

Eu julgava que Sid tinha conseguido o divórcio. Mas isso foi a maior canalhice que me fez. Disse-lhe que queria ser livre. Respondeu-me que

seria melhor esperar um ano e conseguir o divórcio com o argumento de abandono do lar.

Disse que não queria ter uma porção de alegações de crueldade no registro. Afirmou que isso prejudicaria a sua carreira.

Esperamos que o ano passasse. Esse foi um ano grande para Sidney. Subiu até ao máximo, durante os sete ou oito primeiros meses desse ano, e depois, em três meses, desceu até ao fundo. Não sei tudo o que aconteceu, mas o seu “manager” chegou à conclusão de que Sid era covarde.

Tinha sido um terror no ringue com os pugilistas que conseguia dominar, mas... bem, não sei. É uma história muito complicada, e julgo que se meteu em qualquer combinação suja... traiu o seu «manager» e perdeu um combate de propósito, ou qualquer coisa parecida. Não sei o suficiente do que aconteceu, para falar nisso. Apenas ouvi boatos, mas, de qualquer modo, cerca de dez meses depois da data da nossa separação, veio ter comigo. Nessa altura estava desesperado.

Disse-me que nunca tinha conseguido ser o mesmo, desde que eu partira. Afirmou que lhe tinha tirado a inspiração da sua vida.

Isso ao fim de dez meses? perguntei.

Sim respondeu-me ela, e na sua voz havia azedume.

Durante todo o tempo que estava a subir, mostrou-se muito bondoso e com ares superiores; mas quando lhe tiraram o chão de baixo, começou a pedir-me simpatia. Bem, de qualquer modo, disse-me que era aquela espécie de homem que necessitava de uma mulher que fosse a sua inspiração, que sabia que nunca me levaria a voltar, que tinha encontrado outra rapariga, que nunca poderia ter para com ela os mesmos sentimentos que tivera comigo, mas que esta estava muito apaixonada e que ele também gostava dela.

Corla riu-se com azedume.

- Isso era característico de Sidney. Ela amava-o desesperadamente e ele gostava um pouco dela.

E que queria ele? Perguntei.

Queria ir para o Reno a fim de conseguir o divórcio.

E sugeriu-lhe que você pagasse? voltei a perguntar.

Acenou com a cabeça.

E por que é que não o fez?

Mas, eu dei-lhe dinheiro. E Sidney disse-me que conseguira o divórcio.

E a rapariga?

Disse que se tinha casado com ela. Foi essa a razão pela qual não me dei ao incómodo de ir verificar os registos de divórcio.

E ainda não se tinha divorciado?

Não. No final de contas, tinha-me simplesmente tirado o dinheiro que lhe dera para se dar ares com a tal rapariga.

Queria casar-se com ela. Esta tinha algumas economias.

Sidney conseguiu arrancar-lhas.

Essa rapariga era Helen Franley? Perguntei.

Não, chamava-se Sadie qualquer coisa. Esqueci-me do seu último nome, mas lembro-me que ele estava sempre a falar em Sadie, e eu tinha curiosidade em saber que espécie de rapariga seria.

Muito bem. Depois que aconteceu?

Absolutamente nada, durante anos. Perdi completamente o contacto com ele, e já quase nem pensava em Sid.

Abandonou o pugilismo. Penso que a Comissão de Boxe tinha arranjado umas provas que o impediam de voltar a combater. Julgo que naturalmente ele também não queria fazê-lo. Não era aquela espécie de pugilista capaz de aguentar o castigo no ringue.

E foi então que você encontrou Philip?

Sim, adoptei o nome de Corla Burke a fim de apagar todo o passado e começar de novo. Bem vê, meu pai...

Agora já compreendo por que mudou de nome.

Conte-me o resto.

A princípio, ele...

Não é preciso tanta coisa. Conte-me só o que se passou com Helen Franley.

Recebi aquela carta estranha de Helen Franley.

Dizia que tinha lido nos jornais que eu tencionava casar-me quase imediatamente, que tinha relações de amizade com Sidney, e que ouvira Sidney falar de mim, de tal modo que pôs a si própria a interrogação sobre se eu saberia que Sidney nunca se divorciara. Acrescentou que Sidney estava bastante mudado daquilo que era, quando eu o conhecera, que se tinha estabilizado e, na verdade, pretendia fazer alguma coisa de si. Dizia ainda julgar que Sidney não tivesse dinheiro para conseguir imediatamente um divórcio, mas que se eu não quisesse esperar, Helen poderia arranjar as coisas de modo a eu me casar, e depois do casamento Sidney arranjaria o divórcio. Disse que Sid tinha tido azares, mas que dentro de algumas

semanas voltaria a ter dinheiro. Poderia então pretender perante o meu marido que tinha havido qualquer irregularidade na declaração da minha idade, ou qualquer coisa desse género, e levá-lo novamente a casar-se comigo, ou então que continuaria a viver com ele e que seria um casamento de lei comum.

Não há dúvida que a carta era estranha. Quanto dinheiro é que queria? Perguntei.

Helen Franley nem sequer mencionou qualquer coisa desse género. Disse simplesmente que pensava que se Sidney conseguisse arranjar o suficiente para montar um negócio, isso seria tudo o que pretendia e que não voltaria a ouvir falar dele. Ficou com a impressão de que Helen lhe estava a escrever a pedido de Sidney?

Não. Disse-me que ele nada sabia acerca da carta, e que estava disposto a escrever a Philip Whitewell no caso do casamento estar para se realizar, visto não querer que Philip ficasse na posição de cometer o crime de bigamia.

Que gentileza para com Philip, não é verdade?

Bem... oh, isso era o que se poderia esperar de Sidney.

Miss Franley parecia ser bastante agradável. Olhava para as coisas sob o meu ponto de vista.

Como é que ela soube que a senhora era realmente mulher de Sidney? Como é que a encontrou sob o nome de Corla Burke?

Não disse... escreveu apenas aquela carta.

Compreendo. Quer dizer, a proposta em resumo era que se você não promettesse a Sidney Jannix dinheiro suficiente para montar um negócio, este impediria o seu casamento.

Se promettesse cuidar dele, com o dinheiro que poderia conseguir de seu marido, instalar-se-ia comodamente e você tornar-se-ia na galinha que poria ovos de ouro para ele.

Bem, se quer ver as coisas sob esse aspecto.

É a única maneira que há de encarar a questão.

Então pensa que Helen Franley era...

Julgo que Helen Franley nunca escreveu essa carta.

Mas disse-me para lhe responder.

O que você fez?

Evidentemente.

E foi essa a carta que Arthur Whitewell ditou?

- Não a ditou.

Mas sabia o que dizia?

Sim, sabia.

Conte-me isso, pedi-lhe a seguir.

Bem, eu estava a pedir isso mesmo. Merecia tudo aquilo.

Suponho que nunca serei capaz de lho explicar, a si ou a qualquer outra pessoa, nem mesmo a mim própria. Mas... bem, tinha simplesmente riscado da minha vida aqueles três meses em que fora casada com Sidney Jannix.

Com isso quer dizer que nada contou a Philip?

Acenou com a cabeça.

E Philip nada sabia acerca de Sidney Jannix ou que você tinha sido casada?

Pois.

Assim, quer dizer que a carta de Helen Franley foi como que uma bomba que lhe tivesse rebentado directamente em cima da cabeça?

Foi isso mesmo.

E o que é que fez a seguir?

Agarrei na carta e fui falar com Philip.

Aonde?

Ao seu escritório. Tínhamos um encontro marcado para essa noite.

Mas, afinal não se encontrou com Philip?

Não. Philip tinha sido chamado por causa de um negócio bastante importante, e deixara-me um bilhete dizendo-me que estava muito

pesaroso mas que não poderia sair comigo nessa noite, que tentara avisar-me pelo telefone, mas que não conseguira. Dizia ainda que telefonaria cerca das onze horas da noite para ver se poderia almoçar com ele no dia seguinte.

Arthur Whitewell estava no escritório? perguntei.

Estava.

E ficou a saber pela sua expressão que havia qualquer coisa que não estava a correr bem?

Não. Julgo que não. Foi bastante amável e simpático.

Tinha-se reconciliado com o nosso casamento. Sabia, evidentemente, que não aprovava o casamento, mas de qualquer modo o pai de Philip foi bastante amável.

Mas, você contou a Arthur Whitewell toda a história ?

Contei.

E, disse-lhe eu, observando-a cuidadosamente, suponho que isso o tenha feito cair de um quarto andar?

Foi um choque terrível para ele. Mas a sua reacção foi magnífica. Disse-me em primeiro lugar que a princípio não aprovara a escolha, mas que finalmente compreendera que Philip estava

loucamente apaixonado por mim, e que gostava suficientemente dele para lhe desejar tudo o que o tornasse feliz; que se Philip me quera, não levantaria objecções para eu entrar na família e que estava disposto a que nenhum de nós viesse alguma vez a saber que não aprovava inteiramente. Foi suficientemente franco para me dizer isto mesmo. Fui atraída para ele, como nunca o tinha sido. Consolou-me e... bem, mostrou-se tão compreensivo e tolerante, e contudo olhou para o assunto todo sob um aspecto de muito bom senso. Qual era então a sua opinião?

Disse-me, evidentemente, que assim não se poderia ir para a frente com o casamento, e disse-me aquilo que eu já sabia, que se Philip soubesse que eu tinha sido casada, que havia um outro homem que tinha sido... o primeiro nos meus afectos, que tinha sido meu marido, que tinha vivido comigo, que... bem, se conhece Philip, certamente compreende o que poderia pensar. É um carácter anormalmente sensível, e... seu pai confirmou os meus mais profundos receios, sobre esse ponto.

Continue, conte o resto disse-lhe eu.

Mostrei-lhe a carta de Helen Franley. Apreciou imenso a minha honestidade, em todo o

assunto. Afirmou que muitas mulheres se teriam tentado a fazer o casamento e proceder exactamente conforme Miss Franley sugeria. Mas aconselhou-me a que o melhor que havia a fazer era escrever a Miss Franley e dizer-lhe que o casamento estava agora completamente posto de parte, de modo que Jannix não poderia entrar em contacto com Philip.

Por que razão pretendia ele impedir que Jannix entrasse em contacto com Philip?

Não queria que Philip fosse desiludido tão brutalmente.

Era essa a ideia por detrás de tudo. Eu devia salvar-me das aparências, mas não era só por minha causa. Era para proteger Philip.

E quem é que sugeriu isso?

Bem, pensámos na coisa juntos, numa espécie de colaboração.

Whitewell disse que por agora, pelo menos, teria de desaparecer da cena, de modo que Philip nunca pudesse saber o que acontecera até se ter acostumado à minha ausência, e que depois poderíamos dar-lhe a saber a verdade. Disse ainda que no momento em que eu conseguisse o divórcio de Jannix e não houvesse razão para que não nos casássemos, poderia encontrar-me novamente com Philip e explicar-lhe tudo.

Acaso você não se sentiu com vontade de ir ter com Philip e contar-lhe tudo francamente...

Bem, para lhe dizer a verdade, sr. Lam, pensei isso mesmo. Foi essa a razão por que fui ao escritório. Queria ter uma conversa com Philip e explicar-lhe tudo. Queria tentar acabar tudo de modo que não o magoasse muito.

Mas o pai disse-me que conhecia Philip melhor do que eu, e que o mais aconselhável era desaparecer em circunstâncias tais que ficasse a impressão de que me acontecera alguma coisa bastante anormal. Na verdade, julgo que Whitewell pensava tanto em si como em seu filho. Bem vê, os convites do casamento tinham sido feitos e já estava a data marcada; e se... bem, o senhor sabe como as coisas são.

É sempre necessário dar qualquer explicação, em tais circunstâncias. A família Whitewell encontrava-se numa situação esquisita.

Por outras palavras, Whitewell não queria chegar ao clube, junto dos seus amigos, e um destes perguntar-lhe: “Então o teu filho sempre se casou hoje?”, e ter que responder: “Não. Afinal a mulher tinha outro marido, de modo que desistiu.”

Corla Burke quase cambaleou.

Estou a ser um pouco bruto porque pretendo que você veja as coisas sob o meu ponto de vista, disse-lhe eu.

E qual é o seu ponto de vista?

Ainda não sei bem, ou parece-me que sei.

Qual é?

Não está a ver? Philip ter-lhe-ia perdoado. Teria insistido em que não era sua a culpa, que procurasse arranjar o divórcio e que o casamento com ele seria simplesmente adiado.

Julgo que Philip nunca me teria perdoado o não lhe ter contado a história do meu primeiro casamento.

Pois eu penso o contrário.

Pois bem, eu não penso isso, e conheço Philip melhor do que o senhor.

O pai dele conhece-o bastante bem, e o pai pensava que sim, argumentei.

O que é que o leva a dizer tal coisa ?

O pai aproveitou a oportunidade para a afastar e forçá-la a fazer alguma coisa que Philip nunca lhe perdoará.

Não compreende? Se você alguma vez voltasse para junto de Philip e tentasse explicar-lhe o que se passou, estaria perdida.

Philip nunca lhe perdoaria o sofrimento por que passou quando desapareceu, em circunstâncias que desconhecia e, portanto, não se poderia saber o que lhe tinha acontecido.

Philip tem andado torturado pensando que você talvez tivesse sido raptada ou estivesse em perigo. Que... perdoe-me, não disse isto para que começasse outra vez a chorar, mas pretendo apenas que compreenda.

Mas o sr. Whitewell prometeu que contaria tudo a Philip se este começasse a andar muito preocupado com...

Isso, era tudo o que eu queria saber, interrompi-a.

- O quê?

Isso quer dizer que Whitewell a enganou.

Não vejo como.

Não compreende? Se ele alguma vez explicasse a Philip, teria necessariamente de lhe dizer como é que sabia, e, para fazê-lo, tinha de confessar a Philip que tomara parte no logro, que tinha conversado consigo, que fora ele quem a impedira de ver Philip e de lhe contar tudo. Philip provavelmente perdoar-lhe-ia, a você... e alguma coisa poderia arranjar-se. Arthur Whitewell poderia

arranjar um chamado negócio importante em Nova Iorque e levar Philip consigo.

O casamento teria de ser adiado até ao regresso, e Whitewell poderia explicar aos seus amigos que fora apenas adiado.

Entretanto, você poderia conseguir o seu divórcio de Jannix.

Philip nunca perdoará ao pai ter manobrado as coisas deste modo. E se conhecer os verdadeiros factos, agora nunca lhe perdoará a si.

Corla respondeu:

Não consigo compreender. Eu julguei que você estivesse a trabalhar para o sr. Whitewell.

Contratou-me, de facto.

E então?

Mas, contratou-me para a encontrar, para descobrir a razão por que partira e o que lhe acontecera. Era isso tudo o que eu tinha a fazer, e já o fiz.

Corla estava sentada e olhando para mim como se tivesse levado um grande soco no queixo.

Mas o que é que vai fazer?

Não vou fazer nada. A senhora é que vai fazer tudo.

Fazer o quê?

Vai cortar as vazas ao velhote.

Confesso que não compreendo.

Você desapareceu em circunstâncias tais que qualquer pessoa poderia pensar que tivera um súbito ataque de amnésia.

Sim. Até foi isso que se pretendia aparentar.

Whitewell, evidentemente, sugeriu-lhe escrever a Helen Franley, de modo que Sidney não escrevesse a Philip?

Pois foi.

E deu-lhe uma folha de papel e um sobrescrito já selado?

Deu.

E enquanto você pensava que estava a colaborar, a parte essencial do seu desaparecimento foi pensada por Whitewell.

Bem... sim, julgo que sim. Disse-me que eu tinha de salvar a honra da família, e que seria melhor e mais bonito que Philip continuasse a amar-me e que sempre lhe fosse querida a memória do nosso amor, do que ser brutalmente desiludido e talvez até me criasse ódio.

Muito bem. Você fez exactamente aquilo que queria aparentar.

- O quê?

Perdeu a memória.

Não compreendo.

Pois é muito simples. Você perdeu totalmente a memória.

Estava no escritório. Ia agarrar num lápis e subitamente... zás! A memória ficou em branco. Deu por si no meio da rua, sem qualquer ideia sobre quem seria ou qual seria o seu nome ou por que razão é que se encontrava ali.

Mas de que serviria isso ? Para quê ?

Não vê? Um polícia encontra-a, sofrendo de amnésia.

É levada para um hospital, e a Agência de Detectives Bertha

Cool encontra-a. Você não consegue lembrar-se do seu nome.

Na sua memória não existe nada, mas a Agência de Detectives

B. Cool descobriu-a, e Philip vem identificá-la. No momento em que Philip olha para si, o choque de ver o homem que ama fá-la voltar à razão e...

Pare com isso! Gritou Corla. Pare! Não sou capaz!

Por que não?

Você está a retalhar-me o coração!

Você não está boa, repreendi-a. Estou a falar-lhe com a cabeça. Acabe com esse maldito sentimentalismo e meta mãos à obra.

Oh, é absolutamente impossível! Não falemos nisso.

Não seria capaz de enganar Philip dessa maneira.

Por que não?

Porque seria... seria desleal.

Não, não o seria mesmo nada. A parte desleal já você fez. Agora tratava-se simplesmente de pôr as coisas direitas.

Você devia olhar para a cara de Philip, ver as linhas de sofrimento em volta da sua boca, as olheiras, as maçãs do rosto salientes...

Quer fazer o favor de se calar?

Não, enquanto você não me prometer fazer aquilo que lhe sugeri.

Mas não posso fazê-lo.

Por que não?

Bem, por uma coisa, porque existe Sidney Jannix.

Philip e eu nunca poderíamos casar por causa...

Por causa de quê?

Porque sou uma mulher casada.

Não, isso é que não é, você é viúva.

Sou... o quê?

Viúva.

Então não é verdade, aquilo que dizia aquela rapariga Franley? Sidney não está vivo? Ele...

Sidney estava vivo na altura em que a carta foi escrita.

Agora não está.

Corla estudou-me por uns segundos.

Veja lá, naturalmente você está para aqui com brincadeiras...

Nada disso. Estou preparado para lhe provar aquilo que afirmo.

Tirei da algibeira o recorte que tinha feito do jornal de Las Vegas e entreguei-lho.

O amigo de Helen Franley era Sidney Jannix. A senhora não está casada com ninguém. Está viúva.

Corla leu a notícia cuidadosamente. Observei os seus olhos andando para trás e para a frente à medida que iam mudando de linha. Passados uns momentos, os olhos pararam de mexer, mas Corla continuou com eles fixados no papel, fingindo estar ainda a ler, ganhando tempo para pensar antes de ter que enfrentar a situação.

Subitamente, olhou para mim.

Então foi assassinado?

- Foi

Quem... quem foi o assassino?

A polícia não sabe.

Mas você sabe, não é verdade?

Tenho uma ideia.

Os olhos da jovem mudaram novamente de expressão.

Mordeu o lábio inferior, lentamente.

O senhor foi contratado para solucionar o assassinio? Perguntou-me repentinamente.

- Não.

Teria o senhor... bem, se soubesse quem foi, teria necessariamente de...

- Não.

Corla estendeu-me a mão.

Sr. Lam, acredite que é uma pessoa simpática.

Então faz aquilo que eu lhe disse?

Faço.

Muito bem, lembre-se de que alugou este apartamento com o nome da sr.a Sidney Jannix. Não deve ter qualquer ligação com esta casa. É indispensável que a polícia nunca a identifique com este apartamento. Isso seria fatal. Desapareça daqui. Envie a sua bagagem... ou melhor, compre um bilhete para S. Francisco, despache a bagagem e fique com o talão na carteira. Julgo que Whitewell lhe deu o dinheiro suficiente para as despesas, não deu?

Sim. Insistiu em que aceitasse dinheiro de modo a poder deixar ficar todo o meu dinheiro quando desaparecesse.

Isso fazia parte do cenário.

Se Philip tivesse utilizado a massa cinzenta, isso teria sido uma das pistas para o convencerem de que o seu desaparecimento fora planeado antecipadamente e financiado.

Muito bem, agora desapareça daqui. Faça as coisas de maneira que nunca ninguém se lembre de a ligar com este apartamento.

Vá para o meio da rua e comece a andar às voltas. Procure um polícia. Pergunte-lhe que cidade é esta. Continue a fazer coisas disparatadas até alguém vir ter consigo, mas faça o que fizer, não beba uma gota de qualquer bebida alcoólica.

Porquê?

Porque se descobrirem álcool no seu hálito, prendem-na como alcoólica. Se você estiver completamente lúcida, e mesmo assim agir de maneira estranha, chamarão um médico.

É possível que o médico tente lançar-lhe uma armadilha.

Pode desconfiar. Você terá de resistir a isso. Acha que é capaz de fazê-lo?

Posso tentar. Farei qualquer coisa.

Bem, felicidades, disse-lhe eu, e voltei a apertar-lhe a mão.

Para onde é que o senhor vai?

Vou esperar até que você dê entrada no hospital, e depois vou descobri-la. Depois disso, vou para Las Vegas e comunicarei o caso a Whitewell.

Você está a dar-me uma grande oportunidade, não é?

Não vejo razão para a lançar pela borda fora, se conseguir levar o barco a porto de salvamento. Os seus olhos procuraram os meus, e sorria-se de certo modo ironicamente.

Você tenta ser duro e calejado... e afinal não passa de um sentimentalista, lá no fundo. Faz-me lembrar Philip.

Dirigi-me para a porta.

Bem, veja se consegue estar no hospital antes do anoitecer.

Farei o melhor que puder.

Desci as escadas e cheguei à rua. A elevada altitude dava às sombras um clarão ligeiramente avermelhado. Tudo à minha volta, a vida da cidade, fazia-se com o seu ritmo constante. Reno gaba-se de ser a maior das mais pequenas cidades do mundo), e pode também gabar-se de ser a mais característica.

Existe uma individualidade na cidade que salta imediatamente à vista: vaqueiros caminhando pelos passeios com as suas botas de montar de saltos altos, mulheres desiludidas da vida esperando que termine o seu período de residência, beldades voluptuosas que jogam às escondidas com a vida e se encontram no Reno durante um período de transição, procurando abertamente alguns contactos masculinos temporários e não sendo muito exigentes. Jogadores cruzam-se com turistas. Os vaqueiros passam a maior parte do dia na companhia de rancheiros janotas. Pessoas em gozo de férias, com a pele queimada pelo sol, gozando o clima saudável, misturam-se com turistas macilentos que andam a bisbilhotar a capital do divórcio.

Pretendi arranjar alguns momentos para pensar bem nas coisas, antes de voltar à vivenda. Misturei-me com a multidão, entrei num dos casinos mais populares, e num canto comecei a observar despreocupadamente as expressões daqueles que estavam reunidos em volta da roda da fortuna. Atrás de mim, ouvia o trabalhar constante de uma máquina de moedas.

De vez em quando, podia ouvir o tilintar de moedas caindo na abertura dos pagamentos.

Voltei-me para observar.

Helen Franley, de costas para mim, estava muito atarefada fazendo batota numa das máquinas de vinte cêntimos.

Dirigi-me calmamente para a porta e saí.

CAPÍTULO XV

Helen Franley apareceu toda apressada na vivenda.

Com mil diabos, estou cheia de fome. Não haverá nada para comer?

Vem já a caminho, disse-lhe Louie. Tenho alguns feijões espanhóis no fogão, para não perderem o calor. Têm estado a cozer todo o dia. Vai ver como lhe sabem bem.

Feijões cozidos? Perguntou Helen.

Bem, não são exactamente cozidos. Cozem-se, depois fritam-se e depois cozinham-se com um pouco de alho. Não me diga que nunca provou feijões fritos à mexicana.

Não, mas pelo que você conta devem ser bons.

Estão prontos dentro de um minuto.

Louie foi para a cozinha a fim de tratar do fogão.

Helen voltou-se para mim, casualmente.

Donald, estavas-me a perguntar pelo dinheiro que tinha.

E que dinheiro tens tu?

Não te rales. Vai tudo bem.

Não acredito. Quantos cheques é que ainda tens?

Não te rales.

Deixa ver.

Estou a dizer-te que está tudo bem.

Vá lá, deixa ver. Onde é que está o livro dos cheques?

Tirei o livro para fora. Restavam três cheques de vinte dólares.

Helen riu-se.

Isso é uma gota de água para as despesas que tu tens.

Pois bem, eu também quero pagar uma parte das despesas.

Nem por sombras.

Não estejas a brincar. Eu tenho muito dinheiro, e resolvi contribuir. Tenta impedir-me. Abriu a mala, tirou um rolo de notas, desdobrou-as e tirou três notas de vinte dólares que voltou a colocar na mala e o resto deu-me.

Abanei a cabeça.

Está bem, então é um empréstimo -disse ela. Depois pagas-me.

Quanto dinheiro é que há aí?

Não sei. Talvez trezentos ou quatrocentos dólares.

Conta.

Contei o dinheiro. No maço havia quatrocentos e cinquenta dólares.

Onde é que arranjaste este dinheiro? Perguntei-lhe.

Oh, tinha-o na mala. Lembra-te de que eu tinha o dinheiro quando Pug e eu nos separámos. Meti o dinheiro na algibeira. Nada disse de que a tinha visto no casino.

Depois do jantar fomos à cidade e a uma sessão de cinema.

Louie parecia estar satisfeito consigo mesmo. Helen não disse grande coisa. Tinha um ar de calma satisfação.

No regresso, cantou pequenas quadras de canções populares, e quando chegámos à vivenda forçou-nos a parar da parte de fora da porta e a olhar para as estrelas.

Receio que tudo vá acabar em breve. Sei mesmo, evidentemente, que vai acabar, mas enquanto dura é magnífico, não é, Louie?

Louie retorquiu:

Ainda o pergunta? Bem sabe que pela maneira como tudo caminha, parece que nascemos todos na mesma casa.

Rimo-nos e entrámos.

Esperei até que Helen estivesse no duche, preparando-se para se deitar, e depois disse a Louie:

Julgo que o melhor é mandar um telegrama, Louie.

Vou voltar à cidade. Não espere por mim, e diga a Helen que talvez só volte dentro de uma hora, mais ou menos, porque tenho de esperar a resposta.

Fiz com que a minha voz parecesse casual, e o seu tom convenceu Louie.

O. K., companheiro. Não se meta por vielas escuras, e se alguém se fizer forte consigo, lembre-se das instruções do velho Hazen. Aplique-lhes o velho um, dois, e quando der, não se esqueça de levar o corpo atrás do braço.

Esteja descansado que não me esqueço, assegurei-lhe, e saí calmamente e sem barulho.

Na cidade, comecei a dar a volta aos hospitais. Mostrei-me profundamente profissional e bastante casual... fazendo apenas o velho trabalho de rotina, apresentando o meu cartão ao empregado da recepção e explicando que andava à procura de uma pessoa que tinha desaparecido, e que havia a possibilidade de sofrer amnésia. Se por acaso tivessem qualquer caso de amnésia, se me informariam.

Há cerca de meia hora tivemos um caso desses, fui informado no segundo hospital que visitei. Uma jovem...

Tirei as fotografias de Corla Burke da minha algibeira.

Será esta? Perguntei.

Não sei. Não a vi. Mas vou chamar a enfermeira.

Alguns momentos depois, uma enfermeira gorducha olhou-me desconfiada, depois viu as fotografias e mostrou-se excitada.

Ah, é a rapariga!

Tem a certeza? Bem vê, não podemos permitir qualquer engano.

Não, não há dúvida que é a mesma. Quem é ela?

Tornei-me imediatamente cauteloso.

Trabalho para um cliente. Não posso divulgar qualquer informação enquanto não tiver consultado esse cliente, mas trata-se de um caso interessante. A jovem desapareceu praticamente na véspera do seu casamento... nervoso a mais.

Posso vê-la?

Terei de pedir ao médico.

Bem, se tem a certeza absoluta de que é a mesma pessoa, não vale a pena estar a empatar-me com burocracias.

De qualquer modo. ela nem sequer me conhece. Vou entrar em contacto com o meu cliente.

Mas, disse a enfermeira, talvez o senhor conseguisse restabelecer-lhe a memória, fazendo-lhe perguntas, se por acaso sabe quem ela é.

Prefiro não correr esse risco. Acho melhor informar o meu cliente para que entre em contacto com o médico.

É possível que isso seja melhor, disse a enfermeira com ar duvidoso mas dê-me o seu nome e morada, se faz favor.

Dei-lhe um dos meus cartões. A enfermeira que estava na recepção informou:

Já tenho a morada do Sr. Lam.

Saí do hospital, entrei no carro e dirigi-me à vivenda.

Helen Franley estava sentada no sofá em pijama e quimono.

Porque razão é que não estás deitada?

Estava à tua espera. Tu já sabias que ias voltar à cidade, não é verdade?

- Já.

Durante alguns segundos Helen estudou a minha expressão, e depois disse:

Está bem, Donald, está a acabar. Eu pensei que talvez pudesse continuar. Não é preciso andares a disfarçar. Quando é que partimos?

Respondi-lhe:

Tenho que apanhar um avião para Las Vegas. Devo estar de regresso amanhã de manhã.

Queres que te leve ao aeroporto?

Louie pode fazê-lo.

Prefiro ir eu.

Está bem anuí.

Helen dirigiu-se ao seu quarto, queixo levantado, ombros direitos.

Nessa altura, apareceu Louie.

O que é que há?

Louie, ouça-me com atenção. Esta talvez seja uma das coisas mais importantes em que se tem metido.

O quê?

Vigiar Helen.

Louie mostrou-se surpreendido.

O que é que há com ela? Acaso pensa que ela está a atraí-la...

Quero dizer vigiá-la, protegê-la. Eu vou-me embora agora, e estarei de volta amanhã, mas a partir deste momento nunca a perca de vista.

Porquê? O que e que aconteceu?

Ela está em perigo.

- De quê?

De ser assassinada.

Os seus olhos animaram-se repentinamente.

Companheiro, pode contar comigo.

Apertámos as mãos.

Helen saiu do seu quarto, abotoando as mangas da blusa.

Virou-se de costas para mim e pediu:

Queres fazer-me o favor de abotoar as costas ?

Abotoei a gola da blusa, e ajudei-a a vestir o casaco.

Helen voltou-se lentamente à medida que eu lhe vestia o casaco, de modo que ficou nos meus braços. Os seus olhos fixaram os meus. Os seus lábios estavam ligeiramente separados.

Sim, disse ela, quando eu a fitei.

Beije-a, deixei que o círculo dos seus lábios ficasse pegado aos meus, depois ela afastou-se.

Vamos embora, Donald.

Louie interveio:

Eu vou também e guio o carro quando voltarmos, para o caso de haver algum furo.

Helen olhou para ele e abanou a cabeça.

Louie olhou para mim.

Agora não é preciso, mas depois dela voltar, não se esqueça.

Louie acenou com a cabeça.

De que é que vocês os dois estão a falar?

Disse a Louie para te vigiar e ter cuidado contigo.

Os olhos de Helen revelaram uma expressão de dor.

Não tinhas necessidade de fazer isso, Donald.

Não é por aquilo que julgas respondi-lhe. É outra coisa.

- O quê?

Outra coisa. Amanhã conto-te com mais vagar.

Helen não fez mais qualquer pergunta, entrou simplesmente no carro e pôs o motor a funcionar. A caminho do aeroporto, voltou-se para mim.

Por favor, compreende uma coisa, Donald. Não tens que me explicar absolutamente nada.

Apertei-lhe com gentileza o braço.

O facto de que tu queres fazer alguma coisa, é suficiente para mim. É tudo o que pretendo saber.

Tudo o que te peço é que me digas o que posso fazer para te auxiliar acrescentou.

Não voltámos a dizer palavra até chegarmos ao aeroporto.

As estrelas pareciam olhos amigos, vigilantes, suspensos por cima de nós, olhando para o mundo em baixo. No ar havia um certo frio. mas a atmosfera seca revigorava. Uma vez mais estivemos os dois a olhar para as estrelas. Desta vez não dissemos nada.

Beije-a.

Queres que espere até tu partires?

Preferia que não. Está frio.

Importavas-te muito se eu ficasse?

- Não.

Gostava de te ver partir.

O. K., então anda daí.

Encontrámos um avião que estava pronto para ser fretado.

Por sorte aconteceu que o piloto e dono do avião se encontrava no aeroporto, a conversar com um dos pilotos dos aviões comerciais.

Quando o avião já tinha rodado na plataforma, quando já se encontrava abastecido e o motor experimentado, Helen deu-me o braço, pôs-

se a olhar para o avião, de contornos bem definidos devido às luzes intensas.

O piloto fez-me sinal com a cabeça. Helen disse para o avião:

Tem cuidado com ele, avião.

Depois olhou para mim.

Boa viagem, e afastou-se rapidamente.

Observei-a enquanto se afastava pelo campo, sem olhar uma vez para trás. Ouvi a voz do piloto:

Façam favor de ocupar os seus lugares!

Entrei na cabina do avião e ajustei o cinto de segurança.

Rolámos pelo campo fora, voltamo-nos para trás e tomámos velocidade. Podia sentir o peso da aceleração empurrando-me de encontro às costas do assento. Depois, subitamente, o chão afastou-se e curvou-se para um lado, enquanto o avião fazia uma volta bastante larga.

Olhei para baixo, através da janela da cabine.

Helen Franley estava de pé, junto do automóvel, olhando para cima, para as luzes do avião. Conseguia distinguir, embora com dificuldade, os contornos ovais da sua cara, tive um último relance do automóvel, e depois o avião na sua curva fez com que Helen saísse do meu campo visual.

Alguns momentos depois o avião endireitou-se, e com ele as luzes do solo. Por baixo de nós via-se a perder de distância o deserto coberto de vegetação. Por cima de nós as estrelas.

Atrás as luzes de Reno começavam a juntar-se num clarão cintilante. Alguns minutos depois, tinham desaparecido completamente.

CAPÍTULO XVI

Bertha Cool estava evidentemente a dar uma festa.

De pé, defronte da porta do quarto, ouvi risos que vinham de lá. Várias vozes indicaram que o quarto estava cheio de pessoas, e todas elas tentando falar ao mesmo tempo.

Bati à porta.

Bertha Cool perguntou:

Quem é?

Ouvi uma voz de homem dizer:

Naturalmente é o criado com o gelo.

A bandeira da porta estava aberta um centímetro ou dois, o suficiente para poder ouvir Bertha Cool dizer:

Abra a porta, se faz favor.

O fecho interior da porta deu um estalido. Dei a volta à maçaneta e entrei. Tratava-se na verdade de uma festa.

Estavam os três Dearbornes, Paul Endicott, Arthur e Philip Whitewell. Bertha Cool estava meia reclinada numa chaise-longue, com algumas almofadas. Tinha um vestido de noite com um decote pronunciado.

Uma mesa, no centro do quarto, estava cheia de garrafas.

Pelo resto do quarto encontravam-se espalhados vários copos.

Um balde de prata para gelo, apenas tinha água. Os cinzeiros estavam bastante cheios de pontas de cigarro e de charuto. A atmosfera dentro do quarto era bastante pesada.

Os homens estavam de «smoking».

Os olhos de Bertha Cool abriram-se de espanto, ao olhar para mim.

As conversas terminaram repentinamente como se um receptor tivesse sido subitamente desligado quando estava a ser transmitida uma cena de rua.

Que grande surpresa! disse Bertha.

Fiquei junto da porta. As pessoas que se encontravam no quarto pousaram os seus copos num gesto que parecia sugerir que era o fiscal da proibição que tinha acabado de chegar.

Por onde diabo é que tem estado?

Estive em Reno. Encontrei Corla Burke.

Fez-se silêncio completo. Não se ouvia sequer o ruído de qualquer gesto ou o arfar da respiração. Depois Anita Bearborne respirou rápida e

incisivamente. Ao mesmo tempo, Eloise deu um suspiro.

Philip Whitewell dirigiu-se a mim, de mãos estendidas.

Como é que ela está? Está bem? Estará...

Está num hospital.

Oh disse ele, e passados uns momentos. Oh, meu Deus!

Qualquer coisa mental expliquei.

Philip olhava para mim como se lhe tivesse dado uma punhalada.

Amnésia. Não sabe quem é, quem são os seus amigos, de onde veio, ou o que aconteceu. De resto, está perfeitamente bem.

Em Reno?

Sim.

Philip Whitewell olhou para seu pai.

Temos de partir imediatamente disse-lhe ele.

Arthur Whitewell passou a mão pela testa calva, alisou o cabelo que lhe restava, e repetiu o gesto duas vezes. Sub-repticiamente, olhou para Ogden Dearborne, depois novamente para mim. Como é que conseguiu descobri-la, Lam? Perguntou.

Helen Franley sabia mais do que tinha dito.

E como é que você conseguiu arrancar-lho?

Bertha Cool forneceu a resposta.

Fez-lhe namoro, evidentemente. As raparigas caíem todas nos braços de Donald. O que é que ela lhe disse, querido?

Farei o meu relatório mais tarde, em particular, por escrito, e a si.

Voltei-me para Arthur Whitewell.

Philip disse:

Vamos embora, pai. Temos de partir. Temos de arranjar um avião.

Whitewell respondeu:

Sim. Naturalmente, temos de partir imediatamente.

Está ela... haverá qualquer possibilidade de recuperação, Lam?

Segundo o que sei, o seu estado físico é óptimo. Trata-se puramente de uma reacção mental.

Reacção, de quê?

Os médicos dizem que pode ter sido provocada por choque, por excesso de trabalho ou por nervosismo.

Você disse aos médicos...

Não disse absolutamente nada.

Whitewell virou-se para a sr.a Dearborne, e conseguiu incluir Eloise e Ogden na sua observação.

Naturalmente, isto surgiu de repente... isto é, é uma surpresa. Suponho que compreendem.

A Sra. Dearborne levantou-se imediatamente. Certamente, Arthur. Gostaríamos até de poder ajudar em alguma coisa. Mas sabemos que não há nada que possamos fazer. É um assunto que só você pode tratar.

Os seus olhos desviaram-se subitamente na minha direcção.

Envolveu-me num olhar frio, até eu me sentir como um ramo desnudado depois de uma tempestade de gelo.

Com que então encontrou-a.

Fiz sinal que sim.

Ela sorriu, com expressão gelada.

Já devia calcular. Vamos embora, Eloise.

Ogden ajudou-as a vestirem os abafos. Bertha acompanhou-os à porta. A Sra. Dearborne fez uma pausa para desejar boas noites, na usual forma de boas maneiras. Bertha Cool não perdeu tempo nem gastou palavras. Esperou unicamente que estivessem no corredor, depois voltou-se, fechou a porta com o pé, e disse-me:

Pensei logo que havia qualquer coisa de estranho nessa sua maneira de fugir com uma mulher. Seguia uma pista.

Que dinheiro é que gastou?

Bastante.

Fez uma careta.

Philip interveio:

Por favor, não percamos tempo.

Arthur Whitewell olhou para o seu relógio.

- Vai ser difícil fretar um bom avião aqui em Las Vegas, mas podemos tentar. Se for necessário podemos telefonar para Los Angeles e mandar vir imediatamente um avião.

Philip, o melhor é ires até ao aeroporto, para veres o que se pode fazer. Paul pode ir contigo e auxilia-te. Deixamos isso à tua completa discrição.

Eu tenho um avião que me trouxe de Reno. Pode levar três passageiros, além do piloto - informei-os.

Bertha respondeu:

Ótimo. Eu fico aqui. O Sr. Endicott pode esperar comigo. Arthur, tu e Philip podem partir imediatamente.

Foi Endicott quem falou.

Bem, agora não vamos fazer tudo à pressa. No fim de contas, Corla está em lugar seguro. Provavelmente, não nos deixarão vê-la senão amanhã, e na minha opinião parece-me que é mais importante dispor de um médico especialista

do que qualquer outra coisa. Não achas, Arthur, que se poderia falar ao Dr. Hinderkeld para que tome um avião e se encontre connosco no Reno? Em casos destes, um choque súbito pode fazer restabelecer a memória do doente. Por outro lado, poderia ser desastroso. Tudo depende do estado do doente.

Whitewell respondeu-lhe:

Tens razão. Paul, telefona ao dr. Hinderkeld. Esperas até saber o que é que se pode arranjar com respeito ao avião. Se tivermos que mandar vir um aparelho de Los Angeles, Hinderkeld pode vir nele, e iremos todos juntos para Reno.

Philip estava junto da porta com a mão na maçaneta.

Vamos embora, Paul, e para o pai: Podes fazer o que quiseses com o médico. Eu agora vou vê-la. Endicott lançou na direcção de Whitewell um olhar perscrutador, depois saiu juntamente com Philip.

Whitewell voltou-se para mim:

Suponho que tenho de lhe agradecer isto tudo.

Tudo o quê?

Como se não soubesse.

Queria que eu a encontrasse, não é verdade? Pois bem, encontrei-a.

Você disse à sr.a Cool que pensava que eu poderia ter ditado aquela carta, que poderia ter dado dinheiro a Corla Burke. Evidentemente, você não faz de mim grande conceito.

Respondi-lhe:

Contrataram-me para um trabalho. A carta que Corla enviou a Helen Franley estava escrita no seu papel de carta.

A parte de cima do papel tinha sido cortada com uma faca.

Não é costume as mulheres trazerem consigo facas ou navalhas.

Uma mulher para cortar a parte de cima de um papel dobrava este simplesmente e rasgava, ou então talvez utilizasse uma tesoura. Não a teria cortado com uma faca afiada.

Bem, e depois?

A carta foi escrita à noite. Foi carimbada pouco antes da meia-noite. Foi escrita num papel do seu escritório. Na minha opinião, isso quer dizer que foi escrita no seu escritório.

E depois?

Estava presente um homem. Corla não tencionava escrever a carta antes de ter ido ao escritório. Nesse caso, teria a carta já escrita... ou teria esperado que voltasse ao seu apartamento

para a escrever. Foi ao seu escritório. Encontrou-se com alguém. Tiveram uma conversa. Em resultado dessa conversa, Corla decidiu escrever uma carta. Por alguma razão, foi considerado imperioso que a carta fosse escrita ali mesmo. Fê-lo. O homem cortou o cabeçalho do papel.

Alguém forneceu um sobrescrito selado. Corla Burke desapareceu bastante misteriosamente no dia seguinte. As circunstâncias que rodeavam a sua partida eram tais que tornavam impossível acreditar-se que não tivesse partido de sua livre vontade. Deixara a sua mala em cima da secretária com todo o dinheiro que tinha. Evidentemente, não tinha mais dinheiro nenhum. Sem dinheiro, não poderia ter ido longe. Por consequência, é evidente que recebera dinheiro de alguém. E continuou: Havia mais que suficiente, na carta para Helen Franley, revelando que partia de sua própria vontade e por causa de alguma circunstância que a colocava numa posição indesejável, especialmente perante o homem com quem ia casar.

O senhor sabia evidentemente da carta. Tinha conhecimento do que ela continha. Estava disposto a contratar uma firma de detectives particulares para começarem a trabalhar no caso. Teve bastante cuidado em assegurar-se de que os detectives se

encontrariam consigo em Las Vegas e comesçassem a trabalhar ali. Estava receoso de que os detectives não encontrassem Miss Helen Franley que já a tinha completamente marcada, com bilhete reservado e pronta para entrega como se fosse uma encomenda de morangos gelados. E, além disso, o senhor traz sempre consigo sobrescritos selados. Agora junte isto tudo e veja o que é que deduziria se fosse detective.

Foi Bertha quem respondeu:

Vá para o diabo, Donald. Arthur é um cliente... e um amigo.

Está tudo muito certo. Estou a fazer o meu relatório. Não disse mais nada, até agora, não é verdade?

Essas palavras “até agora” parecem-me uma ameaça disse Whitewell.

Não lhe respondi.

Até que ponto é esta coisa de um ataque de amnésia verdadeira? Perguntou Whitewell.

Respondi-lhe:

De certo modo tive a ideia de que o seu desaparecimento talvez tivesse algo a ver com um casamento anterior.

O que é que lhe deu essa ideia?

Corla desapareceu de sua livre vontade. Tentou salvar as aparências e ao mesmo tempo a reputação de Philip. Não era aquela espécie de rapariga que podia deixar-se comprar por si. Olhando para as coisas sob vários aspectos, a explicação mais plausível era de que devia haver à mistura um casamento anterior.

E assim você resolveu ir para Reno?

Exactamente. As pessoas infelizes no casamento desaparecem subitamente e de modo geral instalam-se no Reno.

E começou a investigar nos hospitais, suponho eu disse Whitewell sarcasticamente.

Exactamente. Existiam duas soluções práticas, e apenas duas. Uma delas era um casamento anterior, e a outra um ataque de amnésia.

E se tivesse sido um casamento anterior, teria ido para Reno?

Exactamente.

Mas por que razão haveria de ir para Reno se estivesse a sofrer de amnésia?

Era uma resultante de ambas as causas, respondi e sorri-me.

E foi dessa maneira que a encontrou no hospital.

Que interessante!

Pois é. Ao percorrer os hospitais, à noite, soube que uma mulher, cujos sinais -correspondiam aos de Miss Burke tinha sido internada por sofrer de amnésia. Fiz a comparação.

Não havia dúvidas, era Corla Burke. Esse facto colocava-me imediatamente numa posição difícil. As autoridades do hospital procuravam encontrar alguém que a conhecesse. Naturalmente, pretendiam informações, mas eu mantive-me calado.

Whitewell levantou a mão esquerda até à testa, bastante ampla, afagou o pouco cabelo que lhe restava com a palma da mão.

Se você tivesse descoberto Helen Franley, encontrado aquela carta, entregando-ma, e depois desaparecendo, os seus serviços teriam sido bastante mais valiosos para mim.

Então por que é que não me disse o que é que queria que eu fizesse? Disse-me apenas que queria que encontrasse Corla Burke.

Abruptamente, meti as mãos nas algibeiras das calças.

Pelos jornais soube que o homem que vivia com Helen Franley era Sidney Jannix.

Não vivia com ela. Tratava-se de uma sociedade comercial.

Bertha Cool tossiu.

Os olhos de Arthur Whitewell diminuíram de tamanho.

Agora que você se saiu com essa de ter encontrado Corla, Philip, evidentemente, terá que ir vê-la. Jannix está morto... assassinado... Que sorte para Corla! Não se lembra de nada do que aconteceu. A jovem sofre de esgotamento nervoso. Não seria maravilhoso se ao ver Philip recuperasse a memória? Nessa altura, não se lembraria do que aconteceu desde o momento em que saiu do escritório e estaria completamente preparada para a celebração do casamento.

Enfrentei o seu olhar.

Penso que isso tornaria o seu filho bastante feliz.

Whitewell abriu os braços.

Talvez eu esteja mais preocupado com a felicidade do meu filho daqui a um ou dez anos, do que auxiliá-lo agora a satisfazer uma paixoneta.

Naturalmente isso é verdade.

Suponho que você não tem qualquer ideia sobre isso?

O senhor contratou-me para encontrar Corla Burke.

Eu encontrei-a.

Bertha Cool interveio:

Nesse ponto Donald tem razão. Devia ter-nos contado tudo. Eu bem lhe disse que Donald era bastante competente e que trabalhava depressa...

Esteja calada, disse-lhe Whitewell, sem tirar os olhos de mim.

Bertha Cool levantou-se da cadeira como se fosse uma bola de borracha que tivesse sido lançada da janela de um vigésimo andar.

Com quem é que julga que está a falar? perguntou-lhe. Não me mande calar. Você... um "gentleman" tão cheio de polimento, que a manteiga era capaz de não se derreter na sua boca, todo cheio de lisonjas e desses malditos galanteios, a dizer a uma senhora para estar calada!

O senhor contratou-nos para fazer um trabalho, e nós fizemo-lo.

Pois bem, tire para fora o livro de cheques e vamos a liquidar as contas.

Whitewell ignorou-a completamente. Dirigiu-se a mim. Suponho que agora também poderia recorrer a um pouco de chantagem?

Acerca de quê?

Ameaçando dizer a Philip, a menos que recebesse os salários que pretende.

Respondi-lhe:

Estou a fazer o meu relatório a Bertha Cool. Ela dirige a agência como muito bem entende. Nada tenho com isso.

Contudo, se tenciona armar-se em ostra e fechar-se dentro da concha, o melhor é lembrar-se de que a polícia de Las Vegas está um pouco interessada em todo este assunto.

O que é que a polícia tem a ver com isso?

Esquece-se do assassinio.

Quer dizer que toda esta trapalhada vai ficar relacionada com o assassinio?

É possível.

Franziu a testa, na minha direcção.

Na altura em que eu conseguir decifrar essa observação enigmática, meu caro senhor, suponho que naturalmente encontrarei nela um anzol. Tem todo o aspecto e características de ser o início de uma campanha de improviso.

Acendi um cigarro.

Bertha disse-lhe:

O melhor é deixar-se de andar pelas nuvens e chegar à conclusão de que ainda não terminámos os nossos serviços.

Vai com certeza necessitar de alguém que o represente para tirar de cima dos ombros essa suspeita de assassinio.

De cima dos meus ombros! exclamou Whitewell.

Os olhos de Bertha tinham uma expressão dura.

Não esteja para aí a titubear. Não se esqueça daquela, rapariga que o viu.

Whitewell começou a sorrir-se, um riso lento de triunfo irónico.

Bem, vai ser bastante interessante ver o que acontece.

Corla Burke perdeu a memória. Não se lembra de nada daquilo que aconteceu desde o momento em que desapareceu subitamente do escritório. A única coisa de que se lembra, a seguir, é do momento em que Philip entra no hospital e diz: “Corla”, e o choque emocional restitui-lhe subitamente a memória. Um pequeno e magnífico mestre de cerimónias, é o que você é, não é verdade, Lam?

Continue, respondi-lhe. Já agora cuspa o resto.

Muito bem, vou fazer isso mesmo. Corla Burke era uma aventureira. Tinha-se casado antes, e escondia esse casamento a meu filho. Armara-lhe uma ratoeira de amor. Estava para casar com ele. Depois, alguns dias antes da cerimónia, o marido

aparece bastante inoportunamente. Logo a seguir Corla Burke desaparece. E também pouco tempo depois, o seu marido é assassinado. Logo que ele deu o último suspiro, de modo que Corla fica viúva e por consequência completamente livre para se casar imediatamente, um detective particular encontra-a no hospital, sofrendo de amnésia. Não tentarei insultar a sua inteligência pondo de parte qualquer probabilidade de que Corla não se curará depressa, logo que vir o meu filho, e espero que você não insultará a minha inteligência tentando fazer-me engolir isso, como sendo verdade. Mas a verdade é que ela era a pessoa que tinha um motivo para assassinar Sidney Jannix. Pretendia afastá-lo. Tinha todas as razões para saber que o marido podia ser localizado por intermédio de Helen Franley. Aí está uma coisa que você deve ter em atenção, Lam.

Porquê?

Porque se Corla não sabe onde esteve durante o período em que perdeu a memória, não pode desmentir que tenha estado em Las Vegas. Também não pode desmentir que o tenha assassinado.

E depois?

Depois, você tem um avião aqui em Las Vegas. Nós vamos arranjar um avião. Se partisse

imediatamente, podia regressar a Reno antes de nós. Se Corla Burke não estiver no hospital, quando chegarmos, em tudo o que me diz respeito, não haverá qualquer tentação para a ligar ao assassinio de seu marido.

Respondi-lhe:

Nada feito.

Bertha Cool interveio:

Quem diabo julga que somos?

Whitewell fez *um* pequeno gesto com as mãos.

Muito bem, ponhamos as coisas de outro modo. Philip é o meu único filho, o único parente chegado que possuo.

Compreendo que Philip é uma pessoa anormalmente sensível, com inclinação para condescender. Sei que a sua felicidade não depende inteiramente de si. É um jovem que pode ser enormemente influenciado pelo meio em que vive. Isso quer dizer que o seu casamento vai ser terrivelmente importante...

Por acaso, não me poderão dar o crédito de que possuo alguma inteligência? Não compreendem por acaso que conheço Philip melhor do que qualquer outra pessoa? Não Compreendem que a sua felicidade é a minha principal preocupação, e se pensasse que ele seria feliz com

Corla Burke, reviraria céu e terra para os ver juntos? Não compreendem que a única razão por que não queria que se casasse com Corla era o facto de saber que esta não era mulher para ele? Sabia perfeitamente que o seu encontro não podia resultar. Sabia que não podia deixar de ser o prelúdio de uma tragédia.

Corla não ficaria a seu lado. Não é desse tipo. Destroçaria o coração de Philip. Algumas pessoas conseguem casar-se mais que uma vez. Outras não. Philip é daqueles que não o poderá fazer.

Resolvi perguntar-lhe:

O que é que o seu filho pensará de Corla quando souber que esta já foi casada?

Sorriu-se.

O que você quer perguntar é de que maneira vai ele saber? Eu não posso dizer nada. Isso seria descobrir-me.

Corla não dirá nada porque teve aquela muito conveniente perda de memória. Evidentemente, saber-se-á depois do casamento, mas isso será depois. Oh, entrego-lhe isso a si, Lam. Você é, na verdade, esperto.

Notei o brilho nos seus olhos.

Não se esqueça de que consigo ser completamente impiedoso quando alguém se atravessa no meu caminho.

Ou consegue fazer com que Corla tenha desaparecido no momento em que Philip chegar a Reno, ou ela será presa por assassinio, e depois tudo se esclarecerá... e uma vez descoberto o truque da amnésia, Corla está liquidada.

Bocejei.

Whitewell continuou a olhar-me com uma expressão dura.

Vá para o diabo, seu cão insolente, estou a dizer-lhe exactamente o que penso.

Meti a mão na minha algibeira.

Whitewell atravessou o quarto, agarrou no telefone, e informou-nos:

Vou chamar a polícia.

Tirei da algibeira a carta que conseguira arrancar a Corla Burke no apartamento desta, no Reno.

Whitewell olhou para o sobrescrito, apenas de relance, e largou o telefone como se este estivesse em brasa.

No Reno perguntei se haveria correio para Corla.

Pensei que talvez houvesse uma carta para ela. Havia.

Whitewell ficou absolutamente imóvel.

Isso foi uma violação de correspondência. Por causa de tal acto pode-lhe cair o diabo em casa.

Prossegui calmamente:

Notei que Paul Endicott parecia estar muito ansioso por meter no correio a sua carta, acerca da opção. Felizmente que você aceitou a ideia. É evidente que Paul está bastante familiarizado com os seus negócios.

Bertha interrompeu-me.

Donald, de que diabo é que está a falar?

Suponha que Philip encaixa perfeitamente a coisa e continua a gostar dela, sem se importar de saber quantas vezes Corla já foi casada? O senhor é uma pessoa que gosta da sua família. Vai-se sentir muito só sem Philip, e será um golpe bastante grande ter de estar separado dos seus próprios netos.

Foi a mesma coisa que ter-lhe aplicado o velho golpe de Louie Hazen, directo à maçã de Adão. Não lhe podia ter dado com mais força.

Se estivesse no seu lugar, continuei, teria considerado esta questão da amnésia como a

melhor oportunidade que me fora dada nos últimos dez anos.

Whitewell respondeu-me convicto:

Quando Philip souber como Corla o enganou, abandoná-la-á.

Sufrerá durante uns tempos, mas abandona-a.

Está enganado. Philip nada saberá. Pela minha parte, vou ver se consigo comer alguma coisa. Encontramo-nos dentro de vinte minutos.

Saí do quarto e deixei-o só com Bertha.

Fui até um bar que existia naquela rua, comi uma sanduíche, e regressei ao hotel. Bertha Cool estava sozinha no quarto.

Onde é que está Whitewell? Perguntei-lhe.

Foi preparar as suas coisas. Na verdade, não devia tê-lo tratado daquela maneira, querido. Você sempre teve qualquer coisa contra ele.

Dei-lhe uma oportunidade com a questão da amnésia, e não foi suficientemente esperto para o compreender, respondi.

Não, não foi estupidez. Mostrou-se apenas confiante em que Philip fará exactamente aquilo que ele espera.

Philip está apaixonado.

Donald, e o que é que havia acerca daquela carta que Whitewell enviou. O que é que dizia?

Pouca coisa.

Bertha fixou em mim o seu olhar. Entretanto tocou o telefone. Agarrou no auscultador, escutou por uns momentos, e depois disse:

Alô, e em seguida: O. K., vamo-nos pôr a caminho.

Desligou.

Philip fretou um avião. Juntamente com aquele que você trouxe de Reno podemos seguir todos viagem. Partimos imediatamente. Donald, o que é que dizia a carta?

Dirigi-me para a porta.

Vamos embora.

CAPÍTULO XVII

Bertha seguiu comigo no avião. Os outros foram no avião que Philip fretara. No último momento, Paul Endicott decidiu também ir, só pelo passeio.

O trabalhar rítmico do motor do avião convidou-me a dormir, pouco depois de termos descolado. De vez em quando, Bertha acordava-me com perguntas. Respondia por monossílabos e voltava ao conforto acolhedor do sono.

Não deve discutir com Arthur Whitewell, Donald.

Hum, hum.

Você é diabólico. A velha Bertha sempre soube que você não estava apaixonado por nenhuma mulher. Bem, você apaixona-se mesmo, e eu quero dizer com verdadeiro amor; mas, amais a sua profissão do que a qualquer mulher. Responda-me, Donald, não é assim?

Julgo que sim.

Diga-me uma coisa, foi Helen Franley quem matou o homem com quem vivia?

Helen não vivia com ele.

Oh, essa piada já é velha!

Tratava-se de uma sociedade.

Bertha resmungou:

Julga que eu sou saloia?

Não lhe dei resposta. Passados alguns minutos, Bertha acordou-me novamente.

Ainda não respondeu à minha pergunta.

- Qual?

Se ela o matou.

Espero que não.

Não precisei de olhar para Bertha para compreender que os seus pequenos olhos estudavam todas as linhas do meu rosto, procurando surpreender alguma expressão reveladora.

Helen Franley sabe muita coisa acerca de quem cometeu aquele assassinio?

Talvez.

Alguma coisa que não disse à polícia?

Possivelmente.

Aposto em como ela lhe disse o que era. Consegui levá-la a dizer. Meu Deus, Donald, como é que você faz isso?

Hipnotiza-as? Suponho que sim. Não lhes consegue com certeza impingir as atitudes do homem das cavernas. Faz com que elas venham até si. Suponho que é esse seu jeito de começar à

pancada ao mais pequeno sinal, mesmo quando sabe que está liquidado. Deve ser isso. As mulheres adoram os homens corajosos.

A minha cabeça caiu para a frente, com um solavanco, ao adormecer profundamente. Bertha puxou-me para cima.

Oiça, querido, acaso já lhe ocorreu o que é que vai acontecer agora?

O que é?

Whitewell tem dinheiro, influência e miolos. Com certeza que não se deixa vencer.

Não respondi.

Aposto que essa Franley faria praticamente tudo o que você lhe pedisse.

Aquela observação pareceu-me que não pedia resposta.

Bertha insistiu:

Aposto que o assassino está neste momento aflito da vida. Supõe que a Franley sabe verdadeiramente quem foi que o matou?

Penso que sabe, respondi.

Então já lho disse.

Não.

Mas ela dirá à polícia... se lho perguntarem.

Julgo que não.

Donald!

- O que é?

Julga que o assassino sabe isso?

Isso o quê?

Que ela não falará.

Isso depende de quem for o assassino, respondi.

Bertha disse subitamente:

Donald, você sabe quem é o assassino, não é verdade?

Não sei.

Não sabe o quê?

Não sei se sei ou não.

Bertha comentou:

Essa é uma resposta dos diabos.

Não é? Concordei e voltei a adormecer nos poucos segundos de silêncio intempestivo que se seguiram. Quando acordei, estávamos a aterrar no aeroporto de Reno. Fora a mudança de aceleração no trabalhar do motor que me acordara. Bertha Cool estava sentada muito direita, procurando demonstrar o seu descontentamento com um silêncio dignificante.

Circulámos sobre o aeroporto para aterrar, e o outro avião encontrava-se mesmo atrás de nós, aterrando poucos minutos depois.

Paul Endicott falou de modo a ser ouvido por todos:

Soube que há um avião que parte para S. Francisco dentro de quinze minutos. Não vejo razão para ir com vocês e depois voltar a correr. Gostei muito do passeio, e suponho que agora já está tudo resolvido.

Depois olhou com ar interrogativo para Whitewell e apertou-lhe a mão.

Felicidades, meu velho.

Philip respondeu-lhe.

Sou eu que vou precisar de sorte. Achas que ela me conhecerá, pai?

Whitewell respondeu secamente:

Tenho a impressão que sim.

Endicott apertou a mão a Philip.

Não percas a postura nem a coragem. Estamos todos fazendo força por ti, todos nós.

Philip tentou dizer qualquer coisa, mas os seus lábios trémulos apenas balbuciaram uma resposta. Endicott encobriu o seu embaraço continuando a falar, sem parar, de modo que Philip nada tivesse que dizer.

Mantivemo-nos num pequeno grupo compacto, à espera do táxi que tínhamos chamado pelo telefone. Disse-lhes que tinha de fazer uma

chamada e pedi-lhes desculpa. Queria saber o que havia com Helen e Louie, mas a bomba de serviço Acme, na estrada de Susanville, não tinha número na lista telefónica. Voltei para junto do grupo à espera do táxi. Por fim, este apareceu e entrámos todos.

Arthur Whitewell ficou para trás para umas últimas palavras com Endicott, depois apertaram as mãos, e Whitewell sentou-se no banco da frente. Qual é o nome do hospital? perguntou Bertha.

O “Haven of Mercy” disse eu ao motorista, e olhei para a expressão de Arthur Whitewell. O seu rosto encontrava-se absolutamente imóvel e sem expressão. Parecia que estava a posar para um fotógrafo do século passado, concentrando-se para nem sequer piscar os olhos. Philip era exactamente o oposto. Mordia os lábios, coçava as orelhas, mexia-se no lugar, olhava para fora pela janela do táxi, tentando evitar os nossos olhares, sem dúvida desejando poder escapar aos nossos pensamentos. Parámos defronte do hospital. Dirigi-me a Bertha incisivamente:

Isto vai ser pura e simplesmente uma questão de família.

Arthur Whitewell virou-se para o filho:

Julgo, Philip, que é melhor ires sozinho. Se o choque de te ver não aclarar as coisas, não fiques desanimado. Faremos com que o Dr. Hinderkeld venha até cá, e ele com certeza conseguirá bons resultados.

E se ao ver-me lhe voltar a memória?
Perguntou Philip.

O pai pôs-lhe a mão no ombro.

Eu fico à espera.

Bertha Cool olhou para mim.

Comentei:

Uma coisa de que nunca gostei foi estar à espera num hospital. Dentro de uma hora, estou de volta. Acho que será o suficiente para o caso de ser preciso auxílio meu, e se não puder cá estar dentro de uma hora, ficarão com tempo suficiente para se normalizarem as coisas.

Bertha perguntou:

O que é que vai fazer?

Oh, há umas coisas que tenho de fazer. Vou no mesmo táxi.

Whitewell disse para Bertha:

Parece que temos os dois de ir para a sala de espera, onde é costume os pais andarem para trás e para diante, quando esperam o nascimento de um filho.

Cá pela minha parte, não, disse Bertha. Vou até à cidade com Donald. Voltamos dentro de uma hora. E depois tomamos o pequeno almoço?

Excelente ideia, respondeu Whitewell.

Bertha fez-me sinal com a cabeça.

Whitewell falou para Bertha, num tom de voz suficientemente alto para que Philip pudesse ouvir: Palavra que não sei como agradecer-lhe... Oh, bem, falaremos disso mais tarde. Tenho a certeza que compreende.

Em seguida colocou afectuosamente a mão no ombro de Bertha.

A sua compreensão e simpatia querem dizer para mim muito mais do que jamais compreenderá. E espero que consiga dominar... toda a situação. Bem...a sua voz interrompeu-se numa espécie de soluço. Bateu-lhe no ombro afectuosamente e afastou-se de nós.

Philip, que se dirigira à recepção para indagar acerca de Corla, entrou num elevador acompanhado por uma enfermeira.

Arthur Whitewell estava a instalar-se numa cadeira quando Bertha saiu na minha companhia para o ar livre.

Bem, disse-lhe em tom casual, vamos de táxi até à cidade e...

A mão de Bertha segurou-me pelo braço. Puxou-me de maneira a olhar de frente para ela, e empurrou-me de encontro à parede do hospital.

Vá para o diabo com essas coisas. Pode ser que consiga enganar os outros, mas a mim não. Onde é que vai?

Vou ver Helen Franley.

Também eu, disse Bertha.

Não preciso de dama de companhia.

Isso é o que você pensa.

Veja lá se utiliza a cabeça. Helen está deitada. Não posso aparecer lá, acordá-la e dizer-lhe: “Permite-me que te apresente a Sra. Cool...”

Está doido. Se Helen está deitada, não vai junto dela.

Não é desse tipo. Fica de guarda junto da porta. Donald Lam, que diabo é que pretende?

Já lhe disse.

Pois é, disse. Já de tal maneira o conheço como se fosse um livro aberto. Deve ter qualquer coisa na forja.

Está bem. Se quer vir, ande daí.

Agora sim.

Dirigimo-nos ao táxi.

O que há? Perguntou Bertha.

Dirigi-me ao motorista:

Quero que você nos leve fora da cidade, até lhe dizer para parar, depois apeamo-nos, e espere por nós até voltarmos.

O motorista olhou para mim com ar suspeito.

Ponha o seu conta quilómetros em zero quando atravessarmos a linha férrea. Pretendo a quilometragem certa desde a partida até à chegada. Enquanto estiver à espera receberá por estacionamento, mas não quero as luzes acesas nem o motor a trabalhar. Está a compreender-me?

O motorista respondeu-me ainda de certo modo duvidoso:

Eu sei que o senhor é uma pessoa decente, mas quando se faz um serviço para fora da cidade, assim nessas condições, em que ficamos à espera numa estrada, em geral recebemos...

Dei-lhe dez dólares.

É o suficiente? perguntei-lhe.

Está muito bem, respondeu com um sorriso.

Não se esqueça de pôr o conta-quilómetros em zero quando atravessar a linha.

Esteja descansado.

Bertha Cool encostou-se no assento de trás.

Dê-me um cigarro, querido, e diga-me para que é isto tudo.

Quem matou Jannix? perguntei-lhe, dando-lhe ao mesmo tempo o cigarro.

Como é que eu hei-de saber?

Alguém que fosse íntimo de Arthur Whitewell, respondi-lhe.

Porquê? Perguntou Bertha.

Aí é que está. Jannix andava a explorar a coisa no campo da chantagem. Alguém o atraícoou.

Bertha esqueceu-se de acender o cigarro.

Vamos lá pôr as coisas direitas, disse ela inclinando-se para a frente.

A primeira parte disto tudo não tem dificuldade. Helen Franley não escreveu a Corla Burke. Alguém o fez, alguém que deu o nome de Helen Franley, e disse a Corla para responder.

E então?

Não está a compreender?

Não, disse Bertha secamente.

Se Corla tivesse caído na ratoeira, teria casado com Philip Whitewell, e o casamento transformar-se-ia em bigamia. O combinado seria conseguir o divórcio de Jannix. Sabe bem o que teria acontecido. Nunca haveria divórcio. Jannix continuaria a explorá-la até à última gota.

Uma vez que estivesse casada com Philip, Corla nunca poderia mexer-se pára conseguir o divórcio. Jannix tê-la-ia então na posição que queria.

E você julga que Helen Franley não escreveu aquela carta?

Sei perfeitamente que não o fez.

Porquê?

Em primeiro lugar, porque mo disse. Em segundo lugar, porque não era aquela a espécie de carta que teria escrito a uma mulher na posição de Corla Burke. Alguém deve ter escrito a carta... e alguém íntimo de Helen Franley.

Como é que sabe isso?

Porque esse alguém disse a Corla para enviar a resposta para Helen Franley, Posta Restante.

E porque razão não haveria de escrever para sua casa?

Para que Helen Franley não recebesse a carta. Da primeira vez que Helen foi para Las Vegas, recebia o correio na Posta Restante. Jannix ia buscar o correio de vez em quando, e possivelmente tinha uma autorização escrita para receber qualquer correio que fosse dirigido a Helen.

Estou a compreendê-lo, disse Bertha.

Os empregados dos correios foram demasiado cumpridores.

Essa foi uma das coisas que os outros não previam.

Estou a ver, estou a ver. Continue. Os correios entregaram a carta directamente a Helen Franley. Evidentemente, não fazia qualquer sentido quando a leu. Mas porque razão é Jannix foi morto?

Porque Jannix estava metido na coisa, mas não pensou nela sozinho. Estava alguém atrás dele, alguém que queria...

Uma parte no produto da chantagem? Perguntou

Bertha.

Não. Essa foi a isca que deram a Jannix para engolir.

Mas a pessoa que o fez era alguém que conhecia suficientemente bem Corla Burke para saber que esta nunca iria para a frente com o casamento, em tais circunstâncias. Por consequência, era alguém que pretendia impedir o casamento.

Não tinha por objectivo a chantagem.

Mas, quem foi? Quem estava por de trás de tudo?

Bem, várias pessoas. Arthur Whitewell, um dos Dearbornes... ou os três. Poderia ter sido Endicott, e poderia ter sido o próprio Philip.

Continue.

O plano era interessante. Executou-se com perfeição.

O único sarilho foi, depois de executado, Jannix ter compreendido que tinham feito dele um parvo. Não gostou da coisa. Por isso ameaçou que falaria.

E por causa disso apanhou um tiro? perguntou Bertha.

Exatamente.

Bertha afirmou:

Arthur Whitewell não faria uma coisa dessas.

Não tem qualquer álibi.

E os Dearbornes? perguntou Bertha. São um grupo esfomeado de caçadores de dotes. Não confio em nenhum deles.

Também é a minha opinião.

O táxi entrou na rua principal da cidade do Reno, cheia de casas de jogo, deu uns solavancos ao atravessar a linha do comboio, e dirigiu-se para fora da cidade pelo distrito residencial. Bertha insistiu:

Assim, agora vai ver Helen Franley e tentar conseguir as informações que esta tiver?

Nada disso. Vou deixá-la de fora. Tudo o que pretendo é ter a certeza de que o outro também a deixa de fora.

Não estou a compreender.

Quando parti de Las Vegas, tive o cuidado de o fazer em circunstâncias tais que muito lhe daria para falar. Pretendia que dissesse a toda a gente, que estava ligado de qualquer modo ao caso, que malandro eu tinha saído, que fugira sem mais nem menos com Helen Franley. Essa informação não tinha grande importância, a não ser para uma pessoa.

Para quem?

Para o assassino.

Disparate! Penso que não se trata nada disso. Está apaixonado por essa rapariga, Donald Lam, e porque está apaixonado preocupa-se com ela. Mas só para o caso de ter razão, vou também assistir ao final.

Pode esperar no táxi, se assim quiser.

Mas ninguém teria possibilidades de chegar lá primeiro que nós; pelo menos dispomos de muito tempo.

Não estou assim tão confiado nisso. Lembre-se que Endicott ficou para trás, no aeroporto; que Arthur Whitewell não acompanhou o filho ao quarto de Corla; e que Ogden Dearborne é piloto e é dono de um avião. Ogden nada disse para colocar o avião à disposição de Philip. Por quê?

Talvez por não ser o único dono.

É possível que assim seja, e também é possível que tenha pretendido ir a qualquer parte, a toda a pressa.

Com a irmã? Perguntou Bertha.

Ou com a mãe.

Bertha Cool comentou:

Ora vejam lá! Aí está o que acontece quando um detective apanha a doença do amor. Não há dúvida nenhuma de que estaria muito mais confortável, se tivesse ficado à espera no hospital, ao pé de Arthur. Na minha opinião não está bom da cabeça.

Não é preciso vir comigo. Já lhe disse que o táxi pode levá-la outra vez.

Pois aí é que está. Se eu fico aqui, a tremer e a enregelar, não acontece absolutamente nada. Se faço pouco de si por estar doentinho do coração, e voltar para o Reno, passada meia hora agarra o assassino, arranja uma grande propaganda e ainda por cima ri-se de mim. Sabe que mais?

Vou assistir ao espectáculo.

Muito bem, como quiser, respondi-lhe.

Já me conhece o suficiente para saber que nunca falto retorquiou Bertha.

Juntei as mãos de encontro ao vidro da janela do táxi, e olhei para fora, a fim de ver se me orientava. Subimos uma pequena colina, fizemos a curva e começamos a descer pelo outro lado. A bomba da gasolina, com a vivenda isolada cerca de cem metros atrás, apareceu por curtos momentos recortada no horizonte. Depois, ficou para trás, enquanto o automóvel passava defronte.

Abri o vidro de separação no interior do carro.

Pare o carro aqui.

O motorista encostou o carro a um dos lados da estrada.

Não acelere o motor, desligue-o simplesmente, e depois apague as luzes.

Não estou a perceber.

Pretendo que você espere aqui.

O motorista travou, desligou o motor e as luzes, e comentou:

Parece-me que o senhor está enganado. Aqui à volta não há absolutamente nada.

Não faz mal, respondi-lhe. Saio aqui e vou dar uma vista de olhos.

Bertha saiu comigo. Na parte oriental do céu podia descortinar-se um clarão ainda ligeiro, que ainda nem sequer tinha cor. O frio do deserto

parecia maior depois do calor que estava dentro do carro.

Começámos a caminhar. O motorista ficou a olhar para nós, por uns momentos, depois voltou-se, recostou-se no automóvel e puxou para cima a gola do sobretudo.

Bertha perguntou-me:

É muito longe?

Cerca de um quilómetro.

Bertha voltou-se repentinamente.

Vou voltar para o automóvel. Vá para o diabo mais isto tudo.

Está bem, volte com o táxi para a cidade. Tenho um carro que é suficientemente bom para me levar onde quer que seja. Logo que tenha verificado estar tudo bem, volto para o hospital.

Bertha voltou para trás sem dizer palavra, em direção ao táxi. Tinha percorrido cerca de cinquenta metros quando vi as luzes do táxi acenderem-se novamente. Afastei-me para a berma da estrada, enquanto o táxi fazia a curva, esperei até que a luz vermelha de trás quase desaparecesse ao longe, e depois continuei o meu caminho.

O clarão a oriente tornou-se mais intenso. Havia agora luz suficiente para se reconhecerem os objectos como manchas negras contra um fundo

cinzento. À minha frente podia ver a bomba da gasolina, com uma pequena casa anexa, e depois, cem metros atrás, a vivenda. Escondi-me nas sombras e esperei.

A luminosidade do céu estava a aumentar. Alguém que estivesse, escondido nas sombras poderia ter visto aproximar-me, ao longo da estrada... mas não com clareza suficiente para me reconhecer; apesar de tudo eu ainda teria sido bastante notado. Fazia frio. O ar encontrava-se tão quieto como o reflexo de um plácido lago de montanha. Sentia dores nas pontas das orelhas, devido ao frio. O nariz também estava gelado. Tinha vontade de bater com os pés no chão, mas contudo não me atrevia a mexer-me. O ruído de um automóvel na estrada chamou-me a atenção... Notável a maneira como se consegue ouvir tão longe o motor de um automóvel. Senti uma grande ansiedade. Certamente era o meu homem que chegava. Agora, que estava aqui, perguntei a mim mesmo o que aconteceria. E se Louie tivesse estado outra vez a beber? Ou suponhamos que o homem que se aproximava tinha uma pistola e não estava disposto a perder tempo com argumentos? Ou... O automóvel fez a curva.

Os faróis brilharam iluminando a estrada. Nem sequer abrandou, continuando em grande velocidade e afastando-se à distância. O ruído do motor diminuiu de intensidade até se transformar num silêncio gelado.

Cruzei os braços e bati com eles no *corpo*. Estava a tremer, e os meus dentes batiam. Os meus pés pareciam pedaços de gelo. Não apareceram outros automóveis, nenhum som, apenas o frio silencioso.

Olhei para o relógio. Voltando o mostrador para leste conseguia ver as horas distintamente. Só daí a três quartos de hora o sol começaria a ter qualquer calor. Era-me impossível continuar por mais tempo a aguentar aquele frio. Não sabia até que ponto o ar seco do deserto conseguia extrair todo o calor, mesmo através das roupas.

Não quis acordar a rapariga. Nos bicos dos pés fui até junto da outra janela, e chamei, em voz baixa e cautelosa:

Louie! Eh, Louie!

Não se ouviu qualquer ruído.

Apanhei uma pequena pedra e bati com ela ao de leve na janela. Nada aconteceu. Voltei a bater com a pedra e soltei um pequeno assobio.

Esperei, à escuta, e nada ouvi.

O céu a leste, estava agora cor de laranja, e as estrelas tinham-se afastado para muito longe, no espaço. Nesse momento fui atacado por verdadeiro paroxismo de tremor.

Bati na janela com os nós dos dedos e chamei:

Louie! Oh, Louie! acorda!

Os poucos segundos de silêncio que se seguiram, pareceram-me horas.

Dei a volta à cabine até junto da porta de entrada e bati ao de leve. Depois, quando não recebi qualquer resposta, tentei o puxador da porta.

A porta não estava fechada à chave. Abriu-se lentamente.

Lá fora fazia frio, mas o ar estava fresco. Aqui dentro havia uma estagnação da atmosfera que parecia que o ar ainda estava mais frio. Naquele momento tive a impressão de que nunca mais voltaria a aquecer. Louie não devia ter deixado a porta sem estar fechada à chave. Tinha-o advertido especialmente sobre isso, e logo nesta noite... Fechei cuidadosamente à chave a porta atrás de mim, e atravessei a sala na ponta dos pés. As tábuas rangiam. Dei a volta ao puxador, abri a porta lentamente, e chamei baixinho:

Louie!

Havia luz suficiente no céu, agora, para se poderem divisar claramente os objectos dentro do quarto. A cama encontrava-se feita.

Fiquei a olhar para a cama vazia, à medida que o significado do que aquilo queria dizer começou gradualmente a entrar-me no pensamento.

Voltei-me e dirigi-me à porta do quarto de Helen Franley.

Não tive a preocupação de bater, dei simplesmente à volta ao puxador e depois um pontapé na porta.

A cama de Helen estava vazia. Passaram-se cerca de meia dúzia de segundos antes de poder distinguir uma mancha branca em cima da almofada. Dirigi-me para o pé da cama.

Era um sobrescrito selado, com o meu nome e morada. Como estava selado, Helen deve ter pretendido, para o caso de eu não voltar à cabine, que a carta me fosse enviada.

Rasguei o sobrescrito e li:

“Querido

Suponho que esta é a única saída. Tu tens a tua vida e eu tenho a minha. As duas nunca se ligaram e nunca se ligarão. Tu és tu, e eu sou eu. Tenho que sair da cidade. Aquele dinheiro que te dei tirei-o das máquinas das

moedas, e um polícia descobriu-me. Consegui fugir, mas a polícia anda à minha procura. Depois de teres partido, falei com Louie. Louie conhece o mundo e sabe o que eu sinto. Não poderei trabalhar nas máquinas das moedas sem ter um homem que seja expedito com os punhos e que conheça o negócio. Louie vê as coisas à minha maneira. Mas lembra-te de uma coisa, Donald, trata-se unicamente de uma sociedade. Essa é uma das coisas que ficou bem esclarecida. Assim não terei com Louie os mesmos sarilhos que tive com Pug. Louie sabe a quem pertence o meu coração... e adora o chão que pisas. Neste momento, suponho que já sabes tudo acerca de Pug. Tenho a impressão de que já o sabias há muito tempo. Era ele ou nós ambos. Tinha aquela pistola guardada na gaveta da secretária, onde possuía os seus papéis e coisas que não queria deixar para trás. Disse-lhe que um dia lhe daria uma gaveta da secretária. Eu sabia que havia ali uma pistola. Quando Pug começou a ficar furiosamente ciumento, tirei a pistola e escondi-a na cozinha, no armário dos pratos. Sabia que ele nunca a iria procurar ali. Depois de Pug nos ter encontrado juntos na ruua e ter tido aquele sarilho com a polícia, foi directamente para casa. Era esperto. Fechou as luzes e escondeu-se no armário da roupa.

Eu cheguei alguns minutos depois das nove horas, acendi as luzes e Pug abriu a porta do armário. Estava verdadeiramente treloucado.

Nada podia fazer contra ele. Jurou que havia de nos matar a ambos.

Acusou-me de o ter denunciado à polícia. Bateu-me, e depois correu para a secretária a fim de ir buscar a pistola. Corri para a porta.

Pug não me deixou sair. Fugi para a cozinha e fechei a porta. Mas não tive tempo de a fechar à chave. Lutamos uns momentos de ambos os lados da porta, e depois ele conseguiu abri-la, atirando-me de encontro ao lava-loiças. Abri a porta do armário dos pratos e tirei de lá a pistola. Pug continuava a avançar para mim.

Não estou nada arrependida. Tinha que fazê-lo. De acordo com a tua ética, deveria ter chamado a polícia, ficar em casa e contar-lhes a minha história, deixar que investigassem o meu passado, que me fizessem perguntas acerca do meu modo de vida, meterem-me na prisão e todo o resto. Pois bem, não é essa a minha maneira de ver. Fui até à porta da casa do lado e bati fará me certificar de que não estava ninguém em casa. Ninguém respondeu de modo que saí simplesmente, e deixei a porta aberta. Deitei fora a pistola num sítio onde nunca ninguém a encontrará.

Jurei que nunca diria nada, mas não sou capaz de esconder seja o que for. A rapariga com as narinas de coelhinho chama-se Dearbome.

Está apaixonada por Philip Whitewell. Alguém, pertencente à organização de Whitewell, que não queria que o casamento se fizesse, mandou investigar o passado de Corla Burke. Descobriram tudo e encontraram Sid Jannix. Eu não o conhecia por este nome. Conhecia-o como sendo Harry Beegan, e chamava-lhe Pug por ter sido pugilista.

Julgo que Pug tenha escrito a carta a Corla Burke e a tenha assinado com o meu nome. Tinha bastante habilidade para falsificar assinaturas. Queria arranjar maneira de colocar Corla Burke numa posição em que a pudesse ter na mão. Mas Corla era mais esperta do que ele. Pug não engendrou todo o plano. Foi outra pessoa que o fez, alguém que não queria que o casamento se realizasse.

O pai de Philip sabia da carta que me fora escrita. Escreveu aos Dearbornes para me procurarem. Foi o rapaz que investigou, mas a irmã começou a andar à minha volta tentando criar amizade comigo. Suspeitava de Pug. Desconheço como é que ela soube, mas sabia de certeza que Pug estava ligado a Corla Burke. Pretendia fazer com que eu falasse. O seu jogo era tão óbvio que limitei-me a dar-me por desentendida e a nunca a tomar

seriamente. Já tinha há cerca de uma semana aquele apartamento em que tu me descobriste.

Sabia que as coisas se estavam a aproximar do fim, com Pug, e pretendia arranjar maneira de o deixar para sempre, quando resolvesse acabar com tudo. Sabia que Pug nunca pensaria em procurar-me num outro apartamento da mesma cidade.

Mas depois de o ter morto, tinha que ficar completamente quieta.

Saí para comprar umas coisas para comer... e vê lá tu quem encontrei na rua! A jovem Dearborne. Esta sabia que eu estava escondida e ofereceu-se para me ajudar. Porquê, não sei. Pug tinha-me tirado todo o dinheiro no momento em que eu entrara no quarto, e por isso não tinha mais que trinta cêntimos comigo. Eloise Dearborne ofereceu-se para me comprar os alimentos. Deixei-a.

Levamos o teu carro por alguns dias. Penso que não deves precisar dele. Quando o deixarmos, enviar-te-ei uma carta para te dizer onde o poderás encontrar:

Gosto mais de ti do que qualquer outra pessoa que até hoje tenha vindo a este mundo, e se me vou embora é porque não quero que haja nada que possa estragar a recordação dos bons momentos que passámos juntos. Sei que está tudo acabado. Sei que não poderemos continuar

os dois. Sei que se tentasse fazê-lo, alguma coisa aconteceria que arrancaria a doçura à memória desses momentos.

Louie não compreende todos os pormenores, mas sabe o suficiente para ficar com uma ideia. Diz ele que se tu quiseses alguma vez que alguém morra, tudo o que tens afazer é pôr um anuncio nas colunas dos jornais de Los Angeles dizendo: "Louie, o tipo chama-se tal e tal". Louie é capaz de dar a vida por ti. Louie diz que é por causa de tu seres um verdadeiro campeão que as pessoas pensam de ti dessa maneira. Eu julgo que é por causa de seres tão decente e honesto. De qualquer maneira, somos ambos inteiramente teus e dizemos-te ambos... adeus."

Tremia de frio e de nervos. A minha mão tremia de tal modo que me era difícil segurar a carta. Pus o duche a correr com água quente. Quando a água estava boa e bastante quente, despi-me, deixando a água correr o mais quente que me era possível aguentar. Quando acabei, sentia-me bastante melhor. Esfreguei-me com uma toalha, fui até à cozinha, e procurei qualquer coisa dentro do fogão.

Não há ninguém como Louie para pensar em pequenas coisas como esta. Tinha deixado o fogão

com lenha seca e papel por baixo, de modo que só era preciso acender um fósforo.

Quando o fogão estava bem aceso, tirei a tampa e deitei dentro a carta de Helen, deixando-a arder. Pus café na cafeteira, e fui ver ao armário das loiças se, por acaso, ainda haveria *whisky*. Não encontrei nenhum. O calor que me fora dado pelo duche quente abandonou-me e estava novamente a tremer, junto do fogão.

O céu, para leste, estava cor de laranja vivo. Depois apareceu o sol. O fogão a lenha cumpriu a sua missão, e os meus ossos começaram a aquecer. O café principiou a ferver, e bebi duas grandes chávenas. Nessa altura, compreendi que estava cheio de fome. Parti alguns ovos para dentro de uma frigideira, mexi-os, pus algum pão a torrar, e bebi mais uma chávena de café com os ovos e com as torradas. Nessa altura a cozinha já estava com uma atmosfera bastante quente e agradável.

Tentei fumar um cigarro, mas tudo o que se encontrava dentro da casa me fazia nervos. Tudo me fazia lembrar Helen. Toda a casa vibrava com recordações... embora estivesse tão desolada como um túmulo.

Fiz a mala e saí de casa para esperar à luz do Sol. Não me era possível continuar mais tempo dentro de casa.

O dono da bomba de gasolina, apareceu nessa altura, a esfregar os olhos de sono. Caminhei até junto dele e disse-lhe:

Tive que me ir embora de avião. Os outros seguiram no automóvel. Ficaram algumas coisas de alimentos, dentro de casa, que você pode utilizar, se quiser, o homem agradeceu-me e olhou-me com curiosidade:

Pareceu-me ouvir a sua mulher e o outro homem irem-se embora a noite passada.

Dirigi-me para a estrada. Estava a caminhar há cerca de três minutos quando um automóvel vindo de Reno parou um pouco à minha frente. Olhei para o carro, o meu coração batendo apressado.

Uma mulher estava a descer um vidro do carro. O braço escondia-lhe a cara. Dirigi-me para o automóvel, correndo pelo alcatroado.

O vidro acabou de descer. O braço da mulher afastou-se de modo a poder ver-lhe a cara. Era Bertha.

Onde é que tem estado? perguntou-me.

Estive a pôr as minhas coisas em ordem.

Não apareceu ninguém, pois não?

- Não.

Pensei isso mesmo. Tinha tudo um aspecto assim um bocado esquisito. Bem, vamos embora. Temos trabalho a fazer.

O quê e onde?

Em primeiro lugar, temos de voltar para Las Vegas.

O tal tenente Kleinsmidt da polícia está a fazer um barulho dos diabos, e você é a única pessoa que pode tratar com ele.

O que é que aconteceu a Philip e à rapariga?

Bertha resmungou:

Perda de memória! Bem, está tudo a correr pelo melhor, se Philip engolir a pastilha.

Mas fizeram as pazes? perguntei.

Fizeram as pazes! Você devia tê-los visto.

Onde é que eles estão agora?

Tomaram um avião para Los Angeles. Temos de voltar para trás para pormos as coisas em pratos limpos com Kleinsmidt.

Bem, venha daí.

Entrei no carro, e disse para o motorista:

Muito bem, agora vamos para o aeroporto.

Um avião estava à nossa espera. Embarcámos. Eu não estava disposto a falar. Passados momentos,

Bertha deixou de insistir comigo. Depois, gradualmente, a tensão nervosa abandonou-me. Mergulhei num sono profundo.

Um automóvel esperava-nos em Las Vegas.

Hotel Sal Sagev, disse Bertha, e depois para mim:

Tem um aspecto péssimo. Tome um banho, faça a barba e depois venha ter ao meu quarto. Entretanto, farei com que Kleinsmidt apareça.

O que é que ele tem? Perguntei.

Bem, pensa que você fugiu com uma testemunha, e não gosta da maneira como toda a gente desapareceu da cidade, a noite passada, sem lhe dizerem nada. Também pensa que deveria ter interrogado Corla Burke. Pensa também que o assassinio lhe deve ter dado uma pista qualquer sobre Corla.

É necessário que você ponha tudo direito. É preciso uma boa história.

Bem sei, respondi.

Fomos para o hotel. Disse a Bertha que tinha um botão da camisa a cair, e pedi-lhe uma agulha e linha. Bertha tornou-se inesperadamente maternal, e ofereceu-se para pregar o botão, mas não aceitei. Logo que a porta do quarto de Bertha se fechou, corri para o elevador. Até ao quarto onde Helen

Franley tinha vivido, a distância não era grande. Dirigi-me para lá a pé. Imobilizei-me por uns momentos ao fundo da escada, o tempo suficiente para ter a certeza de que não andava ninguém ali próximo, espetei o dedo com a agulha e espremi algum sangue. Nas pontas dos pés, subi as escadas... e depois voltei a descê-la nas pontas dos pés.

Bertha Cool estava a falar ao telefone quando entrei.

Ouvi-a dizer:

Tem a certeza disso? ... Com mil diabos... Já investigou no aeroporto? ... Está bem. Partimos daqui no avião da tarde.

Logo à noite encontramos-nos em Los Angeles... Ainda bem.

Dê-lhes os meus parabéns. Adeus.

Bertha desligou e voltou-se para mim.

Que coisa estranha!

Quer dizer que Endicott não apareceu? perguntei-lhe.

Os pequenos olhos de Bertha brilharam intensamente.

Donald, não há dúvida que consegue dizer as coisas mais...

Porquê?

Como é que sabia que ele não apareceu?

Oh, não sei. Qualquer coisa que disse pelo telefone.

Está doido. Você sabia que Endicott não ia aparecer.

Para onde é que ele foi?

Não sei.

Pois bem, não tomou o tal avião para S. Francisco, no Reno. Desapareceu completamente. Estendi-me e bocejei.

Quando é que aparece o tenente Kleinsmidt?

Está a caminho.

Alguém bateu à porta. Fui abrir, e Kleinsmidt entrou.

Você! exclamou ele.

Exactamente.

Você sempre me saiu um bom malandro.

O que é que eu tenho de mal?

Fugir daqui, deixando-me em má situação, depois das oportunidades que tentei dar-lhe.

Estive a trabalhar para si.

Obrigado! respondeu em tom sarcástico.

Tal como vejo as coisas, aquilo que lhe interessa é o assassino de Jannix.

Exactamente, uma coisa assim tão sem importância: mas, a verdade é que o chefe anda cheio de complexos estranhos.

O chefe está a perseguir-me, e surgiram algumas críticas, aqui e ali, algumas sugestões de que a sua partida foi de certo modo repentina, que eu poderia ter protegido melhor os interesses do público, fazendo com que você estivesse em lugar seguro. Onde é que está Helen Franley?

Não faço a menor ideia.

Você foi-se embora com ela.

Hum, hum.

Onde é que a deixou?

No Reno.

E depois?

Encolhi os ombros,

Não falemos nisso. Ela fugiu com outro tipo.

Senti os olhos de Bertha fixando-se em mim.

Kleinsmidt perguntou-me:

E quem é o tipo desta vez?

Um homem chamado Hazen.

Aquele que identificou o cadáver?

Esse mesmo.

Na minha opinião, não tem nada o aspecto de um homem que é cobiçado pelas mulheres.

Também eu cometi o mesmo erro, meu caro tenente.

Parece-me que tenho que fazer uma pequena verificação do que me conta, Lam.

À vontade, disse-lhe. Posso dar-lhe o nome do homem que tem uma bomba de gasolina, onde nós alugamos uma vivenda.

E que é que ele sabe?

Disse-me esta manhã que tinha ouvido a minha mulher e outro homem afastarem-se no carro, durante a noite.

Kleinsmidt comentou:

É pena. Parece-me que você não está com bom aspecto.

Naturalmente, necessita de repouso. Não sei se sabe que aqui em Las Vegas temos um dos melhores climas da região.

Pode ter a certeza que ficávamos bastante sentidos se voltasse a partir inesperadamente. Vou arranjar as coisas para que não o faça.

Bem, se eu fosse a si não estava com tanta pressa. Há uma outra coisa que tem mais pressa. O quê?

Lembra-se de Paul Endicott, o braço direito de Whitewell?

Com certeza.

Não sei se você ouviu Whitewell dizê-lo, mas Whitewell tencionava dar sociedade ao filho quando este se casasse.

Como sabe, os fiscais dos impostos têm sempre ideias estranhas sobre essas coisas. Quando fosse formada a nova sociedade pretenderiam ver os livros, mesmo que Whitewell não quisesse.

Notei um brilho de interesse nos olhos de Kleinsmidt.

Continue, disse ele.

Não sei ao certo, mas estava capaz de apostar que uma vista de olhos aos livros de Whitewell revelariam a verdadeira razão pela qual Endicott não queria que o casamento se realizasse.

Foi essa a razão pela qual levou Helen Franley a escrever a carta a Corla Burke, a qual a faria pensar que o casamento não se poderia realizar.

O que é que dizia a carta? perguntou Kleinsmidt.

Não sei exactamente, mas parece que o pai de Corla Burke abandonara a família quando esta tinha quinze anos.

Não pretendo que seja citado o meu nome, mas julgo que a carta lhe dizia que o pai tinha sido preso e estava a cumprir uma pena numa

penitenciária. Naturalmente, Corla não poderia casar-se nessas circunstâncias. Pensou que não seria leal para com Philip.

Essa é a sua versão, disse o tenente. Vamos ouvir agora o próximo capítulo.

Corla ficou nervosíssima. De qualquer modo estava à beira de um colapso nervoso devido a excesso de trabalho.

Começou a investigar. Evidentemente, não se tratava de um assunto que pudesse confiar a alguém, de modo que resolveu empatar as coisas a fim de poder afastar-se e adiar o casamento até saber a verdade.

Isso não lhe deveria ter levado muito tempo.

Pois não, confirmei, se por acaso um colapso nervoso a não fizesse perder o rumo. Encontraram-na ontem, em Reno, sem saber quem era, onde estava, e porque se encontrava ali.

Kleinsmidt quase fechou os olhos para me dizer:

Lembre-se de uma coisa, Lam, uma vez fui no seu jogo.

Mas, queimei-me. Você faz um jogo muito estranho, cheio de curvas. Desta vez terá que dar-me algo que o chefe possa engolir.

E que julga você que estou a fazer agora? perguntei-lhe.

Diabos me levem se sei. E, além disso, suspeito disto tudo.

Endicott lutava para Conseguir todas as demoras que fossem possíveis. Jannix devia apoiar o seu plano. Jannix devia ser a testemunha que juraria que o pai de Corla estava preso.

Endicott pagava-lhe. Mas você sabe como era Jannix. Um temperamento exaltado e um pouco desconfiado. Endicott cometeu o erro de ir vê-lo, e encontrou Jannix num dos seus momentos de irritação. Quando se foi embora, Jannix estava morto.

Muito interessante, não há dúvida, disse o tenente.

Simplesmente está cheio de falhas. Isso tudo são palermices, mesmo em teoria. Por acaso não tem quaisquer factos que dêem base a essa história de fadas?

Imensos.

Kleinsmidt perguntou-me:

Bem, pode começar por me dizer como é que aconteceu Endicott ter cometido o assassinio no momento exacto em que estava sentado num cinema. O chefe estaria interessado nisso.

Se uma mulher tivesse morto Jannix, este tinha sido morto entre as oito e cinquenta e às nove e quinze. Se um homem o tivesse morto, poderia ter sido em qualquer altura.

Que interessante!

O mal, consigo, é ter arranjado uma teoria e depois tentar encontrar factos que condigam com a teoria. Na sua ideia, como as pessoas que viviam na casa do lado não tinham ouvido um tiro, este deve ter sido disparado enquanto os vizinhos não estavam em casa.

Tente disparar um tiro lá em casa, sem que a velha do lado o não oiça, disse-me Kleinsmidt.

Com certeza. Ela não ouviu nenhum tiro. Estava na estação. Por consequência, o assassinio foi cometido enquanto não estava ninguém no prédio.

Claro, e então o que é que está mal nisso?

Suponha que ela não tinha saído?

Então teria ouvido o tiro.

Acha que sim?

Evidentemente.

Mas suponha que não o ouviu?

Não compreendo o que é que você pretende.

Se não tivesse ouvido, vocês teriam que descobrir porquê, não é verdade? perguntei-lhe.

Naturalmente.

O cadáver foi encontrado num apartamento. As pessoas que viviam na casa do lado tinham saído entre as oito e cinquenta e as nove e vinte. Isso tornou as coisas bastante simples, para si. Conseguiu arranjar maneira de limitar a hora do crime a um intervalo de trinta minutos, e começou a fazer perguntas de acordo com esse facto. Bem, se uma mulher tivesse morto, a coisa estava bem.

E por que razão um homem tornaria as coisas diferentes?

Respondi-lhe:

Um homem forte poderia ter morto Jannix no beco, ou num automóvel, ou fora da cidade, metido o cadáver num carro, parado no beco, agarrado no cadáver ao ombro, ter carregado com ele para o apartamento de Helen Franley e depois deixá-lo ficar lá. Em seguida podia ter ido para o cinema e procurado arranjar um álibi. Por acaso não lhe pareceu um pouco estranho que Endicott tenha vindo à pressa para Las Vegas, apenas para ir ao cinema? Não há dúvida que deve ser um “fan” dos bons.

Kleinsmidt abanou a cabeça.

É uma estupidez. Até cheira mal.

Muito bem, você queria que eu lhe desse alguma coisa para levar ao chefe. Agora não diga que não lhe dei.

Essa é a sua história, disse Kleinsmidt. Até a maneira como você a conta, está cheia de falhas. Se tentasse levá-la ao chefe, acabaria por fazer ricochete, e era eu o atingido.

Muito bem, então é o seu funeral.

É possível que seja o meu funeral. Mas você é a pessoa que vai chorar mais no enterro. Venha daí. Voltei-me para Bertha:

Pode mandar o correio para mim ao cuidado do tenente Kleinsmidt.

O diabo, é que eu vou, disse Bertha, levantando-se.

Quem julga você que é? perguntou ela, olhando para Kleinsmidt. De uma coisa pode estar certo. Não se vai sair bem disto tudo. Julgo que nesta cidade também há advogados.

O tenente respondeu-lhe:

Com certeza. Faça o favor de ir procurar os advogados.

Entretanto, o Sr. Lam vem comigo.

Kleinsmidt agarrou-me pelo braço.

Vamos embora, sem barulho.

Saímos sossegadamente. Bertha Cool ficou à porta do quarto, dirigindo cumprimentos a Kleinsmidt. Este não lhe prestou atenção.

Quando atravessámos o átrio do hotel, Kleinsmidt disse-me:

Lamento muito, Lam. Na verdade, aborrece-me bastante ter que o fazer, mas esta história não tem pés nem cabeça.

Por que é que não arranja uma história melhor?

Cá por mim, está bem. Mas, não se esqueça de Bertha.

Garanto-lhe que a minha patroa não vai ficar sentada. Mais tarde, quando tiver uma oportunidade para pensar nisto tudo, meu caro tenente, este vai ser o seu momento de maior embaraço. É possível que consiga escrever uma história, daquelas que ganham prémios...

Eu sei bem que você não tem importância de maior; mas, se por acaso me conseguisse levar a abandonar a história, era capaz de nunca mais ouvir o resto.

O tenente levou-me para o comando. Não me mandou para uma cela, mas deixou-me num gabinete com um polícia de guarda. Cerca do meio-dia, apareceu o chefe Laster.

Este disse-me:

Bill Kleinsmidt esteve a falar comigo.

Ainda bem.

E a senhora Cool está à espera no gabinete do lado, juntamente com um advogado e um pedido de “habeas-corpus”.

Bertha é uma pessoa que sabe utilizar as mãos. Em geral, quando assume um compromisso, tem um pau na mão.

O chefe respondeu-me:

Essa sua teoria não me **parece** assim tão disparatada como pareceu a Kleinsmidt.

É apenas uma teoria.

Evidentemente você tinha alguma coisa em que baseá-la.

Nada que mereça a pena discutir.

Mas tinha alguma prova?

Não. Foi apenas uma ideia.

Mas eu sempre gostaria de saber o que foi.

Oh, apenas uma ideia.

O chefe abanou a cabeça.

Você tinha com certeza mais alguma coisa para ligar à teoria do que uma simples ideia. Acaso a rapariga lhe disse qualquer coisa?

Levantei as sobrancelhas, e disse com surpresa exagerada: Porquê? Acaso sabe ela alguma coisa?

Isso não responde à minha pergunta. Ela disse-lhe alguma coisa?

Tenho a certeza de que não era capaz de me lembrar.

Falamos de muita coisa. Você sabe como as coisas são quando se está com uma rapariga vários dias.

E noites, acrescentou ele.

Não lhe respondi.

O chefe da polícia tomou uma atitude pensativa. Passado um pedaço voltou a falar.

Não há dúvida que você é um tipo estranho.

Então, o que é que há agora?

Depois de Bill me ter contado essa sua teoria, resolvi ir dar uma vista de olhos e voltei a fazer uma busca à casa.

Andámos nas escadas, examinando os degraus, um por um.

Encontrámos meia dúzia de pingos de sangue.

Ah, sim?

O chefe respondeu:

Isso faz com que o álibi de Endicott desapareça completamente.

E já lhe fez perguntas sobre isso?

Não podemos. Desapareceu.

Mas, como?

Foi consigo para Reno, a noite passada, e essa foi a última vez que alguém o voltou a ver.

Então não tomou o avião para S. Francisco?

Não.

E o que é que diz Whitewell?

Whitewell está a dizer muita coisa. Falei com ele pelo telefone. Já mandou chamar os contabilistas.

Bem, isso é tudo muito interessante, mas aconselho-o a não manter Bertha Cool à espera muito tempo. Sabe que ela é capaz de entrar repentinamente em acção.

O chefe levantou-se com um suspiro.

Mas sempre gostaria que você me dissesse quais as provas que encontrou. Isso auxiliaria bastante.

Desculpe-me. Mas tratava-se apenas de uma teoria.

Você com certeza teve um indício qualquer.

Não estou a ver como é que chega a essa conclusão.

Parece-me uma dedução perfeitamente justa e lógica. Só porque um cadáver é encontrado em

determinado local, isso não quer necessariamente dizer que o crime tenha sido cometido ali.

Quando é que parte de Las Vegas?

Logo que consiga arranjar avião, e não vou falar com quaisquer jornalistas, e pelo que me diz respeito, você é a pessoa que solucionou o crime.

O chefe virou os olhos para um lado e respondeu-me:

Oh, essa é uma coisa que não me interessa absolutamente nada.

Bem, estou a dizer-lhe isto, só para o caso de lhe interessar.

CAPÍTULO XVIII

O telefone tocou dois minutos depois de ter tocado o despertador. Atendi. No outro extremo, estava Bertha.

Está acordado, querido?

Agora estou.

Eu não o queria incomodar.

- O que é?

Whitewell telefonou-me. Parece que faltam cerca de quarenta mil dólares.

É pena.

Pedi-me para ir ter com ele ao escritório, às oito horas, a fim de nos pagar.

Porquê tão cedo?

Tem que ir apanhar o avião das dez horas para S. Francisco.

Compreendo.

E eu quis acordá-lo para ter a certeza de que tinha as suas despesas todas... aquela sua viagem a Reno e todo o resto.

Já fiz uma lista, pormenorizada, e meti-a num sobrescrito, que está em cima da sua secretária.

Muito bem.

Se quiser falar comigo, pode telefonar para o Golden Motto. Vou lá tomar o pequeno almoço.

Está bem, querido.

Já tomou o pequeno almoço? Perguntei-lhe.

Agora ando a tomar só sumos de frutas.

Parece que não consigo voltar a ter apetite.

Está bem, eu estou no escritório depois de comer.

Desliguei o telefone, tomei um duche, fiz a barba, vesti-me sem pressas *e* saí.

No Goden Motto a dona da casa tinha um aspecto um tanto ou quanto pálido.

Bom dia, disse ao entrar na sala das traseiras e sentando-me na minha mesa favorita.

A criada veio ter comigo.

Ovos e presunto, disse-lhe. O que é que tem a madame?

A criada riu-se.

Parece que teve um desmaio. Vai ver, daqui a bocado já aqui está ao pé de si a contar-lhe. Quer sumo de tomate?

Um sumo de tomate duplo com um pouco de água mineral. É possível que Bertha Cool me telefone. Se ela...

O. K., digo-lhe que o senhor está aqui. Eu... olhe ali vem ela.

Levantei os olhos para ver Bertha Cool entrar pela porta com aquele ar decisivo de «bull-dog», os olhos a brilhar.

Levantei-me e fiz as honras da mesa, sentando-a do outro lado.

Bertha deu um suspiro fundo, que lhe parecia vir da sola dos pés, sorriu-se para a criada e disse a esta: Tenho uma disposição horrível quando o estômago está vazio. Dá-me ganas de arrancar a cabeça a alguém.

Traga-me farinha, presunto e ovos, uma chávena grande de café, com bastante leite.

A criada afastou-se em direcção à cozinha.

Parabéns, disse eu a Bertha.

Porquê?

Parece que já lhe voltou o apetite.

Bertha resmungou.

Aquele velho maluco!

Quem?

Arthur Whitewell.

O que é que ele fez?

A maneira como tentou impingir-me aquela história de eu ser uma mulher atraente.

Levantei o sobrolho.

Eu não me importava, disse ela. Na verdade, julgo que até gostei da coisa, pelo menos enquanto

era apenas uma questão social, mas quando o velho maluco tentou dar-me ainda mais manteiga a fim de me levar a cobrar um preço mais barato pelos nossos serviços, vi logo qual era o seu jogo.

Parece-me que fui uma parva, querido. Mas enfim, uma mulher gosta de ouvir aquelas coisas, e se não fosse terem entrado em jogo os negócios, é possível que nunca tivesse compreendido até que ponto ele era hipócrita.

Mas conseguiu o dinheiro, não é verdade?

Se conseguiu! respondeu-me com os olhos a brilhar.

A criada trouxe o meu sumo de tomate. Bebi-o, e depois, enquanto esperava pelo resto, procurei uma porção de moedas nas algibeiras e dirigi-me para a máquina de moedas.

A dona da casa veio ter comigo, apressadamente.

Vá-se embora, vá-se embora. Está avariada.

O que é que tem a máquina?

Não sei, mas um homem e uma rapariga estiveram aqui a jogar na máquina, há cerca de uma hora, e em menos de cinco minutos conseguiram três “potes”. Pense só nisso, três pots, para não falar na verdadeira chuva de moedas que

conseguiram tirar da máquina. Está com certeza avariada.

Mas porquê, o que é que lhe faz pensar que a máquina esteja avariada? Você sempre me dizia que havia pessoas que vinham cá e ganhavam...

Bem, cortou ela, agora é diferente. Já telefonei ao mecânico para vir cá. Não se aproxime da máquina.

Voltei para a mesa.

O que é que foi? perguntou Bertha.

Nada, a não ser que provavelmente o meu carro deve-me ser hoje entregue.

Oh, já foi entregue. Esqueci-me de lhe dizer. O empregado de um parque de estacionamento disse que uma rapariga tinha lá deixado um carro para si. É um cangalho velho.

Não respondi.

A criada trouxe a comida e colocou-a sobre a mesa.

Não sei porquê, mas não tinha vontade de comer. Estava a pensar naqueles pequenos almoços no deserto e no Reno.

Bertha limpou com o pão os últimos restos da gema de ovo que tinha no prato, levantou os olhos para mim e perguntou:

O que é que tem?

Não sei. Não tenho vontade de comer.

Qual coisa! Uma pessoa deve sempre comer um pequeno almoço forte. Não é possível conservarem-se as forças com o estômago vazio.

Bertha voltou a chamar a criada.

Traga-me uma Via-Láctea, disse ela, e depois voltou-se para mim: Vou guardar a tableta na mala para o caso de ter vontade de comer cerca das dez horas. A sua Bertha tem estado muito doente, querido. Mesmo muito doente.

Eu sei, respondi-lhe, mas agora está completamente curada, não é verdade?

Bertha abriu a mala, tirou de lá a tablete de chocolate e mexeu-lhe com ternura.

Vou dizer a toda a gente que Bertha está completamente curada, comentou.

FIM